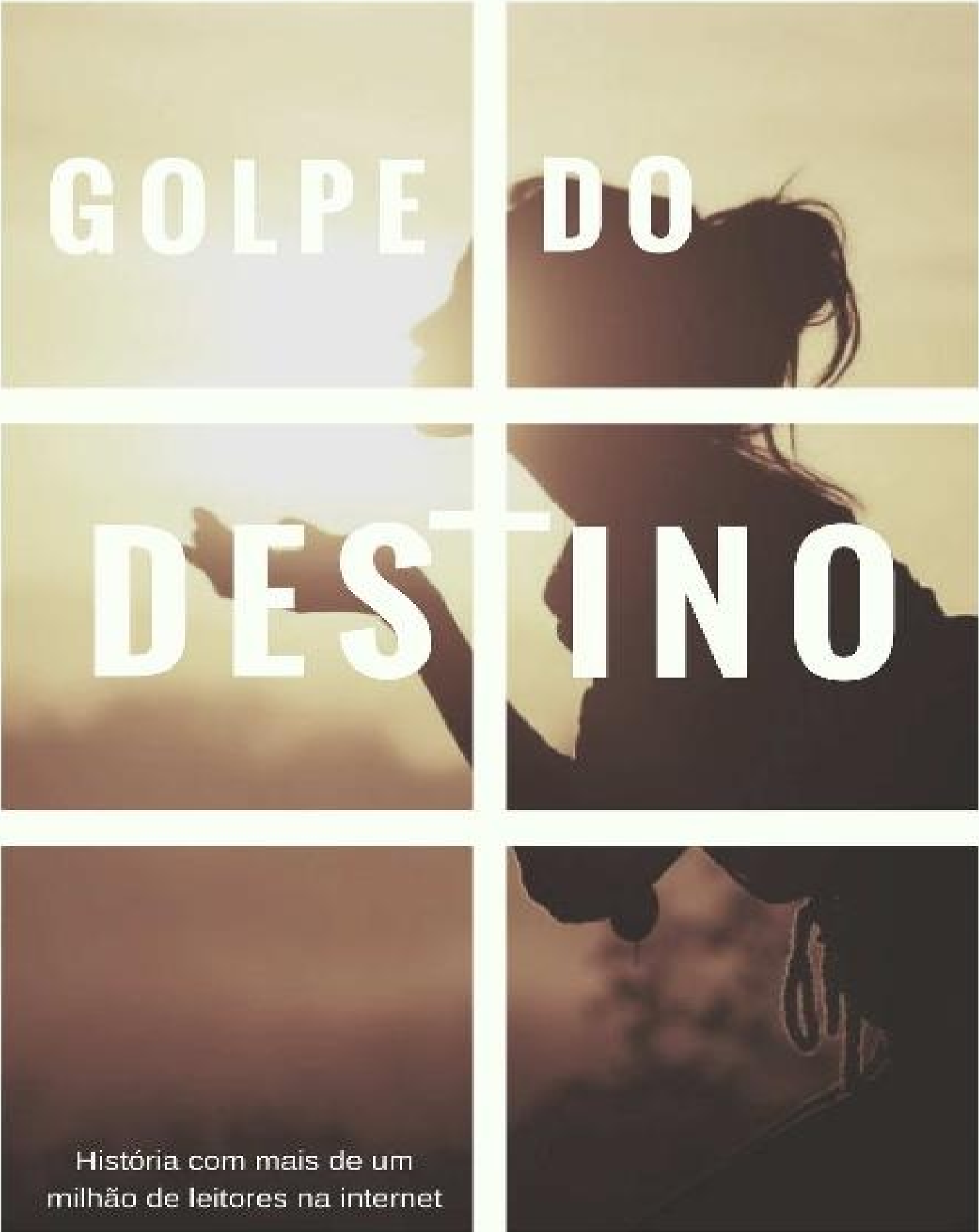




GOLPE DO

DESTINO

História com mais de um
milhão de leitores na internet

FERNANDA VERÔNICA



GOLPE DO DESTINO

FERNANDA VERÔNICA

Para todo fim, um recomeço. – O Pequeno príncipe

Copyright © 2017 por Fernanda Veronica

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 1998.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da autora.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são produtos da imaginação da autora e usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Não colabore com a pirataria, seja aliado da literatura nacional e incentive o autor a continuar escrevendo.

Produzido no Brasil.

Sumário

[Nota da autora](#)

[PRÓLOGO](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[EPÍLOGO](#)

[Rodrigo](#)

[Luana](#)

[Em busca da perfeição](#)

“Seria mais fácil, se ele fosse um estranho, de quem ela pudesse se desligar. Eles são muito diferentes. Gênios opostos, eu diria. Mas tem algo em comum. A liberdade. O desapego. O medo da entrega. Quem sabe ficando juntos encontram uma solução. Bem que podia, né? Ela sempre pensou assim: “Pra ficar do meu lado tem que ser melhor que minha própria companhia. Eu tenho que admirar.” E ele me parece um pedaço daquilo que a vida tem de mais charmoso. Ela estava ficando instigada. Que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Ela diria que ele salvou sua vida se não soasse tão dramático. Ele não faz planos ou promessas, só surpresas, te ensinou a gostar de surpresas. Ele é diferente. De repente ela percebeu que o amor era o instante em que o coração fica a ponto de explodir.”

- Tati Bernardi

GOLPE: Choque de um corpo com outro, que resulta em impacto.

DESTINO: Conduz a vida de acordo com uma ordem natural, da qual nada que existe pode escapar.

Às vezes, não adianta simplesmente fugir do que já estava fadado a acontecer.

PRÓLOGO

Anna Maria

Era um sábado ensolarado e como de costume, faríamos um som na casa do Breno. Estava tudo marcado para às nove da manhã, e como sempre, eu cheguei depois de o meio dia.

— Não consegui acordar, desculpa. – Eu avisei, me jogando no sofá ao lado da Mayara.

— Vitor, Anna, Anna, Vitor. – O Breno falou entediado, mexendo nas cordas do violão.

— Opa, oi. – Eu falei, fazendo um sinal de paz com a mão esquerda, e ele sorriu fraco. – Já fizeram o que?

— Três garrafas de vinho e, o seu Love foi pro quarto. – Ela sorriu fraco, e eu fiz um bico luxurioso. – Conversaram?

— Como? – Eu perguntei enfática e ri. – Eu não sei, ele não quer mais e não me diz isso. Se eu toco no assunto, ele pira. – Eu comecei a ladainha semanal, mas fui interrompida pelos acordes do Breno, em seguida o Guilherme me entregou um microfone, se sentando ao meu lado, brincando com as pontas do meu cabelo.

A nossa tarde foi resumida à música, bebidas e piscina. O Vitor era calado então eu não tinha algo para falar dele, nada além do sorriso torto que eu inconveniente olhava, puxava assunto e falava alguma bobagem só para que ele o fizesse.

— Se eu não namorasse, ele seria meu. – Eu falei com a May, que deu risada, me empurrando levemente. – Ah, foi

mal. – Eu falei sorrindo presunçosa. – Eu só não sabia que já estava rolando algo.

— Não tanto, ele é muito na dele. – Ela falou e eu bufei ao ler a mensagem do celular. – Nicolas?

— Pra variar. – Eu revirei os olhos. – Eu vou lá, resolver essa coisa, sei lá. – Eu deixei escapar um riso.

— Você gosta mesmo dele ou só finge? – O Breno perguntou e eu sorri fraco. Eu amava aquele idiota, ou sei lá, se não fosse amor era algo próximo.

Mas era algo tão bem resolvido que não era uma dependência. Melhor, eu nunca havia o perdido pra saber a falta que ele faria. Estava tudo meio desandado há umas semanas, mas que casal nunca teve crises?

— Que pergunta patética, Breno. – A May falou o óbvio.

— Vou lá, me desejem sorte. – Eu pedi rindo, mas o Breno me segurou pelo braço antes que eu saísse. – Diz.

— Ele tá com outra. – Ele falou simples, direto e eu dei uma risada, não absorvendo a informação. – É só que você é segura demais nessa relação, faz dele gato e sapato, não sei a sua definição de amor. Mas ele está com outra. Conheceu outra, sei lá. Ele tá gostando dela.

— Hã? – Eu perguntei, foi quase um grunhido, fazendo uma careta, demonstrando a minha confusão. Ainda olhei pra Mayara, que encolheu os ombros.

— Só to falando pra você não ser pega de surpresa, Anna. – Ele falou, mas eu bufei um suspiro me soltando dele, seguindo para o quarto do meu... Do idiota.

O Nicolas estava esparramado em sua cama, com o Iphone nas mãos, rindo, talvez de alguma mensagem. Eu fechei a porta cautelosa, mas ao contrario do que eu planejava fazer, eu me deitei em sua cama devagar, me aconchegando contra ele.

— Lembrou que tem um namorado. — Ele falou desdenhoso, e eu bufei um riso, afundando o rosto em seu pescoço, depositando beijos molhados ali.

— Eu amo você. — Eu falei, erguendo o rosto e me aproximando mais dele, pressionando os lábios no canto da sua boca. — De verdade.

— E eu sinto que esse nosso namoro virou só sexo. — Ele falou, não correspondendo ao meu beijo, e eu bufei um suspiro, me sentando, prendendo o cabelo em um coque.

— Você parece uma menininha mimada, às vezes. — Eu resmunguei, suspirando arrependida. — Desculpa, mas é desnecessário.

— O que? — Ele perguntou calmo, se sentando de frente pra mim, me encarando.

— A gente só não tá curtindo a mesma vibe. — Eu falei o óbvio, e ele riu.

— Eu acho que a gente precisa de um tempo. — Ele falou, então eu entrei em pânico. Tempo pra que? Pra ele se apaixonar ainda mais por alguma outra sem graça? Pior, e se ela fosse mil vezes melhor que eu? O tempo seria o pra sempre? — Pensar é bom, Anna. — Ele falou enfadonho, e eu franzi o cenho.

— Tempo é foda. — Eu deixei escapar um riso. — Claro, mas a culpa da merda toda vai ser minha. — Eu continuei,

rindo sarcástica e levantei.

— Você devia repensar suas atitudes. – Ele falou, levantando também, vindo até mim, que desviei.

— Quem é?

— Que? – Ele perguntou confuso, e eu bufei um riso.

—Ela, oras. A menina perfeita que te fez desistir. – Eu falei enfática, gesticulando e ele riu, negando com a cabeça.

— Se estivesse tudo bem entre a gente, não haveria espaço pra outra pessoa.

— Eu pensava que estava tudo bem nessa merda! – Eu falei horrorizada. – O que? As coisas estavam indo de mal a pior e só você sabia disso?

— Você passou a tarde aí, Anna! E nem vir aqui ver se eu estava vivo você fez! – Ele gritou e eu explodi uma risada forçada, sarcástica.

— O que você quer? Terminar? – Eu falei ríspida, irritada. – Ok, termina, diz que não quer mais. Que achou alguém melhor que eu, alguém que se encaixe mais no seu perfil dramático. Ficar procurando motivos pra me culpar não faz o fim.

— Então ok. – Ele sorriu falso. – Achei alguém mais sensata.

— Ótimo! – Eu falei baixo, antes de sair do quarto, puxando a porta com força.

GOLPE DO DESTINO

Capítulo 01

Eu passei frustrada, ignorando os meninos que pediram pra que eu esperasse, e entrei no carro, saindo disparada dali, correndo. Eu nem fui pra casa, porque estava sufocada.

Depois de quase duas horas ignorando todas as ligações e rodando pela cidade a procura de algum lugar que não fosse o meu quarto, porque me lembrava dele, eu fui pra casa e me escondi na sacada do quarto do meu irmão, tocando no seu violão, a única música que eu havia aprendido.

— Achei você. — Rodrigo falou e eu sorri fraco, apoiando meu queixo no violão. — Breno ligou aí, doido atrás de você.

— Não quero falar com alguém.

— Eu nunca achei que você gostasse mesmo dele. — Ele falou se sentando ao meu lado.

— Vou morrer disso. — Eu falei sendo dramática e ele riu de mim, escorando a cabeça na parede. — Porque, meu Deus? Estava tudo bem até semana passada... Ele é um idiota.

— Sim, ele é.

— O que eu fiz? Não ser grudenta e não precisar dele para respirar é um motivo?

— Ele só achou outra, Anna. — Ele explicou sem me dar realmente atenção. — Uma que deve tá fazendo algo melhor que você fazia, pra ele deixar de vir atrás de ti e ir nela.

— Ele é um idiota. — Eu falei carrancuda, voltando a brincar com as cordas do violão. — Eu juro que se ele vier

atrás, eu não volto. – Eu falei, e meu irmão deixou escapar um riso, como se soubesse que não iria acontecer. – Que droga.

— É, que droga. – Ele falou, emitindo um grunhido ao levantar. – Conversou com a May?

— Capaz que já estava todo mundo sabendo menos a idiota aqui. – Eu bufei um riso, me levantando também. – Ainda tem aquele vinho branco aí? – Eu perguntei seguindo pra cozinha.

Encerrei minha noite com um vinho barato, doce. Quase não dormi, porque minha mente imaginava insistentemente, como seria essa tal outra.

Acordei na manhã seguinte com a Mayara me enchendo o saco. Como se houvesse alguma possibilidade de eu enfrentar o Nicolas hoje. De ressaca e cheia de olheiras.

— Pior é deixá-lo achando que te tem na mão. – Ela falou o óbvio. – Mostra que não tá nem aí pra isso.

— Isso causou o término, Mayara. – Eu falei o óbvio, quase irritada pelo conselho ridículo. – Eu vou tomar um banho. – Resmunguei entrando no banheiro e empurrei a porta com força. Após um banho demorado, onde eu lavei os cabelos, eu me sequei e me enrolei numa toalha, secando os cabelos com o secador, algo que durou média de vinte minutos. Fiz uma maquiagem básica, mas abusei do rímel. Em seguida vesti um biquíni preto com franjas na parte superior e um short jeans curto. Peguei óculos de sol e uma regata.

— Se você reclamar da demora eu te faço perder viagem.
— Eu avisei ao ver a careta entediada da May. — Vou pedir pro meu irmão nos levar lá.

Eu não havia pensado em como seria ver o Nicolas hoje e soava engraçado. Eu imaginei mil cenas e mil clichês de como voltaríamos. Era um prazo, era hoje ou nunca mais.

Quando chegamos, eu logo o notei em uma das espreguiçadeiras, rindo com o Vitor. Eu contive a vontade de ir até ele ao me lembrar do término porque nem quando nós estávamos juntos eu tinha essa necessidade de ficar tão pertinho. Tão grudada. Tínhamos nossos momentos, mas eu prezava demais o meu tempo, os meus amigos.

— Que ódio. — Eu falei enfática e a May riu, indo até o Vitor, que a recebeu com um beijo rápido na bochecha. — Que ódio. — Eu falei sozinha, por que... Sei lá por que.

— Opa. — O Breno falou passando um braço em volta dos meus ombros. — Melhor?

— Eu não to sofrendo nem nada. Relaxa. — Eu falei sorrindo fraco. — Sem isso de perder pra dar valor.

— Depois diz que gosta.

— Eu gosto demais, Breno. Nossa, ele era tudo de bom, apesar de dramático. Não deu certo, só isso. — Eu sorri para ele, demonstrando, ou melhor, tentando parecer confiante. — Quem é a puta? — Eu perguntei e ele deu risada. — Eu fui trocada, oras, mereço saber por quem. Até porque uma hora eu vou ficar sabendo.

— Eu não sei quem é. Ele só falou que estava afim de

outra.

— Não foi o que você disse ontem. – Eu retruquei convicta, colocando as mãos na cintura ao me virar de frente para ele.

— Eu não sei mesmo, pergunta pra ele.

— Desde quando vocês conhecem esse Vitor?

— Desde que ele veio morar no prédio aí em frente. – Ele falou rindo. – May tá meio que investindo nele.

— Ah tá... – Eu zombei sarcástica.

O dia foi irritantemente tedioso, porque eu me sentia limitada, intrusa. O Vitor foi embora antes do almoço e a Mayara estava na maior intimidade com o Nicolas, o que eu achei ótimo, afinal ela poderia descobrir quem era a outra.

Eu olhava para o meu mais recente ex e queria gritar com ele, para que ele deixasse de drama e visse que apesar de tudo, eu o amava.

Era fácil demais querer ser o centro do universo. Eu tinha a minha vida além de namorá-lo, o meu tempo não podia girar em torno de mimar um marmanjo de vinte anos.

Mas talvez eu pudesse mimá-lo por umas semanas para que tudo ficasse bem.

Deixei os pensamentos de lado, porque se a Mayara

estava conversando com ele, alguma coisa ela poderia descobrir.

— Tá calada. – Guilherme falou se sentando ao meu lado, e eu o olhei de relance.

— Pensando.

— Em?

— Que não faz sentido essa ideia ridícula do Nicolas de terminar. – Eu falei e ele deixou escapar um riso.

— Nem sei o que dizer. – Ele falou apertando os lábios em uma linha fina.

— O foda que ele é a vítima. – Eu bufei um riso. – Me leva em casa? – Pedi me levantando, olhando mais uma vez pra May e o Nicolas, analisando a intimidade exagerada da maneira que conversavam, mas logo descartei alguma possibilidade. Se ele estava querendo outro alguém, era certeza que não era ela. E ela nunca faria isso, era patético.

O Guilherme me deixou em casa, e eu dormi o resto da tarde. Não consegui falar com a Mayara para saber da longa conversa com meu ex.

Capítulo 02

Dois meses depois...

O que eu poderia dizer de Abril? Ah que mês tedioso. Um misto de calor e frio e frio que eu odiava. Era uma quarta-feira e eu estava matando uma aula de direito penal no campus da faculdade. Estava incrivelmente me sentindo sem amigas, porque a Mayara estava próxima demais da Sofia. Isso para não mencionar a nossa briga por ela manter segredo sobre a conversinha íntima com o Nicolas.

Estava mesmo saindo com meu irmão e o Vitor, que eram melhores amigos desde qualquer dia por cursarem psicologia juntos. E a tal Luana, que ridiculamente dava em cima do meu irmão.

— Olá. – A May falou se sentando à mesa, e eu acenei um sorriso. – Matar aula não é uma boa opção.

— Conte novidades. – Eu pedi, para desviar o assunto.

— Não tem, nunca tem. – Ela bufou um riso, pegando o cardápio. – Como tem sido as coisas com o Nicolas?

— Ótimas, vamos nos casar. – Eu sorri falsamente, porque ela mais do que ninguém sabia como eu estava sendo ignorada por ele. Claro, eu puxei conversa uma ou duas vezes, mas nada que fluísse algo para uma volta. A Mayara me olhou entediada pelo meu cinismo, e suspirou forte. – E você, desistiu do Vitor?

— Ele não estava afim. — Ela falou desinteressada. — O Breno sente tua falta nos nossos encontros.

— Que eu posso fazer? Ir pra lá pra e a qualquer momento ver o Nicolas e a nova namorada? Por favor, a menina deve ser perfeita pra aturar o cara dramático que ele é.

— Ele não é dramático, você que é muito fria. — Ela disparou e eu a encarei, que riu desconcertada.

— Ele deve ter achado alguém que goste de viver pra um relacionamento, então. — Eu suspirei cansada, me levantando. — Vou pra aula.

— Tem som na casa deles hoje, depois da aula. Não é a mesma coisa sem você lá. — Ela falou enquanto eu já me afastava.

Eu foquei nas últimas aulas, para não me deixar tempo de pensar sobre como eu queria voltar com o Nicolas. Já se foram dois meses, por favor, eu nem devia lembrar que o namorei.

Meu irmão me deixou na casa do Breno e eu os encontrei na sala. Estavam a Sofia, Guilherme, Nicolas e Mayara, assim sentados nessa ordem. Eu me sentei ao lado do Breno, que mexia no violão, e dei-lhe um beijo no rosto.

— Saudade. — Eu falei, e ele sorriu assentindo.

— Tenho show num barzinho pra nós. — Ele falou e eu o encarei, porque iria morrer de vergonha. — É pequeno, bem íntimo.

— Não, eu brinco dessa coisa, nem sei cantar. — Eu falei o óbvio.

— Para de bobagem, Anna. Vai rolar uma grana legal...

— Posso pensar? — Eu perguntei duvidosa, e ele riu, assentindo. — Pra quando é?

— Sábado.

[...]

Depois de uma tarde frustrante por eu imaginar que estava rolando coisas entre minha melhor amiga e o meu ex, eu fui pra casa. Depois do jantar, eu fui pro quarto do meu irmão, onde o encontrei “*bolando um beck*”. Ele tentou esconder aquilo, e eu dei risada, me jogando em sua cama.

— Você não devia usar isso. — Eu falei descontraída, pegando seu celular. — Acha que a May ficaria com o Nicolas?

— Por quê?

— Porque eles estão íntimos agora, sei lá. Ela tá distante de mim, e isso tudo foi depois do término.

— Não sei você acha? — Ele perguntou, pegando um isqueiro na gaveta, indo pra sacada.

— Me deixa experimentar? — Eu perguntei e ele tragou, se escorando a porta de vidro que dava acesso à sacada e riu, exalando a fumaça, negando com a cabeça. — Qual a graça?

— Nenhuma. Logo você não vai experimentar. — Ele falou e eu deixei escapar um riso. — O Vitor tem algum interesse em você. Acho bom ficar longe.

— Ai, para, a Mayara é afim dele. – Eu falei, descartando qualquer possibilidade relacionada ao Vitor. – Se fosse Victor, com um C no meio, eu pensaria, mas Vitor? – Eu ainda brinquei, e ele riu da minha idiotice.

— Eu vi a May com o Nicolas, juntos, ontem. – Ele falou, virando o rosto para o lado de fora, jogando a fumaça para lá. Eu apenas o encarei, amargando a vontade de pensar sobre isso. – Talvez eles sejam só amigos.

— Ela me contaria. – Eu afirmei convicta, focando no jogo do seu Iphone.

Os pensamentos me corroeram o resto da noite, e eu nem consegui dormir. Ele estava interessado em outra, que confuso. Era a May? Ela sabia disso? Ela faria isso?

Acabei não indo pra aula na manhã seguinte e fui matar minha angústia por nem ter coragem de perguntar pra eles, no shopping. Comprei bolsa e óculos, que eram meu vício, depois fui tomar sorvete, o maior que pudesse.

Depois de almoçar com meu pai num restaurante perto do trabalho dele, eu fui para casa e dormi à tarde quase toda, tendo pesadelos com a Mayara e o Nicolas ficando. Era nojento e soava engraçado. Eu deveria ter me importado com ele quando estávamos juntos.

Acordei com uma mensagem do meu irmão no whatsapp: **“cinema comigo às 8h”**.

Eu tinha nele o meu melhor amigo. Cúmplice. Ele era apenas dois anos mais velho. Ficamos muito próximos desde a separação dos nossos pais há oito anos, quando nossa mãe foi morar no exterior com um coroa mais rico.

O meu pai era solteiro e eu poderia matar uma mulher que se atrevesse a querer se casar com ele.

O contato com minha mãe era escasso, mais precisamente mantido em datas comemorativas.

Eu fui me arrumar pouco depois das sete da noite. Me vesti com uma saia jeans detonada, curtinha, uma regata, e uma jaqueta jeans. Calcei uma sapatilha e prendi o cabelo num choque frouxo. Fiz uma maquiagem básica, abusando do rímel e coloquei alguns acessórios.

—Estava quase te largando aqui. – O Rodrigo falou mal humorado e eu o ignorei, pegando meu celular, que vibrou numa mensagem da Mayara.

“se importa se eu ficar com o Nicolas?”

Eu congelei ao ler. Não era como um susto. O primeiro pensamento que me veio foi de como era ridículo ela me perguntar isso, por favor, isso era ridículo. Eu acabei rindo, jogando a cabeça pra trás, incrédula. Jurei não chorar porque o rímel não era a prova d'água. Eu não iria responder, mas

ela logo mandou outra.

“amiga, vocês estão terminados há um tempo, tem problema pra você?”

Eu bufei um suspiro, antes de responder.

“claro que não, ex é ex. (:”

Eu enviei. Podem me chamar de masoquista ou sei lá, louca. Mas eu não iria brigar por isso.

Eu aproveitei a deixa do filme dramático que a Luana escolheu para chorar feito uma criança perdida. O Vitor não parava de rir dos meus soluços e eu já tinha lhe socado o braço umas quinhentas vezes.

— Você chorou até nas partes engraçadas do filme. – Ele falou como se fosse argumento para me caçoar e eu grunhi, o batendo mais uma vez, fungando em seguida. Meu irmão me olhava como se já soubesse que eu não estava chorando pelo filme e eu os deixei com a desculpa de ir ao banheiro.

Arrumei a minha cara assustadoramente borrada, e retoquei a maquiagem, tendo a má sorte de encontrar a Mayara e a Sofia quando ia saindo do banheiro. A Sofia me recebeu com um forte abraço, enquanto a May me olhava apreensiva.

— Tudo bem? – Ela perguntou e eu a encarei confusa.

— Por quê? – Eu inclinei a cabeça para o lado, esperando sua resposta.

— Pelo que eu te perguntei mais cedo. – Ela falou mais baixo. – Eu não queria que isso afetasse a nossa amizade.

— Tá tudo bem, Mayara. – Eu resmunguei, suspirando forte. – É só um ex. – Eu sorri fraco. – Eu já vou indo, tô com o Rodrigo.

Nós fomos para a pizzaria ao sair do cinema, mas eu estava tão irritada que afundei nos doces.

— Eu vou ficar imensa de gorda e a culpa é da Mayara. – Eu falei com meu irmão, que riu, negando com a cabeça.

— Se você dissesse que se importa, ela não ficaria, aposto.

— Como não? – Eu perguntei horrorizada. – Isso ia gerar competitividade e o Nicolas é dramático demais, não vou competir por ele. Pior com a May.

— Então vai engordar. – Ele sorriu falso e eu bufei um suspiro.

[...]

Passei a sexta, o sábado e o domingo sob os edredons, lendo livros, vendo filmes e comendo.

No sábado eu nem levantei para tomar banho de tão

deprimida.

Queria deixar claro que é primeira e última vez que vocês me veem sofrendo dessa maneira.

Ok, eu nem estou sofrendo tanto assim, mas é a última vez.

O que eu sinto é próximo de um soco no estômago mais enjoio mais vontade de voltar no tempo mais vontade de chorar, mas eu não vou chorar. Era a coisa mais patética do mundo, devido o motivo inútil.

É a última vez que eu fico dessa maneira, mas eu assumo a minha parcela de culpa.

Talvez eu devesse ter cuidado mais enquanto tinha.

Também não acredito no clichê de o que é nosso volta, porque eu sei, não vai voltar.

— Você vai morrer! – O Vitor falou quando eu saí do banheiro, secando os cabelos com a toalha.

— Eu to feliz. – Eu falei, exibindo um sorriso largo para ele, que deu risada, se sentando a minha cama.

— May ficou com ele? – Ele perguntou, quando eu me joguei de bruços na cama, mas virei o rosto para ele.

— Não sei. Não to mal por isso.

— Não? – Ele perguntou desconfiado, arqueando as

sobrançelas e eu deixei escapar um riso.

— Não. To mal porque ele tá afim de outra. Quer a ela agora. E ela coincidentemente sendo minha amiga, julgou isso mais importante que a nossa amizade.

— Ela vai ficar e depois fica tudo bem pra vocês.

— Não é assim, Vitor. – Eu reclamei. – Se eu ficasse com o cara que ela gosta não seria dessa maneira.

— Você é confusa. – Ele apertou os lábios.

— Eu achava patética essa coisa de ficar mal por essas baboseiras. Devo ter engordado uns dez quilos. – Eu falei horrorizada, pegando uma escova para desembaraçar os cabelos.

— Você precisa achar outra pessoa.

— Sem pressa pra isso. – Eu respondi prontamente. – Prevejo uma fase de desapego sem fim.

O Vitor saiu com meu irmão, e eu peguei uma caixa com álbuns de fotos, remoendo a saudade. Revivendo através de fotos, as lembranças dos sei lá quantos meses de namoro. Ao contrário do que eu mesma tinha em mente fazer, eu não quis rasgar ou dar fim nas lembranças de nós dois. Eu não poderia amaldiçoar toda a parte boa porque teve um fim precoce.

Quem era eu pra fazê-lo ficar?

Eu só o tratava mal. Priorizava qualquer coisa que não fosse nosso namoro. Eu fui segura demais. As coisas foram pelo ralo e eu nem percebi.

Meu celular vibrou e eu corri pra pegar, rindo da idiotice, porque só poderia ser o meu irmão.

“e eu sinto a tua falta” – Meu coração quis sair pela boca quando eu li. Por favor, por favor, eu não mereço, eu não preciso disso.

Capítulo 03

Era como se no último segundo do o segundo tempo, quando eu já havia aceitado que foi bom, apesar de tudo e que acabou, ele voltasse, como se estivesse seguro que me tem na mão.

Eu tentei pensar na Mayara. Que ela poderia ser a tal menina que o fez terminar.

Eu quis ser forte, porque eu me senti forte em relação a essas coisas do coração a vida inteira.

Mas estupidamente respondi: **“eu também”**.

Não demorou a que chegasse outra.

“tá sozinha? Posso ir aí?”

E lá se vai toda a angústia, ou sei lá, a coisa ruim que me dominava.

“vem”

Me troquei, tirando o moletom e vesti um short jeans

curtinho, com uma regata e uma blusa de moletom rosa, que quase cobria o short. Terminei de passar perfume no instante que o interfone tocou. Eu suspirei, me olhando uma última vez no espelho, antes de ir atender.

O Nicolas me puxou pra um abraço forte quando eu abri a porta, e eu suspirei forte, soltando o ar como se a minha vida dependesse disso, mas soava tão dramático. Eu passei meus braços em volta do seu pescoço, apertando mais o abraço.

— Quer conversar? – Ele perguntou um tempo depois, e eu neguei com a cabeça, grunhindo. – Eu senti muito a tua falta. – Seu tom sussurrado me fez cócegas na alma, e eu ri. Era engraçado. Fazia tempo demais que eu não o tocava, e quando namorávamos eu não tinha essa necessidade de estar perto. Por estupidez, burrice, ou sei lá como nomear, eu não toquei no assunto “ele e Mayara”.

Nós pedimos o jantar e o Nicolas comemorou meu pai ligar avisando que não dormiria em casa. Algo que me deixou profundamente enciumada.

— Deixa o coroa aproveitar! – Ele falou me abraçando por trás. Eu só empinei o nariz, o ignorando enquanto mexia o brigadeiro. – Ciúme descabido, de verdade. Ele não vai ficar sozinho o resto da vida.

— Ele pode esperar até que eu seja independente. – Eu argumentei, desligando o fogo. – E então, que milagre deu pra você vir aqui?

— Saudade. – Ele simplesmente falou, enquanto eu derramava o doce no prato. – Achei que já estava bom de

pensar.

— Hã? – Eu perguntei confusa, franzindo o cenho, embora estivesse sorrindo. – Pensei que você tivesse encontrado alguém mais sensata.

— Eu só queria te enciumar, você merecia ouvir aquilo. – Ele falou, e eu o encarei, que inclinou a cabeça para o lado, sorrindo, dissipando a minha raiva antes que ela aflorasse.

— Você é ridículo. – Eu falei, negando com a cabeça, voltando para a sala.

Acordei na manhã seguinte com carinhos do Nicolas, que selou nossos lábios, sorrindo ao notar que eu já havia acordado.

— Te amo. – Ele sussurrou, me dando mais um selinho, e eu grunhi, passando uma perna em volta do seu corpo, afundando o rosto em seu pescoço. – Já são dez e meia.

— E daí? – Eu perguntei subindo uma mão até seu cabelo, a correndo ali, matando a saudade.

— Gostosa. – Ele riu, e eu o olhei, mordendo seu queixo.

— Vou escovar os dentes. – Eu avisei antes de levantar e me enrolei no lençol, indo para o banheiro.

Quando eu voltei para o quarto, o Nic mexia no celular, algo que desencadeou uma insegurança indescritível em mim. Eu deixei cair o lençol e me sentei de frente em seu colo, colocando o celular de lado, o beijando.

[...]

Quando ele foi embora, eu me deitei na cama, confusa.

Era como se eu tivesse engolido a língua para tê-lo esta noite. E eu tinha tanto pra falar, pensava que tínhamos tanto que conversar.

Eu almocei com meu irmão, que alegou nem questionar sobre o Nicolas aqui.

— To me sentindo usada. — Eu falei com o Rodrigo, que fumava na sacada do seu quarto. — Uma hora vão te denunciar, o quarto fica fedendo.

— Eu pensei que você fosse mais... Sensata. — Ele falou sarcástico, e eu suspirei forte.

— Eu não sei lidar com essa coisa de ser deixada. — Eu argumentei, cheia de mim. — E eu ainda sinto algo.

— Não vou dizer nada sobre isso. — Ele falou mais uma vez, tragando o beco. — Só acho que ele estava atrás da Mayara, e vocês vão brigar.

— Eu fiquei primeiro.

— Mais um motivo pra não querer nada depois. — Ele falou o óbvio, bufando um riso. — To de saco cheio, tu amargou esse tempo todo aí, e agora volta assim, porque sente algo...

— Não voltamos, Rodrigo.

— Ele só te procurou porque era o alvo fácil, Anna. — Ele falou ríspido. — Ele queria sexo, e você iria ceder.

— Eu queria também. — Eu justifiquei, e ele riu impaciente.

A semana passou arrastada, enfadonha. Eu não mantive algum contato com o Nicolas, o que deixou claro que a teoria do meu irmão era verídica. Pior por vê-lo com a Mayara duas vezes aleatoriamente ao sair da faculdade.

— Eu pensei que você não viesse. — O Breno falou, me recebendo com um forte abraço. — Não é porque não tá mais com o Nic que você pode sumir.

— Ele tá com a May?

— Ele quer pegar a May, ela tá perdendo tempo dando corda. — Ele falou, nos guiando para dentro da casa. — Pedindo pra quebrar a cara.

— Às vezes eu acho que ela gosta dele.

— Ela não gosta dele. — Ele deu risada. — Ela quer ficar porque vocês são caidinhas por ele, sei lá por que. — Ele falou ironicamente, e eu o olhei, contendo o sorriso. Ele era lindo, charmoso, o tipinho que gosta de falar coisas bonitinhas para iludir. E dramático.

— Então, ele dormiu comigo no domingo. — Eu falei, me escorando ao balcão, quando chegamos à cozinha e cruzei os braços. O Breno me olhou surpreso, mas não disse nada. — Que foi?

— Nada. Voltaram?

— Não, meu bem, ele sumiu depois. O Rodrigo disse que ele queria sexo e eu fui o alvo fácil.

— Realmente... — Ele apertou os lábios, e eu bufei um

riso.

— To me sentindo uma puta agora. – Eu falei indo fuçar a geladeira. – Teu irmão vai voltar a ser o idiota que pega todas. Que ilude, que pena.

— Capaz – O Nicolas respondeu e eu dei risada, me virando para olhá-lo, que estava apenas de sunga, e óculos escuros. – Se a ex dele quiser voltar, ele fica quieto.

— Que pena, ela não quer. – Eu sorri falsamente para ele, que se aproximou mais de mim, que fechei a geladeira, me encostando ali.

— Não?

— Não, eu me senti usada na última vez. Você sequer deu sinal de vida à semana toda. Pior, você estava atrás da minha amiga.

— Sim? E daí?

— E daí, Nicolas? Pelo amor! – Eu falei incrédula.

— Se ela fosse tua amiga não teria cedido. Porque eu estava solteiro. – Ele argumentou, e eu bufei um suspiro, irritada por ele querer culpar a Mayara.

Passei a tarde jogando videogame com o Breno e vimos um filme de terror. Algo que acarretou uma noite no quarto do meu irmão, por eu ter ficado com medo de ir até ao banheiro, sozinha.

— Que bosta isso, hein. – Ele falou, ao me notar sob as cobertas, e eu sorri docemente. – Viu o babaca com a Mayara?

— Não, ele tá com ela? – Eu perguntei desentendida, e

ele riu, tirando a camisa, e pegou uma toalha, a pendurando no ombro.

— Eu vou sair com a Luana, tu vai ficar só de qualquer maneira. — Ele avisou, digitando algo no celular. — Papai tá praticamente mudado pra casa de uma mulher. — Ele sugeriu presunçoso e eu bufei um suspiro irritado. — Eu pediria ao Vitor pra ficar contigo até eu voltar, mas é arriscado.

— Não vou ficar com ele, a Mayara é afim dele. — Eu falei o óbvio e o meu irmão riu.

— Você é boba, porque ela tá pegando teu ex. — Ele falou, estalando os lábios ironicamente.

— Mesmo assim, ele é seu amigo também. Imagina: eu vou ficar e depois ele vai te contar detalhes, que nojo. — Eu deixei escapar um riso, descartando a possibilidade. — Você vai pra onde? Não pode me levar? — Eu pedi manhosa, e ele me olhou entediado, deixando escapar um riso, como se desconsiderasse me levar para o seu encontrozinho.

— Eu vou sair com a Luana. — Ele repetiu, mas eu revirei os olhos, porque, de qualquer maneira, eu já conhecia a menina. — Levar você seria como iludir ela.

— Tipo, oi? — Eu perguntei confusa, rindo por não entender.

— Apresentar a família. Essas baboseiras, ela vai achar que temos algo.

— Vocês têm. — Eu afirmei, e ele me olhou, bufando um riso. — Eu espero que um dia você se apaixone e pague por isso.

— Vai se arrumar, Anna. — Ele resmungou, entrando no banheiro, empurrando a porta. Eu me virei sobre a cama,

fitando o teto, analisando se queria ir, realmente. Poderia encontrar a May com o Nicolas caso coincidentemente fossemos para o mesmo lugar. Eu não queria ter que vê-los. Por fim, mandei uma mensagem pro Vitor, o intimando a ir também, seja lá pra onde fossemos.

Escondi as chaves do carro do meu irmão e o seu celular para que ele não tivesse a escolha de me largar pela demora e me tranquei no meu quarto.

Tomei um banho demorado, onde lavei os cabelos. Ao sair me sequei e sequei o cabelo com o secador, passando chapinha rapidamente. Fiz uma maquiagem forte, preta, esfumaçada e vesti uma saia de cintura alta, estampada em oncinhas e um cropped preto, com mangas cumpridas. Coloquei alguns acessórios e calcei um scarpin preto Louboutin, presente da minha mãe. Passei perfume e peguei o meu celular.

— Eu nunca mais saio contigo. — Meu irmão falou quando eu apareci na sala. — Nunca mais. — Ele repetiu furioso, pegando estupidamente as chaves e o celular.

Nós passamos na casa da Luana, que reclamou da demora, mas eu assumi a culpa. Nós paramos num restaurante, onde eu me senti uma vela horrível, antes de seguir para uma boate na saída da cidade. Estava bem cheio então era óbvio que as meninas viriam pra cá. Eu orava internamente para que o Nicolas estivesse com qualquer outra. Eu não tinha ainda uma confirmação de que eles tinham realmente ficado, o que não era preciso, mas eu só não queria ter que ver.

— A sorte do teu irmão é que eu não curto pegar irmã de amigo meu. — Vitor falou ao se aproximar, me cumprimentando com um beijo no rosto e eu dei risada.

— E eu não curto ficar — Enfatizei. — com caras que amigas minhas estão afim.

— Ela tá pegando teu ex. — Ele falou fingindo horror, me arrancando outra risada.

— Vou pegar uma bebida. — Eu avisei, seguindo para o bar. Pedi um coquetel de frutas, mas acabei tomando do uísque do Vitor. Me mantive ocupada a procura das minhas amigas, mas não tive a coragem de perguntar onde elas estariam.

— Tu devia relaxar. — O Vitor falou, me entregando a terceira dose da noite. — E daí se eles estão juntos? Quem tá perdendo com tudo isso é ela. No final ela perde a amiga e o cara.

— Não quero falar disso. — Eu falei carrancuda, e ele riu, negando com a cabeça.

— Então para de procurar. — Ele resmungou, me tomando o copo e o colocando sobre a mesa, me puxando em seguida. — Dança um pouco comigo, linda. — Sorriu sorrateiro, e eu bufei um riso, me deixando ser guiada pelo seu ritmo. Nós conversamos aleatoriamente entre as danças, e ele remoía o fato de a Mayara estar com o Nicolas. Como se eu não devesse dar tanta atenção a essa coisa, como se eu conseguisse ignorar essa coisa. Ele falava algo que eu não entendia bem, quando eu notei a Sofia, rindo com dois copos de bebida nas mãos, e logo atrás o *meu* Nicolas sendo puxado pela Mayara. Eu desviei o olhar quando ele o encontrou e a minha atitude estúpida, porém gostosa da noite, foi puxar o

Vitor para um beijo.

De início, eu pensei que ele não fosse me corresponder. Minhas mãos ficaram em seus ombros, e as dele paralisadas em minha cintura. Somente quando eu levei uma das minhas mãos por entre o seu cabelo, ele reagiu, tomando total controle da situação. Os seus lábios macios me fizeram sentir cocegas na alma, e eu tentava trazê-lo para mais perto, aprofundar mais isso. Por um momento eu até me esqueci de que era por... *Vingança*.

Ele encerrou mordendo meu lábio inferior, deixando nossos lábios próximos e eu lhe roubei um selinho, rindo, mas ainda arfava. O Vitor não falou nada, e manteve o olhar em minha boca, eu mais uma vez fechei os olhos, correspondendo ao seu beijo agora lento, porém rápido.

— O que foi isso? – O Vitor perguntou quase num sussurro e eu sorri.

— Estou beijando você. – Eu sorri, pressionando meus lábios sobre os seus novamente.

— E você deveria estar fazendo isso? – Ele perguntou tão próximo que seus lábios roçaram nos meus.

— Provavelmente não. – Eu disse sorrindo envergonhada.
— Mas aqui estamos. – Eu dei de ombros, apertando os lábios inocentemente.

Antes que ele pudesse dizer algo, o Nicolas passou por nós trombando de propósito no Vitor, que bufou um riso, talvez consciente da minha provocação. Ele pegou sua bebida

sobre a mesa e saiu. Eu não demorei a perdê-lo de vista, porque o local estava cheio.

— Isso de tu nunca mais sair comigo é verdade. – O meu irmão falou parando ao meu lado, e eu o olhei entediada. – Porra, Anna, olha a merda que tu tá fazendo, cara!

— Eu não o obriguei a me beijar. – Eu argumentei e ele riu incrédulo, me tomando a minha bebida. – Ah bom! Agora vai me proibir de encher a cara?

— Olha a merda que tu fez sóbria! Eu nem quero imaginar o que tu faria se estivesse bêbada!

— Você deveria me defender, o Vitor não pode ser tão dramático, também! Foi só um beijo. – Eu falei horrorizada, rindo porque não havia motivo para esse caos. Eu peguei meu celular, que vibrou entre a saia, e bufei irritada pela mensagem ridícula.

“olha o tipo de atitude baixa que tu tem”

Era tão óbvio que o Nicolas iria agir como se um mísero beijo em outro cara fosse uma traição imperdoável.

“ele beija melhor que o meu ex”

Eu ri da minha infantilidade, porque nunca achei que poderíamos comparar um melhor. Sempre tem o que a gente deseja mais. É sempre momento.

— Agora você deve estar trocando mensagens infantis com o Nicolas, ele vai largar a Mayara sozinha e ela vai brigar porque tu ficou com o Vitor. – Meu irmão falou como se achasse essa coisa toda previsível demais e eu o olhei desconfiada. – Haja paciência. – Ele resmungou, e então a Luana se aproximou novamente, reclamando sobre o banheiro estar cheio. Logo chegou outra mensagem do meu ex.

“vai pra merda, Anna”.

Eu dei risada, jogando a cabeça pra trás, antes de responder.

“com um gato daqueles tá difícil ir”.

Capítulo 04

Fui até o bar, pegar outra bebida fraca, onde encontrei o Vitor escorado ao balcão, rodopiando o seu copo de uísque.

— Oi. – Eu falei ao me aproximar dele, que me olhou rapidamente, voltando sua atenção ao copo. – Vai ficar assim agora? Pelas suas brincadeiras de mais cedo eu imaginei que você quisesse.

— Pensou errado. – Ele forçou um sorriso, e eu sorri fraco. Apesar de qualquer coisa que ele dissesse a gente sempre sabe quando a outra pessoa realmente quer fazer algo. E o seu beijo não provava o contrário.

— Me desculpa, então. – Eu pedi, me sentando no banco alto e ele me olhou desconfiado. – Eu não costumava agarrar caras assim, no meio de uma balada. Mas você poderia ter passado a noite pegando alguma mulher mais interessante e perdeu tempo comigo, imaginei que quisesse.

— Imaginou errado. – Ele continuou, e eu bufei um riso, descendo do banco e pegando a minha bebida. Eu não o respondi, e saí dali, a procura do meu irmão, porque se ele não fosse me levar em casa eu teria que achar um taxi. Eu o encontrei na área externa da boate, no maior beijo com a Luana, mas fui estupidamente puxada pelo Nicolas, antes que fosse até lá atrapalhar.

— Não quero conversar com você. – Eu falei prepotente, e ele me arrastou pra fora dali. Eu dei risada, porque por mais infantil e inescrupuloso que parecesse, eu ainda me

sentia... Vitoriosa? Não, não era isso. Eu nem sabia definir o que eu estava sentindo. Era um misto de culpa com “bem feito, Mayara”.

No fim, não era satisfatório. Ele nos levou para o estacionamento e me jogou dentro do seu carro.

Eu não falei nada, e também não perguntei pra onde ele nos levava. Não me importava, e por uma fração de segundo eu me deixei voltar ao momento do beijo com o Vitor, ficando arrepiada só de imaginar a sensação dos seus lábios em meu pescoço, porque nem chegou a tanto.

— Me desculpa. — Ele falou, finalmente quebrando o silêncio e consequentemente os meus pensamentos inconsequentes com o Vitor. — Eu não devia, eu sei...

— Você é ridículo.

— Ela como sua amiga deveria não querer, Anna.

— Esse seu argumento não me compra, Nic. — Eu lamentei sarcástica, e ele suspirou, apertando as mãos no volante. — Ela perguntou antes de vocês ficarem, ou depois, não importa, ela perguntou se eu me importaria.

— Eu não transei com ela. — Ele falou, como se isso realmente importasse agora. — A gente ficou duas vezes, três, sei lá.

— E isso muda o que? — Eu perguntei como se essa coisa toda fosse óbvia.

— Isso não muda o meu sentimento por você. — Ele falou, e eu dei risada. Talvez por nunca termos tido alguma crise,

algum término, ele deveria ter uma vã ilusão de que eu cairia nas suas... Palavrinhas de homem que se acha esperto. – Eu a deixei lá, pra estar contigo agora.

— Você a deixou lá, porque ficou morrendo de medo de que eu fosse pra cama com outro, Nicolas. Isso é previsível demais. A Mayara tá te fazendo doce e você precisa de um alvo fácil. No caso, eu. Só que não funciona assim.

— Ela foi falsa contigo e eu pago o pato! – Ele argumentou, aumentando o tom e eu o olhei surpresa.

— Ela não teria sido falsa comigo se você não tivesse ido atrás.

— Que isso importa agora? – Ele perguntou desdenhoso, estacionando em frente ao meu prédio e eu o encarei. – O que a gente viveu não conta?

— Claro que conta. Eu não sou desumana, eu ainda me lembro de tudo, não vou falar mal do nosso passado. Só que... Acabou. – A minha última palavra soou duvidosa, e ele não conteve um sorriso no canto dos lábios. Não era um comparativo, em relação a sentimento eu gostava só do Nic, mas em relação a sorriso ele perdia feio para o Vitor. – Mas eu não acho válido ter recaídas. Não é o certo quando se quer por realmente um fim.

— Você é fria demais.

— Que seja. Enfim, volta lá pra Mayara. – Eu sorri, mas ele trancou o carro para me impedir de descer. – Tudo bem, Nicolas. – Eu suspirei forte, voltando a olhá-lo. – O que você quer?

— Você. – Ele falou como se fosse o óbvio. – E você?

— Sinceramente? Eu queria que você nunca tivesse ido

atrás da Mayara.

— A gente ficou quatro vezes, Anna. Para com isso.

— Não importa. Olha, a gente tá terminado, como você disse, você fica com quem você quiser. Eu só to dizendo isso porque é uma amiga minha. Amizade vem antes de relacionamento e agora, hipoteticamente, você está com ela.

— Você é louca. – Ele ponderou, com um riso horrorizado e eu o encarei, arqueando as sobrancelhas.

— Claro, e a May é a tal menina sensata que você falou.

— Não existe menina sensata, Anna, que inferno! Eu só queria te deixar irritada.

— Que pena. – Eu sorri fraco. – Agora você pode, por favor, me deixar descer?

— Se você for, é definitivo. – Ele falou, como se eu fosse medrosa o suficiente ou dependente dessa relação, uma vez que no máximo agora, pisando no meu resto de amor próprio, eu iria querer sexo. – Não me olha com essa cara, eu to falando sério. – Ele afirmou, sorrindo, como se tivesse ganhado essa merda.

— Sim, então abre. – Eu pedi lentamente, assentindo e ele franziu o cenho, deixando escapar um riso.

— Tá falando sério, Anna? – Ele disparou, como uma frase impensada, e eu o encarei, demonstrando que sequer precisava responder. – A gente pode conversar direito? Aqui não é lugar.

— Eu até quero, você me conhece, eu acho. Sabe que eu não fico com joguinhos e nem iria me fazer de difícil justo pra você. Se eu quisesse algo, realmente, eu teria dito pra May não ficar contigo. Talvez ela ponderasse, amizade e

umas ficadas e não cedesse.

— Eu só queria te deixar com ciúme, ficando com ela. — Ele falou, e eu o olhei entediada.

— Não é possível que você me subestime tanto assim, Nic. — Eu falei calmamente, e ele bufou um riso. — Você queria pegar a Mayara, e só vai desistir disso quando levá-la pra cama.

— Essa merda toda não muda o sentimento, Anna. Você tem um coração aí, aprende a usar.

— Ah, jura? — Eu perguntei irônica, então seu celular vibrou entre suas pernas. Eu tinha total consciência da minha falta de direito de pegar, mas foi impulso. Quando eu pensei que não devia, já havia feito. Eu tentei a sua senha antiga, mesmo imaginando que ele deveria ter mudado, mas funcionou. Eu o olhei surpresa, mas ele não parecia incomodado.

Era só uma mensagem do Breno.

“eu vou quebrar a tua cara”.

Eu olhei para o Nicolas, lhe entregando o celular. Ele respondeu, mas não me deixou ver a resposta. Eu talvez tivesse consciência que se tratava da Mayara, dessa confusão de merda que estávamos criando. Um silêncio esmagador se instalou até o meu celular soar, também numa mensagem.

“Eu pensei que fôssemos amigas”.

Era da Mayara. Eu apertei os lábios, porque era falta de vergonha na cara dela querer me cobrar algo. Ok, eu beijei o Vitor, sabendo que ela era afim dele. Mas eles sequer tinham ficado. Ela estava saindo casualmente com o meu ex. O primeiro namorado. O primeiro essas baboseiras todas.

— Eu preciso entrar. — Eu falei, suspirando forte, e o Nicolas me olhou apertando os lábios.

— Eu não to mentindo quando digo que gosto de você.

— Eu acredito nisso. Você tem um coração de mãe, gosta de muita gente. — Meu tom levemente sarcástico o fez resmungar, e eu sorri. — Eu acho que você deveria ir atrás da Mayara, é um conselho. Tu vai acabar sem nenhuma.

— Eu quero você. Dá pra entender isso? — Ele perguntou impaciente, e eu me encostei ao banco novamente, cruzando os braços impaciente. — Poxa Anna, a gente ficou junto um tempão e você agora tá agindo como se isso fosse nada.

— Blá, blá, blá... — Eu resmunguei enojada. — Eu posso descer? — O Nicolas destravou o carro.

Eu assenti, pegando o meu celular, onde havia mensagens no whatsapp. Eram do Breno.

“pensa na bobagem que tu tá fazendo, anna.” E “Tu só perde com essa confusão.”

Eu deixei escapar um riso, por estar levando a culpa toda. De repente era como se todos tivessem esquecido que

ele era meu namorado antes de ficar com ela.

“a may não perde nada, ela pode tudo (:”.

— Bem feito. – O Rodrigo falou ao se jogar no sofá, porque ele chegou logo depois que eu entrei. – Ele conseguiu o que queria. Te fez perder o cara que tu ficou na balada, independente de quem tenha sido. Agora vai levar a May em casa, porque tu é figurinha repetida, ela é carne nova.

— Obrigada por ser um irmão tão amável, Rodrigo. – Eu falei ironicamente, seguindo pro meu quarto. Empurrei a porta com força, irritada. Me sentindo a pessoa mais idiota desse mundo por em algum momento da noite ter pensado que havia ganhado. Estúpida e infantil que eu fui.

Cerca de meia hora depois chegou uma mensagem de boa noite do Nicolas, mas eu o ignorei.

Passei a noite fitando o teto. A luz parecia mais interessante do que o que eu consegui fazer durante toda a noite. Incluindo o beijo no Vitor.

Tentei pegar um livro pra ler, mas acabava voltando para o teto. Sequer consegui alinhar os pensamentos para ao menos pensar *“ah, agora eu faço diferente”*.

Não era amor o meu sentimento pelo Nicolas. Não tinha como ser. Não agora, não mais se é que já foi em algum

momento.

Eu teria lutado pra não perdê-lo. Talvez eu não tivesse sido idiota ao dizer pra Mayara que tudo bem ela ficar. Era só ficar. Ele era só um ex.

Eu teria dito que ela era louca e ela, se o fizesse ou seria o mais escondido possível. Ou sabendo que ela estava pondo em pauta a nossa amizade. Talvez também pesasse o fato de ele saber a nossa relação de amizade de anos e não ter considerado isso, pensado só na sua vontade.

— Me corta o coração te ver assim, olhando pro nada. — Meu irmão falou manhoso, ao se deitar na minha cama, e eu bufei um riso. — Orgasmo não é nada perto do vazio que vem depois né?

— Que gay. — Eu dei risada, o olhando rapidamente. — Eu ainda sou a errada nisso tudo.

— Mas você é. Porque desde o inicio você disse que não se importava.

— Por favor. — Eu pedi, incrédula e ele deixou escapar um riso.

— Foi errada em ter ficado com o Vitor.

— Mas...

— Que tipo de pessoa você tá virando? Uma putinha provocante?

— Credo Rodrigo. — Eu falei toda ofendida, e ele riu. — Eu vou parar, ok? Não fico mais com o Nicolas porque a Mayara tá pegando. E nem com o Vitor porque ela é afim

dele.

— Nossa, vendo assim você é a vítima. – Ele falou fingendo horror. – Você não deve ficar com o Nicolas, porque apesar de ter sido um bom namorado, eu não soube de nenhuma traição e você sabe que não tem como não ficar sabendo, te tratava bem mesmo você sendo uma cadela e o deixando de lado por uns amigos que não estão do seu lado agora, ele solteiro não presta e só tá te usando. E com o Vitor, tu não vai ficar mais porque ele não vai querer. – Ele falou, seguindo um risinho e eu bufei um suspiro.

— Eu gosto um pouquinho dele. – Eu falei baixinho e meu irmão me olhou surpreso. – Do Nic.

— Ele não fala em voltar?

— Superficial demais. Ele fala como um argumento pra me convencer, eu nego e ele muda de assunto. A gente fica e, ele vai embora.

— Complicado. – Ele falou, e então nós ficamos em silêncio.

O que mais me incomodava era o fato de... Era lembrar tudo o que nós vivemos. Eu sempre o deixando pelos meus amigos, o que agora era tão irônico. Eles de certa forma, relacionando as coisas somente a May e o Nic, me deixaram para defendê-los. Ignoraram que eu estive lá primeiro, que ele não estava dando paz. Que por mais errada como namorada eu tenha sido, eu... Sei lá.

Acabei adormecendo com cafunés do meu irmão, acordando depois das três da tarde no dia seguinte.

Levantei relutante, me forçando a não olhar o celular e tomei um banho rápido. Em seguida vesti um vestido tomara que caia e deixei o cabelo solto. Encontrei meu irmão, junto com o Vitor e a Luana na sala, apenas acenei para eles e segui para a cozinha.

— Opa. – Eu estava procurando por algo na geladeira, quando a voz do Vitor ecoou. Eu murmurei um “hum”, e continuei analisando a geladeira. – Talvez eu devesse pedir desculpas pela maneira como te tratei ontem. – Ele falou com a voz cautelosa, calma, e eu sorri fraco, me virando para olhá-lo.

— Acha mesmo? – Meu tom levemente irônico o fez sorrir. – Você agiu como uma menininha mimada. Menininhas inseguras que dão aqueles chiliques.

— Certamente. – Ele concordou entediado, talvez só para não me contrariar. – E você, tá bem? Te vi saindo com ele da boate, e depois ele com a May.

— Ótima. – Eu sorri convicta, e ele bufou um risinho. Eu voltei a procurar por algo na geladeira, e acabei pegando um iogurte de morango. – Quer algo? – Eu perguntei para o Vitor, que negou com a cabeça, no mesmo momento meu irmão entrou na cozinha, me entregando o celular.

— Breno – Ele avisou desinteressado, e eu bufei um suspiro, irritada por imaginar já ter que ouvir sobre o episódio desastroso e ridículo da noite passada.

— Opa – Eu atendi, enquanto abria o meu iogurte e seguia para a sala.

— Eu queria conversar contigo. – Ele falou cauteloso, e

eu franzi o cenho. – Sobre essa confusãozinha de colegial entre você e a May.

— Nossa – Eu resmunguei.

— Pode vir aqui em casa?

— Não vou aí, Breno. Se você quer conversar, defender a sua amiga, eu to em casa te esperando.

— Não se coloca como a vítima, Anna. Eu to indo aí. – Ele falou antes de desligar. Eu fiz uma carranca, jogando o celular no sofá, e me sentei ali.

Não demorou mais que vinte minutos até o Breno chegar. Meu irmão me lançou um olhar zombeteiro, porque apesar de qualquer coisa eles estavam despejando toda a razão para a Mayara.

— Você tá se deixando manipular, isso nem faz o teu tipo. – Ele falou, quando eu fechei a porta do meu quarto, e eu o olhei entediada. – Mandou nele o namoro inteiro pra agora virar a outra.

— A outra, Breno? – Eu perguntei indignada. – Agora a culpa é toda minha? Ele tá pegando a Mayara, a Mayara simplesmente esqueceu que era minha amiga, e que ele era o meu ex, e eu ainda sou a errada nisso tudo?

— É. – Ele afirmou, exibindo um sorrisinho fraco. – Tá errada, porque você falou que tudo bem ela ficar.

— Ela me conhece há anos! Pelo amor de Deus, óbvio que aquele tudo bem, não queria dizer um tudo bem!

— Tá errada em ceder ao Nicolas. Que tipo de pessoa você tá virando?

— Pelo amor de Deus. – Eu dei um riso, andando pelo quarto, irritada com essa coisa toda.

— Essa coisa toda tá valendo a pena, Anna?

— Que? – Eu perguntei confusa.

— Você ficar com o Nicolas, afastar a Mayara, tá valendo a pena? – Ele completou e eu respirei fundo, umas cinco vezes.

— Tudo bem, Breno. – Eu falei, maleando, controlando o tom da voz. – Foi um erro imperdoável ficar com o Nicolas. Nossa, pra que eu fiz isso né? Só atrapalhei o romance dele e da May. Mas eu assumo o meu erro e garanto que não acontece mais. Pode tranquilizar a Mayara, que no que depender de mim, o Nic é todo dela.

— Você é muito cínica. – Ele deu risada, me deixando ainda com mais raiva. –Ela me falou do Vitor, também.

— Pelo amor de Deus... – Eu resmunguei. – Foi um impulso, o Vitor nunca nem quis ficar comigo.

— Eu espero que você pense direito.

[...]

Capítulo 05

Eu ignorei os que se diziam meus amigos por duas semanas seguintes. Ignorei o Nicolas também. Não deu pra fazer o mesmo com o Vitor porque ele vivia aqui em casa, e agora estava sendo amigo do meu pai, o que me obrigava a ser educada. E também, porque excluindo a paixonite da Mayara por todo mundo, eu não tinha um motivo para ignorá-lo.

O tempo estava corrido com os afazeres da faculdade, então eu tive uma colaboração extra para parecer forte. Enfim, eu via o Nic e a Mayara juntos, mas focava em ler algum livro, ou matar meu tempo conversando com meu irmão, ou o Vitor. A Luana também parecia uma boa pessoa, mas meu irmão nos mantinha afastadas. Segundo ele, seria o fim se eu e a Luana virássemos amigas.

— Opa, bonita. – O Vitor falou sentando na cadeira vaga ao meu lado. Eu o olhei rapidamente, acenando um sorriso. – Pessoal vai colar lá em casa mais tarde, tá a fim de ir não?

— Quem eu conheço que vai tá lá?

— Seu irmão, a Lu, eu. – Ele ponderou presunçoso e eu bufei um riso. O Vitor adorava indiretas, mas nós nunca havíamos ficado desde que eu o beijei na boate. Ele pegava garotas aleatoriamente, e ainda me contava sobre elas. – E eu te apresento quem mais estiver lá.

— Talvez eu vá. – Eu falei, voltando minha atenção ao livro.

— Se afastar deles não resolve as coisas. — Ele falou, e eu bufei um suspiro. Era pelo menos a milésima vez que ele me dizia isso. — Era só um cara, Anna, não vale os teus amigos.

— Claro que não. — Eu concordei ironicamente, e ele deu um risinho. Com os pensamentos mais frios relacionados ao caos com a May e o Nic, eu nem sabia mais dizer quem era certo ou errado nisso tudo. Ela deixou claro que ele era mais importante que a nossa amizade, e talvez isso tenha sido a pior coisa. Ela agir como se ele fosse dela primeiro, e eu tivesse pisado na bola primeiro, me frustrava.

Pensar no Nic agora me trazia lembranças de sexo bom. Era tão desprezível o joguinho dele, em pensar que eu estava caindo nisso, jogando contra mim mesma. Porque no fim, a única coisa que eu estava ganhando eram orgasmos e uma sensação angustiosa logo após.

— É só que não vale a pena competir. — Eu sorri fraco, sem nem olhá-lo.

— Você é doida. Quem vê assim nem diz que pira por causa deles.

— Isso é o nosso segredo, Vitor. — Eu falei sorrindo fraco.

À noite, eu me arrumei, vestindo um vestido preto, tomara que caia, e uma jaqueta de couro. Calcei uma bota de cano baixo e fiz uma maquiagem esfumada, abusando do rímel.

Coloquei alguns acessórios e passei perfume. Fui com meu irmão pro apartamento do Vitor pouco antes das nove. Passamos para pegar a Luana, e quando chegamos, havia poucas pessoas ali.

O Vitor me apresentou aos seus amigos, e outros dois, mas eram amigos próximos do meu irmão, eu já conhecia.

— Uma pena que todos eles sejam amigos do meu irmão.
— Eu lamentei, me sentando num banco alto, próximo ao balcão. O apartamento era relativamente pequeno, os móveis exibiam uma decoração moderna, toda em preta, a cozinha conjuntada americana era ainda menor. Os meninos jogavam no Xbox, enquanto outros bebiam e uma música animava o lugar. — Nunca vou poder ficar com ninguém.

— Fica comigo. — O Vitor sorriu docemente, e eu bufei um riso, tomando seu copo, bebericando um pouco do uísque.

— Não posso. — Eu sorri de volta, bebendo um gole longo da bebida.

— Vai com calma, Anna. — Ele pediu, me tomando o copo. — Não quer um coquetel de frutas?

— Eu quero um desse. — Eu pedi, pegando o copo de volta, e ele riu, negando com a cabeça. — Como cê conheceu a Mayara?

— Eu conheci o Nicolas primeiro. Daí eu estava começando aqui, achei legal me enturmar.

— Porque não ficou com a May? — Eu perguntei curiosa, porque nunca tínhamos entrado nesse assunto.

— Eu queria, ela é linda, esperta. Mas logo depois ela se desinteressou. Quem sou eu pra forçar alguém. — Ele deu de

ombros, e eu bufei um riso, negando com a cabeça. Óbvio que o desinteresse dela no Vitor era equivalente ao interesse dela no Nicolas.

— Oi, boy! – Uma morena alta, magra, relativamente bonitinha falou antes que eu dissesse algo ao Vitor. Ele sorriu, a cumprimentando com um beijo no rosto. Ela sussurrou algo para ele, me deixando intrigada, curiosa, e acenou um sorriso para mim, saindo.

— Oi, boy! – Eu imitei, rindo desdenhosa, e ele me olhou arqueando uma sobrancelha. – Bonitinha.

— Demais. – Ele concordou, balançando a cabeça e então ficamos em silêncio. O Vitor se escorou ao balcão, olhando o movimento do apartamento, enquanto eu o olhava. Logo as lembranças do beijo que eu dei nele voltaram, me assombrando, porque era uma vontadezinha maldita. E eu já havia ponderado que qualquer pensamento insano relacionado a ele deveria ser banido.

Antes que retomássemos algum dialogo, a morena bonitinha voltou, e eles foram para a sacada. Eu me apossei do copo do Vitor, e fiquei ali, me embriagando de uísque.

Meia hora depois, eu estava cansada de não fazer nada, e saí do apartamento, tentada a ir à casa dos meninos, porque era bem em frente. Eu desisti ao ver a Mayara e o Nicolas saindo da casa. A minha primeira reação foi procurar algum lugar para que eles não me vissem, mas logo desisti e fiquei os olhando. Ela vestia um moletom dele, que ficara imenso nela, e ria. Ele estava sério, mexendo no celular. Para completar o meu momento de sorte exacerbada, o carro do

Nicolas estava do lado oposto, ou seja, eles atravessariam e me veriam de qualquer maneira.

— Oi. – A Mayara falou, balançando a mão que estava entrelaçada na Nicolas. Eu apertei os lábios, engolindo a sensação amarga e a dormência que me sucumbia, e tentei sorrir. – O Breno está em casa, sei lá, caso você queira vê-lo.

— Eu estava te procurando, amor. – Eu estava analisando o meu ex, que ergueu a cabeça rapidamente, quando a voz rouca do Vitor ecoou. Eu olhei pra trás, vendo o Vitor sorrir, ao se aproximar, e passar um braço em volta da minha cintura, repousando a mão em meu quadril. – Veio fazer o que aqui? – Ele perguntou docemente, beijando minha cabeça, e tudo soava tão engraçado, irônico.

— Sei lá. – Eu falei baixinho, e ele sorriu, descendo o olhar até as mãos entrelaçadas dos dois a nossa frente.

— Nós já estamos indo. – O Nicolas falou, se soltando da Mayara. – Felicidades ao casal. – O seu tom sarcástico me arrancou um riso, e ele destravou o carro, entrando ali sem esperar pela May. Ela nos lançou um sorriso apertado, antes de seguir o seu... Sei lá o que eles eram.

— Tipinho desprezível. – O Vitor falou enojado.

— Devo dizer obrigada? – Eu perguntei desconfiada, e ele deu risada, me virando de frente para ele, nos empurrando até que eu trombasse na grade do prédio. Era pequeno, de apenas três andares e o seu apartamento ficava no último. – Não vou ficar contigo, Vitor. – Eu falei, enquanto ele se curvava para aproximar nossos rostos. – Não força. – Eu pedi, deixando meu olhar teimoso em sua boca, e ele riu, talvez do meu tom falho, e aproximou mais nossos lábios, me provocando, ao roçá-los, mordendo levemente, enquanto uma

de suas mãos estava firme em minha nuca. No momento em que eu fechei os olhos para correspondê-lo, o meu celular vibrou, insistentemente, umas oito vezes seguidas. Eu sorri, cedendo aos seus selinhos, procurando o celular no bolso interno da jaqueta, o afastando para olhar.

— Espera. — Eu pedi, e ele bufou um riso, se sentando no chão, escorado a meia parede que suportava as grades. Eu o olhei, e acabei fazendo o mesmo. No meu celular, havia mensagens no whatsapp, da Mayara e do Nicolas.

“estão juntos, é?” — Eu arqueei as sobrancelhas, mas nem respondi.

As do Nicolas soavam engraçadas.

“olha a porra de consideração que você tem”

“em pensar que eu dediquei meses da minha vida pra uma pessoa que nem se importa”

“ele é um merda”

“porra, e tu ainda dizia que me amava”

“depois de toda essa merda eu não imaginava que você fosse capaz, anna.”

“faz isso, vai pra cama de outro cara, me esquece de uma vez”.

Eu gargalhei ao terminar de ler. Não ia renegar a sensação vitoriosa que me dominava. Não por ele mandar essas coisas esdrúxulas e sem nexos. Mas por ela ter cegado e focado somente nele, e ele mandar essas coisas esquisitas e sem nexos.

— Que? – O Vitor perguntou confuso.

— Olha, a gente devia entrar. – Eu pedi, enquanto digitava.

“vc é engraçado, amor”.

Eu enviei.

— Ele acha que é teu dono. – O Vitor falou pensativo. – Tá com a tua melhor amiga, e ainda quer tirar satisfação.

— Ele foi um bom namorado.

— Seu irmão falou. – Ele assentiu. – Obediente e tudo mais, e você nem aí.

— Ai, mas que chata essa coisa de viver em função de um namoro. – Eu reclamei. – Não nasci pra isso, então.

— Daí ele volta querendo conversar e você vai.

— Por isso eu to pedindo pra gente entrar. – Eu falei o óbvio. – A ocasião faz o ladrão, nunca ouviu falar? Se ele voltar querendo conversar, eu vou. Se ele tentar ficar, eu vou. Se a gente entrar agora essa coisa toda será impedida. –

Eu expliquei, me levantando e o ajudando a levantar.

— Pelo menos você assume que ainda o quer. — Ele apertou os lábios. Uma vergonha repentina me dominou, porque nós estávamos prestes a dar um amasso, e eu aqui, deixando claro que de alguma maneira ainda desejava o meu ex. Eu também o desejava, era tão óbvio e complicado. Quando voltamos para o apartamento, meu irmão me lançou um olhar significativo, mas eu apenas apertei os lábios, encolhendo os ombros e fui até ele.

— Eu tenho muita pena do Vitor. — Ele falou, deixando escapar um risinho. — Muita mesmo.

— Eu não tenho culpa da Mayara ser afim dele. — Eu falei, bancando a desentendida. — E o Nicolas é um bocó.

— Claro que é.

O pessoal começou a ir embora pouco depois das duas da manhã, eu me joguei no sofá, observando o Vitor pegar as coisas e levar para a cozinha. Meu irmão e a Luana estavam no quarto, e eu não preciso mencionar o que eles provavelmente estavam fazendo.

— Em fim, sós. — Ele brincou se jogando ao meu lado, quando terminou e eu sorri fraco. — Com sono?

— Muito. — Eu falei dengosa, colocando minhas pernas em seu colo. — Você poderia me levar em casa, né? Meu irmão deve tá...

— Vem ver TV comigo, amanhã cedo eu te levo em casa. — Ele sugeriu, se levantando e me puxando pelas mãos. — Eu bebi bastante, não posso arriscar tua segurança. — Ele completou e eu dei risada para o seu cinismo. Eu o segui até

seu quarto, era grande, comparado ao resto do apartamento. Eu fui direto para sua cama, e tirei as botas, subindo mais e me agarrando ao travesseiro.

— Às vezes você é fofa. — O Vitor falou, indo até o guarda-roupa, pegando um edredom, e me cobrindo.

— Vai aonde? — Eu perguntei, quando ele ameaçou sair do quarto.

— Pegar um colchão de ar na despensa. — Ele falou confuso, e eu sorri.

— Deita aqui comigo vai, tá com medo? — Eu perguntei zombeteira, e ele suspirou, relaxando os ombros e tirou os sapatos antes de subir na cama, e se deitar comigo. Ele ligou a TV, e deixou num canal de desenho animado, mas nem demorou a dormir. Eu o analisei, a sua barba por fazer, a expressão serena, e como meu irmão sempre dizia, eu não devia nunca dar corda às suas investidas. Porque ele era tão doce, e direto e decidido. Eu tão fria, confusa, inconstante. Eu sorri ao descer o olhar para os seus lábios, tão macios e tentadores, ainda corri o polegar, os contornando, contendo a vontade de encostar os meus ali, e era tão patético. Em seguida desci o olhar pelo seu corpo, sua camisa estava levantada, exibindo o abdome definido, mas não muito, eu ousei e desci mais o olhar, o parando... *Lá*. Eu me censurei por ter pensamentos tão desequilibrados, e me deitei na cama, fitando o teto, tentando focar na luz, mas os pensamentos que me dominavam eram de como ele seria na cama e pior, estávamos na mesma cama. Um calafrio percorreu meu corpo ao imaginar como seria a sensação maravilhosa de sentir seus lábios em meu corpo, de senti-lo em mim, de... Eu fiz uma carranca, eu era realmente uma maníaca desequilibrada.

Capítulo 06

Na manhã seguinte, o Vitor foi me deixar em casa, porque meu irmão não esperou por mim. Na verdade ele nem sabia que eu havia dormido fora, também. Eu me sentia envergonhada ao olhar para o Vitor, porque eu o havia estuprado mentalmente. Ele me perguntou se estava tudo bem, três vezes durante o trajeto até minha casa, e eu apenas assentia, murmurando um “*hu-hum*”.

Quando eu entrei em casa, meu pai avisou que eu tinha visita, o que era confuso. Eu ainda alfinetei a sua boa aparência de quem havia tido uma noite excepcional, e ele devolveu me jogando na cara que além de não ser dona do meu próprio nariz, eu havia dormido fora de casa sem avisar.

Ao entrar no meu quarto, eu dei de cara com o meu ex. Eu tomei um susto, imaginando um suicídio por tanta sorte. Como se não bastasse querer loucamente fazer sexo com um amigo do meu irmão, que coincidentemente era um ex-futuro affair da minha ex-melhor amiga, eu teria que enfrentar o meu ex, que estava tendo um romance com a minha ex-melhor amiga.

— Nós precisamos conversar. – Ele falou enfático, irredutível.

— Meu Deus – Eu falei, tirando a jaqueta e jogando as botas no chão. – Conversar o que, pelo amor?

— Que palhaçada foi aquela em frente a minha casa

ontem? – Ele perguntou prepotente, e eu o encarei arqueando uma sobrancelha.

— Não entendi. – Eu afirmei, descendo o zíper traseiro do meu vestido.

— Não é hora de provocar, Anna. Eu quero conversar com você! – Ele falou irritado, nervoso e eu sorri docemente, descendo o vestido, que caiu sobre os meus pés.

— Desculpa, mas eu não estou te provocando. – Eu falei lentamente, e ele bufou um riso, correndo as mãos do rosto até a nuca, voltando o olhar ao meu corpo. – Cadê sua namorada? – Eu perguntei inocentemente, sorrindo.

— Eu não tenho. – Ele resmungou, descendo o olhar pelo meu corpo, analisando lentamente, até me encarar firme, retomando a posição do ex-vítima que queria irredutivelmente conversar. – A gente termina e você acha que pode ficar com outro!

— Eu esperava um argumento mais plausível, Nic. Nós terminamos há mais de dois meses, você estupidamente está transando com a minha melhor amiga, e agora quer dar chlique por causa do Vitor? – Eu perguntei o encarando, que abriu a boca duas vezes, mas desistiu de falar. Eu sorri para ele, por tê-lo deixado sem resposta. – E eu não acho, eu posso ficar com outro.

— Eu te amo, Anna, isso não conta?

— Não. – Eu respondi desinteressada, pegando uma toalha.

— Anna – Ele chamou enquanto eu ia para o banheiro, mas eu não o respondi. Deixei a porta aberta de propósito, imaginando que a sua intenção fosse me induzir ao sexo,

porque eu também queria sexo, mas eu tomei um banho demorado e ele sequer apareceu no banheiro. Eu saí me sequei e me vesti na frente dele, que olhava atento, mas sequer levantou.

— Não ache que você é só sexo, porque não é. – Ele falou, como se me conhecesse o bastante e estivesse ciente da minha provocação. – Eu to disposto a tentar de novo.

— Vai embora, Nicolas.

[...]

Quando o Nicolas foi embora, eu fui para o quarto do meu irmão, pronta para ouvir suas broncas.

— Não falo mais nada sobre isso. – Ele falou entediado, focado num livro da faculdade. – Dormiu aonde?

— Com o Vitor. – Eu falei baixo, e ele abaixou o livro, me olhando assustado. – Não fiquei com ele.

— O Nicolas tá se saindo muito esperto, fica contigo, vai lá, fica com ela.

— Não fiquei com ele. – Eu dei de ombros, me sentando a beirada da cama. – Você fica com a Luana e outras... – Eu falei, mesmo que há tempos eu só o visse com a loira.

— Não fico com nenhuma amiga dela.

Eu passei o resto do sábado enfurnada no meu quarto, ignorando as mensagens melosas do Nicolas. Era quase

quatro da tarde, e eu estava quase dormindo quando a Mayara mandou uma mensagem no whatsapp.

“vai ficar sem falar comigo é isso?”

“to sem falar com ngm”

Eu enviei, mordiscando o lábio inferior.

“tudo isso por causa do Nic?”

“claro que não”

“certeza, Anna? Custa falar que tu ainda gosta dele?”

Ela mandou e eu deixei escapar um riso. Logo em seguida chegou outra.

“ou parar de ir atrás.”

Eu franzi o cenho, confusa.

“ir atrás de quem?”

“do Nic”

“oi?”

Eu enviei, sabiamente percebendo o joguinho duplo do Nicolas. Eu ainda dei risada, porque ele estava fazendo a parte dele, queria as duas. De qualquer maneira, ele nunca forçou ninguém a nada. Era um idiota completo, manipulador abusivo.

“parar de ir atrás, só isso. Ou tu volta de uma vez, ou sai, ele só acha que você gosta muito dele pra te ignorar”

“hum, ok.”

Eu mandei, saindo dali e discando o número do Nicolas. Ele atendeu na primeira chamada.

— Fala meu amor. – Ele falou docemente. – Saudade, já?

— Claro, meu amor. – Eu falei, controlando o tom da voz, para parecer doce. – Mas eu só queria pedir desculpa.

— Reconhecendo os erros, que bonitinha. – Ele brincou. – Se fosse assim, não teríamos terminado.

— Não é? Desculpa, por sei lá, estar indo atrás de você. Importunando, incomodando o seu negócio com a May. Porque talvez você tenha medo que eu não suporte o nosso fim, e tenha que vir conversar toda vez que eu te ligo, ou mando mensagem.

— Pirou Anna? – Ele perguntou confuso, dando um riso.

— Você não me viu pirar, Nicolas. E, por favor, só

esquece que eu existo. – Eu resmunguei antes de desligar.

Ele retornou a ligação, quatro vezes seguida, mas eu ignorei. Era muito óbvio falar essas coisas para ela. Era muito prático colocar a culpa em outra pessoa. Eu ainda ri de mim, da minha burrice.

— Não que o Nicolas seja um santo, mas qualquer idiota percebe que o único dependente emocional nesse rolo de vocês, é ele. – Meu irmão falou escorado à porta do quarto. Eu o olhei, cansada. – Você ficou abaladinha quando terminaram o que foi uma surpresa, porque ninguém imaginava que você sentia algo por ele.

— Que?

— A Mayara tá de quatro por ele, já perdeu você, vai perdê-lo, Anna? – Ele perguntou, como se me ajudasse a ligar as coisas.

— Isso é demais, eu não consigo assimilar. – Eu falei angustiada, me sentando à beirada da cama, escondendo o rosto entre as mãos. – Que inferno, eu só faço merda por causa dessa confusão.

— Eu já disse, não fica mais com ele, mas você só faz o que você quer.

— Eu não fiquei com ele de novo, droga!

[...]

No domingo eu fui jogar boliche com meu irmão, o Vitor e a Luana. Eu agora tinha mais vergonha ainda de olhar para

o Vitor, porque eu vinha nos imaginando incansavelmente. Era repugnante quando eu parava para parar meus pensamentos. Eu era muito desequilibrada por me permitir pensar e fazer esse tipo de coisa.

— Tá estranha. – Ele comentou, passando um braço sobre meus ombros, enquanto íamos até a lanchonete. – Tudo bem? – Ele perguntou e eu sorri, assentindo.

— Você é muito bonitinho dormindo. – Eu falei, quando nos sentamos, tentando levar aquela noite para um lado inocente. Trazendo-a para a realidade. Toda a malícia que acontecera ali não passava de imaginação, logo ele não fazia ideia dos meus pensamentos absurdos.

— Me observando... – Ele ponderou. – Eu converso dormindo?

— Sim, você disse duas vezes que não vive sem mim. – Eu brinquei, e ele riu. Nós conversamos aleatoriamente, e eu acabei indo para o seu apartamento com ele, porque eu o fiz comprar the sims para o Xbox.

— Vou te visitar todo dia só pra brincar. – Eu falei animada, enquanto ele colocava o jogo. Ele mexia no celular, enquanto eu estava distraída com o jogo. Já passava das dez da noite, quando pedimos pizza e fomos ver um filme. Meu irmão ligou para o Vitor três vezes, o proibindo de encostar em mim, o que era engraçado. Ele ainda argumentou que não era por mim, e sim pela segurança dele.

— Quem vê assim acha que tu é masoquista ou que teu irmão vai me matar. – O Vitor falou, tirando a camisa e se deitando ao meu lado na cama. Eu sorri docemente para ele, me aconchegando ao seu corpo quente. Para variar, ele dormiu no meio do filme.

Era uma comédia romântica, que eu deixei de lado para olhá-lo dormir. Eu fiz uma nota mental de parar de ficar a sós com ele, principalmente em seu apartamento.

Eu não cedi aos meus pensamentos maliciosos desta vez, embora tenha acariciado seus lábios entreabertos, e ido mais além, roçando os meus ali, sentindo um calafrio percorrer meu corpo, e um calor em meu baixo ventre, denunciando mais uma vez o meu desejo.

Eu era tão impura. Isso era tão vergonhoso. Pressionei meus lábios nos dele que se mexeu, então eu me afastei num susto. Rindo da minha audácia.

Eu voltei a ver o filme, mas desta vez, acabei pegando no sono.

Capítulo 07

Acordei com um toque estridente no celular, e tateei a cama, até alcança-lo. Era o meu irmão, e eram seis e meia da manhã. Eu silencieei a ligação, e em seguida o celular e me aconcheguei contra o Vitor, puxando o edredom para nos cobrir. Acordei novamente pela manhã, às dez e meia, e pude ouvir gritos. Levantei e fui até a porta para ouvir. A voz era do meu irmão, e eu não entendia o porquê desta sua superproteção com o Vitor e eu. Ele deveria me defender disso tudo, porque se o Vitor não fosse esse maldito gostoso, eu nunca iria querer abusar dele.

Eu saí do quarto e fui até o banheiro, onde lavei meu rosto, e a boca. Prendi o cabelo em um coque, e fui até a sala. Meu irmão estava próximo ao balcão e o Vitor na cozinha, com a cara de sono e vestido apenas numa bermuda.

— Eu vim te buscar. — O Rodrigo falou irritado, e eu sorri para ele. — Você é louca, Anna.

— Porque exatamente, eu sou louca? — Eu perguntei calmamente. Meu pai sempre costumava dizer que eu era boa em argumentar, e usava da minha falsa calma para desestabilizar as pessoas numa discussão. O que deixava tudo ainda mais fácil.

— Não se faça de lerda, eu não vou ter essa conversa aqui. — Ele resmungou.

— Eu não fiquei com o Vitor, se é isso que você está pensando. — Eu falei, calmamente, e ele bufou um riso

irônico. – E também não estou iludindo ele. Nem mandando nele, ele é difícil. – Eu brinquei, e o meu irmão riu, incrédulo pela minha cara de pau. – Diz pra ele, Vitor, só eu levo bronca?

— Se fosse pra ouvir essa merda toda, que a gente pelo menos tivesse feito algo. – O Vitor falou confuso e sonolento.

— Vocês acham que eu sou trouxa. – Meu irmão aumentou o tom, saindo do apartamento. Eu apertei os lábios, acenando para o Vitor.

Encontrei meu irmão já em seu carro, ele digitava algo no celular, mas parou ao ouvir a batida da porta, quando eu entrei.

— Porque esse ciúme todo do Vitor? – Eu perguntei confusa.

— Eu não me meto mais, Anna, nem pra aula tu foi hoje. – Ele falou enfático, ligando o carro. – Quebrem a cara, eu não me meto mais. – Ele repetiu pausadamente.

Pela tarde eu senti falta da Mayara, porque queria ter alguém para compartilhar as minhas insanidades relacionadas ao Vitor. E alguém para xingar o Nicolas. E alguém para falar o quanto a Mayara era uma vadia por abdicar da nossa amizade. Ou talvez eu tenha feito isso. A Sofia não era uma cogitação, porque ela nunca foi uma amiga para mim, realmente.

Quando eu saí do quarto, encontrei meu pai e o Nicolas

na sala, conversando. Eu franzi o cenho para a cena confusa.

— Oi – Eu falei, chamando a atenção e meu pai sorriu.

— Fico feliz que estejam se acertando. – Ele falou, estendendo a mão, que eu segurei, me deixando ser guiada até sentar ao seu lado.

— Você deveria me proibir. – Eu falei o óbvio. – E nós não estamos nos acertando.

— Como não, Anna? – O Nicolas perguntou, como se eu fosse doce o suficiente para compactuar com o seu teatro na frente do meu pai.

— Não, você contou ao senhor Everton que está saindo casualmente com a Mayara? – Eu perguntei desentendida, lançando um sorriso doce ao meu pai, que ainda sorria, mas franziu o cenho.

— Anna, isso não tem importância. – O Nicolas falou desconcertado. – Se ela fosse tua amiga não teria aceitado nada.

— Mas a discussão em pauta agora é você, meu bem.

— Você não contou ao seu pai que está dormindo casualmente com o amigo do seu irmão? – O Nicolas devolveu, e eu dei risada, porque, ah como eu queria estar fazendo isso.

— É esse o tipo de namorado que você quer pra sua filha, pai? – Eu perguntei indignada. – Se ele é capaz de me difamar para você, imagina o que ele não fala para os amigos dele? – Eu falei, afastando o assunto. Eu poderia discutir isso à sós com meu pai. – Nicolas, para de ser infantil e aceita que acabou. – Eu falei, mas ele havia pegado uma caixinha de veludo, a abrindo, me analisando como se

pudesse me comprar. Ele sabia que meu pai adorava esse tipo de mimo, porque segundo ele, quando um homem se propõe a gastar alto com joias, ela não era só mais uma.

— A Mayara vai adorar. – Eu resmunguei, nem olhando direito o par de brincos, e levantei seguindo para a cozinha. Meu pai ordenou para que eu voltasse, mas eu o ignorei.

Estava colocando pipoca no micro-ondas, quando meu pai entrou na cozinha.

— O rapaz gosta de você. – Meu pai afirmou. – E que amigo do Rodrigo você tá ficando?

— Nenhum.

— Anna – Ele reforçou, e eu bufei um suspiro.

— Nenhum, que droga. É ciúme do Nicolas. É infantilidade dele. Ele tá com a Mayara, ele – enfatizei. – terminou comigo por causa dela. Ele só está assim agora porque me viu com outro.

— Outro quem, Anna? – Ele perguntou impaciente.

— Mas que droga! – Eu aumentei o tom. – O que? Eu vou ter que namorar o idiota do Nicolas porque ele quer me agradar com brincos caros?

— Você é inconsequente como a sua mãe. – Ele falou vencido a desistir e saiu.

Capítulo 08

Na segunda à noite o Vitor mandou uma SMS avisando que estava lá em baixo me esperando. Meu irmão me encheu de sermões e disse mais uma vez que desistia de argumentar. E que não estaria lá para quando eu quebrasse a cara. Ou ele. Eu deixei claro que não ficaria com o Vitor, mas ainda sim, fui lá passar a noite com ele.

E assim foram seguindo os dias, eu passava o dia com as minhas ocupações, e a noite, passava com o Vitor. E não trocávamos um beijo sequer. Tecnicamente eu abusava dos seus lábios durante a noite, mas não era realmente um beijo. Eu imaginava noites maliciosas ao seu lado, mas isso nunca seria real, e eu estava conformada, ou não. Não pensava sobre o quanto eu realmente queria.

Na manhã da quarta-feira, quando eu desci com o Vitor para irmos à aula, demos de cara com o Nicolas, com uma mochila nas costas e falando no celular. Ele parou ao nos ver, eu parei ao vê-lo, mas ele seguiu para o carro, saindo dali rapidamente.

— Têm se falado? – O Vitor perguntou quando eu entrei no carro. Ele mexia no som, passando as músicas, a procura de uma que lhe agradasse.

— Não. – Eu limitei a responder, mas era uma verdade.

Quando eu saí da sala, na última aula encontrei o Breno

escorado a porta.

— Você não pode estar aqui. – Eu falei, enquanto ele me dava um beijo no rosto. – Veio ver a May?

— Vim ver você.

— Hum... – Eu murmurei desconfiada. – Fiz algo?

— Tá saindo com o Vitor? – Ele perguntou, e eu o encarei, contendo o riso. – Tem dormido com ele esses dias...

— Sim, mas não estamos tendo algo. – Eu falei, deixando que ele entrelaçasse nossos braços. – Não estamos ficando.

— Difícil.

— Não estou mentindo, também. – Eu falei.

— Acha isso certo?

— Porque a Mayara era afim dele? – Eu perguntei, e ele não respondeu. – Não to ficando com ele. Mas é certo ela ficar com o Nic?

— Ela só ficou com ele porque você disse que não se importava. – Ele falou, e eu o olhei, entediada, indisposta a discutir isso de novo.

— Olha,tudo bem. Eu não to ficando com o Vitor, e nem com ninguém.

— Carona pra casa? – Meu irmão perguntou, e eu assenti, me despedindo do Breno com um aceno.

— Que ele queria? – O Rodrigo perguntou quando entramos em seu carro.

— Sondar.

— E aí?

— Eu não estou ficando com o Vitor, e pelo amor de

Deus, Rodrigo, quantas vezes eu escondi algo de você? – Eu perguntei malevolente.

— Eu só não to entendendo essa sua proximidade repentina, Anna. Se não estão ficando, e não vão ficar, pra que isso?

— Eu não sei se você percebeu, mas os meus amigos estão me colocando como uma vadia.

— Você se afastou deles, Anna. – Ele ponderou entediado.

— Como eu ia continuar com eles? – Eu perguntei indignada, e ele deu um riso, negando com a cabeça.

Meu pai esteve em casa à noite e conseqüentemente, eu não pude sair. Foi uma surpresa para o Rodrigo, porque ele estava com a Luana, e meu pai agiu como se os dois fossem namorados.

— Aproveitando o clima de romance, eu queria apresentar uma pessoa pra vocês. – Meu pai comunicou, olhando somente o meu irmão, e eu revirei os olhos. – E eu espero que você tenha tido uma conversa sensata com o Nicolas, Anna.

— Sim, está tudo bem se eu topar ser uma amante. Porque eu já falei mil vezes: ele está com a Mayara! – Meu tom foi aumentando gradativamente, enquanto eu falava pausadamente a última frase. Meu pai olhou para o Rodrigo, que apertou os lábios.

— Isso é verdade? – O Sr. Everton finalmente perguntou algo sensato, e meu irmão assentiu. O resto do jantar seguiu em silêncio, e após uma sobremesa, o Rodrigo foi levar a

Luana em casa.

— Eu mereço um pedido de desculpas, só acho. – Eu falei, levando as coisas para a pia.

— Não vamos mais discutir esse tipo de coisa, eu só espero que você não faça mais alguma merda. – Meu pai falou, se retirando.

Eu fui surpreendida ao entrar no facebook, porque havia uma foto da Mayara com o Nicolas. Tudo bem que eles tinham várias fotos juntos, assim como eu tinha com outros amigos, e eles eram, mas agora era diferente.

Dormi cedo, me sentindo estranha por estar na minha cama.

No dia seguinte, o Vitor veio estudar com meu irmão e a Luana, e eu fui assistir Sherek, porque era fofo.

— Opa – O Vitor falou ao entrar no quarto. – O intuito era estudar, mas adivinha o que teu irmão e a Lu, estão fazendo!

— Claro, pra variar. – Eu neguei com a cabeça, me sentando direito na cama.

— Senti tua falta essa noite. – Ele falou, se sentando à beirada da cama, e eu sorri fraco. Eu também, ainda mais de abusar da boca dele, o que era um segredo.

— Meu pai está meio bravo, Nic esteve aí querendo me queimar.

— O cara é egoísta, hein.

— Eu gostava dele. – Eu resmunguei. – E então, vai fazer o que hoje?

— Marquei com uns amigos. – Ele deu aquele sorriso torto, me fazendo sorrir também.

— Meu irmão vai também? – Eu perguntei desconfiada, e ele deu um risinho, negando com a cabeça. – Hum, bom encontro.

— Não é um encontro. – Ele falou como se fosse o óbvio.

— É a moreninha?

— Você é muito doida. – Ele falou suavemente, tranquilo. – Eu marquei com uns amigos.

— Ok, bom passeio com seu amigo. – Eu falei, presunçosa, e ele riu. – Somos amigos, não tem porque esconder isso de mim, só me deixa irritada. O que é uma droga, eu tenho uma intuição muito aguçada.

— Percebi. – Ele falou consciente de que havia se entregado. – Por isso teu ex não te traía.

— Não coloco minha mão no fogo não, hein. Mas de qualquer maneira, eu percebia pelas curtidas de foto no facebook, quando ele se interessava por alguém.

— Daí pirava com o cara. – Ele presumiu, mas eu neguei com a cabeça, rindo.

— Não, bem, eu mandava uma mensagem pedindo para ele *descurtir* a foto e a menina, senão estava tudo acabado. – Eu falei, envergonhada pela minha prepotência, porque isso também havia colaborado para o fim.

— E você, vai fazer o que hoje?

— Estudar. — Eu sorri fraco, adiantando o filme para o final.

— Se quiser ajuda, eu cancelo com os caras. — Ele sugeriu e eu sorri, o encarando.

— Não quero atrapalhar o seu encontro.

Eu odiei não querer atrapalhar o encontro do Vitor, porque eu tive um ataque de insônia e meu irmão e a Luana se mantiveram trancados no quarto, sendo que, ele saiu apenas uma vez para buscar comida.

Já passava da meia noite quando o Vitor mandou uma mensagem.

“acordada?”

Eu ponderei responder, porque há essa hora ele já devia estar livre do encontrozinho.

“estudando, haha”

“ah, continue, quero atrapalhar não, bjao”

Eu dei risada ao ler o beijão, porque eu o beijava enquanto ele dormia. Esse tipo de coisa deveria ser crime, para quem sabe assim, eu me proibisse de fazer.

[...]

Os dias passaram enfadonhos. Eu não tinha um namoro para fazer durar, e nem amigos para me ocupar. O que me obrigava a focar nos estudos.

Era uma manhã fria quando eu acordei com uma ligação do Nicolas. Eu hesitei, mas acabei atendendo.

— Sabe que dia é hoje? – Ele perguntou e eu franzi o cenho.

— Sexta-feira?

— Dois de maio. – Ele falou, como se isso devesse me lembrar de algo.

— E daí?

— Poxa, Anna. – Ele reclamou. – Hoje faríamos um ano.

— Ah, que triste. – Eu falei confusa, me virando de bruços para olhar as horas no relógio na cabeceira da cama. – Eu ia me lembrar. – Eu falei, diante o seu silêncio. – Ah, Nic, pelo amor de Deus.

— Tudo bem. – Ele falou tristemente, e eu deixei escapar um risinho. – Será que a gente pode se ver hoje?

— Adoraria. – Eu falei. – Mas eu já tenho um compromisso.

— Anna...

— Outro dia a gente vê tá bem? Vou levantar que eu tenho aula, beijo.

Eu desliguei, e levantei. Vesti uma calça jeans, e um suéter preto. Prendi o cabelo que estava oleoso em um coque frouxo e fiz uma maquiagem básica. Calcei um sapatênis dourado, mas nada chamativo e fui até a cozinha. Comi uma maçã, enquanto esperava pelo meu irmão, mas meu pai apareceu na cozinha, junto com uma ruiva alta, muito bonita.

— Bom dia, amor. — Ele falou pra mim, que forcei um sorriso. — Essa é a Cristiana. — Ele falou, esperando que eu levantasse para cumprimentar a mulher, mas eu não o fiz, então ela veio até mim, beijando minha cabeça.

— Seu pai fala muito de você. — Ela falou, toda simpática, mas eu só sorria. — Minha filha cursa direito, também, mas não na mesma universidade, quem sabe não se tornam amigas.

— É. — Eu falei, desdenhando o olhar repreendedor do meu pai. — Eu já vou indo, senão chego atrasada.

Eu me arrependi de não ter esperado meu irmão, por causa do frio. Mas encontrei o Vitor assim que saí do prédio. Ele mexia no celular, quando eu me aproximei.

— Tudo bem? — Eu perguntei, e ele me olhou assentindo.

— Eu só preciso que seu irmão devolva o livro de Anatomia. — Ele falou apressado. — Pode pegar pra mim?

— Espera. — Eu falei entediada, voltando para o apartamento. Bati insistentemente na porta até meu irmão vir abrir, resmungando. Ele estava enrolado numa toalha apenas, e me passou o livro, fechando a porta rapidamente. Eu o entreguei ao Vitor, recusando a sua carona.

— Você tá me evitando. — Ele falou pensativo. — Te fiz algo?

— Não. – Eu franzi o cenho.

— Então o que está acontecendo?

— Nada, Vitor. –Eu falei o óbvio.

— Se vamos para o mesmo lugar, porque você não pode ir comigo? – Ele perguntou desconfiado, e eu entrei no carro. – Vai me contar?

— Eu não quero atrapalhar os seus encontros. – Quando eu pensei em parar meus pensamentos, eles já haviam saído e o Vitor deu risada.

— Não era um encontro, eu estive com a moreninha magrinha, mas não só com ela.

— Isso não é da minha conta. – Eu falei, desconcertada, mexendo no som. –Só que garota nenhuma gosta que um cara durma com uma amiga.

— Sim, uma namorada tem o direito de não gostar. – Ele complementou. – E quando um cara começa um namoro tem que saber os limites de uma amizade.

— Pois é.

— Mas esse não é o meu caso, Anna. – Ele falou descontraído. – E então, pode parar pra tomar café comigo?

— Se fosse pra chegar atrasada, eu teria esperado meu irmão. – Eu reclamei. – Mas vamos.

O Vitor parou numa padaria perto da faculdade, mas estava cheia. Eu acabei pedindo um x-bacon, e um suco de laranja. Ele um sanduiche natural e um suco de acerola.

— Hum, dieta? – Eu perguntei presunçosa, e ele riu, negando com a cabeça.

— Eu gosto de comer coisas saudáveis. — Ele falou descontraído, mexendo no meu celular.

— Não é o que a gente pensa quando vê a sua geladeira. — Eu alfinetei, e ele riu. — Tá o que? Malhando?

— Mas é chatinha, hein — Ele reclamou, cruzando os braços ao se escorar na cadeira, me olhando.

— Onde você conheceu a moreninha? — Eu perguntei, e então a garçonete trouxe o nosso lanche.

— Amiga da Lu. — Ele falou, pegando o seu sanduíche.

— Hum, bonitinha ela.

— Sim, você já disse isso. — Ele falou entediado e eu torci os lábios. — Eu costumo ter bom gosto.

— Hum — Eu resmunguei, porque isso me trouxe o pensamento de que ele queria a Mayara.

Nós comemos em silêncio, porque eu cortei qualquer assunto que ele tentava iniciar.

— Meu Deus, você tem o que? — Ele perguntou impaciente, quando voltamos pro carro.

— Eu não tenho nada.

— Anna! — Ele bronqueou e eu ignorei. Estávamos em frente a faculdade, mas ele não parou. Eu o olhei irritada, mas não questionei, porque era óbvio que ele esperava por isso. — Eu te fiz algo?

— Não! — Eu falei, gesticulando. — Que droga, o que você poderia ter feito?

— Eu não sei, inferno! — Ele resmungou. — Você é louca. — Ele constatou, negando com a cabeça. — Louca.

— Ótimo, agora você pode, por favor, me deixar na faculdade? – Eu perguntei aumentando o tom, mas fui ignorada. Eu também não retruquei mais, logo notando que estávamos indo para o seu apartamento. Também não desci do carro, o que o fez me tirar a força.

— Daí a louca sou eu! – Eu falei irritada, ignorando os olhares do casal que saía do prédio. O Vitor me arrastou pelas escadas, abrindo a porta do apartamento e me empurrando para dentro. Ele empurrou a porta, que bateu com força e me forçou contra a mesma, correndo uma mão por entre o meu cabelo, tombando minha cabeça pra trás, deixando nossos rostos próximos.

— Não vai me dizer o porquê dos teus chiliques? – Ele arfou, mas eu não respondi, minha respiração estava acelerada, assim como o meu coração, por causa da adrenalina de brigar com um cara sem o menor motivo.

— Você não me fez nada, eu juro. – Eu falei baixinho, com a voz toda falha, porque era fácil demais controlar uma vontade de algo que eu só desejava. Ter levaria o meu plano de não ficar com ele pelo ralo. Eu nunca nem parei pra pensar o porquê de me proibir isso, o que ele havia me feito afinal? Talvez fosse aquela coisa, a Mayara queria primeiro, isso me inibia. Soaria vingança, de qualquer maneira. Eu me mantive o encarando, que parecia aturdido, confuso, tentando a me beijar, ou não. Era como se ele me lesse, o meu medo, a minha confusão. – Vitor. – Eu sussurrei, com a respiração mais calma, longos segundos depois.

— Se eu não conhecesse o teu irmão, diria que isso foi um ataque de ciúme. – Ele falou, finalmente, e eu franzi o cenho, descartando totalmente a sua sugestão.

— Eu estou na TPM. — Eu falei, e ele deu um risinho, se afastando. — Não é você o problema.

— Claro, claro. — Ele assentiu sarcástico, indo até a cozinha. — Você tira qualquer pessoa do sério.

— Isso quer dizer o que? Você não conseguiu levar a bonitinha pra cama e tá frustrado? — Eu perguntei, para mostrar que eu não tinha ciúme, o que era uma verdade. O Vitor me olhou surpreso, e riu, enchendo um copo com água. — Ela parece ser novinha, talvez seja até virgem.

— Qual problema com as virgens? — Ele perguntou, e eu revirei os olhos, indo até o balcão, me escorando ali. — Ela não é fácil como eu gostaria que fosse.

— Que pena. — Eu falei num falso lamento. — Agora a gente pode ir pra aula? Não sou bem eu que age como uma louca.

— Não. — Ele falou sarcástico.

[...]

Capítulo 09

Os dias seguiram, deixando a minha missão de não querer ficar com o Vitor cada vez mais difícil. E para piorar a coisa toda, eu já nem tinha mais argumentos para os meus chiquinhos quando ele deixava de passar a noite comigo, para passar a noite com a outra. O pior de tudo era que eu agia como se a outra, fosse realmente a outra. E ela era só uma ficante. E eu era só uma amiga.

— E então de repente, você acha que ela não é boa o bastante. – O Vitor ponderou, rodopiando seu shopp sobre a mesa, e eu o encarei, esperando que ele também percebesse essa coisa. Ele já havia transado com ela, pelas minhas contas, mais de quatro vezes, não havia mais um motivo para ele insistir.

— Ela vai grudar em você e é toda melosa. Vocês estão se vendo há duas semanas e ela agindo como se estivessem namorando. – Eu argumentei, e ele me deu aquele sorriso de canto.

— E que ela vai se apaixonar cada vez mais, porque você foi o primeiro. – Eu continuei, e ele deu um risinho, bebendo um longo gole do shopp. – A menos que você também esteja... Apaixonado.

— Anna – Ele falou, lentamente, com seu jeito enfático de pronunciar meu nome, e eu o encarei, esperando continuar. – Ela não era virgem e eu não to iludindo ninguém, não tem com o que se preocupar.

— Só estava tentando te alertar. – Eu resmunguei, eu jamais seria uma boa advogada se continuasse me deixando

levar emocionalmente, e usar esses argumentos de merda, que nem faziam sentido.

— Você quer conhecê-la? Pra sei lá, ter uma impressão mais verdadeira da menina. – Ele sugeriu, rindo do meu olhar incrédulo pela proposta. – O nome dela é Anastácia.

— Ual, ela tem um nome. – Eu falei sarcástica. – Ela não reclama das suas amizades?

— Você é chata hein – Ele falou, bebendo rapidamente o último gole da bebida. – Ela é uma boa menina, se for esperta, a gente até namora. – Ele continuou de uma maneira serena, e eu engasguei com a minha Martine, o olhando assustada. – Por quê? Não posso?

— Não acha que tá muito cedo? – Eu perguntei e ele sorriu, franzindo o cenho e negando com a cabeça. – Eu espero que dê certo então. – Eu falei, me levantando e saindo do bar. Não demorou a que o Vitor me alcançasse, ele sempre o fazia.

— Anna – Ele chamou, caminhando ao meu lado. – Eu não vou namorar ela, relaxa.

— Isso não é um problema meu. – Eu afirmei, e ele bufou um riso, ignorando a ligação no celular. – Atende oras, a sua futura namorada não pode ficar esperando. – Eu sorri falsamente para ele, antes de atravessar a rua, entrando na casa do Breno. Eu liguei para ele, enquanto me dirigia à entrada da casa, mas assim que entrei, dei de cara com a Mayara e o Nicolas aos beijos no sofá.

Como se eu merecesse ver isso agora!

Eu deveria realmente estar pagando todos os meus pecados por ter sido uma namorada ausente.

— Oi... – Eu falei sem reação, já que os dois me olhavam. O Nicolas se sentou direito no sofá, levando a mão até a nuca, enquanto a May me lançava um sorrisinho fraco. – Er... – Eu continuei, me esquecendo até do que tinha vindo fazer aqui.

— O Breno tá lá em cima, com a Sofia. – A May avisou, e eu assenti, notando então, que ele já havia atendido a minha ligação.

— Tá ocupado? – Eu perguntei, ouvindo um riso. – Por favor, Breno, eu preciso falar com você.

— Sobe aí, gostosa. – Ele falou aparecendo no topo da escada. Eu fiz um beijo, envergonhada por atrapalhá-lo, mas o segui, entrando em seu quarto. A Sofia me lançou um sorriso fraco antes de sair do quarto, puxando a porta.

— Que foi? – O Breno perguntou pegando uma camiseta sobre a cômoda, a vestindo. Eu me sentei à beirada da sua cama, afastando o pacote do preservativo e o olhei. – Aprontou alguma coisa?

— Porque sempre eu tenho que ter feito a coisa errada? – Eu perguntei angustiada, e ele sorriu fraco, se abaixando entre minhas pernas.

— Porque você sempre faz. – Ele falou complacente, sorrindo e eu desviei o olhar, contendo a vontade de chorar. – O que aconteceu dessa vez?

— Poxa, Breno – Eu falei com o tom de voz amargo. – Eu to toda confusa e quando eu te procuro pra conversar, você já dá logo um jeito de me culpar das coisas.

— Ei, não to te culpando.

— Como não? Eu não fiz nada, eu nunca nem fiquei com o Vitor só porque a Mayara era um pouco afim dele, e olha só o que ela tá fazendo? Ficando com o meu ex. É justo? – Eu voltei a olhá-lo, fungando, me odiando pelos meus olhos marejados. – Independente de eu ter dito tudo bem, ela deveria ter sido mais humana, sei lá. Ele foi o primeiro cara, o único que eu gostei à ponto de querer prender. – Eu falei, por um momento me esquecendo de que eu queria falar sobre o Vitor.

— É complicado.

— De tudo, a única coisa que você diz é que é complicado? – Eu perguntei com a voz falha, lutando para não deixar as lágrimas caírem.

— O Nicolas nunca foi um exemplo de cara solteiro, Anna, tenta se lembrar. Ele tentou demais contigo, tu se garantiu demais, mandou demais e ele aí, só amando.

— Ele iria adorar se eu ficasse com o melhor amigo dele. – Eu falei, dando um riso sarcástico. – Que droga, só porque eu não fui uma coisa chata e romântica com ele, não queria dizer que eu não amasse. Você me conhece há anos, Breno, eu nunca iria namorar por status. Eu nunca iria embarcar nessa coisa sem sentir nada. Daí ele termina falando que encontrou alguém mais sensata, não parava de encher o saco e eu ainda sou a única errada?

— Não foi sobre isso que você veio falar, né? – Ele perguntou, limpando com o dedo indicador a lágrima solitária que escorreu. – Que aconteceu? Esse tempo todo ninguém te viu chorar por isso.

— Porque eu to farta, já. De tá próxima demais do Vitor,

louca pra ficar com ele e me privando porque na minha imaginação fértil, eu ainda devo ser fiel a amizade da Mayara e ela era a fim dele.

— Isso não faz sentido, Anna. — O Breno deixou escapar um riso.

— Claro que não. — Eu suspirei forte, tentando eliminar metade da culpa que eu carregava. Talvez por abusar do Vitor enquanto ele dormia. Por ele se fazer de cego em relação ao meu explícito desejo.

— Eu não acho que tenha algo impedindo você de ficar com o Vitor. — Ele falou, um tempo depois. — O que seria? A Mayara não tá nem aí, ela vai encher você depois, mas quem se importa? Ela e o Nicolas duvidam que vocês não fiquem, de qualquer maneira.

— É.

— E ele não curte tanto assim ficar com a May. Ela é o teu oposto, Anna. No que você tinha de ruim com ele, é boazinha em dobro.

— Você não devia entregá-los assim. — Eu falei, emitindo um riso que fez as minhas lágrimas malditas descerem. — Que droga. — Eu funguei, rindo outra vez, chorando mais, nervosa. — É que eu sinto falta de tudo. — Eu falei, com meus lábios trêmulos e ele sorriu docemente, se sentando ao meu lado.

— Ninguém te proibiu de vir aqui. — Ele falou de uma maneira divertida. — E não aguentamos mais a May cantando no teu lugar.

— Por favor — Eu neguei com a cabeça, limpando as lágrimas, rindo.

— Você sabe que pode ter o Nic de volta – Ele ponderou, apertando os lábios. – Se quiser.

— Eu não quero. – Eu falei com a voz entrecortada pelo choro. – Ai que ódio. – Eu resmunguei, respirando fundo para parar de chorar, e limpei o meu rosto mais uma vez. – Não me importo de ele estar com a May, de eles estarem juntos. Não agora. No começo incomodou demais isso de ela ter deixado nítido que ficar com ele era mais importante, mas eu nem sei, talvez no lugar dela eu tivesse feito o mesmo.

— Duvido muito, mas...

— É o teu irmão, Breno, que menina daria um fora nele? – Eu perguntei como se fosse o óbvio. O Breno não ficava tão atrás com isso, mas a nossa relação era tão fraternal. A julgar que eu também cedi praticamente todas as vezes que ele estupidamente veio atrás. – E por ele querer culpá-la. E ela chegou a insinuar que ele falou que eu ia atrás, que eu não conseguia superar o fim.

— Ela não pode perder os dois, Anna. Ela não tá errada.

— Claro que não. – Eu resmunguei, me levantando. – Eu já vou, ok? A gente precisa marcar qualquer coisa, qualquer dia. Eu sinto muita falta, de verdade.

Capítulo 10

Quando eu desci, os três que estavam na sala ficaram em silêncio, o que deixava claro que eles falavam sobre mim. Também não descartei a possibilidade de o Breno despejar toda a ladainha confusa que eu joguei nele, porque apesar de tudo, ele e o Nicolas eram muito próximos.

O Vitor estava do outro lado da rua, escorado a entrada do prédio, com um pé apoiado na parede, e tragando insistentemente um cigarro.

Eu fui até ele, que me olhou rapidamente, e soltou a fumaça, brincando, fazendo bolas com aquilo.

— Eu to realmente cansando dos teus surtos. — Ele falou, um tempo depois, mas não olhava pra mim. — Porque desde sempre você deixou claro que éramos somente amigos.

— E nós somos. — Eu confirmei, suspirando.

— A gente tá aqui numa boa, você pergunta coisas pessoais, eu respondo e você pira, Anna. — Ele enumerou meus atos impensados. — O problema não é a Ana. — Ele ponderou e eu franzi o cenho.

— Claro que não. — Eu ri como se fosse a coisa óbvia. — Eu to frustrada com várias outras coisas. Mas é com você que tenho passado a maior parte do tempo, você me vê pirando mais.

— O problema sou eu. — Ele continuou, me ignorando,

tragando o cigarro mais uma vez, soltando rapidamente a fumaça de uma vez, pra cima. – Eu junto com outra.

— Claro que não, Vitor. – Eu retruquei indignada. – Eu não tenho problema nenhum de você começar a namorar essa Silvana. – Eu falei, errando propositalmente o nome da menina, para deixar claro que ela era insignificante para mim. O Vitor deixou escapar um riso, jogando o resto do cigarro no chão, pisando-o. – Você viaja demais.

— Se você não quer, a gente não fala sobre isso. – Ele deu de ombros, me olhando indiferente. – Quer ir pra casa? – Essa era a pergunta mais ridícula do século. Era óbvio que eu não queria ir pra casa, ele nunca perguntaria isso, se não quisesse que eu fosse. Então, eu deduzi que ele teria algum outro compromisso com a *Silvana*.

— Claro. – Eu forcei um sorriso, indo na frente até o seu carro.

Eu fiquei na sala boa parte da noite, ponderando todos os contras relacionados ao Vitor, chegando a conclusão de que o ponto mais importante que a Mayara ter se interessado primeiro, e ele tê-la notado primeiro, era de que ele deixava claro o seu desinteresse.

— Quatro da manhã, não vai dormir? – O Rodrigo perguntou aparecendo na sala, eu o olhei que veio até mim, se sentando ao meu lado. – O Vitor mandou umas mensagens, te chamando de louca. Brigaram?

— Não. – Eu respondi focada na TV.

— Como não? E quem é Silvana?

— Nossa, ele é um idiota. Não é Silvana, é Anastácia. –

Eu resmunguei, e meu irmão deu risada. – E para você também. Eu só não achei que ela seria uma boa namorada e ele achou ruim.

— E você tá acostumada com um Nicolas que concorda com tudo. – Ele concluiu e eu o olhei cerrando os olhos com mágoa. – A Ana é uma boa menina. – Ele continuou, e eu revirei os olhos, desinteressada nesse assunto.

— Claro que ela é.

— Qual o teu problema com ela? – Ele indagou, contendo um sorriso e eu lhe cerrei os olhos mais uma vez. – Deveria estar com raiva do Vitor que não te quer. – Ele caçoou e eu lhe bati com uma almofada, me levantando.

— Você é podre, Rodrigo. E para de agir como se isso fosse relevante. Que bom que ele não quer, porque eu também não to a fim de ficar com ele. – Eu sorri falso, antes de ir pro meu quarto.

Na sexta, meu irmão saiu com a Luana, o Vitor e um pessoal da faculdade. Eu fui terminantemente intimada a ir, mas estava irritada demais. Passei a noite tentando me concentrar em algum romance, mas não conseguia focar na leitura, nem ver algum filme.

Já passava das três da manhã, quando meu irmão chegou. A Luana estava com ele e acenou para mim, seguindo para o quarto. Ela ultimamente passava mais tempo aqui, que em qualquer outro lugar. Eu olhei rancorosa para o meu irmão quando o Vitor entrou apoiado pela moreninha bonitinha. Ela sorriu para mim, que fiz o mesmo, embora tenha parecido ser

forçado.

— Acho que seria bom um banho. – A Anastácia falou com a sua voz exageradamente doce. Ok, talvez não fosse tão exagerado assim, e talvez ela fosse mais que bonitinha, mas eu não precisava agir de acordo com tal realidade. – Não há um motivo pra que ele tenha bebido tanto.

— Tédio – O Vitor resmungou com a voz arrastada, rindo.

— Melhor você ir Ana, sua prima tá esperando. – Meu irmão falou para ela, que sorriu com modéstia, beijando o Vitor antes de ir. Eu olhei enojada para a cena, e acenei um sorriso forçado para a Anastácia, levantando para fechar a porta do apartamento assim que ela saiu.

— Todo seu. – Meu irmão falou sarcasticamente, seguindo pelo corredor, e eu fiz uma carranca. O Vitor brincava com um enfeite de um aparador que havia atrás do sofá maior. Eu o analisei que parecia distraído.

— Porque isso? – Eu perguntei, suspirando forte, e ele me olhou rapidamente, desconcertado. – Hum?

— Que? – Ele perguntou baixo, e eu bufei, o puxando para o banheiro social, que ficava em frente ao quarto de hóspedes.

Pedi para que ele tirasse os sapatos e tirei o seu celular e a carteira do bolso, o empurrando para o Box. Mudei a temperatura para verão, e o empurrei para debaixo do chuveiro. Eu nem sabia se essa coisa de banho frio resolvia, mas eu sempre o fazia com a Mayara, que era fraca para bebidas, mas tão viciada a se divertir com isso quanto eu.

— Eu tenho uma ex – Ele soltou de repente, se

encostando a parede, correndo as mãos no rosto. Eu o esperei continuar. – Ela é linda, meiga, educada, todos, sem exceção, todos os meus amigos queriam ficar com ela. Ela ligou hoje mais cedo querendo conversar, que sentia falta. – Ele fez uma pausa, para passar as mãos no rosto mais uma vez. – E o que eu quero? – Ele riu, e eu franzi o cenho, com a angústia que me dominava lentamente. – A irmã de um amigo meu. – Ele falou como se essa fosse a pior coisa do mundo. – Isso é péssimo, Anna, péssimo, porque o que eu mais queria esses meses todos era voltar com a... Cá. – Ele foi diminuindo o tom até estar sussurrando. – E agora que ela finalmente quer, eu não quero mais, eu não posso mais.

— Você devia voltar. – Eu falei cautelosa.

— É eu devia. – Ele deixou escapar um riso consternado. – Mas eu to pirando por outra. E sabe o que ela faz? – Ele perguntou indignado. – Dorme comigo quase todo dia, e me espera dormir pra me beijar. – Ele falou enfático, e eu o olhei assustada. – E eu – ele riu, negando com a cabeça. – coloco um filme qualquer só pra fingir que durmo rápido e ser observado, atacado.

— Mais um motivo pra voltar com a ex. – Eu disparei, falando rápido, pegando uma toalha no armário do banheiro. – Essa menina é louca, não deve levar ninguém a sério.

— Ela é louca. – Ele concordou, desligando o chuveiro e pegou a toalha, secando o rosto, tirando em seguida a camisa. – Eu falo tudo e ela me aconselha a voltar pra ex.

— Ela é louca por te abusar enquanto você dorme. – Eu o corriji, e ele sorriu. Aquele sorriso de canto que eu simplesmente idolatrava. – Você não tá tão ruim assim, eu vou sair, toma um banho direito. – Eu sugeri, saindo do

banheiro, frustrada comigo por renegar o que eu tanto queria. Eu fui até o quarto do meu irmão, interrompendo o amasso romântico dele e da Luana, para pegar uma roupa emprestada para o Vitor.

— Ele sabe se vestir, ok? – Meu irmão falou me encarando firme e eu o olhei desprezível, saindo dali, puxando a porta, a ouvindo ser trancada. Eu analisei o Vitor da porta do banheiro. A última coisa que eu precisava agora era vê-lo despido. Como se já não bastasse a minha imaginação suja. Eu deixei a roupa sobre a bancada da pia, e saí, puxando a porta.

Capítulo 11

Fui até a cozinha, onde peguei um copo e enchi com água, me escorando ao balcão, imaginando que tudo estaria mais fácil se o idiota do Nicolas não tivesse terminado tudo.

Nós teríamos completado um ano de namoro e a Mayara estaria junto com o Vitor. Seríamos todos bons amigos e sairíamos para um programa em casal.

Eu entrei na despensa ao achar que o Vitor se aproximava da cozinha, e caí em prantos. Seria a coisa mais ridícula alguém me ver chorar. Seria aquela mesma confusão de quando eu tentei conversar com o Breno. E eu não queria ter que ouvir alguém perguntar se eu estava bem.

O que haveria de errado comigo? Porque não estaria tudo bem? O que há de errado na minha vida?

Meu ex namorado terminou tudo comigo, ficou com a minha melhor amiga, eu me afastei dos meus amigos mais próximos, ou eles de mim, mas, por favor, quem nunca fez uma burrada na vida? Eu estava consciente que desastres amorosos faziam parte da vida e que isso não me mataria. O que haveria de errado nisso? E eu estava no auge dos dezoito, o que eu sabia ainda, afinal?

Eu nem sofri tanto com o fim, como com essa coisa que eu evitava pensar, relacionada ao Vitor.

No fim, eu só sentia que aquele desejo de aventura nunca havia sido realizado. Levei os pensamentos de que ficar com o Vitor não seria exatamente o tipo de aventura que eu estava procurando.

Aventura seria ainda estar com o Nicolas e o Vitor com a May, e ficássemos como um erro imperdoável, tendo que esconder do mundo para manter as coisas calmas, bem resolvidas.

E que merda eu estava procurando? Era como se eu estivesse perdendo o contato comigo mesma.

Eu chorei porque estava mais que consciente de que as suas indiretas eram minhas, e neguei. E eu também não acreditava nessa coisa de que a bebida faz esquecer tudo. Era ladainha de quem fez bobagem e se arrependeu e quer apagar. Fingir que não existiu, e esperava que ele usasse esta artimanha.

Quando a minha onda de angústia se esvaiu, eu limpei o meu rosto, me olhando num espelho pequeno que havia na pequena despensa.

Voltei pro meu quarto, onde encontrei o Vitor sentado na

beirada da cama, com um porta-retratos nas mãos. Eu torci os lábios, mordiscando o lábio inferior.

— Eu devo ir embora, né? – Ele perguntou friamente, jogando o objeto na cama. Eu me aproximei, logo reconhecendo a minha foto com o Nicolas. Esse tempo todo e eu obviamente havia me esquecido de tirar “dali”.

— Você está com a chave do seu carro? Do seu apartamento? – Eu indaguei, me aproximando, pegando o porta-retratos, e o colocando novamente sobre a cômoda. – Eu vou arrumar o quarto pra você, vem. – Eu chamei, saindo novamente do quarto. O Vitor me seguiu, e eu peguei um edredom no guarda-roupa, e tirei a colcha preta de cetim que estava na cama. Peguei dois travesseiros e tirei as almofadas grandes que decoravam a cama.

Ele não disse nada, e mexia no celular, evitando olhar pra mim, que saí do quarto, fechando cautelosamente a porta.

E mais uma vez a angústia maldita me dominava, e eu não me reconhecia, porque era tudo tão inseguro. Tão inconstante. Era fácil com o Nicolas. Eu só precisava aumentar o tom para que ele me cedesse, as nossas brigas ocorriam quando ele ficava farto do meu jeito prepotente e mimado, mas não duravam mais que duas horas, até, bem, tudo ir pelo ralo.

Ele sempre foi amável, doce. Ele também pensava que se fosse para estar em um relacionamento à coisa deveria ser séria, íntegra, mesmo que tenha se mostrado esse idiota,

agora. Eu peguei meu celular na sala, e os fones, e me afundei em músicas, querendo ignorar os pensamentos.

Meia hora mais tarde, eu não resisti. Para deixar melhor explicado, quando eu dei por mim, já havia aberto a porta do quarto do Vitor. Ele dormia de bruços, o que soou engraçado, confirmando a sua confissão de que ele fingia dormir para ser abusado. Eu encostei a porta, repensando entrar mais uma vez, o que demorou quase cinco minutos.

Quando eu abri a porta mais uma vez, ele estava deitado virado para cima, esparramado. Eu não contive o sorriso.

Não subestimem, eu sabia bem o que aconteceria se eu prosseguisse, e nada seria mera coincidência.

Eu subi na cama cuidadosa, rindo da minha loucura. Eu era mesmo uma desequilibrada, e aceitava até que precisava de um psiquiatra para me parar. Eu apoiei minha cabeça numa mão, deitando de lado para olhá-lo. O Vitor tinha as mãos ao lado do corpo, e essa sua posição nunca pareceu tão falsa, deixando claro que ele já esperava o que eu queria fazer. Eu fiz um beijo, contornando seus lábios com o polegar, intrigada, porque ele poderia tornar isso tudo mais fácil e me atacar primeiro.

Eu não queria ter que ouvir depois que eu tomei a iniciativa, porque eu já sabia que tínhamos poucas chances de dar certo. Não que eu achasse que pra dar certo tinha que

durar eternamente, só tinha que não machucar demais. Como não tive nenhuma reação, aproximei meu rosto do dele, roçando nossos lábios, notando seu sorrisinho.

— Eu sei que você tá acordado. – Eu sussurrei, para deixar claro que eu não estava com algum medo.

— Não to, pode continuar. – Ele falou com a voz rouca, mantendo os olhos fechados, e eu deixei escapar um riso, mordendo levemente o seu lábio inferior, o deixando nos virar sobre a cama, vindo parcialmente pra cima de mim. Ele não falou mais nada, antes de me beijar cauteloso, acarinhando a lateral do meu rosto, e eu quis morrer com a sensação de calma que a sua cautela me invadiu, e levei uma mão por entre o seu cabelo macio, com a outra encontrei a sua, que descia pela lateral do meu corpo. Logo o Vitor nos levou para um caminho malicioso, exatamente, ou melhor, do que eu imaginava, brincando com a minha boca e a minha sanidade. Eu deixaria acontecer o que ele quisesse, porque eu também queria, se meu irmão não tivesse aberto a porta.

Capítulo 12

— Pro teu quarto agora, Anna! – Ele falou ríspido, e o Vitor me liberou, e eu levantei contrariada. – Agora. – Ele repetiu pausadamente.

— Você é insuportável! – Eu falei como uma criança contrariada, e saí pisando duro, não ouvindo bem a idiotice que ele deve ter despejado no Vitor.

Acordei na tarde do dia seguinte, com meu irmão puxando meu pé. Eu levantei, mantendo a minha birra por ele ter atrapalhado o meu melhor beijo, o mais esperado dos últimos tempos e tomei um banho rápido, vestindo um short com uma camiseta qualquer e um moletom, por estar frio.

— Você vai me agradecer por ter atrapalhado a tua foda... Um dia. – Ele zombou, deitando na minha cama. – Ele tem uma ex, Anna.

— E? – Perguntei desinteressada, enquanto trocava a foto que estava sobre a cômoda por uma com meu irmão e o nosso gato que sumiu, em um dia qualquer.

— Ela é o sonho de consumo de qualquer cara. – Ele continuou, e eu revirei os olhos. – Não to falando só de corpo, de beleza. To falando de tudo.

— E?

— Ela é o tipo de mulher pra casar. – Ele completou, e eu ri incrédula, porque ninguém aqui queria se casar com o Vitor. – daquelas que formam a família perfeita.

— E?

— Ela está louca por uma volta. Coisa que ele queria esses meses todos. Desde que eles terminaram.

— E? – Eu perguntei desinteressada.

— E que assim que te levar pra cama, ele vai voltar com ela.

— Tudo bem pra mim, se isso acontecesse. – Eu desdenhei, rindo da distorção da sua teoria. – Eu não pretendia mesmo me casar com ele. – Eu fui sarcástica e o meu irmão riu.

— Ela é a mulher mais perfeita que eu já vi. – Ele falou, me encarando audacioso e eu revirei os olhos.

— Isso não é um problema se eu só vou ser uma transa pra ele. – Eu provoquei, ficando impaciente com os seus *conselhos*.

— Você tá cega. – Ele falou, e eu suspirei forte, desinteressada.

— Eu estou farta de você falar essas idiotices. Eu não to apaixonada pelo Vitor, e ele voltar com a ex perfeita, a mulher pra casar e mais perfeita que você já viu, não é um problema pra mim.

— Eu desisto. – Ele ergueu as mãos, como uma defesa, e eu sorri, inclinando o rosto para o lado.

Mais tarde, quando eu fui matar o tempo na internet, meu irmão me enviou um link, seguido por: *aí, se vc não quis competir com a May, imagina com essa linda!*

Eu dei risada, porque ele estava querendo me provocar, me diminuindo dessa maneira e cliquei na foto.

Era realmente linda, ainda mais somando os adjetivos dados pelo meu irmão e pelo Vitor, mas o Vitor era apaixonado por ela, total suspeito pra falar.

Como qualquer pessoa, eu procurei o perfil da menina no Facebook, o que não deu tanto trabalho, via os amigos do Vitor.

Poucas fotos eram liberadas, e eu pude ver as dela com o Vitor. Com aquelas legendas que juram amor eterno, mas era coisa de sete meses atrás.

As suas postagens mais recentes, denunciavam indiretas. Coisas de menina arrependida. E outras declaraçõeszinhas em forma de trechos musicais. O que me intrigou foi que o Vitor havia curtido uma delas: *Por onde andei, enquanto você me procurava?*

Eu bufei um suspiro, me assustando ao sentir meu celular vibrar em baixo de mim. Eu o peguei, abrindo então, a mensagem no Whatsapp, era do Vitor.

“Uh, eu quero você, como eu quero!”.

Eu não contive um sorrisinho, mesmo que odiasse essas baboseiras. Eu não respondi, porque nem sabia o que

responder pra isso, e logo chegou outra.

“posso te buscar mais tarde? :P”

Eu torci os lábios, confusa, avaliando as coisas que meu irmão dissera, chegando a conclusão de que eu não me apaixonaria, namoraria ou me casaria com o Vitor, então matar logo essa vontadezinha maldita não faria mal algum quando ele voltasse com a Srt^a perfeição.

“pensar no seu caso”

“pensar?” – ele respondeu de imediato. – **“terminar o que seu irmão atrapalhou”**

“você não vai me lev

ar pra cama, sinto muito. Hahaha”

Eu dei risada da minha mentira, porque eu já estava doendo por isso. Só por isso.

“tava falando de beijo, não está nos meus planos usar você”

Eu arqueei as sobrancelhas para sua resposta, sorrindo porque mesmo sabendo que era uma mensagem hipócrita e sim, o seu plano era me usar, se fosse o Nicolas iria apenas dizer que eu era louca e sem coração, mas mesmo com mil

alertas no meu subconsciente, eu concordo.

“pode vir, to com saudade de jogar thesims”

“oito hrs eu chego ai, bjão”.

A ansiedade me sucumbiu e eu fiquei como uma louca o resto do dia. Escovei o cabelo, enrolando um pouco as pontas para parecer mais natural, experimentei o meu guarda-roupa inteiro, fiz uma maquiagem básica, querendo parecer o mais natural possível. Comecei a me arrumar as seis, porque queria ser pontual. Não era como das outras vezes que ele chegava e mandava uma mensagem e eu só pegava as coisas para ir pra faculdade no dia seguinte. Teve um dia que eu até fui de pijama e toda descabelada, e sem nem um rímel nos olhos. Vesti uma saia jeans branca detonada, e um boddy estampado aberto nas costas. Calcei uma rasteirinha com um laço dourado e me olhei mais uma vez no espelho, me assustando quando meu irmão abriu a porta.

— Vai sair? – Ele perguntou confuso. Eu assenti, voltando a mexer no cabelo, a fim de desfazer mais os cachos nas pontas. – Com quem?

— Vitor. – Eu respondi, deixando claro que o seu discurso sobre a ex perfeita não havia me intimidado.

— Eu desisto de você! – Ele falou mais alto, irritado, e eu o olhei, colocando as mãos na cintura e inclinando a cabeça para o lado. – Você nunca escuta ninguém! Parece que pede pra quebrar a cara.

— Não vou quebrar a cara, ok? Esse tipo de coisa só

acontece com gente apaixonada. – Eu expliquei, e ele bufou um riso, correndo uma mão no rosto, como se eu tivesse procurando um problema.

— Você tá tomando remédio?

— Não to doente. – Eu quase ri da sua pergunta, mas ele se manteve me encarando sério, e então eu ri. – To segura, que pergunta inconveniente.

— Segura – Ele riu irritado, o que agora era engraçado. – Se for transar com ele usa camisinha, de qualquer maneira. – Meu irmão falou desconcertado, e eu sorri, contendo a risada, porque não era necessário esse tipo de conselho. – E não cai em conversinha de romance, porque ele ainda vai voltar pra Camila.

— Claro que vai. Ela é a perfeição em pessoa. – Eu falei sarcástica. – Quem iria perder tempo comigo, tendo ela querendo voltar?

— Eu espero que você não faça nada. – Ele ainda falou, e eu suspirei entediada.

— Você já acabou com a minha vontade de dá, eu to indo pra jogar thesims, como sempre. – Eu falei entediada, pegando meu celular que tocava.

Era o Vitor, avisando que já estava lá em baixo me esperando. Eu peguei uma bolsa de couro, com franjas, transversal, e desci. O Vitor estava escorado ao seu carro, mexendo no celular, quando eu me aproximei. Tentei cumprimenta-lo com um beijo no rosto, mas ele passou um braço em volta do meu corpo, tomando meus lábios em um selinho, em seguida outro, sorrindo por eu não corresponder.

— Que foi? – Ele perguntou deixando nossas bocas próximas.

— Você – Eu falei, confusa, ganhando outro selinho.

— Me beija – Ele pediu inocentemente, antes de juntar nossas bocas, e então eu fechei os olhos, o correspondendo, seguindo o seu ritmo, inibida, tensa, mas não demorei a me render, passando meus braços em volta do seu pescoço, subindo uma das mãos para sua nuca, correndo-a por entre o seu cabelo úmido, e era tão indescritível beijá-lo, porque no fundo acarretava um quê de proibido. Pelo meu irmão ser um louco contra, por ele ter querido a Mayara, por ela tê-lo querido. Era sem explicação, mas eu sentia isso.

— Melhor a gente ir. – Eu sussurrei, ao encerrar, e ele me roubou um selinho, e depois outro e outro até nos envolver em outro beijo, que eu encerrei rapidamente. Assim que me virei para entrar no carro, dei de cara com meu pai, e a sua peguete, que eu não conseguia me lembrar do nome. – Oi. – Eu falei para eles, envergonhada, e a mulher sorriu, vindo me cumprimentar.

— O seu pai queria dar chilique de ciúme, mas eu não deixei. – Ela falou para mim, embora tenha sido alto o suficiente para os outros ouvirem. O seu jeito serelepe denunciava que eles haviam bebido um pouco a mais. – E você... – Ela olhou atentamente para o Vitor. – Eu me lembro de você de algum lugar. – Ela ponderou, pensativa e eu olhei o Vitor, que franziu o cenho.

— Nós já estamos indo. – Eu falei, cordialmente, e sorri para o meu pai, que permanecia sério.

— Não volte tarde. – Meu pai falou friamente, e eu revirei os olhos, os esperando entrar no prédio.

Nós entramos no carro e o Vitor se manteve em silêncio, eu zapeei as músicas no som do carro, mas logo desisti de procurar, e ironicamente deixei tocando “por onde andei”, do Nando Reis.

— De onde você conhece a Cristiana? – Eu perguntei de repente, e ele deu de ombros.

— Eu não a conheço.

— Sério? – Eu deixei escapar um riso, pegando meu celular, mexendo em qualquer coisa ali.

Foi a coisa mais estranha chegar ao apartamento dele, porque eu me sentia estranhamente nervosa. Era como se eu fosse virgem outra vez e não soubesse como agir.

— Pensei em pedir uma pizza, e ver filme, ou jogar alguma coisa. – Ele foi falando, enquanto eu me mantinha parada no meio da sala. – O que você acha?

— A pizza é legal. – Eu falei, me virando para ele, que me puxou pela cintura, me tomando o celular. – Ei!

— Eu não mexo no meu, também. – Ele prometeu, colocando meu celular no bolso da bermuda. – Eu não aguentava mais viver de selinhos noturnos. – Ele falou, mirando a minha boca, e eu o olhei rancorosa por lembrar, sentindo meu rosto corar de vergonha. – E eu tava sem coragem de te atacar de volta.

— Você deveria ter me dito que estava acordado, que droga. – Eu reclamei e ele deu risada, descendo as mãos audaciosas para o meu bumbum, mas seu celular virou entre nós, antes que ele dissesse ou fizesse alguma coisa.

— Posso atender? – Ele perguntou e eu franzi o cenho, rindo confusa.

— Pode. – Eu falei o óbvio, e ele pegou o celular, mas ao ver quem era, silenciou a ligação, deixando o celular sobre a mesa de centro. – E então, eu quero pizza de frango.

Capítulo 13

Nós comemos pizza, tomamos sorvete, jogamos, trocamos beijos – poucos. Estávamos deitados em sua cama, vendo um filme.

Eu estava imersa em mil pensamentos, deitada sobre seu peito nu, enquanto ele afagava meu cabelo, jogando no seu celular, um jogo de perguntas aleatórias. Eu havia ignorado mensagens do meu irmão, coisas como: tá fazendo o que? As duas primeiras eu respondi. Mas era enfadonho receber um: e agora? A cada cinco minutos. Isso levou a noite maliciosa que eu havia mentalmente planejado para o ralo.

— Cansei! – Ele falou de repente, colocando o celular sobre a mesa de cabeceira, e eu o olhei, que virou de lado, de frente pra mim, que acabei fazendo o mesmo. Eu nem sabia o que falar, o que era engraçadinho, para não dizer patético. O Vitor sorriu, afastando carinhosamente uma mecha do meu cabelo, do meu rosto, e selou nossos lábios ternamente. – Tá quietinha. – Ele comentou, e eu lhe cerrei os olhos.

— Acho que comi demais. – Eu falei, franzindo o cenho e ele deu risada, nos virando mais uma vez, desta, porém, ficando sobre mim, que propositalmente afastei mais as pernas, para que ele ficasse entre elas.

— Seu irmão tá doido pra me castrar. – Ele falou apertando os lábios e eu revirei os olhos, suspirando entediada. – Ele não parecia ser tão louco.

— Ou ele é afim de você, ou ele acha que eu vou te fazer sofrer, ou o contrário. — Eu enumerei, e ele riu, descaradamente subindo mais a minha saia. — Não tenta tirar minha roupa. — Eu pedi levemente irônica, e ele arqueou as sobancelhas, erguendo o tronco para desabotoar minha saia. Eu o olhei, como se desafiasse, e ele se afastou mais, descendo a peça, a jogando no chão.

— Você não manda em mim. — Ele falou, e eu não contive o riso da infantilidade. — Se você quiser, eu tiro a minha também. — Ele sugeriu casualmente, e eu dei de ombros. O Vitor levantou, tirando a bermuda preta que vestia, me exibindo uma cueca boxer branca, levemente transparente, com o cós preto. Um calafrio ou uma onda de calor percorreu meu corpo, e eu desviei o olhar dele, que riu, subindo na cama novamente, voltando pra cima de mim.

— Que foi? — Ele perguntou, tomando minha mão direita na sua. — Tá gelada. — Ele comentou com um sorriso presunçoso.

— Quente. — Eu sussurrei, porque a única coisa que nos separava eram os tecidos finos da sua boxer e o meu boddy. O Vitor gargalhou, descendo a mão entre os nossos corpos. Um arrepio forte dominou meu corpo, e eu fechei os olhos, aturdida, antes mesmo de sentir seu toque, e um gemido rouco, embora fraco, escapou do fundo da minha garganta, quando ele pressionou dois dedos sobre o tecido fino da minha roupa, lá. No lugar certo. Talvez eu estivesse tão nervosa porque era algo casual demais, e eu nunca havia estado com outro homem, desde o Nicolas. O Vitor deixou escapar um riso, e eu o puxei para um beijo. Isso quebraria o contato verbal e conseqüentemente levaria embora o meu nervoso. Ele me deixou ditar o ritmo, morder seus lábios,

enquanto movimentava lentamente os dedos em meu sexo, mas logo a substituiu pelo seu corpo, e investia em mim, me deixando mais ansiosa. Ele logo deixou minha boca, descendo os beijos molhados pelo meu pescoço, e desceu as mangas da minha roupa, liberando meus seios, parando para me olhar, e em seguida olhá-los. Eu gemi forte ao sentir sua língua quente contornando meu seio esquerdo, enquanto ele brincava com o outro com a mão. Eu afundei uma mão em seu cabelo, enrolando as pernas em volta do seu corpo pra sentir mais seu membro duro. O Vitor gemeu, quando eu puxei forte o seu cabelo, ao sentir suas mordidas leves, torturantemente prazerosas em meu seio, e desceu os beijos pela minha barriga, distribuindo também chupões, que chegaram a doer. Ele afastou minhas pernas, e eu me apoiei nos antebraços para olhá-lo, que beijou cautelosamente minha intimidade sobre o boddy. Minha cabeça tombou para o lado, e eu apertei os lábios, tremendo, querendo mais, e quando eu sussurrei isso para ele, ele desfez os dois botões que fechavam a peça de roupa em baixo, correndo a língua quente deliberadamente em mim, que gemi alto, deixando meu corpo cair na cama e, eu instintivamente me pressionei mais para ele, que me segurou pelos quadris, abocanhando meu sexo, gemendo junto comigo. Ele passou a língua para o meu clitóris, penetrando com cautela um dedo em mim, que me contorci, uma vez que sua mão estava gelada. Eu gemia com o prazer exacerbado da sua língua perfeita junto com o dedo que ia e vinha me levando tão rapidamente para o ápice, mas quando eu puxei seu cabelo com força, ele parou, me deixando no vácuo, me lançando um sorrisinho inocente de quem estava consciente da maldade.

Eu terminei de tirar o boddy, e fui para cima dele, que estava sentado na cama. O beijei bem lentamente, me movimentando sobre ele, o sentindo se contorcer.

— Anna – Ele chamou com a voz forte, quando eu desci os beijos pelo seu pescoço. – Anna – Ele lamuriou mais uma vez e eu seguei com força o seu pescoço, saindo de cima dele, que me olhou confuso.

— Precisamos de camisinha. – Eu o lembrei timidamente, que sentou na beirada da cama, abrindo a primeira gaveta, pegando um pacote prrto, que eu tomei de sua mão, me abaixando entre suas pernas, para colocar. O Vitor me olhava atento o que no fundo me deixou envergonhada, mas eu queria dar prazer a ele, igual, ou melhor, ao que ele havia feito comigo, então puxei a boxer pra baixo, até que ela caísse em seus pés, e tomei seu membro em minha mão, o sentindo se contorcer, e arfar quando eu o coloquei na boca, sugando cuidadosamente a cabeça, antes de leva-lo fundo em minha boca, que foi quando ele gemeu um palavrão e puxou meu cabelo com força, me forçando a soltá-lo.

— Deita nessa cama, por favor. – Ele pediu lentamente, agoniado, e eu sorri, toda ansiosa, o obedecendo, que abriu bem as minhas pernas, me beijando rapidamente, antes de entrar forte e de uma vez em mim. O meu grito estrangulado foi inesperado, assim como o seu gemido e a sua mordida forte em meu ombro. Eu o abracei, pedindo mais, mas ele iniciou estocadas lentas, voltando o rosto para o meu, me encarando. Sua respiração era irregular, e seus ombros vacilavam ora ou outra. Eu gemi mais forte, quando ele se deixou cair sobre mim e passou a entrar forte e mais fundo, e mais gostoso, falando malícias, coisas sujas; que me deixava ainda mais excitada. Mas ele saiu de mim, beijando meu sexo

rapidamente, algo que quase me fez instantaneamente gozar, e me mandou virar de costas, me tomando forte novamente, me fazendo querer chorar de prazer. Quando ele desceu uma mão até meu clitóris, me estimulando ali de uma maneira que adormecia as minhas pernas, eu gritei forte, inconsciente do tom, e afundei o rosto e as unhas no travesseiro, me entregando ao orgasmo indescritivelmente intenso que me dominou. Era como se eu não tivesse mais controle de mim, ou de quem eu era no momento. O Vitor gemeu forte, apertando meu corpo, se libertando logo em seguida. Eu grunhi exausta, porém satisfeita, e ele saiu de dentro de mim, deitando ao meu lado, enrolando um dedo em uma mechinha fina do meu cabelo.

— Maravilhosa — Ele sussurrou. — Tu me fez esquecer a camisinha. — Ele falou docemente, beijando minha cabeça, e eu virei o rosto para olhá-lo.

— Quando eu voltar a sentir minhas pernas a gente conversa. — Eu falei baixinho e ele riu, passando uma perna sobre as minhas, me puxando para mais perto. — Eu te estuprava mentalmente, mas nada era tão gostoso quanto realmente foi.

— Eu sempre imaginei que você fosse uma tarada. — Ele falou, me virando de costas para seu corpo, deslizando uma mão na lateral do meu corpo, me deixando arrepiada. — Você toma pílula?

— Hu-hum. — Eu assenti, balançando a cabeça. Ficamos em silêncio enquanto ele me fazia carinhos e ora ou outra me dava um beijo no rosto, pescoço, ombro e eu logo acabei adormecendo.

No domingo nós fizemos almoço. Eu poderia assumir a culpa da nossa praticamente única atividade da tarde, nós batizamos como o inferno o seu apartamento. Estávamos no sofá, e o Vitor mexia em meu cabelo, enquanto eu jogava no videogame.

— Porque seu Marido se chama Kaká? – Ele perguntou como se fosse algo relevante, e eu dei risada, não respondendo.

— Eu preciso ir pra casa. – Eu falei, pausando o jogo, para olhá-lo. – Meu pai deve estar pirando.

— Seu irmão então, nem se fala. – Ele completou sorrindo, me roubando um selinho. – Vamos tomar um banho e, eu te levo.

— Vai tomar um banho primeiro, depois eu vou. – Eu pedi, porque eu já sabia que iríamos demorar, caso fossemos juntos.

Nós paramos para tomar um lanche, antes de ele me deixar em casa, onde encontramos a Mayara, a Sofia e o Breno. Eu os cumprimentei com um sorriso, e logo depois chegou uma mensagem do Breno, perguntando qual era a minha com o Vitor. Mas eu não respondi.

— O último – Ele falou, quando eu encerrei o quinto beijo, e eu dei risada.

— Preciso ir... – Eu reclamei, sorrindo com os seus selinhos, que logo embutiram um beijo. – Aposto que é meu irmão ligando – Eu falei, pegando o celular, mas era o meu pai. – É pior, meu pai. – Eu mostrei, mas ele riu, rejeitando a ligação, correndo uma mão por entre o meu cabelo para me

beijar longamente. Eu me aproximei mais dele, como dava no banco do carro, e arranhei seu abdome levemente, o deixando arrepiado, mas fomos interrompidos pelo meu celular. – Preciso atender, e entrar. – Eu falei, o cedendo mais uma vez, rapidamente, e atendi. – Oi, pai.

— Temos um jantar em meia hora, eu preciso de você aqui. – Ele falou ríspidamente.

— To subindo, já cheguei. – Eu avisei, finalizando a ligação.

— Temos um jantar, que droga. – Eu resmunguei, enquanto o Vitor lia algo no celular.

— Se quiser fugir comigo – Ele sugeriu, dando de ombros.

— Para de grude. – Eu dei risada, me aproximando para beijar sua bochecha. – Adorei a noite, os orgasmos, a comida... – Eu falei presunçosa. – Gostoso.

— Você brinca demais, Anna. – Ele deu aquele sorriso torto, meio sarcástico, meio inocente.

— Eu, né? – Eu falei. – Já vou lindo. – Eu ainda lhe roubei um selinho antes de descer.

Depois de ouvir broncas do meu pai e do meu irmão, eu fui me trocar. Vesti um cropped preto rendado com as mangas caídas no ombro e uma saia de cós alto, vermelha. Calcei um scarpin preto, alto e preendi o cabelo em um rabo, fazendo uma maquiagem clara, abusando do delineador e do rímel. Coloquei um conjunto de brincos pequenos e um colar. Meu pai recomendou educação e cordialidade com a sua namorada e os filhos dela, que tinham a minha idade.

Eu trocava mensagens com o Vitor, quando recebi uma da Mayara.

“tá mesmo com ele, é?”

Eu suspirei forte, porque soava como se eu devesse satisfação disso para ela. Antes era fácil negar, porque não havia acontecido nada, realmente. Agora eu nem sabia o que responder. Acabar com a sua dúvida, ou deixar isso sub suposto.

— Anna, sem implicância. – Meu pai falou mais uma vez, quando chegamos ao restaurante. Por sorte nós chegamos primeiro. Meu pai me deixou pedir um coquetel de cereja, antes que os outros chegassem.

A Cristiana tentava se mostrar educada, e o filho dela era muito bonito, Fernando. Alto, magro, com a aparência serena. A filha dela era a moreninha magrinha que o Vitor estava transando.

Meu irmão me lançou um olhar zombeteiro, e eu lhe cerrei os olhos, cumprimentando a todos educadamente. Ainda mandei uma SMS para o Vitor, avisando que a filha da namorada do meu pai, era peguete dele. Ele alegou que já estava “ligado”, a bonitinha já devia ter contado. Então era via ela, que a mulher se lembrava do Vitor.

O rapaz tentava puxar conversa, enquanto a *Silvana* conversava intimamente com meu irmão, claro, eles deviam ser superamigos. E talvez isso explicasse ele ser tão contra eu estar com o Vitor.

Por fim, acabei trocando número com o Fernando, e conversamos a madrugada quase toda.

Capítulo 14

A semana passou corrida e eu estive com o Vitor quase todos os dias dela, porque apesar das fofuras exageradas, ele era gostoso e eu prezava essa coisa de sexo bom.

Era uma quinta, e nós estávamos em seu apartamento, ele estava no telefone com sua mãe, e eu aproveitei a deixa de sua distração, para pegar seu celular, e fui para o quarto. Não que eu tivesse algum direito de cobrar algo dele, mas era mais forte, era instintivo querer saber com quem ele conversava.

No whatsapp, havia conversas com meu irmão, e mais alguns caras, eu li superficialmente a com o que eu não conhecia, porque seguido do nome do cara havia um coração.

As últimas mensagens eram: **“se não for voltar com a Cá para de dar corda.”** E **“ela não merece esse teu ressentimento”**.

O Vitor havia respondido: **“não dá pra manter essa coisa longe e tu conhece a camila, sofrido vai ser voltar e não estar aí pra cuidar direito, pressão danada desse povo hahahah”**

Eu deixei de lado essa baboseira, porque não seria uma

surpresa ele voltar com a Srt^a perfeição, e fui ler as conversas com a bonitinha, mas se havia alguma coisa, ele já havia apagado. O que era frustrante, se não tem nada demais, não há motivo para apagar.

— Oi. – O Vitor falou ao entrar no quarto, e eu o olhei assustada, saindo do whatsapp, e colocando rapidamente no jogo que ele vivia jogando.

— Estava jogando. – Eu me expliquei, jogando o celular sobre a cama, e o olhei, que riu. – E então? Tudo bem?

— Tá estudando direito? Dormindo cedo? E o quarto, tá arrumado? Tá comendo bem? – Ele perguntou provavelmente imitando sua mãe, e eu dei risada. – To comendo maravilhosamente bem, ela nem faz ideia. – Ele falou presunçoso e eu dei risada, batendo em seu braço.

— Tem visto a Anastácia? – Eu perguntei desinteressada e ele franziu o cenho.

— Por quê?

— Só uma pergunta, curiosidade. – Eu dei de ombros, fingindo naturalidade.

— Não. – Ele se limitou a responder, o que me deixou esquisitamente incomodada. Tanto a ponto de eu cortar os seus carinhos, beijos e focar num jogo do seu celular.

Fui comprada por ele aparecer no quarto trazendo enroladinhos de salsicha e Coca-Cola, me prometendo chocolates se eu fosse uma boa menina.

— Você vai me engordar. – Eu falei, me esquecendo da *Silvana* e aproveitando o momento com ele, evitando estresses, me lembrando, mais uma vez, que nós não

tínhamos nada.

— Para de frescura. – Ele pediu, me enchendo de selinhos.

Eu acordei na manhã seguinte com beijos do Vitor, que ria da minha relutância em permanecer dormindo.

— Pessoal logo chega, você não quer estar nua, né? – Ele perguntou, apalpando meu sexo descaradamente e eu grunhi, me virando de frente pra ele. – Eu to viciado em você.

— Ridículo. – Eu falei mordendo seu lábio inferior, me levantando. Tomei um banho rápido, saindo a tempo, antes de o Vitor me acompanhar. Não que fosse ruim, muito pelo contrário, mas ele estava esperando dois amigos, na verdade um casal para passar o fim de semana e nós demoraríamos.

Desembaracei o cabelo, e vesti um short jeans detonado, preto, com uma T-shirt branca, com frases em inglês. Outra coisa que eu estava me censurando, era o acúmulo de pertences meus no apartamento dele. Se quiséssemos ir para a balada hoje eu não precisaria passar em casa.

— Porque tão linda? – Ele falou me abraçando por trás, todo molhado, enrolado na toalha, e eu fiz uma carranca, me soltando para passar maquiagem. Com o Nicolas, eu só detestava essas baboseiras, ou fofuras, ou declarações, porque era tudo previsível. Vindas do Vitor soavam diferentes. Eu não sabia explicar. O Vitor tinha um passado para se prender, eu era o passado amoroso do Nic e isso me deixava segura. Talvez isso me fizesse sentir uma adrenalina maior com o Vitor. Eu estava de certa forma, entre a linha

tênue entre ele e a Srt^a perfeita. Se eles voltassem, eu seria jogada para escanteio e estava consciente disso. E o pior, e mais suicida: eu gostava de correr esse risco.

Quanto à Anastácia, eu não tinha algum medo relacionado a ela. Era mais o estresse de querer saber mais.

Eu me parei, porque de repente meus pensamentos tomam vida própria e vão para um rumo de menina apaixonada, o que não era o meu caso.

O Vitor pareceu mais surpreso que eu, quando seus amigos chegaram, trazendo junto a Srt^a perfeita. Ela então nos superou no quesito a me ver ali, embora logo tenha se recomposto, retomando a pose de menina educada, perfeita e para casar, nos cumprimentando educadamente.

Eu estava sei jeito, me sentindo uma intrusa, com aquele maldito pensamento de que devia ter ido para casa. Me crucificando mentalmente por estar deixando tudo estar indo assim, rápido quando era pra ser só uma transa. Era só pra matar a vontade e eu já nem me lembrava de quantas vezes fizemos.

Era ridícula a maneira como estávamos agindo, roupas minhas em seu armário, coisas pessoais como escovas de dente, e para piorar, todo esse avanço esquisito, em uma semana. Sete dias exatos. Um absurdo.

Eu me senti meio tonta ao pensar em parar logo essa coisa, porque ele era muito, muito gostoso e a sua companhia me fazia bem. Tentei lembrar também, que a coisa agora era mais prática, a Srt^a perfeita estava aí, lutando pelo cara. Então havia uma maneira de querer competir. Não por sua beleza, bondade, perfeição e sim porque ele já nutria um sentimento por ela, já havia deixado claro que o que mais queria esses meses todos, era voltar.

Ele havia dito diversas vezes que era louco por mim, o que era engraçado, porque eu era louca por ele, também. Louca, com um tesão absurdo, mas estava muito longe de ser amor. Eu estava consciente de que isso entre nós era só diversão.

Por fim, eu matei os pensamentos, que não chegariam a algum lugar plausível e foquei na conversa dos outros quatro.

— Eu acho melhor ficar em um hotel. — A Srt^a perfeita que eu casualmente esqueci o nome, falou cordialmente, sorrindo com uma naturalidade fina. — Sabe algum bom lugar pra indicar, Vitor? — Ela se virou para ele, sorrindo fraco.

— Claro.

— Pode me levar lá? — Ela pediu, me olhando de soslaio. O Vitor assentiu, *esquecendo-me* ali, algo que me deixou irritada.

— E então, onde eu coloco essas coisas? — A menina, morena, perguntou para mim. — Tô cansada, eu odeio essa coisa de viagem. — Completou e eu indiquei onde seria o

quarto.

— Eu falei, Marcus, que era uma péssima, péssima ideia trazer a Cá. — Ela falava, após levar as malas pro quarto, enquanto mexia na geladeira. — Daqui a pouco ela inventa de se mudar, também.

— Ela não é louca, Mariana. — O Marcus falou, mexendo no Xbox. Os dois passaram a conversar, como se eu não estivesse ali, e eu fui para o quarto, calçar alguma coisa. No momento eu amaldiçoei o Vitor com todos os palavrões adjacentes à raiva que eu sentia, o que era engraçado, porque eu já estava preparada para isso. Quando eu voltei para a sala, o casal não estava mais ali e assim que abri a porta, dei de cara com o Vitor.

— Tudo bem? — Ele perguntou, entrando e jogou as chaves e o celular no sofá, se escorando as costas do mesmo, me puxando pela mão.

— Sim. — Eu assenti, desviando impulsivamente do seu beijo. — Meu pai ligou agora, ele tá puto porque eu não dormi em casa. — Eu disparei a primeira coisa que passou pela minha cabeça e que se parecesse convincente.

— Ele devia estar tranquilo, você tá comigo. — Ele sorriu docemente e eu rolei os olhos, rindo.

— Eu preciso ir e você tem que dar atenção aos seus amigos, aproveitá-los e tal.

— Você pode ficar.

— Não posso não. — Eu falei, suspirando forte, querendo deixar claro que estava tudo bem.

— Não era pra Camila ter vindo. — Ele suspirou forte,

descendo as mãos, as enlaçando em minha cintura. Eu só o olhei, porque não tinha como opinar. – Não tá chateada, né?

— Não. – Eu franzi o cenho, sorrindo fraco, deixando que ele selasse nossos lábios rapidamente. – Mas eu preciso mesmo ir, talvez ele tenha alguma coisa em família com a namorada nova. – Eu inventei, contando entediada e ele riu, porque eu era superimplicante com a mulher, embora tivesse uma boa relação com seu filho.

— Posso te buscar mais tarde?

— Vitor, você tem visita. – Eu o lembrei, mas também pensava que ele precisaria de um tempo para conversar com a Srt^a perfeita, ou quem sabe se acertar de uma vez com ela. – E eu acho que você precisa conversar com a sua ex.

— Tudo bem. – Ele suspirou forte.

Eu almocei sozinha, uma vez que não havia ninguém em casa e, para evitar pensar sobre o que o Vitor estaria fazendo, passei a tarde arrumando o meu quarto. Meu irmão chegou em casa depois das seis da tarde, e eu tive que ouvir piadinhas do tipo “lembrou que tem casa ou já foi trocada?”.

No domingo eu fui com a Luana para o clube, mas ela levou junto a Anastácia, que toda hora mencionava o envolvimento dos nossos pais.

— E o Rodrigo? – A Ana perguntou. – Vocês não vão nunca admitir que isso é um namoro? – Ela completou presunçosa e a Luana deu risada, enquanto prendia o cabelo em um coque.

— Vocês deviam estar preocupadas com a ex perfeita do

Vitor aí, que com o meu caso mal resolvido com o Rodrigo. – Ela falou levemente sarcástica e eu dei risada, enquanto a Anastácia nos olhava surpresa. – Não aguento mais teu irmão falando dela, Anna.

— Ninguém aguenta, é um porre. A mulher é meiga, linda, pra casar...

— Eu não acredito muito que o Vitor volte, mas vai saber. – A Luana falou negando com a cabeça.

— Ela é perfeita, ele não é louco de não voltar! – Eu falei fingindo horror, e a Luana riu do meu sarcasmo, já a Anastácia permaneceu calada.

Capítulo 15

Para completar a nossa manhã, meu irmão, o Vitor, os seus amigos e a Srt^a perfeita chegaram ali. O Vitor olhou assustado a me ver junto com a moreninha bonitinha e eu lhe lancei um sorriso, não imaginando como ele reagiria, porque ele já havia estado com as três, das cinco mulheres ali presentes.

O Vitor cumprimentou primeiro a Anastácia, para em seguida a Luana. Eu desviei do que seria um beijo no rosto, reduzindo para um aceno em um sorriso.

— Eu avisei, mas você não ouve ninguém. — Meu irmão zombou ao se sentar ao meu lado, e eu bufei um riso, pegando a minha coca. Eu tentei ser discreta ao observar a tal Camila. Pelas poucas horas que passamos juntas, ela pareceu espontânea e eu não tinha mais o que falar sobre ela. O Vitor se manteve próximo do tal Marcus, eles conversavam e riam e volta e meia eu era pega por estar o encarando.

— Ela tem celulite. — A Luana sussurrou para mim, em tom de brincadeira e eu dei risada. — Mentira, eu não olhei tanto, mas o seu irmão com certeza saberia onde fica cada buraquinho, caso ela tenha celulite. — Ela falou e eu olhei a menina, que estava sentada à nossa frente, conversando com o Rodrigo. — E pra moça perfeita e pra casar, ela tá muito saidinha.

— Ele não presta. — Eu resmunguei, me referindo ao meu irmão.

— Você não se importa? — A Luana voltou a me perguntar, e eu encarei-a confusa notando o olhar da Anastácia em mim. — Com essa coisa, você estava com ele e agora ele pode simplesmente voltar com a Dona perfeição. — Ela falou com sarcasmo as duas últimas palavras e eu dei risada.

— Não, sei lá, eu já esperava que ele voltasse com ela. — Eu dei de ombros.

— E você? — Ela perguntou pra Ana, que deu de ombros, mexendo no celular. — Ela tá apaixonada, só pode.

— Ele é apaixonante. — Eu falei pensativa, e nós rimos.

— É horrível essa coisa. Se o seu irmão me enrolar, eu acho que seria capaz de castrá-lo. — Ela falou como se fosse uma coisa óbvia. — Porque imagina, eu to há semanas dedicando uma parte do meu tempo, ok, não estamos namorando, mas ele propôs essa coisa de não ficarmos com mais ninguém, pra agora ele pegar a Dona perfeita. Por favor, falta de respeito comigo, com o Vitor, com todo mundo. — Ela falou rapidamente, e eu dei risada, porque não imaginava que meu irmão seria capaz de ficar com a Srt^a perfeita.

— Eu acho que ela tá aqui por causa do Vitor, então você devia relaxar. — Eu sugeri, sugando um pouco da minha coca pelo canudo.

— Não consigo. — Ela falou aflita, por fim.

Meu irmão e a Luana brigaram no caminho de volta para casa, porque ela era realmente paranoica, então ele a deixou em casa. Eu queria perguntar sobre a Srt^a perfeita, mas me contive, porque isso demonstraria maior interesse no Vitor.

— Luana é louca. – Ele resmungou, irritado. Ele estava furioso, respirando fundo e ignorando o celular que vibrava por segundo com as mensagens. – Louca.

— Uma sem sal você não iria querer.

— Uma Camila da vida... – Ele falou presunçoso e eu o olhei entediada.

— Você ficaria? – Eu perguntei, franzindo o cenho. – Porque ela é ex do Vitor e...

— Se ela não fosse ex do Vitor, eu pegaria. Ela é perfeita.

— A Luana gosta de você.

— Eu sei. – Ele retrucou, rindo como se isso fosse óbvio. – Eu gosto dela também, mas a gente não tá namorando.

— Você é inescrupuloso.

— Solteiro. – Ele me corrigiu. – E o seu casamento? Não deu certo e você então está indo pra casa?

— Por favor. – Eu dei risada. – Se você quer mais detalhes, era só sexo, e pela quantidade de tempo que nós passamos juntos, você pode imaginar que nós fizemos muito sexo, muito mesmo. E você já tinha me preparado para a Srt^a perfeita. – Eu falei zombeteira, sabendo que esse tipo de coisa o deixava agoniado.

— Você quer me matar! – Ele falou horrorizado, negando com a cabeça.

— Tá bem? – Eu perguntei sarcástica, rindo.

— Desestabilizado, Anna. Você não tem noção de como eu to querendo matar o Vitor. – Ele falou enfático. – Por ter levado a minha irmã pra cama e por ter namorado a Camila.

— Você é ridículo.

Quando chegamos em casa, eu fui tomar um banho. Estava desembaraçando meu cabelo quando meu celular tocou.

— Oi, Vitor. – Eu falei, colocando o celular no viva voz, o deixando ao meu lado na cama.

— Vai fazer o que mais tarde?

— Eu vou estudar. – Eu falei, mesmo que não fosse realmente isso.

— Hum, não quer ajuda?

— Você devia aproveitar os seus amigos. – Eu falei, dando um risinho. – Conversou com a senhori... – Eu me parei, fazendo uma carranca pelo erro. – Camila?

— Sim.

— E? – Eu forcei, porque imaginava que ele não iria querer falar sobre isso justo com alguém que ele estava fazendo sexo casualmente, frequentemente.

— E nada. – Ele riu. – Ela tá interessada no teu irmão, segundo o Marcus.

— Hum, e isso te incomoda? – Eu perguntei, sabendo que estava cruzando a linha da nossa coisa. Porque não era da minha conta. Ou melhor, era sim. Eu não poderia continuar saindo com um cara enquanto ele pode de repente voltar com a ex. Ainda mais sendo a Srt^a perfeita. E se eu por um acaso me apaixonasse? Era muito fácil ser deixada agora.

— Não gostei de saber. Mas não me incomoda.

— Hum, confuso.

— Confuso? – Ele indagou, rindo. – Eu queria te ver hoje, mas já vi que não tá afim.

— Que drama, eu só não queria ficar entre vocês. – Eu disparei, bufando, porque agora teria que pedir para vê-lo.

— A Luana ficou puta hoje, não foi?

— Quem não ficaria? – Eu perguntei entediada. – Depois homem quer chamar a mulher de puta. Se ela estivesse dando mole pra um amigo dele, ele não iria achar bonitinho.

— Eles não têm nada sério, Anna.

— Ele a proibiu de ficar com outros. – Eu resmunguei. – Odeio essa coisa. Pra mim, é, ou não é. E ele não foi sincero, ele a trouxe aqui em casa, e ele nunca faz isso!

— Tudo bem, nós não vamos discutir uma relação que não é nossa. – Ele falou calmamente, com um risinho. – Vou aí à tua casa agora.

— Não pra me ver. – Eu deduzi.

— Vou unir o útil ao agradável.

Não demorou meia hora até o Vitor chegar. Eu só fui à sala para checar se a Luana havia sido convidada, e uma raiva repentina me sucumbiu ao ver que não. Eles bebiam vinho, e até meu pai se juntou.

— E essa tromba? – Meu pai perguntou me entregando um copo com o vinho, e eu olhei-o rancorosa.

— Injusto o que o Rodrigo faz. – Eu resmunguei.

— Essa aí é mais bonita, educada, essas coisas. – Ele

falou descontraído, e eu olhei-o horrorizada. – Mas é coisa de uma noite, pelo que ele falou.

— Pai! – Eu falei mais alto, por ele compactuar com essa merda. Na verdade eu só queria essa Srt^a perfeita longe, e ela ficar com meu irmão não facilitaria isso. E se fosse só pra causar ciúme no Vitor?

Bem, se fosse, a missão dela era falha, ou então o Vitor era um perfeito ator.

— Queria agua, Anna. – O Vitor falou todo amuado, e eu quase ri dele.

— Eu vou sair com a Cris agora. – Meu pai falou olhando o relógio. – Juízo e não derrubem a casa. – Ele falou antes de me dar um beijo na testa, e cumprimentar o Vitor.

— Água. – Vitor fez um beijo e eu bufei um riso, seguindo pra cozinha. Ele empurrou a porta, e eu dei risada, fugindo dele, o entregando um copo e indicando a geladeira. – Poxa, Anna, vai ficar assim, agora? – Ele perguntou enquanto enchia um copo com agua, e eu sorri.

— Assim como?

— Fugindo. – Ele falou após beber um pouco da agua.

— Você tem um passado mal resolvido com a Camila. – Eu comecei, enquanto ele me olhava atento. – Eu não vou ficar entre isso.

— Pelo amor de deus. – Ele falou rápido, rindo. – Ela tá lá com teu irmão.

— Ela quer te enciumar. – Eu provoquei e ele deu um riso, negando com a cabeça.

— Eu não to com ciúme. — Ele afirmou. — Quem vai ter ciúme da Camila, quando tem você?

— Ai, para. — Eu pedi, me saindo dele mais uma vez. — Eu já disse que odeio essas coisas.

— Que coisas? — Ele riu, quando conseguiu me prender entre seu corpo e a bancada da pia.

— Essa pressão. — Eu resmunguei. — Quem me garante que você não tá fingindo e querendo enciumá-la, também?

— Se fosse pra fazer essa merda, seria mais fácil ter voltado. — Ele falou o óbvio, e eu o encarei. — Ah, porra, Anna, eu não vou te forçar a nada não, haja paciência. Louca. — Ele resmungou, me soltando e saiu da cozinha. Eu bufei um riso, saindo dali e fui para o meu quarto.

Capítulo 16

Troquei algumas mensagens com a Luana, que perguntava o porquê de o meu irmão não estar atendendo, e nem respondendo as mensagens dela. Eu queria ter dito, mas falei que ele estava dormindo.

Não demorou mais que vinte minutos até o Vitor engolir sua raiva e entrar no meu quarto,

Eu o ignorei, mexendo no celular, mas ele apagou a luz, se deitando ao meu lado e ligando a TV.

— Porque eu usaria você pra fazer ciúme na Camila? — Ele perguntou zapeando os canais e, eu dei de ombros. Não queria discutir isso, porque nós não tínhamos um relacionamento sério. — Nós conversamos, ela queria tentar de novo, remoeu passado e essas coisas. Não vou reclamar Anna, eu não tenho direito de falar dela. Não deu errado pra nós, só que ela em um dia qualquer, quando soube que eu me mudaria, resolveu que o melhor era terminar.

— E agora ela está arrependida.

— Não, ela não tá. A Anastácia publicou umas coisas no meu facebook e ela viu.

— Hum, imagino. — Eu falei entediada, porque também não havia visto isso.

— Se ela quisesse realmente uma volta não estaria dando mole pro primeiro que aparecesse. — Ele suspirou forte. — Teu

irmão perguntou se estava tudo bem, e eu ia dizer o que? – Ele riu. – Eu não posso impedir a vida dela.

— Ele é um filho da puta. – Eu resmunguei, porque havia tomado as dores da Luana. – Se eu fosse a Luana nunca mais nem olhava na cara dele.

— Mas você sabe que ela vai esquecer isso. – Ele deu um risinho, se virando de lado, ficando de frente pra mim. – E você, não ia estudar?

— Você tirou minha concentração.

— É? Você que gosta de falar sobre o que não convém.

— Eu não vou ficar com um cara que pode a qualquer momento voltar com a ex perfeita. – Eu falei enfática, entediada e ele riu.

— A ex perfeita coincidentemente vai passar a noite com o seu irmão. – Ele falou docemente, e eu bufei um suspiro. O Marcus entrou no quarto, para pegar as chaves do apartamento, e o Vitor entregou, avisando que logo iria embora.

— Você pode ir já. – Eu falei, e ele negou com a cabeça.

— Eu quero conversar contigo um pouco. – Ele falou me tomando o celular. Era algo que me dava nos nervos, toda vez ele tomava a porcaria do celular. Eu o olhei, esperando que ele comesse a conversa. – Poxa, Anna, eu to com quase certeza de que isso é ciúme.

— Ciúme de que, pelo amor?

— Tudo bem, Dona sem sentimentos. – Ele falou sarcástico, e eu deixei escapar um riso.

— Você devia conversar com a Anastácia. – Eu falei

carrancuda, e ele bufou um suspiro. – Não to fazendo birra contigo, só que você ficava com a menina. E ninguém deve ter avisado que você poderia voltar com a ex.

— E quem te avisou isso? – Ele perguntou arqueando uma sobrancelha e eu dei de ombros. – Não tem chance de volta, ainda mais agora que ela ficou com teu irmão.

— Ah, simples assim. – Eu desdenhei. – Se você gosta dela, isso não impede em nada.

— Tu voltaria com o Nicolas? – Ele perguntou, e eu o olhei, como se eu não o achasse esperto o suficiente.

— Você não vai mudar de assunto.

— Voltaria? – Ele pressionou e eu fiz uma carranca, me sentando na cama. Eu nem sabia, era irritante e engraçado ouvir essa pergunta. Eu voltaria? Se ele chegasse e conversasse... Não, eu não voltaria.

— Só se não existisse Mayara. – Eu falei um tempo depois.

— Tu nem gosta dele. – Ele falou rindo confuso.

— Era mais fácil com ele. – Eu resmunguei. – Ele não me contrariava quase nunca. E ainda era irmão do meu melhor amigo. Era fácil demais manter o namoro. Todos os meus amigos eram amigos dele, meu irmão era mais ou menos próximo, era tudo fácil de monitorar. E ele fazia todas as minhas vontades, me dava presentes bons, mimava. Essas coisas...

— Coisas de homem que trai. – Ele falou entediado. – Eu não iria ser fiel a uma namorada que só me trata mal, é prepotente e tá pouco se fodendo pro namoro. Usava isso como fonte de sexo fácil e bem visto.

— Você distorce. – Eu falei horrorizada. – E não me importa se ele foi ou não fiel, porque acabou.

— E eu nem acredito que a Mayara ficou com ele. – Ele riu incrédulo e eu o olhei incrédula.

— Ah, agora você tá com ciúme dela? – Eu disparei sem pensar, e ele me olhou assustado, caindo na gargalhada em seguida.

— Quanto tempo você acha que vai durar essa coisa com eles? Eu não conheço a história, Anna, mas que cara confia numa menina que esquece que ele estava namorando a melhor amiga?

— Ah, tá que você ia deixar de ficar com a Mayara. – Eu falei sarcástica e ele riu.

— Não. Mas não é sobre ele ficar, é sobre ela.

— Ok, mas isso é uma coisa que não dá mais pra mudar, então eu não quero mais falar sobre isso.

— Você não tem falado com ela? – Ele perguntou, audaciosamente subindo a minha blusinha, beijando minha barriga carinhosamente.

— Não. – Eu falei, rindo.

— Deveria, pra ele ver que não tem o poder de destruir.

— O que ela fez não conta né? – Eu perguntei, puxando seu cabelo para que ele parasse os beijos.

— Perdoar faz parte da vida. – Ele apertou os lábios de uma maneira inocente, que me fez sorrir, então eu me aproximei mais, selando nossos lábios. – Por isso teu irmão vai ficar com a Camila hoje.

— Hum? – Eu perguntei franzindo o cenho, ainda com

nossos rostos próximos.

— Ele sabe que a Luana vai perdoar.

— Ah. – Eu resmunguei, me afastando.

— Essas histéricas são as melhores, Anna. Em minha opinião. Elas gritam na hora, fazem show, juram te matar, ou dizer que vão morrer, mas meia hora depois nem se lembra da merda que o cara fez.

— E como era com a sua ex perfeita?

— Normal. – Ele limitou a resposta, e eu o encarei, esperando por mais. – Normal, nós brigávamos por bobagem, não concordávamos com tudo. Ela é aquela dama na rua e puta na cama. – Ele deu um risinho pra minha careta enojada. – Simpática, ela não é implicante. Ela nunca brigou com menina nenhuma por minha causa, e nem toma raiva delas.

— Eu também não. – Eu resmunguei, e ele me deu um sorriso presunçoso, se sentando também. – Não me olha com essa cara, eu nunca briguei com ninguém por causa de um garoto.

— Você tá sem falar com a sua melhor amiga porque ela ficou com seu ex. Implicou com a Anastácia, a Camila ganhou um apelido sarcástico e...

— O que, pelo amor de Deus eu iria conversar com a Mayara? Sobre como o Nicolas é na cama, ou de como ele é meloso e dramático? Iriamos comparar as coisas que ele faz ou como ele foi comigo e como é com ela? – Eu fui falando sem nem parar pra respirar e ele riu. – E eu só não achei que você combinasse com a Anastácia, eu não tenho nada contra ela.

— E a Cá?

— Pelo amor de Deus, não tem a ver com você. — Eu disparei, e ele permaneceu me encarando, que revirei os olhos. — É o meu irmão, que desde que... — Eu suspirei, envergonhada por falar. — Nós ficamos cismou que ela é a mulher perfeita. — Eu falei rápido e baixo, e ele ficou calado. Eu torci os lábios, me aproximando mais dele, que virou o rosto, me fazendo rir, então eu levei uma mão à lateral de seu rosto, o virando para mim. — Você é muito chato, Vitor. — Eu reclamei, diante a sua careta séria. — Ninguém pode discordar de você que você fecha a cara.

— Porque então você não volta com seu ex perfeito? — Ele perguntou sarcástico, e eu dei risada.

— Porque ao contrário de você, eu não tenho um ex perfeito querendo voltar. — A minha resposta pareceu inibir algum rebate, e ele me deixou beijá-lo.

Nós conversamos tanto após o sexo, que eu acabei dormindo sem que ele fosse embora. Foi a coisa mais estranha do mundo coincidirmos sair do quarto na mesma hora que o meu irmão e a Srt^a perfeita. Ela tinha os cabelos presos em um coque, e vestia a mesma roupa da noite anterior.

O Vitor abaixou a cabeça, seguindo na frente, e eu torci os lábios, murmurando sem graça um bom dia.

Por outro lado a minha mente não conseguia bloquear os pensamentos de que se eles voltassem, no caso, o Vitor e a Camila, não seria só eu a sair perdendo.

Encontrei o Vitor na cozinha, bebendo água, mas não disse nada. Eu estava incomodada com a Srt^a perfeita aqui, um tanto receosa de isso ter causado ciúme no Vitor.

— Tudo bem? – Eu perguntei amuada, ao me aproximar dele.

— Claro.

— Ah, por favor, você acaba de ver a sua ex saindo do quarto de outro cara e... – Eu parei de falar, ao notar quão patética era toda a situação. Ele também havia dormido comigo e ela o visto sair do quarto de outra. Eu me senti tão suja, porque isso, em algum plano poderia ser apenas provocação de ambos. Claro que talvez não fizesse sentido, se eles quisessem, teriam voltado de uma vez e evitado joguinhos.

— E nada. – Ele falou, me interrompendo. – Ela não faz esse tipo de coisa. – Ele resmungou, e eu o olhei. – Não é do tipo de uma noite e nada mais.

— Ah, que bonitinha. – Eu ironizei. – Porque você então não volta de uma vez?

— Eu nem vou te responder isso, Anna.

— Só uma sugestão. Você não vai encontrar outra senhorita perfeita em qualquer esquina da vida. – Eu falei mais alto, irritada e saí dali.

Capítulo 17

Me tranquei no meu quarto, ignorando as batidas na porta, e em seguida as ligações do Vitor. Ele não insistiu por mais de vinte minutos, e eu supus que foi embora.

Fui surpreendida por um convite do Breno no fim da tarde, e nós fomos ao cinema, em seguida à pizzaria. Eu me sentia inibida a conversar e despejar a minha vida, mesmo com as suas perguntas.

— E você, ainda tá com a Sofia? – Eu perguntei, porque eles tinham um rolo desde a oitava série.

— Claro que não. – Ele riu, tomando um pouco da sua coca.

— E a Mayara com o Nicolas?

— Estão aí. – Ele deu de ombros, e eu inclinei o rosto, o olhando esperando que ele me dissesse mais. – Eles não vão pra frente. – Ele deu um riso. – Ela é meiguinha demais, mas não tá nem aí.

— Não? – Eu perguntei surpresa, me sentindo ainda mais insignificante. Ela ficou por... Nada.

— Não estou aqui pra fazer fofoca, Anna.

— Só me passando informações. E eu não posso fazer nada com isso, só matar a curiosidade.

— E dizer bem feito. – Ele riu, e eu lhe cerrei os olhos.

— Claro, olha o que ela fez.

— Sim, ela deveria ter ficado com o Vitor, que aí você e o Nicolas teriam voltado. — Ele apertou os lábios, rodopiando o copo. O pensamento me deixou aturdida, porque eu não teria ficado com o Vitor e eu gostava de ficar com ele, mesmo que a gente brigue por sua ex perfeita. Eu estaria fazendo o que? Saindo com o pessoal, indo aos encontros na casa deles, e mantendo um namoro frio. Era tedioso só de pensar, e eu quis dizer que gostava da maneira como as coisas estavam, mas fiquei quieta. — Seria mais fácil pra todo mundo.

— Será? — Eu bufei um riso.

— Ela vai dar errado com o Nicolas, te culpar e você vai ser a errada por ter ficado com o Vitor.

— Eu não teria ficado com o Vitor se ela não tivesse ficado com o Nicolas. — Eu rebati e ele me olhou com um sorriso fraco, talvez forçado pelo o que eu conhecia dele.

— Então vocês ficaram mesmo? — Ele perguntou calmamente, e eu torci os lábios, me sentindo culpada.

— Uma ou duas vezes. — Eu falei, e ele riu, negando com a cabeça. — Eu não queria que a Mayara soubesse.

— Vocês deviam conversar. São novas demais pra abrir mão da amizade de anos por um cara.

— Não to com raiva de ninguém, mas e a confiança? É pior que uma traição em um relacionamento.

— Talvez.

— O foda é que vocês a defendem. — Eu resmunguei. — Eu não teria nunca ficado com um cara que é afim.

— Você não se coloca no lugar dela.

— Ah, nós deveríamos falar sobre vocês e os shows em barzinhos. Meu irmão comentou comigo uma coisa sobre. — Eu falei, para mudar de assunto e evitar uma briga. — O Guilherme deve tá animadíssimo.

— Falta você.

— Não, né. — Eu dei risada. — Bota a May lá, no meu lugar. — O Breno riu da ironia do fim da minha frase.

Eu ignorei as piadinhas do meu irmão sobre a Srt^a perfeita e as mensagens do Vitor por dois dias. A começar por ser fim de semestre e eu precisar salvar algumas notas. Estava no shopping com a Luana, quando encontrei o Nicolas.

— Não precisa fingir que não me conhece. — Ele falou ao me dar um beijo no rosto e acenar um sorriso a Luana.

— Cadê sua namorada? — Eu perguntei um tanto sarcástica e ele riu.

— Na minha frente. — Ele falou e eu dei risada. — Qual é Anna, o que a gente teve não pode ser desperdiçado assim.

— Ual, desperdiçado. — Eu falei fingindo horror. — Não foi desperdiçado, foi terminado. Por você. — Eu lembrei, falando pausadamente a última frase. — E nós já estamos indo.

— Eu espero poder conversar direito contigo, depois. — Ele falou, enquanto nos afastávamos.

— Que onipotente. — A Luana falou irônica. — Por isso o Vitor o detesta.

— O Vitor não tem moral pra detestar alguém.

— Seu irmão ficou com a Dona perfeição? — Ela perguntou e eu apertei os lábios.

— Não que eu saiba. — Eu falei.

Durante a semana em que eu e a Luana ignorávamos o Vitor e o Rodrigo por... Sei lá porque, eu poderia dizer que ficamos bem próximas. Tanto a ponto de eu notar os seus enjoos matinais e pela tarde.

— Isso não é nada suspeito. — Ela falou, ao sair de uma das cabines do banheiro da faculdade. — Óbvio que foi algo que eu comi. — Ela usou a típica desculpa de quem sabe que tem problemas.

— Talvez. — Eu apertei os lábios, porque em quase um ano namorando o Nicolas, eu já havia passado por algum susto e a última coisa que alguém precisa nesse momento assustador, é outro alguém pressionando e reafirmando algo que a gente já sabe que pode ser.

— E também, eu não costumo comer pela manhã.

— E você comeu? — Eu perguntei, a olhando pelo espelho, e ela deu de ombros.

— Eu vou pra casa, porque imagina ficar passando mal durante alguma aula? — Ela perguntou horrorizada. Eu torci os lábios, ponderando dizer ou não alguma coisa.

Fui embora com meu irmão que indagava sobre a Luana, o que era tedioso. Eu não perdi a oportunidade de provoca-lo, usando a palavra *papai* sempre que tinha uma deixa de insinuar algo.

— Ela te falou alguma coisa – Ele afirmou ao entrar no meu quarto, e estava ofegante. – Anna. – Ele chamou, correndo a mão do rosto até a nuca, o que agora era engraçado.

— Ela não me falou nada. – Eu sorri esguiamente para ele, que bufou um suspiro. – Não sei por que esse nervoso.

— A Anastácia acha que ela tá... – Ele não terminou de falar, e eu o olhei.

— Tá? – Eu pressionei, e ele riu.

— Vocês querem me deixar doido, só pode. – Ele deixou escapar um riso. – É previsível demais, é impossível. – Ele falou pausadamente a última palavra.

— Clichê. – Eu resumi. – Essa história de vocês. O típico cara idiota que pega todas, por um acaso, pode ser pai. Acontece com quem não se previne. – Eu falei causalmente, me levantando. – Isso é, se ela for a única que acha que está esperando um filho seu.

— Eu nem vou discutir isso contigo, Anna Maria. – Ele falou irritado, como se soubesse que eu odiava esse nome.

— Então compra um teste de gravidez e tenta conversar com ela.

— Que? – Ele perguntou aflito, e eu dei risada.

— O que? Você vai ser do tipo que só faz? – Eu perguntei desdenhosa, ficando de frente pra ele, que se deixou cair sentado na cama, meio pálido. – Tá tudo bem?

— Eu vou morrer.

Eu tentei acalmar meu irmão com água e açúcar, mas ele

preferiu um beck. Nós fomos a uma farmácia logo depois, mas ele me fez descer do carro para comprar os testes. Eu fui, morrendo de vergonha, por que... Para toda a sorte, e a coisa menos inusitada do mundo, eu esbarrei com a Mayara, enquanto segurava dois testes. Ela franziu o cenho, pegando um da minha mão, e em seguida olhou pra mim.

— Tá tudo bem? – Ela perguntou me entregando a caixinha, e eu assenti, pegando também duas barras de chocolates e um pacote pequeno com balas. Somente quando eu entrei no carro, me passou pela cabeça que eu devia ter explicado que não eram pra mim, mas quem iria garantir que ela iria acreditar? Nós seguimos para a casa da Luana, e voltamos pra casa. Eu, mesmo com toda a curiosidade do mundo para ver a cena, fui para o meu quarto.

Fiquei boa parte do tempo na internet, recebendo, lá pelas nove da noite uma ligação do Nicolas. Eu olhei o celular e deixei chamar até cair, mas ele insistiu mais duas vezes seguidas.

— Fala – Eu pedi, fechando o notebook, e me encostando a cabeceira da cama.

— É que seria a coisa mais injusta do mundo você engravidar e não me falar nada. – Ele gritou e eu franzi o cenho, rindo.

— Sério?

— Claro, Anna, esse filho pode ser meu. – Ele rebateu, convicto e eu bufei um suspiro. – Ficar calada não resolve nada.

— Quem te falou essa merda?

— Não importa quem me falou. – Ele falou, como se isso fosse realmente uma suposição minha e como se alguém além da Mayara tivesse me visto. Eu queria desfazer logo essa palhaçada, mas deixá-los com essa pulga atrás da orelha, por mais que fosse desonesto e maldoso, agora soava divertido.

— Se for seu, quando nascer a gente faz um teste de DNA. – Eu falei, finalizando a ligação.

Eu dei risada, porque isso estragaria o romance perfeito que talvez eles estivessem vivendo. Depois me veio a culpa, porque eu já nem queria mais nada com o Nicolas e não havia um motivo pra essa coisa toda. Acabei ligando de novo, uns vinte minutos depois.

— Eu to aqui em baixo, abre. – Ele resmungou, e eu bufei um suspiro.

— Não...

— Eu não quero saber de desculpa, Anna. – Ele gritou comigo, o que já havia deixado de ser engraçado.

Eu desci, porque a última coisa que eu precisava agora era o Nicolas fazendo show lá em cima. Assim que o encontrei, que me recebeu com um abraço forte, como se eu precisasse de conforto, dei de cara com o Vitor, que entrava no prédio, brincando com as chaves do carro.

— Que foi? – O Nicolas perguntou confuso, acarinhando meu rosto quando eu desfiz o abraço.

— Eu estava brincando.

— O que? – Ele riu confuso. – Você não iria comprar dois

testes de gravidez a toa.

— Anna? – O Vitor chamou, parando ao meu lado.

— É, eu não iria.

— Eu sei que é meu. – O Nicolas falou, olhando de relance o Vitor, que voltou a olhar pra mim.

— O que é dele?

— O filho. – O Nicolas respondeu seguro de si, e eu não consegui segurar o riso.

— Vocês têm se visto? – O Vitor perguntou franzindo o cenho. Eu queria devolver a pergunta e saber sobre a Anastácia, mas não o fiz. Eu neguei com a cabeça.

— Como não, Anna? – O Nicolas perguntou incrédulo.

— Quando nos vimos, ô bonitão? – Eu perguntei desdenhosa.

— Há um tempo suficiente pra eu ter certeza de que o filho é meu. – Ele rebateu tão convicto que era engraçado.

— Que filho? – O Vitor perguntou, suspirando forte, como se soubesse que não havia filho.

— Nicolas, pode ir embora, a gente conversa depois. – Eu pedi, o guiando para fora do prédio. – É sério.

— Você já fez os testes? – Ele perguntou enquanto eu o empurrava. Eu estalei os lábios.

— Eu não vou fazer, não eram pra mim. – Eu garanti, e ele riu sarcástico. – Ok, eu vou fazer os testes e te ligo tá?

— Anna – Ele chamou, e eu o olhei. – Eu te amo. – Ele falou com um sorrisinho esguio e eu bufei um riso, acenando com a mão. Era muito cinismo.

— Então você acha que está grávida? – O Vitor perguntou quando eu me aproximei. Eu tentei evitar essa conversa, o puxando para um beijo, mas ele não correspondeu.

— Era pra Luana.

— E você tem visto o seu ex?

— Umas boas semanas antes de ficar contigo, sim. – Eu contei, até porque não havia um motivo pra esconder essa bobagem. – E o Rodrigo tem problemas.

— Não to dizendo que ele é o certo, Anna, mas ela devia ter dito a ele que não tomava nada.

— Às vezes é só um susto. – Eu falei, o puxando para o elevador. Quando eu entrei em casa, peguei meu celular tocando numa ligação da Mayara. Eu olhei entediada para o Vitor, que me tomou o celular, rejeitando a ligação e me puxou pela cintura, juntando nossas bocas no que deveria ser um beijo, mas eu interrompi.

— Você acha que o Rodrigo vai aceitar? – Eu perguntei, mas antes que ele respondesse, o meu celular tocou outra vez.

— Atende porque ela deve tá em pânico. – O Vitor falou enfadonhamente. – Hipoteticamente você está grávida do cara que tá comendo ela.

— Oi. – Eu falei não me esquivando dos selinhos do Vitor, que sorria, como se soubesse a minha paixão por esse sorriso.

— A gente pode conversar? – Ela perguntou com a voz embargada, e eu suspirei. Por mais que estivéssemos estranhas agora, eu a conhecia a tempo suficiente pra saber que ela estava chorando. – É sério, Anna.

— Sim — Eu concordei, enquanto o Vitor nos guiava pro meu quarto. — Sobre?

— Essa merda toda que tá acontecendo. — Ela falou mais baixo, sendo entregue por um soluço, obviamente involuntário. O Vitor trancou a porta do meu quarto, me empurrando até que eu caísse sentada na cama. — Tá ocupada?

— Pode falar. — Eu falei, mas ela ficou calada. — O Nicolas fez algo? — Eu sugeri confusa, e o Vitor riu.

— Esse filho é dele?

— Ah, não, Mayara. — Eu falei malevolente. — Não existe filho.

— Como não? — Ela perguntou incrédula. — Eu conheço você, Anna, sei que vai usar disso pra ter o Nicolas de volta.

— Eu não vou fazer nada pra ter o Nicolas de volta, simplesmente porque ele não vale a pena. Olha o que ele fez. Não pensou em mim, nem em você, nem na nossa amizade de anos, nem no nosso namoro de meses, só na vontade idiota dele. E você? Pensou em algo além de ficar com ele? Claro, você me conhece e jura que eu to morrendo pra voltar com ele. Mas eu não to, Mayara. Se você me conhecesse como diz, não teria nem ficado com ele, mas enfim, se o seu medo é que eu ainda queira o Nicolas, relaxa, eu não to nem aí. — Eu falei calmamente, ignorando o Vitor que fingia bater palmas, e a Mayara ficou em silêncio.

— Você fala como se só eu, fosse a errada da coisa toda. E o Vitor? Você sempre soube que eu era afim dele.

— Eu nem sei o que te falar. — Eu falei rindo confusa. — Já parou pra pensar que se você não tivesse ficado com o Nicolas, hoje o Vitor seria seu?

— Vocês tinham terminado Anna Maria! Pelo amor de Deus, entenda que o mundo não pode girar em torno só das tuas vontades. – Ela falou impaciente.

— E você tinha o que com o Vitor? – Eu perguntei um tanto sarcástica. – Eu não quero mais conversar, Mayara. Eu não to interferindo entre você e o Nicolas, então, por favor, não fica querendo transferir a culpa pra mim não.

— Esse seu egocentrismo que te afasta das pessoas. – Ela resmungou. – Era óbvia a sua raiva por ele ter terminado contigo e vindo atrás de mim.

— Raiva dele. – Eu retruquei. – De você eu senti pena. Pena porque você tinha um cara incrível louco pra ficar contigo e preferiu o ex da tua melhor amiga. Pra que? Viver de insegurança, porque no fundo você sabe tão bem quanto eu, que ele não presta? Eu não vou me esconder atrás de mágoas, Mayara, eu vou usar isso como um referencial. Não existe só um culpado nessa história e eu assumo, deveria ter jogado o peso da escolha nas tuas mãos. Como você se sentiria se por um acaso eu te pedisse permissão pra ficar com algum dos teus ex? Iria adorar apostado. – Eu falei irônica. – Mas agora isso é passado, por mais que seja recente é passado e a gente deveria só esquecer. Fica com o Nicolas, eu achei coisa melhor. – A Mayara finalizou a ligação, e eu bufei um suspiro.

— Só você que fala, hein. – O Vitor falou zombeteiro. – Quando vem a parte que ela argumenta?

— Se algum dia você ficar com a Mayara eu mando te matar. – Eu resmunguei, e ele arqueou as sobrancelhas. – Por favor, olha só a merda que dá e eu ainda levo a culpa!

— Confuso hein. Teu ex deve ter falado alguma merda.

— Eu odeio quando o assunto entre nós foca neles dois. — Eu reclamei, deixando meu corpo cair deitado na cama e, o Vitor veio pra cima de mim. — Eu pensava que era viciada em sexo, mas você me supera. — Eu falei, porque ele subiu o meu vestido, enquanto roçava o nariz em meu pescoço.

— To tentando relaxar você. — Ele falou inocentemente, mas fomos interrompidos por gritos vindos lá de fora. — A coisa tá tensa por aqui hoje. — Ele falou ao se levantar. — Teu irmão é imaturo demais. Como se gritar desengravidasse alguém.

— Você diz isso porque não é você. — Eu retruquei, saindo do quarto. Encontrei meu irmão e a Luana na sala. Ela estava sentada no sofá, com o rosto escondido entre as mãos, e ele em pé, evidentemente nervoso.

Capítulo 18

— Tudo bem por aqui? – Eu perguntei confusa, e o Rodrigo me olhou de relance, tragando um cigarro que tinha nas mãos. – Você fez algum teste? – Eu perguntei para a Luana, que assentiu, soluçando mais uma vez. Eu olhei o Vitor que apertou os lábios, dando de ombros como se não soubesse o que fazer, agora que ela provavelmente estava grávida. – Deram positivo? – Eu sugeri, receosa e ela assentiu outra vez. Uma angústia repentina me dominou, porque era tão precoce essa coisa deles dois, porque ele só estava se divertindo com ela, porque ele havia passado uma noite com a Srt^a perfeita e porque ele agora estava agindo como se não fosse culpado. – Vocês deviam conversar com mais calma.

— Vocês deveriam sumir daqui. – Meu irmão resmungou, acendendo mais um cigarro e eu o olhei enojada. – O que? – Ele perguntou indignado. – Você tá achando que é só isso? Engravidou a gente tem que assumir? – O meu pai entrou em casa ao mesmo tempo que meu irmão se calou, e nos olhou confuso, obviamente percebendo o clima pesado.

— Tudo bem aqui? – Ele perguntou franzindo o cenho. Meu irmão bufou um riso, e meu pai voltou sua atenção a Luana. – O que houve? Foi o negócio com a morena? – Ele disparou e a Luana ergueu a cabeça, secando o rosto e olhando pro meu irmão. – Vão brincar de mudez?

— Rodrigo tem problemas. – O Vitor falou. – Coisa pra vida toda.

— Coisa pra vida toda? – Meu pai deixou escapar um

riso. – Engravidou alguém? – Ele perguntou zombeteiro, não acreditando na possibilidade, mas o silêncio pesado desfez o seu sorriso. Ele então pegou um teste que estava em cima do aparador atrás do sofá, e olhou de novo pro meu irmão, que agora tragava um cigarro atrás do outro, silencioso. – Ela? – Ele perguntou um tempo depois, algo que fez a Luana cair em um choro desesperado. Eu estava meio sem reação e quando ameacei ir até ela, o Vitor me segurou. Meu pai apertou o maxilar, respirando fundo, apertando o maxilar novamente, e apertou os lábios. Ele olhou meu irmão e a Luana, e parecia procurar o que dizer. – Quanto tempo? – Ele perguntou visivelmente atordoado. – É... Qual a idade dela? – Eu quase ri da pergunta. – Vai ficar assim? Ok. – Ele assentiu, deixando cautelosamente o teste onde havia pegado. – Quando ela se acalmar a gente conversa direito.

— Não tem o que conversar, ela não vai ter esse... – Meu irmão parou de falar ao receber o olhar frio do meu pai. – O que? Vai sustentar e criar? – Ele perguntou irritado, aumentando o tom e eu me encolhi com o tapa forte que meu pai deu em seu rosto. Ele não falou mais nada e foi para o quarto. Eu fui até a Luana, a abraçando, algo que a fez chorar ainda mais. Meu irmão continuou em silêncio, fumando, inundando a sala com o mau cheiro da fumaça.

— Eu vou pra casa. – A Luana falou quando o Vitor lhe entregou um copo com água.

— Pensa em fazer o que agora? – O Vitor perguntou, e ela deu de ombros, bebendo um pouco da água. – Aborto não é a melhor solução.

— Eu também não posso colocar no mundo uma criança sem ter como criar. – Ela falou baixo, com os olhos voltando a marejar.

— O único pensamento sensato que você teve até agora. — O Rodrigo resmungou, pegando as chaves do seu carro e saiu, batendo a porta com força. A Luana forçou um sorrisinho esguio, me colocando o copo na mesa de centro e correu as mãos no rosto, limpando os olhos, que estavam levemente borrados por causa do rímel.

— Eu acho que você precisa fazer um exame de sangue que é mais seguro, e se estiver mesmo positivo, você tem que contar aos seus pais. — Eu falei cautelosa, e ela limpou as lágrimas que insistentemente voltaram a cair. Suas mãos estavam trêmulas, o que denunciava o seu nervoso. — Você tomava algum anticoncepcional? — Eu perguntei, e ela assentiu, fungando.

— O Rodrigo vai se acalmar e vocês conversam direito. — O Vitor falou, se sentando ao lado dela. — Seria desumano você pensar na possibilidade de não ter o bebê. — Ele continuou. — É uma vida, Luana. Vocês fizeram, não veja como um erro, isso só vai te massacrar.

— Eu quero ir pra casa. — Ela sorriu fraco, suspirando forte.

— Eu te levo lá. — Ele apertou os lábios, levantando, então meu pai apareceu na sala.

— Cadê o Rodrigo? — Ele perguntou. — É assim agora? Ele faz a... — Ele se parou, negando com a cabeça. — E deixa pra eu resolver?

— Não precisa se preocupar, eu...

— Não tem como não me preocupar com isso, moça. — Meu pai a interrompeu. — Eu conheço o irresponsável que criei, e sei que ele vai te pressionar. Eu espero que apesar de... — Ele parou outra vez. — Eu espero que você não cogite

abortar, é desumano, injusto. – Ele resmungou, saindo do apartamento. Eu voltei meu olhar a Luana, que tinha os lábios trêmulos numa tentativa frustrada de não voltar a chorar.

O Vitor foi embora com a Luana, e eu fiquei em casa pro caso de o meu irmão voltar, algo que não demorou mais que duas horas. Ele se jogou no sofá, cobrindo os olhos com o braço.

— Se for pra vir com conselhos maduros, pode se poupar de falar, Anna Maria. – Ele resmungou, suspirando forte. – É demais ver que vocês consideram a opção de ter um filho.

— Isso me surpreende. – Eu falei, me sentando no outro sofá. – Sério, eu pensei que você fosse mais homem.

— Ser homem não quer dizer deixar que ela coloque um filho no mundo. Essa merda não é bem vinda.

— É uma vergonha ver que você pensa dessa maneira. Que não se importa em acabar com uma vida. – Eu falei indignada, escassa de argumentos, porque era algo relativo. As opiniões eram diferentes.

— Eu to tentando poupar uma vida.

— O papai não vai deixar você fazer mais besteira. – Eu falei, e ele riu, negando com a cabeça.

— Manda ele assumir, então.

[...]

Capítulo 19

Os dias seguiram pesados. Meu irmão insistia em renegar a gravidez, e o teste de sangue que a Luana fez, indicava que ela estava com mais ou menos sete semanas.

— Talvez ela achasse que ele era o amor da vida dela e quisesse um laço eterno. – O Vitor sugeriu, enquanto eu olhava os óculos de sol. – Você deveria comprar outra coisa, você já tem igual a esse. – Ele reclamou, e eu o olhei entediada.

— Esse tem a armação dourada, então não é igual. – Eu falei como se fosse o bastante para que eu comprasse. – E tem quarenta por cento de desconto.

— Você devia lembrar que o seu irmão tá pra ser pai e isso triplica os gastos do teu pai, então você devia pensar em economizar e só comprar o que precisa.

— Eu preciso. – Eu sorri falso para ele, que bufou um suspiro. Acabei comprando mais dois óculos, e então fomos embora, porque segundo o Vitor eu além de uma louca tarada, era a louca dos óculos.

Era uma tarde de sábado ensolarada, apesar de ser inverno. Então nós fomos para o clube. Nós tomamos algumas cervejas enquanto conversávamos sobre coisas amenas, e também a gravidez da Luana. Estávamos na piscina trocando beijos, quando eu ouvi as vozes da Sofia e Mayara. O Vitor encerrou devagar, puxando meu lábio inferior com força, e eu mantive os olhos fechados, querendo por um

milagre sumir dali.

— Estão paradas aqui atrás de você. – O Vitor falou com um risinho, e eu ergui os óculos novos, virando o rosto para olhá-las.

— Oi. – Eu falei, cerrando os olhos involuntariamente por causa do sol, e elas sorriram.

— Você devia avisar que estava por aqui, marcar com a gente. – A Sofia falou cordialmente, sorridente, algo que me deu nos nervos.

— Nós decidimos em cima da hora, não deu tempo chamar alguém. – O Vitor respondeu. – E você, Mayara, tá bem? – Ele perguntou simpático, e eu lhe belisquei.

— Melhor impossível. – Ela sorriu para ele. – Vamos, amiga, os meninos estão ali. – Ela apontou com a cabeça, e eu olhei pra mesa onde o Nicolas e o Breno estavam.

— Você devia ir lá cumprimentar o teu amigo. – O Vitor falou, mas era só para me forçar a encarar o Nicolas. Talvez um teste. – Quer ir embora?

— Muito. – Eu sorri, e ele me impulsionou pra cima, me sentando na borda da piscina e eu levantei. Eu acenei para eles de longe, com um sorriso fraco, e fui pegar nossas coisas. O olhar das meninas no Vitor me fez sentir algo próximo do ódio e era algo pior porque em algum momento ele foi afim da Mayara.

Nós fomos para o seu apartamento, e eu segui para o banheiro, junto com ele, que ligou o chuveiro e tirou meu biquíni. Eu deixei que ele lavasse os meus cabelos, massageando deliciosamente o meu couro cabeludo, mas ele

logo desceu as mãos pelo meu ombro, massageando-me ali cautelosamente, e eu grunhia com a sensação relaxante que me dominava. Ele enxaguou meu cabelo e eu rapidamente passei um pouco de condicionador, me deixando ser ensaboada por ele, que insistia em brincar com as mãos em meu sexo, então eu fiz o mesmo com ele, que logo me parou, rindo e me virou de costas para ele, me levando novamente pra debaixo do chuveiro. Eu fechei os olhos, enquanto a água morna caía e ele passeava um dedo em meu clitóris, me levando lentamente ao paraíso com o toque.

— Eu vou gozar assim. – Eu grunhi, enquanto ele beijava o meu pescoço e me virei de frente pra ele, que me pressionou contra a parede, erguendo a minha perna direita, a colocando em volta do seu corpo, me penetrando rapidamente. Eu abafei o gemido, mordendo seu ombro e ele ergueu minha outra perna, indo mais fundo, e eu me contorci de prazer, jogando a cabeça pra trás e gemi seu nome.

— Porra, Anna – Ele gemeu forte recuando um pouco, voltando rápido e forte, e eu gemi mais alto. O Vitor saiu do Box, e me sentou na bancada da pia, afastando minhas pernas e entrando novamente em mim. Eu tentei cruzar as pernas em volta do seu corpo, mas ele as segurou abertas, e nos olhava enquanto estocava forte, rápido, brincando um dedo em meu clitóris, algo que contribuía para me fazer querer gritar.

Quando eu chamei por ele, anunciando que iria gozar, cruzando com força as pernas em volta do seu corpo, e afundando as unhas em suas costas, ele simplesmente parou de se mover, e eu lentamente o olhei confusa, correspondendo ao seu beijo, enquanto meu orgasmo se esvaía. Ele voltou com os movimentos enquanto me beijava,

e aos poucos a sensação maravilhosa voltava, me dominando mais intensamente. O Vitor irritantemente parou outra vez, e deixou escapar um riso por eu choramingar, então eu desci uma mão até meu sexo, me estimulando lentamente e ele se afastou para olhar.

— Era só dizer – Ele gemeu, ofegante, e eu assenti, fechando os olhos, deixando que ele tomasse os movimentos, massageando meu clitóris, afastando meus lábios íntimos, indo mais fundo. – Caralho Anna – Ele lamuriou desesperado e eu me deixei cair, gemendo forte, e o apertando contra mim, ele continuou indo e vindo, até ficar e gemer forte, então eu senti seus espasmos em meu sexo. Ele pressionou os lábios nos meus em seguida, parando os movimentos, saindo de dentro de mim. O Vitor correu uma mão por entre o meu cabelo molhado, sugando meu lábio inferior, antes de iniciar um beijo longo.

— Minha – Ele sussurrou ao encerrar, me encarando nos olhos, deixando nossos rostos próximos.

A sensação que me dominou no momento foi, de me sentir cair. Literalmente. Como num daqueles sonhos que a gente tá em queda infinita e não consegue acordar. Era um medo absurdo, angustiante. Eu fechei os olhos, juntando nossas bocas outra vez.

Nós terminamos o banho, e eu me enrolei numa toalha, indo para o seu quarto. Eu me joguei na cama, exausta, enquanto o Vitor se secava e vestia uma samba-canção preta. Ele se jogou na cama, passando uma perna sobre as minhas, e tirou uma mecha do meu cabelo do meu rosto.

— Vai dormir? – Ele perguntou carinhosamente, e eu sorri, fechando os olhos.

— Pouco. – Eu sussurrei, ganhando um selinho. O Vitor riu, se levantando e saiu do quarto. Eu subi mais na cama, até chegar ao travesseiro e não demorei a pegar no sono.

Acordei novamente com o Vitor falando no telefone, as luzes estavam apagadas e a TV ligada. Eu estava nua e a minha toalha misteriosamente havia desaparecido.

— Semana que vem eu to aí, mãe, beijo. – Ele falou antes de jogar o celular na cama. – Até que enfim.

— To com fome. – Eu falei, virando de bruços pra me esconder.

— Quer comer o que?

— Chocolate. – Eu falei e ele deu risada. – Ok, pizza e chocolate. – Eu revirei os olhos. – São que horas?

— Oito e pouca. – Ele falou, enquanto digitava no celular. – Quer pizza de que?

— Chocolate. – Eu falei, e ele revirou os olhos.

Nós jantamos pizza e suco de laranja. Eu estava na cozinha, arrumando a nossa bagunça, quando o meu celular tocou. Era o meu irmão, desesperado nos pedindo para ir ao hospital com ele. Não deu pra entender muito bem em meio a sua gritaria, então o Vitor pediu apenas o endereço.

— Com certeza é algo com a Luana. – Ele falou, vestindo uma blusa preta de mangas compridas. Eu sequei as mãos na sua camiseta que eu estava vestida e fui ao seu quarto, me

trocar. Eu já havia me lembrado de levar pra casa todas as minhas roupas e pertences que estavam aqui, mas ele havia arrumado tudo em uma gaveta do seu guarda-roupa, meio desorganizado, mas era como se eu tivesse ganhado esse espaço aqui. Era patético, porque se em algum dia o Nicolas tivesse feito essa coisa, eu teria dito que ele tinha pirado. Peguei uma regata e um short jeans claro, e vesti um moletom do Vitor por cima. Tive que prender o cabelo em um coque, porque estava completamente desgrenhado.

Nós ligamos pro meu irmão ao chegar ao hospital, para encontra-lo. Ele estava em uma sala de espera, visivelmente nervoso.

— Eu não quero filho, Anna, mas também não quero perder a Luana. — Ele falou agoniado, gesticulando e eu apertei os lábios. Queria muito jogar na cara dele que as suas atitudes demonstravam ódio pela garota, e ele não tinha moral de falar nada. E também que qualquer coisa que acontecesse com ela agora, era culpa dele, mas fiquei quieta.

— O que houve? — Eu perguntei me sentando ao lado dele, que negou com a cabeça. — Fala, Rodrigo, que droga.

— A gente estava brigando, só isso, sei lá o que houve, ela começou a sangrar e doer — Ele falou agoniado, correndo as mãos no rosto.

— Você não tem pra onde correr, cara. — O Vitor falou apertando os lábios.

— Você não tá com um peso desses, é fácil demais aconselhar.

— Não vou discutir, Rodrigo. Eu só acho que fugir das

responsabilidades e pressionar a garota a abortar não é a melhor solução. A começar pelo transtorno emocional e psicológico que isso tem pra ela. Você vai resolver o teu problema e foder com a vida dela. – O Vitor falou e eu sorri fraco, porque era indescritivelmente admirador ouvi-lo dizer essas coisas.

— Como você disse, não vamos discutir isso. Esse não seria o seu discurso se fosse você a engravidar alguém. – O Rodrigo sorriu falso. O Vitor se sentou ao meu lado, e nós ficamos em silêncio. Eu me sentia envergonhada pela atitude mesquinha do meu irmão. Com a demora a receber notícias e a falta de diálogo, eu me aconcheguei no Vitor, e acabei cochilando.

Acordei somente quando ele chamou, avisando que já poderíamos ir embora. A Luana recusou a ir com meu irmão, e segundo o Vitor, foi apenas um sangramento, mas não era nada grave. O Doutor pediu repouso, o que era algo de praxe.

— Você deveria ignorar o Rodrigo. – O Vitor sugeriu, enquanto dirigia. – Se você não cogita a ideia de interromper a gravidez, Luana, foca em você e no teu bem. Ele tá transtornado, não pensa em nada além de te convencer. Além do que, é ilegal. Quando o bebê nascer, ele vai ter que, por obrigação, ajudar você.

— Hu-hum. – Ela se limitou a responder. Nós ficamos em silêncio até chegar a casa dela.

— É desnecessário esse show que o seu irmão tá fazendo. – O Vitor falou. – Seu pai diz o que?

— Ele vai ajudar, mas acredita que o Rodrigo vai aceitar isso em algum momento.

— Eu fico com pena da criança.

As semanas seguiram e eu me deixava ser levada pelo Vitor da maneira dele, porque me satisfazia, me fazia bem.

Era uma quarta-feira. Ele havia saído com meu irmão e uns amigos para assistir um jogo em um bar, e eu estava em casa, na sala, ignorando meu pai, que estupidamente queria se casar.

— Você agir como uma criança não vai mudar as coisas. – Ele falou zombeteiro, bebendo outro gole do seu uísque, e eu o olhei entediada. – Até onde eu sei, você se dá bem com os filhos dela.

— Que? – Eu perguntei aturdida, horrorizada.

— Sim, filhota. Eu pensei que você poderia dividir o quarto com a Ana, e o Fernando fica com o quarto de hóspedes, até porque nós não usamos aquele quarto.

— Você quer me matar! – Eu gritei, num tom choramingado porque não tinha um argumento. – Não pensa em todos os traumas que eu vivi por ter uma mãe ausente e agora quer me tomar o meu quarto!

— Alguma emissora de TV tá te perdendo. – Ele falou, mexendo rapidamente no celular. – Eu vou sair agora, algum problema?

— Qual a necessidade de casar? Vocês já não se veem todo dia?

— Por isso mesmo. – Ele sorriu, se inclinando para me dar um beijo na cabeça.

— A convivência pode destruir vocês. — Eu falei, querendo assustá-lo e ele riu, consciente disso. — Eu não suporto a Anastácia. Certinha demais, meiguinha demais. Que nojo.

— Você não tem nada contra ela. O seu quarto é grande, vocês podem dividir. Depois conversamos sobre isso, em duas semanas eles já estarão aqui. — Ele avisou antes de sair.

Eu remoí a minha raiva por essa situação maldita, e ainda xinguei o Vitor, porque era culpa dele esse menosprezo que eu sentia pela menina. Era involuntário, mas como eu poderia ser amiguinha ou pior, dividir um quarto com uma menina que é apaixonada pelo mesmo cara que eu?

Quero dizer, eu não era apaixonada pelo Vitor.

Meu irmão chegou depois da meia noite, junto com a Luana e eu a olhei desprezível, porque quando ele lembrava que teria um filho com ela, a maltratava.

No dia seguinte nós tivemos um almoço em família, e eu não me esforcei em ser amigável. Talvez se ela não quisesse dividir quarto comigo alguém fizesse a sua vontade.

Eu dormi a tarde inteira, acordando pouco depois das seis, com meu pai me cutucando, sentado a beirada da minha cama.

— Eu pensei melhor. — Ele falou e eu grunhi, esfregando

os olhos e me sentando.

— Hum?

— Você poderia dividir o quarto com seu irmão. – Ele sugeriu como se isso fosse realmente viável. – O quarto dele é bem maior.

— Eu tenho uma ideia melhor. Já que essa Anastácia é mais importante, eu fico com o quarto da empregada. Juro que não vou me importar. – Eu falei, me levantando. – Eu posso doar as roupas que não couberem naquela cômoda minúscula, e os moveis. – Eu falei desdenhosa, dando de ombros e meu pai riu.

— Qual o teu problema com a menina, Anna?

— Eu não tenho problema com ninguém, eu só não quero ter que dividir meu quarto.

— Anna – Ele chamou, mas eu entrei no banheiro, empurrando a porta com força. Tomei um banho quente e demorado, querendo dissipar a minha raiva. Nem tanto por ter que dividir meu quarto com a Anastácia, mas por ter que dividir o meu quarto. Era o meu espaço e não cabia mais alguém.

Quando saí vesti uma calça jeans boyfriend escura com uma regata branca, que mostrava um pouco da cintura. Calcei uma rasteirinha com um laço frontal e penteei os cabelos, os secando um pouco com o secador. Passei uma maquiagem básica, e coloquei perfume.

Em seguida liguei para o Vitor.

— Lembrou que eu existo! – Ele falou ao atender.

— Tá ocupado?

— Pra você, nunca. – Ele falou docemente, e eu deixei escapar um riso, passando um pouco mais de rímel em frente ao espelho. – Por quê?

— Eu queria te ver. – Eu falei manhosa, ouvindo um riso seu, porque eu nunca antes havia ligado o pedindo.

— Tá tudo bem?

— Tá, eu só queria te ver, conversar com alguém. – Eu falei entediada, suspirando cansada. – Se estiver ocupado, tudo bem, eu...

— Eu to indo te buscar, gostosa, dez minutos eu to aí. – Ele falou antes de desligar.

Eu me olhei no espelho, achando ridícula a calça e troquei por uma saia jeans preta, e coloquei alguns acessórios. Não demorou a que o Vitor ligasse e nós fomos para o seu apartamento. Eu evitei conversa e o beijava quando ele perguntava se estava tudo bem.

— Você não é vidente, se eu digo que está tudo bem, é porque está. – Eu sorri falso para ele, me sentando de frente em seu colo e ele riu.

— Você nunca liga e pior, nunca me chama, Anna. Isso não é algo normal.

— Não ligo mais, então. – Eu torci os lábios.

Nós estávamos emaranhados no seu sofá e eu gemia fraco com os beijos molhados que ele dava em meu pescoço, quando meu celular tocou. O Vitor deu um riso, o pegando no

chão da sala, e rejeitou a ligação, sem nem olhar quem era.

— Eu deveria atender. – Eu falei, deixando que ele colocasse minha perna dobrada em volta do seu quadril. – Porque poderia ser algo importante.

— Se ligarem de novo você... – Ele foi interrompido pelo meu celular e bufou um suspiro, me entregando o aparelho e levantou, vestindo a boxer azul e seguiu para cozinha.

Era o Nicolas, o que soava estranho, então eu não atendi. Eu levantei também e vesti a sua camisa e a minha calcinha, catando nossas roupas do chão e levei pro quarto.

— Eu to com fome. – Eu falei com o Vitor, que riu, passando um braço em volta da minha cintura, me puxando bruscamente e nos envolvendo em um beijo lento, intenso, longo. Eu logo subi minhas mãos por entre os seus cabelos, o puxando mais pra mim. Ele deixou escapar um gemido rouco, ao encerrar puxando com força o meu lábio inferior.

— Eu pedi comida japonesa. – Ele falou, antes de selar nossos lábios e eu dei risada.

Nós estávamos na sala, respondendo um jogo de perguntas, ao qual eu estava perdendo horivelmente feio, quando o interfone tocou. O Vitor levantou sem ao menos se vestir para ir pegar a comida, e eu quis esfolar o entregador por olhá-lo.

— Esse cara é gay. – Eu falei entediada, e ele riu de mim negando com a cabeça.

— E o teu irmão e a Lu?

— Ah, eu desisto de falar com ela, porque ele maltrata e quando ele vai doce atrás, ela esquece tudo e vai.

— Ele vai acabar aceitando numa boa, uma hora. – O Vitor deu de ombros. – Ela já contou aos pais? – Ele perguntou e eu dei de ombros. Nós conversamos sobre coisas mais amenas enquanto comíamos. Já passava das onze e nós estávamos no quarto quando meu pai passou a insistentemente ligar.

— Ele deve tá preocupado. – O Vitor falou, pegando o meu celular mais uma vez.

— Ele quer tomar o meu quarto. – Eu falei irritada, rejeitando a ligação.

— Hã?

— Ele simplesmente quer me fazer dividir o quarto com a Anastácia. – Eu falei horrorizada e ele riu. – Sério, isso é impossível.

— Tem algo contra ela?

— Claro que não, Vitor! – Eu falei indignada. – É só que é o meu quarto.

— Você quase não fica lá. – Ele falou, como se essa minha birra sobre a saga do quarto fosse infantil demais. – Não vejo algum problema. Então seu pai vai se casar?

— Você não entende. – Eu resmunguei.

— Claro que não. Você quer fazer um caos porque não pode dividir o quarto com uma menina.

— Vamos mudar de assunto, por favor. – Eu pedi impacientemente. – Pelo amor de Deus, não tem espaço pra ela lá.

— Ciúme. — Ele falou e eu o olhei desdenhosa. — E ela diz o que disso?

— Do jeito que ela é doce capaz de aceitar tudo numa boa.

— Você pode vir dormir aqui todo dia. — Ele falou, fungando em meu pescoço, me deixando mais irritada.

[...]

Capítulo 20

As duas semanas passaram e eu evitei meu pai, numa tentativa frustrada de fazê-lo desistir de se casar. Era uma segunda-feira, quando eu cheguei da faculdade e encontrei o apartamento movimentado.

Foi como perder o meu chão ver malas por todo lugar, e a primeira coisa que eu fiz foi ir até o meu quarto. Imaginem algo em câmera lenta, onde o foco principal ficou quando eu notei uma segunda cama igual a minha. Um pesadelo. Eu sacudi a cabeça aturdida, procurando meu celular para ligar pro meu pai. Era a coisa mais ridícula e injusta do mundo ele fazer isso comigo. Ela teria acesso a toda a minha rotina e a todas as vezes que eu saía com o Vitor. Ele vir aqui seria algo proibido, porque ela o veria.

— Eu também não queria. — Eu discava o número do meu pai quando a voz doce ecoou e ela parou ao meu lado. — Odeio dividir.

— E não fez nada pra impedir essa merda? — Eu perguntei desdenhosa, sarcástica.

— Eu não tive sucesso nos argumentos. — Ela deu de ombros. — Mas nós precisamos resolver o lance dos armários.

— Ah, claro. — Eu resmunguei. — Eu acho uma pena você ter que manter suas roupas em uma mala, porque não tem espaço pra nem mais uma blusa no meu guarda-roupa.

— Nós daremos um jeito. — A Cristiana falou entrando no quarto. — Eu estou tão feliz com a mudança, vocês não? — Eu

não me dei o trabalho de responder, porque era ridiculamente possessiva com coisas materiais, e dividir o meu quarto era a coisa mais ridícula a ser pensada agora. – Eu já encomendei um armário igual a esse, pra não mexer na decoração do quarto. Depois, nós vamos pensar em procurar um lugar maior. Eu espero que vocês se deem bem. – Ela sorriu amplamente, mas como em uma vida eu conseguiria ser amiga de uma menina apaixonada pelo... Eu me parei, lembrando mais uma vez que eu não estava apaixonada pelo Vitor.

— Claro. – Eu resmunguei, como uma criança contrariada. Peguei uma muda de roupa e a toalha e entrei no banheiro, porque agora eu nunca mais teria a liberdade de me trocar no quarto. Tomei um banho demorado e vesti o short jeans com a regata. Quando saí do banheiro, desembaraçando os cabelos, notei o celular da Anastácia sobre a cama. Eu o peguei, mas era óbvio que eu não adivinharia a sua senha. A foto do fundo da tela bloqueada era do Vitor. Eu dei um risinho, e como uma ideia estúpida, eu tentei seu nome. Ela deveria ter parado na quarta-série quando colocamos o nome da paixonite do momento na senha de algo. Ou nem tão previsível, quem imaginaria essa baboseira? Eu torci os lábios olhando se ninguém estava me vendo e fui fuçar suas mensagens no whatsapp. Claro que só as com o Vitor. Uma raiva indescritível me sucumbiu ao ver que ele falava com ela, e eles eram amigáveis. Eu apertei o maxilar, controlando a respiração pesada, porque eu nunca havia sido uma ciumenta descontrolada.

Foi ainda mais sufocante ver as safadezas, ah que ódio. A última que ele havia mandado: **quando vai dar pra gente se ver? Saudade.**

Eu quis matar o Vitor. Castrar. Eu deixei o celular onde estava, e quis me matar por estar tremendo de raiva. Para piorar o meu estado descontrolado, o Nicolas me liga.

— Como se não bastasse a merda que está acontecendo eu ainda tenho que lidar com o seu cinismo! – Eu resmunguei ao atender, ouvindo a sua risada.

— Eu queria te ver. – Ele falou docemente, e eu estupidamente quase cogitei a ideia. Ainda iria querer vê-lo em sua casa, só pro Vitor vê-lo e perceber que eu também não estava nem aí. Mas depois eu pensei que a ideia era causar ciúme no Vitor e não bancar a corna que não consegue superar um ex idiota que estava com a minha ex melhor amiga. – Anna?

— Eu não tenho tempo pra perder contigo, Nicolas.

— A gente era amigo antes de namorar. – Ele lembrou como se fosse viável agora.

— Sim, nós fomos amigos, nós nos pegamos, você quis namorar, eu quis também. Mas você – enfatizei. – quis terminar, se lembra disso? Eu nunca nessa vida tinha sequer parado pra pensar nisso, em por um fim. Você – eu pressionei. – quis terminar, pra pegar a Mayara. Sinto muito que ela não tenha sido uma boa amiga em relação a você e eu, mas independente de você não tê-la forçado, você também não pensou em mim. Então, para de achar que eu sou idiota e para de ligar. Melhor, apaga meu número. Beijo.

Eu finalizei a ligação ofegante, porque havia eliminado pelo menos dez por cento do meu ódio.

Eu almocei com meu irmão numa lanchonete perto de casa.

— Papai vai alugar um apartamento. — Ele falou, bebendo um pouco da sua coca. — Vou me casar. — Ele continuou com um sorrisinho e eu tranquei a respiração. — Eu vou ter um filho, nada mais justo.

— Trabalhar, se sustentar, nada? — Eu perguntei incrédula.

— Você pode ficar com meu quarto. — Ele deu de ombros. — E Anna, eu preciso focar em estudar. O papai quer ajudar por agora, ótimo. Depois eu cuido de tudo.

— Eu não vou suportar dividir quarto com a Anastácia. — Eu choraminguei e ele riu. — A senha do celular dela é Vitor, a foto do celular dela, é do Vitor. Se bobear ela fez pôsteres dele pra colar na parede.

— Eles são amigos, apesar de tudo.

— Você não entende. — Eu resmunguei.

— Ele tem com ela a mesma relação que tem contigo. — Meu irmão falou para me provocar. — A diferença é que ela é certinha.

À tarde eu saí com o Breno, porque eles estavam programando uma viagem nas férias de julho e eu estava tentada a ir. Mesmo que fosse pra ver a Mayara e o Nicolas juntos.

— Mas e então, tá tudo bem? — Ele perguntou, enquanto andávamos pelo shopping, ele tinha um braço em volta dos meus ombros.

— Sim senhor. — Eu assenti, porque por mais que precisasse desabafar com alguém a minha loucura, o meu medo e confusão relacionados ao Vitor, ele não era a pessoa mais indicada. Seria como ligar e despejar isso no Nicolas. Ou na Mayara.

— A Mayara sente a tua falta.

— O Nicolas não supre tudo? — Eu fui sarcástica e ele bufou um riso. — Aí, sorte do caralho. — Eu resmunguei quando avistei o casal vinte caminhando de mãos dadas. O Breno chamou pelo Nicolas, que se soltou da Mayara e eu revirei os olhos. — Obrigada, Breno. Você é tão meu amigo que me surpreende!

— Você precisa superar isso. — Ele falou me dando um beijo na cabeça. — Eu ainda vou te ver consolando a Mayara quando o Nicolas fizer algo.

— Oi. — Eu falei quando eles se aproximaram. — Então, eu vou comprar uns óculos. — Eu falei apressada e o Breno riu.

— Você não vai comprar mais óculos, Anna, pelo amor de Deus. — Ele falou, entrelaçando nossos braços para me impedir de sair. — Eu olhei o preço dos hotéis, mas vai da maioria decidir. Eu pensei em um quarto coletivo pra todo mundo porque sai mais barato.

— Vai cortar o melhor da viagem, Breno. — A Mayara falou e eu a olhei incrédula. — A gente quer um quarto só nosso, serão quase duas semanas.

— A gente pode dividir o quarto, Breno. Ou você vai levar a Sofia? — Eu perguntei, ignorando a raiva e o tremor amargo que me dominava internamente. — Porque senão eu sobro. Mas então, a gente vê isso depois, eu preciso mesmo

comprar uns óculos. – Eu falei, me soltando dele e saindo dali antes que ele me puxasse de volta.

Dissipei a minha raiva em um vestido caro que faria meu pai querer vender meu fígado. Ainda não resisti e comprei um óculos com a armação em coração, porque eu só tinha um parecido. Quando cheguei em casa, queria me trancar no meu quarto, mas a Anastácia estava lá, então eu me virei para sair.

— Ei – Ela chamou antes que eu saísse realmente. – Eu acho que não tem um motivo pra você não se aproximar. – Ah, tem sim. Ok, não diretamente, e justamente. Mas ela era apaixonada pelo mesmo cara que eu e tudo bem perdermos pra uma amiga, mas pra... Eu parei meu pensamento, repetindo mais uma vez: eu não estava apaixonada pelo Vitor!

— Eu sei, não tem. – Eu sorri fraco. – Mas eu só estava procurando meu irmão.

— Nossos pais se casam em uma semana.

— Que beleza. – Eu falei agoniada, que no fundo era até engraçadinho.

— Só pra não deixar o Vitor confuso, ele vai comigo. – Ela falou e eu parei. Na verdade o mundo parou e eu me vi socando a cara dela. Ah, como eu quis chorar por me perder dessa maneira. Eu não era mais eu. Estava virando uma louca ciumenta e possessiva de algo que nem era meu. Digo de alguém. Eu relaxei os ombros com o pensamento de que sexo bom eu encontraria em qualquer lugar e o meu sentimento pelo Vitor não passava de carência. Claro, ele esteve lá para que eu pudesse mostrar ao Nicolas que não estava nem aí. Ok

que eu realmente não estava nem aí, mas eu pude provar. Eu me deixei levar pelas suas fofurices e talvez isso tenha gerado uma dependenzinha, mas nada que valesse uma péssima convivência dentro de casa.

Claro que não amenizava a minha vontade de matá-lo.

— Ele tá sabendo disso?

— Não, mas só pra você não chamar. — Ela sorriu docemente. — Eu não acho justo também envolver nossos pais nisso.

— Nisso o que? — Eu perguntei confusa, rindo da loucura dela.

— Nisso, tecnicamente agora somos da mesma família, e não seria ético ficarmos com o mesmo homem.

— Vocês se veem com frequência? — Eu perguntei, entediada, porque a maioria das noites ele passava comigo, e os fins de semana também, embora eu não soubesse como ele ocupava as tardes.

— Eventualmente. — Ela falou calma, e eu suspirei. — Eu penso que focar na faculdade é melhor que passar noites seguidas fazendo sexo.

— Uh, que responsável.

— E eu não acho que ele valha uma briga entre nós. — Ela falou por fim, e eu dei risada.

— Ótimo, mas ele sabe que vocês estão juntos? — Eu perguntei sendo interrompida pelo meu celular. Era o Vitor, e receber mensagem dele agora, foi como explodir a raiva que havia adormecido quando eu li as mensagens dele para a

Anastácia.

“doido de saudade, meu bem. Tem como te ver hoje?”

Eu impulsivamente respondi:

“seria antiético”.

— Olha, eu não sei o porquê desse seu discurso, e acho que antes de assumir um relacionamento com ele, você deveria avisá-lo disso. Mas ok, se é tão importante e você não pode viver sem ele, todo seu. – Eu falei, saindo do quarto. Encontrei meu pai saindo do seu, e o olhei rancorosa, entrando no quarto do Rodrigo, e trancando a porta.

“antiético?”

O Vitor respondeu, mas eu o ignorei. Na verdade estava sem saco pra disputar homem. Ainda mais agora que dividia meu quarto com a concorrente. **“Anna?”** – Ele enviou minutos depois.

“visualizar e não responder não é justo”

“na verdade eu tenho certeza de que você é bipolar”

E cinco minutos exatos depois: **“eu te fiz alguma**

coisa?”.

Com o vácuo ele me ligou, mas eu não atendi. E ainda me deixei chorar, não por ele, ou pelo que ela disse, mas por estar confusa. Eu já nem me reconhecia mais. Por um momento ainda senti falta das coisas com o Nicolas, porque eram fáceis.

Na terça, eu fui abordada pelo Vitor no estacionamento da faculdade. Eu tentei me sair dele, mas ele era obviamente mais forte.

— Oi, Anna, bom dia! Será que dá pra falar o que de tão ruim eu te fiz? – Ele perguntou sarcástico e eu lhe cerrei os olhos.

— O que merda você faz com a Anastácia?

— Converso. – Ele franziu o cenho, rindo. – Normal, ué, por quê?

— Porque eu não to a fim de ficar ouvindo discursinhos sobre como você é dela.

— Hã? – Ele deixou escapar um riso. – Eu não fico com ela desde que fiquei contigo.

— Ah, claro que não. – Eu falei sarcástica. – E antes que você infle seu ego, isso não é ciúme. É estresse, eu já tenho que dividir o quarto com ela. E ela é uma vaca. Se faz de boa menina, só se faz!

— Anna, calma. – Ele pediu. Algo que me deixou ainda mais irritada. – Eu já disse que você pode dormir comigo. – Ele falou, segurando firmemente os meus braços para eu não

afastá-lo.

— Claro, pra pobre Anastácia entrar em depressão profunda. – Eu falei rindo. – Porque pra ela, vocês estão namorando.

— E você tá cheia de ciúme. – Ele falou, mirando a minha boca, mas eu desviei dos seus lábios. – Mata aula e vamos pra algum lugar. – Ele sugeriu, roçando os lábios em minha bochecha, seguindo para a orelha, me deixando arrepiada. – Hum? Ficar a manhã toda juntinhos.

— Eu odeio você. – Eu falei com a voz fraca, toda mole.

[...]

Capítulo 21

Era um sábado. O tal grande dia. O tempo estava fresco e eu irritada como uma louca. A Cristiana ridiculamente havia imposto uma regra ridícula de que não deveríamos dormir fora de casa e queria estar ciente de onde estávamos a todo momento. Era tão óbvio que eu não estava obedecendo.

Até na escolha do vestido eu e a Anastácia entramos em conflito, por ela querer o mesmo que o meu. Como um apelo ridículo em um momento de raiva eu a deixei ir com o Vitor para ficar com o vestido. Claro que foi a coisa mais infantil do século, porque nós estávamos agindo como se ele não tivesse o poder da escolha. Mas eu falei “eu vou com o vestido e você pode ficar com ele”. A Cristiana nos olhou confusa, mas a Anastácia aceitou, sorriu e achou um vestido ainda mais bonito.

O meu vestido era preto, tomara que caia com bojo, de uma maneira que valorizava mais os meus seios. Era marcado na cintura, com a saia rodada e todo forrado com renda. Eu calçava o meu Louboutin e o meu cabelo estava preso em um rabo liso com topete. Nas mãos eu tinha uma clutch prata e os acessórios eram pequenos. Eu estava em frente ao espelho, retocando o delineador e o batom vermelho mate, quando a Anastácia entrou.

Ela tinha o mesmo penteado que eu, mas o seu cabelo era

mais cheio e isso o valorizava ainda mais. O vestido era parecido, porém um azul, sem a renda e os seios muito maiores que os meus deixava o decote vulgar.

— Se não fosse o Vitor, eu tenho certeza que seríamos ótimas amigas. – Ela falou, e eu dei risada, borrando o batom. – Tá vendo? Só falar dele pra te deixar desconcentrada.

— Eu não entendo essas tuas afirmações. E eu diria que se eu não estivesse sendo obrigada a dividir o meu quarto com você, seríamos amigas.

— Eu não sei bem o que ele vê em você. – Ela falou, andando lentamente até parar ao meu lado, se escorando a penteadeira, bagunçada pelas maquiagens.

— Ana, querida. – Eu comecei, lentamente. – Você deveria procurar algum tipo de tratamento. Por favor, ninguém aqui tá querendo competir o Vitor. Se você tá apaixonada, tem que conquistá-lo, esse tipo de coisinha intrigante não me intimida. – Eu falei colocando o batom, pó, rímel e delineador dentro da bolsa. Estava já na porta do quarto quando ela voltou a falar.

— Pra ele, você não passa de sexo fácil. – Ela falou docemente, e eu jurei cortar um pedacinho de cada roupa sua, um pedacinho só para ela não perceber.

O casamento foi simples, somente no civil e a festa aconteceria no salão de festas do clube.

Quando eu cheguei lá com o meu irmão e a Luana, logo avistei o Vitor em uma rodinha de cinco pessoas, incluindo a

Anastácia. Nunca na vida eu pensaria que ela seria o meu problema.

Já fazia quatro dias que eu e o Vitor não trocávamos nem uma mensagem e como na quinta a vaca não dormiu em casa, eu imaginei que estivesse com ele.

O Rodrigo e a Luana foram se juntar a eles, e eu, para não ficar sozinha fui até o Breno e os *meus amigos*. O Nicolas tinha um braço em volta da cintura da Mayara, e dessa vez eu dei risada, porque toda vez que eles estavam juntos e eu chegava perto, ele se afastava dela.

— Tá toda gostosa. – O Breno falou me dando um beijo estalado na bochecha. – Se quiser arruma o cara que quiser. – Ele falou divertido e eu dei mais um risinho, revirando os olhos.

— Ela não precisa. – O Nicolas disparou e eu o olhei intrigada.

— Não? – Eu perguntei franzindo o cenho, olhando rapidamente a Mayara.

— Não é você que diz não precisar de homem?

— Ah, Nic, que mulher não precisa de homem? – Eu enfatizei a última palavra, e ele bufou, entrelaçando uma mão na da May. Eu sorri para eles, saindo dali para procurar uma bebida.

Eu olhei rancorosa para o meu pai, porque além de toda a merda de ter me tomado metade do quarto e a minha privacidade, eles iriam viajar por uma semana, me deixando a sós com a falsa doce menina da Anastácia. Ela se fazia de

frágil para ser a vítima, mas não passava de uma vaca. Uma patricinha mimada e histérica. Definitivamente ela me deixava desestabilizada pelo cinismo.

— Achei a mulher mais bonita da festa. – Eu bebericava um champanhe doce demais, quando a voz baixa e rouca do Vitor ecoou atrás de mim.

— Você deveria estar com a sua namorada. – Eu falei me virando para ele, que deu aquele sorriso torto que, por favor, era meu, e eu não pude evitar sorrir de volta.

— Esse teu ciúme amolece o coração de qualquer um.

— Isso é ridículo, Vitor. – Eu deixei escapar um riso entediado.

— Ai, você precisa conhecer minha mãe. – A Anastácia falou, já o puxando pela mão. Ele ainda me olhou confuso, mas se deixou ser levado.

Eu bufei um suspiro, virando o resto da minha bebida, tendo a sorte de um garçom passar, então eu troquei as taças, pegando agora uma Martine.

Uma hora e meia mais tarde, eu estava pra lá por causa da quantidade de vinho que havia ingerido e estava na pista de dança, dançando com o Breno. O melhor de tudo era poder provocá-lo sem correr o risco de ser levada a sério. Digo o melhor porque o Vitor estava sentado numa mesa próxima, ao lado da Anastácia e não tirava o olhar de nós dois.

— Minha vez agora. – O Nicolas falou nos parando e eu dei risada, me deixando ser guiada por ele, mas era irritante. Ele não era o Breno, e juntava os nossos corpos de uma

maneira que me deixava inquieta internamente. Com ele, involuntariamente havia uma maldade que eu não poderia controlar. – Tá toda linda querendo provocar o idiota. – Ele falou, e eu dei risada.

— Shiu – eu sussurrei, levando o dedo indicador a boca rapidamente, e dei risada. – é segredo.

— Você gosta mesmo dele? – O meu ex perguntou descontraído e eu dei risada, o encarando. – Hum? – Ele forçou, diminuindo o nosso ritmo, juntando mais os nossos corpos, se é que era possível. Eu deixei meu olhar fixo no dele, que não demorou a descê-lo para minha boca e um calafrio percorreu meu corpo, porque me veio a lembrança do nosso primeiro beijo e naquela época foi o melhor beijo que eu dei.

Acabei negando com a cabeça e sorri fraco, me soltando dele, saindo dali em direção ao lugar externo. Me sentei no primeiro banco que encontrei, e estava trêmula. Talvez por causa do Nicolas, talvez por... Porque eu havia trocado o Vitor por um vestido que eu só usaria uma vez na vida. Estava imersa em mil pensamentos quando meu celular vibrou.

“tá onde?” – Era do Vitor, e eu não respondi. Eu não queria ter que passar pelo estresse de ouvir coisas da Anastácia. Se o Vitor fosse ao menos o amor da minha vida, talvez eu tivesse um pouco de paciência pra lutar. Mas era só sexo bom. **“Anna, esse tipo de joguinho não combina com você”**.

“não to jogando” – Eu enviei, suspirando forte, relaxando sobre o banco e ri, escorando a cabeça no encosto e fitando o céu. Estava escuro e frio.

— Anna? – Era o Nicolas, mas eu o ignorei, então ele se sentou ao meu lado. – Tudo bem?

— Não, você tá aqui me enchendo o saco.

— Sai da defensiva, meu bem. – Ele falou docemente, e eu bufei um riso.

— Eu não sei como você consegue agir como se não estivesse namorando minha melhor amiga.

— Melhor amiga? – Ele riu.

— Foi a melhor. – Eu sorri falso, sem olhá-lo.

— Vai mesmo guardar essa mágoa pro resto da vida? – Ele perguntou, e eu cerrei o maxilar, contendo a repentina vontade amarga de chorar. – Você não chora, não grita, só ignora e retém isso aí dentro, não se liberta. – Ele falou, porque sabia o meu ponto fraco e deve ter achado que esse era o momento certo pra acabar comigo. – Você sabia que ela era afim de mim muito antes de você.

— Qualquer garota era afim de você, Nicolas. – Eu resmunguei. – E ela namorava outro, era completamente diferente.

— Eu voltaria. – Ele falou e eu dei risada, fungando. Uma coisa era me ver com saudade dos nossos bons momentos, outra era imaginar uma volta e isso, com certeza era engraçado. Inimaginável.

— Foca na Mayara, Nicolas. Eu não to falando mal do nosso passado, eu gostei demais de você, só que acabou.

— Sem nem um beijo de despedida.

— Claro! Você me culpou pelo fim e disse que achou alguém mais sensata. Agora, ok. Fica com ela. – Eu terminei de falar, a tempo de ver a Mayara se aproximando.

— Tudo bem por aqui? – Ela perguntou olhando diretamente pra mim. Eu inclinei o rosto, não respondendo. – Nicolas?

— Tudo bem, May. – Ele respondeu desinteressado, se levantando. – Vamos. – Ele murmurou a puxando pela mão, saindo dali. Eu quase me deixei cair no choro, porque eu havia perdido os dois, mas funguei o que foi pior, os meus olhos marejaram ainda mais, deixando minha vista embaçada. Eu deixei as lágrimas caírem, as limpando rapidamente, pegando meu celular, onde havia mais mensagens do Vitor. **“que história é essa de você ter preferido o vestido?”**

“ela quer você, eu quis o vestido” – eu enviei irritada por ela ter dito isso para ele. Era desnecessário.

“ela ta agindo como se fosse minha namorada e a culpa é tua, parabéns!” em seguida: **“eu quero namorar você, não ela”**.

“isso foi ridículo, Vitor”.

Capítulo 22

Eu levei um tempo até engolir toda a angústia e voltei pra dentro do salão, indo até a mesa que meu irmão estava com a Luana. Ela se empanturrava de empadas, o que era engraçado.

Era notável que ela estava mais gordinha, embora nada que denunciasse uma gravidez.

— O Vitor tá puto contigo. – Ela falou de boca cheia, rindo. – A Anastácia também.

— Essa menina é uma cobra!

— Ela é controladora, só isso. – A Luana defendeu e eu bufei um suspiro.

— Eu vou ao banheiro. – Eu avisei me levantando novamente. O banheiro do salão estava cheio, então eu fui ao que ficava próximo às piscinas. Não havia ninguém além de um casal se pegando e eu tive a sorte de ele não estar trancado.

Assim que saí de uma das cabines, me contorci com o susto de ver o Vitor ali, escorado a pia com os braços cruzados.

— Ai que susto! – Eu falei, involuntariamente levando uma mão ao peito e ele deu risada.

— Tá me evitando por quê? – Ele perguntou e eu o encarei.

— Eu...

— Eu não tenho nada com a Anastácia, Anna. – Ele falou malevolente. – Ela que é certinha demais. Hoje ela me apresentou a mãe dela, isso foi um absurdo.

— Vitor, eu sinceramente não quero interferir. – Eu falei, suspirando forte, evitando encará-lo.

— Interferir o que?

— Vocês. Sei lá o que você tá procurando, mas essa coisa de sexo fácil cansa rápido e ela é realmente a menina pra namorar. Deve ficar perto da tua ex em nível de perfeição.

— Você tá frustrada. – Ele riu, e eu também. Peguei o batom na bolsa, me aproximando mais do espelho para passá-lo. – Uma semana sem dormir contigo e parece que estava faltando um pedaço meu na cama.

— Eu estaria perdida se acreditasse nessas tuas baboseiras. – Eu falei desdenhosa, esfregando os lábios, mas antes que voltasse a passar o batom, fui estupidamente puxada por ele, que me empurrou contra a porta de uma cabine, e nós entramos lá dentro. Eu abri a boca pra rebater, mas isso deu a ele a liberdade de iniciar aquele beijo eufórico, que aos poucos foi diminuindo, ganhando um ritmo lento, explorador. Eu passei meus braços em volta do seu pescoço, subindo as mãos por entre o seu cabelo, o puxando com força. Ele então desceu os beijos pela minha clavícula, até o pescoço, e eu gemi forte, porque uma de suas mãos foram parar entre minhas pernas e ele afastou a minha calcinha de renda vermelha pro lado, correndo um dedo em meu sexo, o pressionando em meu clitóris, antes de voltar a introduzi-lo em mim, o levando fundo, voltando em movimentos lentos. Eu voltei a encontrar nossas bocas,

mordendo seu lábio inferior, mas ouvimos a porta sendo aberta e vozes conhecidas.

— Eu conheço essa bolsa. – A Anastácia falou confusa.

— Anna? – A Luana chamou e o Vitor deixou escapar um riso.

— Deve tá dando pra alguém, talvez aquele cara que nós vimos lá fora esteja com ela. – A Ana falou zombeteira. – Uma vadiazinha.

— Você é terrível. O problema todo é o Vitor e vocês nessa implicância.

— O problema todo é ela não desistir dele. – A outra falou e eu olhei o Vitor, que ria baixo. – Uma puta, ele nunca vai levá-la a sério. – Ela afirmou convicta e o Vitor mexeu os lábios em um “vou sim”. Eu revirei os olhos, e nós ficamos quietos até que as duas saíssem do banheiro.

— Ela é pirada. – O Vitor falou, distribuindo beijinhos pelo meu rosto.

— E eu a sua fonte de sexo fácil. – Eu falei zombeteira, saindo dali.

— Anna, o tempo que eu amarguei esperando pra te ter prova o contrário. – Ele falou confuso, vindo atrás de mim, que limpava a boca borrada, e o pescoço manchado de batom. – E eu não diria sexo fácil, sim sexo bom. E quando é bom demais a gente vicia. – Ele foi maleando o tom firme que usava, ficando sorrateiro ao me abraçar por trás. – E quer o tempo todo. Ficar juntinho.

— Isso é ridículo, Vitor.

— Eu não iria mentir pra você. Se eu quisesse a Anastácia, eu não estaria aqui agora, certo? Até porque ela é

até mais fácil de lidar.

— Ótimo! Então você deveria lidar com ela.

— E você com a sua mágoa eterna pelo teu ex com a Mayara. E aprender a distinguir as coisas, ele foi um babaca contigo, para de achar isso de mim.

— Como você é doce. – Eu falei sarcástica, me aproximando dele para limpar sua boca com vestígios do meu batom, mas ele me roubava beijos rápidos. – Pensa na merda que é dividir quarto com ela! Não dá pra simplesmente argumentar, ela inventa vantagens. Ela se acha perfeita!

— Vem morar comigo. – Ele falou como se fosse simples assim e eu bufei um suspiro, o empurrando e voltei a me arrumar. – Eu sinto tua falta.

— Você manda mensagens pra ela dizendo o mesmo. – Eu disparei e ele me olhou confuso, chegando a rir.

— Há muito tempo eu não mando nada. – Ele falou enquanto eu passava novamente o batom. – Se é pra jogar coisas na cara, eu odiei – ele falou pausadamente. – a tua intimidade com o Breno. Pior que isso foi a tua proximidade com o Nicolas!

— Eu poderia estar com você, mas você preferiu a Anastácia. – Eu sorri falsamente para ele, que deu risada, embora parecesse irritado.

— Quando, pelo amor de Deus, eu escolhi alguém? Quando você me trocou por um vestido? – Ele perguntou aumentando o tom e eu coloquei as mãos na cintura, o encarando. – Você vai o que? Transar com essa merda? Vai namorar ele?

— E você com a Ana.

— Sinceramente... — Ele riu, correndo as mãos pelo rosto, até a nuca. — Eu devia estar com ela, mesmo, ela ao menos se importa. Não me troca por um vestido qualquer.

— Ah, pelo amor, Vitor. A última coisa que eu preciso agora é de outro homem querendo ficar com outra por ela dar mais atenção! — Eu falei, catando minhas coisas e saindo dali. Voltei para o local da festa, que já estava mais vazio, e o meu pai, a Cris, meu irmão, a Lu, a Ana e o Fernando estavam na mesma mesa. Eu sorri ao me sentar numa cadeira ao lado da Luana.

— Quem era o gato? — Ela perguntou e eu a olhei, confusa. — Seu cabelo te entrega, não adianta negar. — Ela sussurrava e eu dei risada, mas não respondi. Eles conversavam sobre bobagens e riam, e eu quis matar o Vitor por ainda deixar a Anastácia em casa.

Quando eu cheguei junto com meu irmão, o carro dele ainda estava parado em frente ao prédio, e eu jurei nunca mais sequer falar com ele. Infame! Ridículo, manipulador! Mas ainda sim, parei ao ouvir um “psiu”, e o olhei. Ele ria e estava sozinho no carro, algo que me acalmou um pouco.

— Vim te buscar. — Ele sorriu. Cínico. — Anna, por favor. Eu nem sequer dei um beijo nela. Não que isso importe. Entra aí. — Ele pediu e eu bufei um suspiro. — Por favor. — Ele continuou, embora muito docemente e eu, estupidamente obedeci.

Durante todo o percurso até seu apartamento, ele falou que eu estava muito estressada. Algo que me deixava mais estressada ainda. Nós tomamos um banho quente e demorado

juntos e ele me pôs na cama, me fazendo carinhos. Era algo meloso demais, romantismo demais me oprimia, por mais que eu estivesse adorando.

Acordei no dia seguinte com a Cristiana perguntando onde eu havia dormido. Eles haviam viajado na madrugada, e o meu irmão não me deduraria.

O Vitor riu me tomando o celular e desligou então nós voltamos a dormir, acordando somente depois das duas da tarde. Eu fiquei na cama, vendo desenho enquanto o Vitor estava na cozinha.

Aproveitei para ligar meu celular, e logo apitaram três mensagens do meu irmão.

“a Anastácia tá puta contigo”, “e com o Vitor” e “e o papai tá puto kkkkk”.

Eu ignorei as mensagens e sorri para o Vitor que trouxe o nosso café da manhã, ou melhor, da tarde, para a cama. Não era algo super-romântico, porque eram hambúrgueres e Coca-Cola.

— Eu ontem achei que você fosse ficar com o Nicolas. — Ele falou, e eu o olhei, franzindo o cenho, rindo. — Porque você o olhava e sorria de uma maneira que...

— Eu estava no auge do efeito do álcool. Eu ficaria até com a Megan Fox. — Eu falei exageradamente e ele deu risada. Nós comemos falando sobre bobagens, e quando acabamos ele colocou a bandeja no chão, me puxando para sentar em seu colo.

— Posso te pedir uma coisa? — Ele perguntou, circulando

os polegares em meus seios sobre a regata que eu usava, sem sutiã. Eu dei risada, assentindo, me aproximando para selar nossos lábios. – Não fica com ninguém não...

— Pensar no seu caso. – Eu falei luxuriosa, deixando que ele subisse a blusa, beijando cautelosamente o meu seio esquerdo e eu choraminguei, gemendo forte quando ele apertou o outro com a mão.

— Eu deveria nunca te perdoar por me trocar. – Ele falou e eu soube que ainda era sobre o vestido.

— Claro que você não vai perder a sua fonte de sexo fácil. – Eu falei rindo, e ele nos virou, me deitando na cama, ficando sobre mim.

— Sexo bom. Fácil tá longe de ser. – Ele falou, roçando nossos lábios. – Porque, amor, manter a calma contigo tem sido uma missão difícil.

— Claro. – Eu falei sarcástica, e ele riu, selando nossos lábios, afastando uma mecha do meu cabelo do meu rosto, me dando mais um selinho, me encarando firme nos olhos. Era como se ele quisesse me decifrar e uma sensação indescritivelmente estranha me dominava toda vez que ele o fazia. – Odeio quando cê faz isso. – Eu sussurrei rápido, e ele me deu aquele sorriso torto que eu idolatrava. – Parece que é de propósito.

— E você é linda.

— Você se acha muito esperto. – Eu dei risada, correspondendo ao seu beijo calmo.

Capítulo 23

Durante a semana em que o meu pai e a Cristiana estiveram fora, eu não dormi em casa. Era uma quinta-feira, quando por um acaso meu irmão inventou de viajar também. Então o Breno alugou uma casa que comportasse todos nós.

— Eu já imagino os teus surtos em passar dias com a Mayara e o Nicolas. — O Vitor falou, enquanto andávamos pela praça. Eu odiava essa coisa de repentinamente agirmos como um casal.

— Pior que isso é a Anastácia.

— Oh Deus, que coisinha implicante! — Ele riu indignado, e eu o olhei. — Sério, Anna, já deu de falar dela.

— Você age como se ela não fosse apaixonada por você. — Eu argumentei, gesticulando.

— Anna isso é enfadonho. — Ele falou, talvez pela milésima vez. — Nós podemos conversar com ela e deixar claro que... — Eu o encarei e ele parou de falar. — Que...

— Só precisa deixar claro que você não está namorando ela. — Eu completei, e ele deu um risinho. Nós nos sentamos em um banco, e eu peguei o meu celular. O maior erro quando eu estava com o Vitor, era pegar o celular. Ele sempre me tomava. Segundo ele, a atenção devia estar focada em apenas uma coisa, melhor: nele. — Você me irrita.

— Eu digo o mesmo de você. To há semanas te ouvindo detonar uma menina e eu nem posso concordar por que... — Ele foi lentamente parando de falar diante o meu olhar intrigado.

— Por?

— Porque eu seria canalha de falar mal de alguém que eu já levei pra cama. – Ele falou desconcertado. – E de qualquer maneira, vocês duas têm problemas, eu espero que eu não seja a causa deles.

— A causa deles começa porque ela está no meu quarto. E continua porque ela acha que é tua dona.

— Anna, ela só diz isso pra você. – O Vitor riu. – Você acha que manda em mim, ela não.

— Tá, Vitor. Defende a sua amiga. – Eu sorri falso para ele, que se aproximou mais para selar nossos lábios. – Sai. – Eu pedi, tentando empurrá-lo, e cruzei os braços, mas ele riu, distribuindo beijinhos suaves no canto da minha boca.

— Eu mereço um lugar no paraíso pela paciência que tenho contigo. – Ele falou rindo, mordendo minha bochecha. – Ok, Anna – Ele suspirou forte, passando uma perna para o outro lado do banco, ficando de frente para mim. – Se você for boazinha, eu vou contigo pra essa viagem. – Ele falou como se pudesse me comprar com a proposta e eu o olhei de relance, presunçosa. – Prometo.

— Jura que não vai nem olhar pra Mayara? – Eu perguntei me virando de frente pra ele que gargalhou. Ele ria como se eu tivesse contado a melhor das piadas, e um senhor que estava sentado no banco ao nosso lado nos olhava intrigado. – Para, ridículo! – Eu pedi indignada.

— Eu deveria ficar com raiva de você, por pedir esse tipo de coisa. – Ele falou, suspirando para parar de rir. – Parece que tu tá me comparando com teu ex.

— Lá vem você querer bancar meu psicólogo. – Eu

reclamei carrancuda. – Eu superei isso sem trauma.

— Você fica desestabilizada quando os vê, Anna.

— Não fico não. Eu fico irritada. Você também ficaria. – Eu falei como se fosse o óbvio. – E não tem a ver com sentimento.

— Então me diz o porquê de você ter namorado ele. – Ele pediu, e eu revirei os olhos.

— Porque sim, oras. – Eu resmunguei. – Pelo mesmo motivo de você ter namorado a Camila.

— Ele foi um babaca. – O Vitor resmungou, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, aproximando mais os nossos rostos. – Sorte a minha que ele foi um babaca. – Ele falou mais baixo, e eu entortei os lábios num sorriso, deixando que ele selasse nossos lábios.

— Sorte a tua que eu fui te beijar no quarto de hóspedes. – Eu o corriji, e ele deu um sorrisinho, correndo uma mão por entre o meu cabelo, antes de iniciar um beijo longo, lento.

Nós ficamos ali trocando carinhos como dois babacas, ignorando o público. Eu odiava o Vitor. Era muita babaquice que eu me permitia fazer só por estar com ele.

— Vamos embora? – Ele perguntou ao encerrar mais um beijo e eu assenti, sorrindo, mantendo os olhos fechados. – Pode dormir comigo hoje?

— Se ninguém ligar, eu fico. – Eu prometi, me levantando.

De alguma maneira, eu não conseguia ter uma boa relação com a Cristiana. Não que nós nos tratássemos mal, mas ela era controladora e não tinha nada que estar me impondo ordens.

O Vitor me deixou em casa pouco depois das oito, e assim que entrei, dei de cara com a família reunida na sala.

— Oi? – Eu perguntei já que os olhares estavam voltados a mim. – Tudo bem?

— Estava onde, Anna? – O meu pai perguntou, suspirando forte.

— Com um amigo.

— Que amigo Anna? – Ele pressionou entediado. Eu olhei pro Rodrigo que apertou os lábios.

— Agora você vai ficar com vergonha de falar com quem estava? – A Anastácia perguntou prepotente.

— Eu estava com o Vitor, algum problema? – Eu perguntei a encarando, que bufou um riso indignado.

— Tá vendo? – Ela retrucou, se direcionando a sua mãe.

— Eu to confusa. – Eu falei. – Algum problema? Assim, eu estar com ele.

— Que pergunta ridícula. – A Ana resmungou.

— Isso tem mesmo que virar uma briga familiar, Anastácia? – O Fernando perguntou entediado.

— Ela está sendo a puta do meu namorado!

— Ai, jura? – Eu perguntei irônica.

— Antes de qualquer bosta que você pense em falar, eu fiquei com ele primeiro! – Ela falou, e eu quase me deixei

esvair no riso. Sabe aqueles tipos de patricinhas cegas, que acham que o mundo gira em torno delas? Isso poderia descrever a verdadeira Anastácia.

— A Ana ficou com ele primeiro. — O Rodrigo falou desinteressado e eu o olhei confusa. — Você o agarrou na boate, você ficou primeiro.

— Então eu acho que essa merda toda está encerrada. — Eu resmunguei.

— Pra encerrar essa briguinha infantil as duas estão proibidas de ficar com ele. — A Cristiana falou, e eu dei risada, seguindo para o quarto. Me troquei, vestindo um pijama e fui para o quarto do Rodrigo, onde vimos um filme.

No dia seguinte nós fomos almoçar com meu pai, que relutantemente admitiu que foi um erro juntar as duas famílias.

— A menina é realmente mimada ao extremo. — O meu pai concordou e eu dei risada. — E eu espero que seja invenção dela essa história de você estar dormindo fora, Anna.

— Ela é pirada. — Eu falei horrorizada. — Ela não pode agir como se estivesse namorando um cara que não sabe disso.

— Ela era diferente, antes. — O Rodrigo falou. — Longe da mãe dela, ela é uma pessoa melhor de lidar.

— Longe da Cris e da Anna, né. — Meu pai completou. — E eu espero que vocês duas não voltem a brigar por um cara.

— Eu não vou levar a sério essa coisa da Cristiana. — Eu avisei, bebendo um pouco da minha Coca-Cola. — Um absurdo ela me proibir de algo.

— Eu estive olhando os apartamentos, pai. — O Rodrigo falou.

— Desalugou um no prédio do Vitor. — Eu falei. — Lá seria bom pra vocês.

— Nós vamos olhar isso com calma. — Meu pai avisou solenemente. — Um absurdo a maneira como você vinha tratando a menina.

— Um absurdo ela engravidar. — Meu irmão rebateu de imediato. — Mas eu to assumindo, não to?

— Me leva pra morar com você, Rodrigo! — Eu pedi dengosa, e ele me olhou entediado.

Com o passar do tempo, a minha convivência com a Anastácia foi para um nível tão infantil que eu nem sabia descrever a raiva que eu sentia por ela. Não era mais somente relacionado ao Vitor. A coisa partiu para o pessoal. Uma coisa era ela querê-lo, outra era agir como uma patricinha psicopata. A coisa saiu do meu controle quando ela apareceu usando o meu Louboutin.

— Então te doeu mais ela pegar teu sapato caríssimo que ficar alfinetando sobre o Vitor? — O Breno perguntou e eu assenti, rindo. Nós estávamos no jardim da sua casa.

— Eu juro que nem tento mais conversar com meu pai sobre isso. Tá impossível ficar meia hora lá em casa.

— A gente podia alugar um apartamento e decretar independência.

— Assim, eu quero, eu faço. — Eu resmunguei sarcástica, pegando meu celular que vibrava com a ligação do Vitor.

— Fala meu bem. – Eu falei ao atender e o Breno me olhou surpreso.

— Eu acho que vou morrer. – Ele falou, e eu dei risada.

— Por quê?

— Toda vez que eu ligo pro teu irmão ele me dá notícia ruim, meu coração não vai aguentar. – Ele falou todo frio, e eu revirei os olhos.

— Você é tedioso. – Eu falei divertidamente, rindo. – Eu prometo ir cuidar de você mais tarde.

— Mas eu preciso de você agora.

— Mas agora eu não posso, amor. Beijo, tchau. – Eu finalizei a ligação, e olhei o Breno que tinha os lábios franzidos.

— Que foi?

— Eu fiquei surpreso com o meu bem, mas já vi que você tá levando as coisas como era com o Nicolas. – Ele falou, e eu franzi o cenho, confusa. – Ele quer te ver e agora você não pode. Ele insiste e você diz que não pode e quando sentir vontade, vai... Isso que fode teus relacionamentos.

— Ah! – Eu exclamei incrédula, mas acabei rindo. – Mas pra começar eu não to namorando o Vitor. E também, eu passo a maior parte do tempo com ele. – Eu expliquei, porque imaginava que o Vitor tivesse algum tipo de... Talvez ciúme do Breno. Por causa do episodio da dança no casamento.

— Depois ele parte pra outra e você não sabe o porquê.

— Breno... – Eu resmunguei.

— Tudo bem, Anna. Eu só não acho que essa tua maneira de levar as coisas funcionem.

— Ah, meu Deus! — Eu reclamei, me levantando. — Se é tão importante pra você, eu vou lá, ver o Vitor, antes que ele morra! — Eu falei irritada, saindo dali.

Assim que eu toquei o interfone avisando ao Vitor, irritada que estava aqui em baixo, ele liberou o portão e então eu subi. A porta estava destrancada, então eu entrei, indo até o seu quarto, já que ele não estava na sala. Ele não estava lá, mas eu pude ouvir o barulho do chuveiro, e ri, tentada a ir provoca-lo lá, mas algo mais importante chamou minha atenção: seu notebook estava sobre a cama e seu facebook estava aberto. Era uma falta de respeito inominável, mas foi mais forte que qualquer força minha, e que a minha curiosidade, então eu fui olhar. Antes que eu pensasse no que fuçar primeiro, notei a janela do bate-papo com a Camila aberta. Era só o que faltava.

Capítulo 24

Eles conversavam como dois amigos íntimos. Basicamente como eu conversava com o Breno, de contar tudo. Eu não sabia se a minha raiva era por ela falar do meu irmão e ele de mim, e da Ana e da nossa paranoia, ou dos conselhos dela.

Como, pelo amor de Deus, eles seriam amigos depois de tudo e de ele achá-la perfeita? Como eles se veriam e não iriam ficar, uma vez que ele era um maldito gostoso? Eu fiz uma carranca e deixei tudo ali, indo ao banheiro, onde o Vitor se ensaboava. Eu mordi o lábio inferior, porque Deus, na fila da perfeição ele havia passado umas oitenta e sete vezes.

Eu também estava consciente da minha idolatria por ele, e de que devia me controlar, era ridículo. Para mim hoje ele era O cara. Mesmo que não fosse o meu cara.

— Tá bem vivo, Senhor drama. – Eu falei levemente sarcástica, e ele riu, abrindo o Box e me puxando pra dentro. Eu deixei escapar um gritinho fino com o susto de estar sob a água de repente, e ele riu, desabotoando o meu short, o descendo.

— Eu não confio mais na tua amizade com esse Breno. – Ele falou e eu o olhei, contendo uma risada. – Ele te olha de uma maneira que não é fraternal como você diz.

— Você é paranoico. – Eu falei rindo, confusa.

— E você egoísta. — Ele resmungou e eu bufei um suspiro.

— Ai, Vitor, o que você tem de gostoso, tem de chato. — Eu reclamei, terminando de tirar o short e a blusa. — Não é como se eu fosse por um acaso ficar com o Breno. Seria como ficar com o Rodrigo. — Eu expliquei enojada, e ele riu.

— De qualquer maneira, ele é irmão do teu ex e você tem ido demais à casa dele.

— Olha, se você acha que eu vou parar de fazer algo por causa de chique seu... — Eu comecei cautelosa, mas fui interrompida por seus lábios nos meus. Eu tentei não corresponder para que ele não cortasse a conversa, mas ele não me deu chance, então mesmo a contragosto eu cedi ao seu ritmo lento de quem ia parando aos poucos e mordiscando meus lábios, emitindo gemidos fracos. Eu o abracei pela cintura, quando ele correu uma mão por entre o meu cabelo molhado, nos aprofundando mais, agora num beijo mais eloquente, então eu subi minhas mãos pelo seu tórax, as passando em volta do seu pescoço, correndo uma delas por entre o seu cabelo, o mordendo levemente entre os beijos. O Vitor ergueu uma das minhas pernas, a colocando em volta do seu corpo, se encaixando para que eu o sentisse e eu gemi, o arranhando, mas quando eu tentei me afastar para tirar a calcinha, ele encerrou o beijo devagar, e saiu do Box, pegando uma toalha e foi para o quarto.

Eu fiz uma carranca e terminei de tirar a minha roupa, e o banho. Peguei uma toalha e me enrolei, indo para o quarto, onde encontrei o Vitor de costas, enrolado na toalha e mexendo no celular. Eu fui até ele, puxando a toalha, mas

para minha surpresa, ele já estava vestido numa cueca boxer. Eu bufei um suspiro forte diante o seu risinho e fui procurar alguma roupa minha. Agora a coisa estava ainda pior, eu tinha tanta coisa por aqui que nem havia mais espaço numa gaveta, elas estavam espalhadas pela sua bagunça. Me vesti, desembaracei meu cabelo e me sentei ao lado do Vitor na cama.

— O que foi? – Eu perguntei enfadada dessa coisa de ele querer me cobrar. O Vitor me olhou, rindo esguiamente e negou com a cabeça.

— É só sexo pra você, Anna? – Ele perguntou e essa, era a última coisa que eu queria responder. Eu deixei meu corpo cair deitado na cama e cobri os olhos com antebraço, ignorando-o. – Anna. – Ele forçou, daquela sua maneira enfática de pronunciar meu nome, quando queria que eu levasse algo mais a sério.

— O que seria? – Eu perguntei confusa. – A gente se dá bem, e... Ah, Vitor.

— Então é tanto faz, pra você?

— Porque isso agora? – Eu perguntei malevolente, me sentando. – Que agonia. Eu não to ficando com outra pessoa, se é que isso importa. Ok? Eu também... Sei lá. Eu só não acho que... – Eu não conseguia mais alinhar os pensamentos. – Ah!

— Você é egoísta.

— Nossa, que percepção madura, essa sua. – Eu falei sarcástica e irritada, e ele bufou um risinho. – Agora além de eu não poder ficar com outras pessoas, eu tenho que simplesmente me afastar dos meus amigos. – Eu constateei incrédula.

— E é um esforço doído você ficar só comigo. — Ele resmungou, e eu abri a boca pra retrucar, mas desisti e me sentei, o olhando.

— Você mantém uma amizade ridícula com a tua ex perfeita. — Eu falei, e ele apertou os lábios, suspirando forte. — Seria o mesmo que eu ser amiga do Nicolas.

— Eu não ficaria com ela, Anna. É algo decidido, antes mesmo de a gente namorar, éramos muito próximos. E ao contrário de vocês, não terminamos por alguma burrada.

— O que é pior ainda. — Eu falei com a voz mais fraca. — Não tem a menor mágoa, não tem o menor motivo pra impedir.

— Você devia confiar mais em mim.

— Você é o primeiro a não confiar em mim. — Eu rebati e ele bufou um riso. — Antes era todo a favor do lance de perdoar, que eram meus amigos e sei lá o que...

— Perdoar, tirar esse rancor que você guarda. Não fingir que nada aconteceu e... Sei lá, ficar lá expondo a tua vida. Porque você sabe que na primeira oportunidade eles te esquecem, nunca te dão razão.

— Puta que pariu. — Eu resmunguei, rindo. — Tudo bem, Vitor. Eu não to ficando com outro cara e agora não posso mais ser amiga do Breno. Qual sua próxima exigência?

— É difícil demais conversar com você! — Ele falou irritado, levantando. — Eu não to exigindo nada. Eu só não quero você na casa deles.

— Ah, você não quer! — Eu falei sarcástica, mas a minha raiva já havia se esvaído, porque mesmo que não fosse eu havia nomeado esse teu surto como ciúme. — Então eu não

também não quero você de amizade com a perfeita. E pior, com a Anastácia. E se pudesse você poderia cortar contado com os teus amigos antigos, eles te ligam à Camila. – Eu falei cinicamente, mas acabei rindo. O Vitor não me respondeu e foi pra janela, após pegar uma carteira de cigarros Lucky Strike e um isqueiro. Eu bufei um suspiro, porque ele já havia dito que só fumava para evitar matar alguém. Foi engraçada a sua afirmação, no dia.

Eu o deixei no quarto e fui pra sala, levando o seu notebook e voltei a ler a conversa com a Camila.

Meu subconsciente me censurava, porque se fosse pra eles fazerem algo do tipo, seria mais fácil voltar.

Eu me assustei quando a conversa desceu automaticamente, com uma mensagem nova, dela.

*“então meu amorzinho ta apaixonado de novo, que pena kkk
eu só espero que ela seja esperta, porque você é como a minha bolsa mais cara da Chanel, posso até emprestar, mas se a sortuda não cuidar direito, eu tomo de volta”.*

Eu fechei o notebook e o empurrei para longe de mim, irritada ao extremo com essa ameaça ridícula. Simples assim, um teste. Estava tudo bem desde que ele estivesse bem e que se foda o resto. Ela estava segura de que se algo desse errado, ele voltaria. De repente me deu aquele estalo e eu peguei novamente o notebook, relendo “apaixonado de novo”.

Um sorriso idiota surgiu incontrolavelmente e largo, e eu mordi meu lábio inferior para me conter. Levantei e respirei fundo, rindo e voltei pro quarto. O Vitor ainda estava lá, queimando o cigarro maldito. Eu fui até ele, parando ao seu lado, sendo ignorada, desmerecida até de um olhar.

— Você deveria ser mais direto, às vezes. — Eu falei cautelosa, e peguei um cigarro, o acendendo. — Assim — eu traguei um pouco, o olhando — só pra eu não ser a única culpada dessa nossa relação. — continuei enquanto liberava a fumaça, e ele me olhou confuso. — Eu não gosto de fumar, mas você realmente me obriga às vezes.

— Você deveria ser menos confiante.

— Eu não sou uma pessoa cem por cento, confiante. — Eu falei o óbvio. — Você que nunca quer tomar iniciativa. Como aquele dia boate, ok, eu não teria te beijado se não tivesse visto o Nicolas com a Mayara e a Sofia, mas bem que adoraria um beijo. E depois, você me torturando ignorando todo o meu desejo, dormindo comigo quase todos os dias e fingindo que não estava nem aí, me deixando desestabilizada. Pior, nós provavelmente não estaríamos aqui hoje se eu não tivesse voltado no quarto de hóspedes, aquele dia que você deixou claro que estava consciente de que eu te beijava. Mas não, — eu fiz uma pausa, puxando mais uma vez, longamente do cigarro. — se tudo der errado, vai ser culpa da Anna que sempre foi atrás.

— Você exagera.

— Eu exagero, Vitor? Por favor, você me liga e me chama quando está seguro de um sim. Antes disso tudo, fui eu quem começou.

— Eu só pedi pra você não ir à casa do teu ex.

— Ótimo, então. Eu só vou pedir pra você não ser tão amigo da tua ex. — Eu falei segura, apagando o cigarro e o joguei pela janela, saindo dali.

Capítulo 25

Fiquei na sala, jogando The Sims e mais ou menos meia hora depois, o Vitor se sentou ao meu lado, me tomando o controle do Xbox e afastou meu cabelo, depositando beijos suaves pela minha mandíbula, descendo para o pescoço, me deixando arrepiada. Eu fechei os olhos, suspirando forte, cedendo, ignorando aquela espécie de briga e virei meu rosto para encontrar nossas bocas. Eu o senti sorrir entre o beijo lento e levei uma mão para a lateral do seu rosto, mordendo seu lábio inferior e parando com um selinho.

— Daí a gente transa e tudo bem? – Eu perguntei, e ele bufou um riso, negando com a cabeça. – O que, então?

— Você complica tudo, Anna Maria! – Ele falou enfático, e eu entortei os lábios num sorriso presunçoso.

— Você morre de ciúme do Breno. – Eu falei convicta, e ele abriu a boca pra retrucar, mas acabou desistindo. – E do Nicolas... E de qualquer coisa que não seja você.

— Anna, você age como se o mundo devesse te esperar. Tudo do teu jeito, no teu tempo.

— Sim, Vitor, você que acha isso. O meu namoro acabou porque eu não priorizava isso. Agora eu durmo contigo quase todas as noites, a gente só sai junto, eu nem tenho mais alguma amiga próxima pra passar tardes fazendo coisas de patricinha e fofocando. Não tem mais noites de pijamas pra gente falar mal ou bem de vocês. Só tem você. E uma meia hora que eu tiro pra ver o Breno, você faz esse show. – Eu falei impaciente, e ele suspirou forte. – Por ciúme. – Eu não perdi a chance de provocar, e acabei rindo da sua careta

irritada. – Eu só não gosto dessa pressão.

— E eu não gosto do Breno. – Ele falou carrancudo e eu bufei um suspiro, sabendo que seria inútil conversar sobre isso.

— O lado bom dessa tua infantilidade é que você vai viajar com a gente. – Eu sugeri, e ele me olhou, não respondendo. – Fica lindo com ciúme. – Eu falei, e ele se manteve ali, carrancudo, o que agora já não me irritava mais. Eu me aproximei mais dele, roubando-lhe um beijinho rápido, depois outro e outro, até nos envolver num beijo lento.

[...]

Era uma quinta-feira, e eu estava separando os óculos que eu iria levar para a viagem que seria amanhã, quando a Anastácia entrou no quarto.

— Um alívio saber que você vai passar quase uma semana longe do Vitor. – Ela falou presunçosa, passando os olhos pelas minhas malas abertas em cima da minha cama. – Ou um mês, pelo tamanho da mala.

— Um alívio saber que eu vou passar quase uma semana com o Vitor e longe de você. – Eu devolvi, porque como já havia mencionado, nós éramos duas crianças, mas na minha linha de pensamento, se o Vitor fosse uma competição, ela já havia perdido. A Anastácia não falou nada, então eu continuei a arrumar minhas coisas.

Quando terminei, verifiquei se havia trancado todas as portas do guarda-roupa, e tirei os meus pertences do

banheiro. Ela era tão infantil que eu a imaginava colocando algum veneno em algum creme facial. Bem, eu pensava isso porque em algum acesso de raiva causado por ela, eu havia pensado em fazer isso com ela.

— Pai... – Eu o chamei, já entrando no quarto, onde ele estava deitado na cama, com um livro. – Eu vou dormir na casa de um amigo, porque fica mais fácil amanhã.

— Amanhã você pode ir com o Rodrigo.

— Ele vai mais tarde com a Luana, não dá. – Eu expliquei. – Eu vou dormir na casa do Breno. – Eu menti, porque era tediosa a maneira como ele estava me proibindo das coisas.

— Liga quando sair, e quando chegar. – Ele falou se levantando, e me deu um beijo na cabeça. – Juízo. E cuidado com o Nicolas. – Ele falou, como se eu fosse uma virgem que poderia cair em conversinha de um ex idiota.

Quando o Vitor chegou para me buscar, a Anastácia estava em frente ao prédio com duas amigas. Eu as ignorei, mas o Vitor, como um bom moço foi lá, cumprimenta-las.

— Agora eu tenho que aguentar você de cara fechada... – Ele falou ao entrar no carro e eu o olhei desdenhosa.

— Você deveria convidá-la, ela é tão agradável! – Eu falei enfática e irritada, então ele riu.

— Se ela não é, finge muito bem. – Ele falou ligando o carro, saindo dali. – Coisa que você devia fazer também.

— Uma merda.

— Me agradar mais... – Ele começou presunçoso,

acariciando minha coxa, subindo e descendo lentamente a mão boba. – Assim, porque você já percebeu que eu sou um cara concorrido.

— Ai, Vitor, que coisa ridícula! – Eu dei risada da sua idiotice, relaxando sobre o banco e virei o rosto para ele. – Eu também tenho um ex doido pra voltar.

— Doido pra te controlar, coisa que ele não conseguia antes.

— O Breno vai ficar puto quando souber que nós dois vamos ficar em um hotel. – Eu falei, para não falarmos do Nicolas. O Vitor havia reservado um quarto no hotel da cidadezinha praiana que iríamos, para, segundo a idiotice dele nós pudéssemos ter mais privacidade, porque ninguém ficaria a vontade com meu ex e a minha melhor amiga na mesma casa. – Você é meio possessivo às vezes. – Eu comentei, e ele riu, não me respondendo.

— E a tua virgindade, Anna? – O Vitor perguntou um tempo depois, e eu franzi o cenho rindo.

— Nic – Eu falei, mas ele já sabia. – Não tenho o que reclamar dele.

— Eu tenho. – Ele resmungou e eu dei risada. – Babaca. E o irmão da Anastácia?

— Eu não sei, quase não o vejo em casa. Ele tá fazendo um estágio, então quando ele chega em casa, você já foi me buscar.

— Melhor.

— Eu não fico te proibindo de mil coisas, ok? Seja mais controlado.

— Seu pai sabe que você vem comigo hoje?

— Não, ele nem sabe que eu ando te vendo. Na verdade eu e a Anastácia estamos meio que proibidas de te ver, já te falei isso. – Eu falei entediada. – Ela é tratada como criança. Ela age como uma.

— Ela é gostosinha.

— O Nicolas também, eu já consegui orgasmos múltiplos duas vezes com ele. – Eu devolvi, porque odiava quando ele falava das experiências que não foram comigo. O Vitor me olhou desprezível, e ficou calado.

Eu acabei dormindo e acordei somente quando o Vitor me chamou, quando paramos para comer.

Quando chegamos ao quarto do hotel, eu me joguei na cama, abraçando o travesseiro e grunhi. Tinha um cheirinho aconchegante. Era tudo meio acústico, muito bonito. O Vitor colocou nossas malas num canto e se jogou em cima de mim, fungando em meu pescoço, e eu dei um riso, tentando me virar.

— Então o babaca ao menos era bom de cama... – O Vitor falou e eu o olhei entediada. Eu não iria dizer a ele, mas o lance dos orgasmos múltiplos era uma mentira.

— Eu não gosto de falar de passado, você parece uma menininha com essas curiosidades. – Eu fiz um bico luxurioso, e ele riu, depositando um beijinho rápido ali.

— Menininha – Ele resmungou, e eu dei risada. – E você, tá tomando a pílula direitinho?

— Que fofinha a sua preocupação. – Eu sorri para ele. – Sim, eu estou. Mas você deveria usar camisinha, assim, só

pra soar mais responsável. – Eu continuei e ele sorriu esguiamente, juntando nossas bocas em um beijo eloquente. Nós ficamos bastante tempo ali, apenas nos beijos e ele corria uma mão na lateral do meu corpo sob o vestido e eu não contive um sorriso quando ele enrolou um dedo na alça da minha calcinha, descendo a boca pelo meu queixo, distribuindo beijos molhados pelo meu pescoço. Eu desci o meu vestido, que era tomara que caia, e ele mordicou meu seio esquerdo, passando a língua lentamente ali, me arrancando um gemido forte, acariciando o outro com a mão. Ele ficou o tempo necessário para me deixar doendo de ansiedade ali, e desceu a boca pela minha barriga, assim como descia o vestido e se sentou para terminar de tirá-lo e acariciou meu sexo sobre a calcinha, se inclinando e passando a linha rente ao cóis dela, me arrancando um grito fino involuntário. O Vitor me olhou rapidamente, descendo a calcinha e afastou bem as minhas pernas, beijando meu sexo carinhosamente, o que era torturantemente prazeroso. Eu afundei as mãos em seu cabelo e fechei os olhos, gemendo mais alto quando ele brincou a língua em minha entrada, a deixando entrar em mim, e ficou naqueles movimentos de vai e vem que me enlouqueciam. Ele ainda segurou minha mão, quando eu a desci até o meu clitóris e eu choraminguei quando ele passou a língua bem lentamente por toda minha intimidade, sugando meu clitóris e circulando a língua ali. Eu me contorci e o segurei pelo cabelo, porque a julgar pelas outras inúmeras vezes, ele iria parar e eu... Eu gritei forte com o orgasmo intenso, me contorcendo, e foi ainda mais gostoso ao senti-lo penetrar um dedo em mim, o levando fundo. Quando eu já estava relaxada sobre a cama, com um sorriso de quem voltava das nuvens, ele subiu os beijos pelo meu corpo, me beijando rapidamente.

— Maravilhoso — Eu grunhi, exausta, e ele riu, me beijando mais uma vez, mas eu encerrei rapidamente, subindo sua camisa e ele a terminou de tirar, se levantando para tirar os sapatos e a calça. Eu me sentei na cama, o puxando pela cintura e abaixei a sua cueca, tomando seu membro em minha mão, colocando somente a cabeça na boca, o sugando suavemente, o levando fundo, relaxando a garganta e ele gemeu forte, se pressionando mais para mim. Eu voltei devagar, e corri a língua por toda sua extensão, a circulando na extremidade, pressionando a língua achatada em sua cabeça, porque ele adorava quando eu o fazia, e o levei fundo em minha boca outra e outra vez.

— Anna — O Vitor lamuriou, quando eu tentava leva-lo mais além e gemeu mais forte quando eu engasguei um pouco para o seu prazer. — Eu vou gozar cedo demais assim, amor — Seu tom estrangulado foi me deixando mais uma vez excitada, e eu voltei, pressionando minha língua na cabeça de seu membro, o estimulando com a mão, e ele gemeu forte, seu abdome se contraiu e eu logo senti seus espasmos fortes em minha boca. Eu continuei, até que ele parasse e corri a língua em seu membro mais uma vez. — Porra — Ele sussurrou arfante. — Você... — Deixou escapar um risinho atordoado, mordendo o lábio inferior, quando eu deixei parte do seu sêmen escorrer pelo canto da minha boca, contudo engoli o resto.

O Vitor terminou de tirar a cueca e eu deitei na cama, seguida por ele, que passou minha perna direita em volta do seu quadril.

Nós trocamos apenas alguns carinhos, mas eu logo acabei dormindo.

Acordei às nove no dia seguinte, tendo que explicar ao Breno que estava com o Vitor no hotel.

— Teus irmãos já chegaram, também. Vão almoçar com a gente? — Ele perguntou mal humorado.

— Meus irmãos? — Eu perguntei confusa, observando o Vitor se ensaboar sob o chuveiro. Era até injusto ser tão gostoso.

— Sim, Rodrigo, Anastácia e eu não sei o nome do outro.

— Que droga! — Eu reclamei. — Nós vamos almoçar com vocês, beijo. — Eu finalizei a ligação.

— Que foi? — O Vitor perguntou quando eu abri a porta do Box, para olhá-lo mais uma vez.

— Sua amada veio. — Eu falei carrancuda e ele deu risada. — Que ódio.

— Você devia abstrair essas bobagens. — Ele falou rindo. — E já que nós vamos almoçar com eles, você deveria colocar um short maior.

— Eu vou abstrair isso. — Eu falei pausadamente e saí dali.

Eu vestia um short jeans escuro, curtinho e com a barra desfiada e uma blusa de crochê preta, que exibia o meu biquíni de oncinha. Meu cabelo estava preso em um rabo alto, porém frouxo, e de maquiagem eu só usava um rímel a prova d'água.

O Vitor saiu do banheiro e vestiu uma sunga branca que marcava muito o meu amigo e eu o olhei desprezível, negando com a cabeça. Ele vestiu uma bermuda jeans clara e uma regata branca.

Eu estava analisando dois óculos Ray-ban, um avião tradicional e outro Ray Ban, com lentes degradê.

— Qual dos dois? – Eu perguntei para o Vitor, que pegou o tradicional e me roubou um selinho. Ele pegou sua carteira e óculos, e eu peguei uma bolsa onde havia colocado protetor solar, bronzeador e uma toalha de banho.

Quando nós chegamos a casa que os meninos haviam alugado, eu acenei para os que estavam na piscina, incluindo a Mayara e o Nicolas. A Anastácia estava numa espreguiçadeira, exibindo seu corpo, e seus seios exagerados, e eu belisquei o Vitor com a unha por ele olhá-los.

Ele gemeu com o susto e dor, e eu lhe lancei um sorriso.

Eu me sentei à mesa que ficava na área coberta com a Luana, e admirei sua barriga que começa a crescer.

— Eu quero muito que seja um menino. – Ela falou de uma maneira sonhadora e eu sorri para ela. – A Anastácia falou que não adianta você se iludir, o Vitor é dela.

— Ele é solteiro, se ele quiser, tudo bem. – Eu falei, porque me sentia segura em relação a ela.

— Eu peguei mensagens do seu irmão com a Dona

perfeição. – Ela me contou, falando mais baixo. – Pelo que ela deu entender, ela e o Vitor mantêm somente amizade agora.

— Um amorzinho os dois. – Eu falei irônica.

— E vocês?

— Normal, ele é o meu paraíso. – Eu falei e nós rimos. Olhei surpresa para o Nicolas, que me deu um beijo no rosto antes de se sentar ali. – Oi, Nic. – Eu falei, o olhando confusa.

—Cada dia mais linda. – Ele falou, me dando um sorriso fofo e eu dei risada.

— Muito linda. – O Vitor falou puxando uma cadeira e se sentou ali, eu o olhei contendo o riso, assim como a Luana. – Nossa, cada dia que passa ela fica mais linda.

— Você também, amor. – Eu franzi o cenho, sorrindo para não rir.

— Quer beber algo, Anna? – O Nicolas perguntou, mas eu neguei com a cabeça. – Comer alguma coisa?

— A Mayara tá te olhando, Nicolas. – Eu falei, para que ele parasse o seu showzinho. – Se eu quiser algo eu vou lá e pego, fica tranquilo.

— Se precisar de algo, e eu puder ajudar... – Ele deu de ombros, saindo dali.

— Eu vou matá-lo. – O Vitor disparou irritado e eu dei risada, me aproximando dele para beijar seus lábios.

Capítulo 26

Logo o Breno apareceu ali, com o Guilherme, e nós bebemos cerveja até a hora do almoço. Eu e o Vitor brigamos porque ele cismou que eu voltei minha atenção ao Breno e ao Guilherme, e como o Gui estava me ensinando uma música no violão, ele cismou que eu estava provocando-o. Mas o mais engraçado de tudo foi a Anastácia seduzindo o Nicolas com aqueles seios enormes, achando que deixaria o Vitor enciumado. Eu ainda fiz uma nota mental de fazer o mesmo só para vê-lo irritado, mas descartei ao ver que o Nicolas estava caindo na provocação da moreninha magrinha e peituda.

— Vou lá, porque olha, o Vitor é um drama em pessoa. — Eu falei, me levantando e fui até o Vitor, que estava na piscina, bebendo cerveja com o meu irmão. Me sentei na borda, o deixando entre as minhas pernas e passei meus braços em volta dos seus ombros, dando-lhe um beijo na bochecha.

— Olha só quem lembrou que eu existo. — Ele falou sarcástico e eu dei risada.

— Você me irrita. — Eu falei. — E você, Rodrigo, super de boa com o filho?

— Sim. — Ele se limitou a responder. — Vou lá ver minha namorada. — Ele avisou se afastando, saindo da piscina pela escada.

Eu me levantei para tirar o short e a blusa, e entrei na

piscina, grunhindo com a água gelada e o Vitor se virou de frente pra mim, colocando a latinha da cerveja na beirada da piscina.

— Você é muito lindo. — Eu falei, e ele me deu aquele sorriso torto, sereno. — Vi a Mayara conversando contigo, o que ela queria?

— Saber de nós. — Ele se limitou a responder, mas eu o encarei esperando por mais. — O que a gente tinha, falou sobre como você não prioriza relacionamentos e como tudo na tua vida é passageiro. E de que não foi culpa dela, se o Nicolas foi atrás.

— Nossa, que vítima ela é. E você?

— Concordei que você não prioriza relacionamentos. — Ele sorriu, selando nossos lábios e eu bufei. O Vitor depositou um beijo na minha bochecha, seguindo para a orelha onde mordeu levemente, me deixando arrepiada. — E disse que vou fazer de tudo pra não ser algo passageiro na tua vida. — Ele sussurrou e eu grunhi nervosa, com meu coração acelerado. Para não ter que dizer algo, eu o beijei.

À tarde, enquanto os meninos jogavam sinuca, eu me deixei sucumbir aos pensamentos. Eu jurei para mim que o que eu sentia pelo Vitor era tesão, não paixão. Eu o olhei assim, de longe, rindo por estar ganhando junto com o meu irmão, e não contive o riso das caretas carrancudas do Nicolas.

Ainda pensei que era tempo de parar, para que não virasse um sentimento mais forte, e a gente não se apegasse

demaís, mas uma angústia chata me dominava com esse pensamento de me ver sem ele. Uma saudade onde não deveria haver. Porque ele estava ali. Eu deixei escapar um riso ao pensar que agora eu poderia ainda estar namorando o Nicolas e hoje, o Vitor estaria ali, jogando como algo da Mayara.

Ri ainda mais ao pensar que deveria agradecer ao Nicolas por ter terminado tudo e à Mayara por ter ficado com ele. Se não fosse isso, ela teria ficado com o Vitor e eu estaria aqui agora, provavelmente morrendo de ciúme dos dois.

Ou com qualquer outro que talvez não fosse tão bom como ele.

— Tão bonitinha essa sua carinha apaixonada. – A Luana falou se sentando ao meu lado. – Ele também tá caidinho, mas é louco né.

— Pirado. – Eu sorri e ela deu risada.

— Eu por um momento achei o Fernando afim de você, mas ele é uma incógnita.

— Nós conversamos bastante, mas agora ele tá distante mesmo. E eu não acho que ele seja afim de mim.

— A Mayara está se roendo de raiva de você. Eu a vi falando sobre como você gosta do que ela quer, com o Breno, na cozinha.

— Olha, eu nem quero falar sobre isso. – Eu falei balançando a cabeça negativamente. – Ah, e se a Anastácia

ficar com o Nicolas, por favor, me conta. – Eu pedi, porque imaginava que ela fosse contar para a Luana. – Por favor!

— Se ela me contar algo, eu te digo.

[...]

Capítulo 27

À noite, o Vitor me levou para jantar num restaurante perto da praia, e quando saímos de lá, fomos andar por ali, mas mais uma vez ficamos como dois babacas namorando como se não houvesse mais algum outro ser perto de nós.

Nossa noite foi tão animada e escrota, que na manhã seguinte, eu doía toda vez que me sentava. O Vitor ainda tinha a audácia de rir de mim.

— Eu espero só que ninguém tenha ouvido os teus gritos.
— Ele falou, me abraçando por trás. — Desculpa. — Ele pediu, beijando meu ombro.

— Nós vamos almoçar e ir assistir filme com os meninos.
— Eu avisei, e ele assentiu, pegando seu celular para tiramos uma foto. Eu não deixei que ele postasse, porque não queria alguém insinuando algo.

Eu não conseguia focar no filme, porque ficava atenta aos olhares trocados pela Anastácia e o Nicolas. O Vitor jogava o joguinho maldito de perguntas no celular, enquanto brincava com o cóis do meu short com a mão desocupada.

Não deu meia hora de filme pra Anastácia levantar e sair dali. Eu quase ri de um Nicolas inquieto, provavelmente ansioso para levantar, e ele era tão previsível que não esperou cinco minutos. A Mayara suspirou forte, se encostando ao sofá e voltou sua atenção à TV. Eu fiquei

inquieta com o pensamento de que o Nicolas agora poderia estar com a Anastácia, e não consegui me conter, levantei alegando ir ao banheiro e fui procurá-los.

Dei uma breve olhada nos quartos, e saí dali pela cozinha, os encontrando na lateral da casa. Ela, encostada a parede e ele a sua frente, com as mãos apoiadas uma em cada lado da cabeça dela.

Eu fiz uma carranca, irritada com o que via, mas nem sabia o porquê. Não era ciúme do Nicolas, mas... Eu fechei as mãos ao lado do meu corpo quando ele riu antes de dar o primeiro selinho demorado nela. Eu estava repugnada ao ver o maldito beijo tomando forma, e tempo e as mãos dele no corpo dela, e as dela em volta do pescoço dele. Que nojo. Que ódio.

— Anna – Eu estava me virando para sair dali, quando o Vitor falou. – Que foi? – Ele perguntou confuso, olhando rapidamente o casal atrás de nós.

— Essas merdas que o Nicolas faz. – Eu falei baixinho, o puxando dali, esperando que eles não tivessem nos visto. – A gente pode ir embora? – Eu pedi agoniada, suspirando forte. – Ir à praia agora seria legal.

[...]

A tarde seguiu pesada. As lembranças do beijo do Nicolas na Anastácia me deixaram aturdida, algo que acarretou uma briga indireta com o Vitor. Sequer chegamos a discutir, mas

ele não questionou meu humor baixo, pior puxou alguma conversa.

Quando chegamos ao hotel, ele foi para o banho, e eu me sentei à beirada da cama, correndo as mãos no rosto, incapaz de assimilar essa atitude do Nicolas, com o Nicolas que eu namorei. Eu também não conseguia me lembrar de alguma situação em que eu pudesse ficar desconfiada, mas ele era deixado tão solto, e eu me importava tão pouco, e mesmo que até meu irmão alegasse que não acreditava que ele fosse infiel, hoje, depois de vê-lo deixar a Mayara e traí-la tão de perto... Eu me senti meio tonta ao imaginar. Me sentia traída. Era até engraçado. Não era como se eu o amasse, era só a sensação de engano. De quando uma possibilidade revela o verdadeiro eu, de alguém.

— Tudo bem, Vitor? – Eu perguntei, finalmente, quando ele saiu do banheiro enrolado numa toalha. Ele assentiu, e foi até sua mala, onde pegou uma bermuda preta e a vestiu rapidamente, se jogando na cama e pegando seu celular. – Eu te fiz algo, Vitor?

— Não.

— Como você é maduro. – Eu resmunguei, me levantando e fui para o banheiro. Tomei um banho demorado, onde mais uma vez as imagens do beijo maldito me assombraram, e eu quis matar o Nicolas. Canalha. Cínico. E todas as coisas adjacentes a ele.

Quando saí, me vesti com um baby-doll de seda rosa, e

subi na cama, engatinhando até o Vitor, que até então parcialmente me ignorava. Eu tomei o celular dele, saindo do jogo no qual ele estava viciado, conseguindo enfim, a sua atenção.

— Eu te fiz algo? – Eu perguntei passeando as pontas dos dedos pelo seu abdome, observando como ele levemente se contraía quando eu chegava ao cós da bermuda.

— Não.

— Ficou com ciúme porque o Nicolas e a Anastácia estavam juntos?

— Não fui bem eu que ficou com ciúme. – Ele falou, com sua voz extremamente sarcástica.

— Vitor, por favor. – Eu pedi, porque não queria falar sobre isso. Era confuso demais, e nem eu conseguia compreender.

— Anna, tudo bem, eu entendo você ficar puta da vida porque ele está com uma amiga sua, agora mudar e ficar assim por causa de uma menina que você detesta? – Ele perguntou incrédulo.

— Então você ficou com ciúme porque eu fiquei com ciúme? – Eu provoquei, e ele bufou um riso nervoso.

— Então você ficou com ciúme? – Ele retrucou e eu dei risada, negando com a cabeça.

— Eu só não gosto da Anastácia. Vê-la com o Nicolas, melhor, vê-lo com ela, me trouxe o pensamento de que ele era infiel. E eu era tão segura de nós dois, pra agora descobrir que não passava de uma corna.

— Isso não importa, porque não existe mais possibilidades entre vocês dois, certo? – Ele sugeriu, e eu o

encarei, apertando os lábios e assentindo. – E os teus amigos te contariam?

— Não, eu acho que eles iriam acobertar, porque o Nic era a vítima no nosso namoro.

— Claro, você só pensa na sua vontade.

— Eu acordei sem conseguir me sentar direito pra satisfazer você. – Falei incoerente, e ele riu, negando com a cabeça. – Não foi ciúme, foi raiva. Eu levar a culpa do nosso fim, e agora ficar com o pensamento de que ele não era fiel. Eu engoli todo mundo defendendo a Mayara por ficar com ele, e ele me culpando do término, mas provavelmente não passava de uma corna.

— Você não deveria se importar com essas coisas, vocês já terminaram.

— Eu odeio você e a amizade com a tua ex. – Eu não perdi a chance de alfinetar, e ele riu.

— Não tem maldade entre nós. – Ele falou, inocentemente e eu o olhei horrorizada.

— Seria como se você nunca tivesse visto ela nua, ou transado com ela. – Eu falei irônica, e ele deu risada, nos rolando na cama, ficando por cima de mim.

— Não. Ao contrário de você, eu sei separar bem as coisas.

— Claro, pra ter namorado uma Senhora perfeita, você tinha que ser perfeito também. – Eu falei, resignada, e ele sorriu para mim, assentindo, me deixando irritada.

— E você é linda. – O Vitor falou, e eu bufei um suspiro. – Linda, gostosa... O que foi essa noite? Eu não me lembro de ficar tão... Animado.

— Fofinho. Eu nunca tive orgasmos múltiplos antes. – Eu sorri para ele, que arqueou as sobrancelhas.

— Você me disse que...

— Você tinha dito que a Anastácia era gostosa. – Eu o interrompi. – Não se diz uma coisa dessas.

— Tudo bem, meu amor. – Ele falou, depositando um beijinho rápido na minha bochecha. – Eu só falo de você agora. Da maneira como você aperta as pernas em volta do meu corpo e me morde, e arranha enquanto goza... – Ele falou, me encarando, e eu soltei um grunhido involuntário. – Eu fico perdido contigo.

— Eu fico morta de vergonha dessas coisas. – Eu falei, cobrindo o rosto com as mãos e ele riu.

— Porque você é bem tímida. – Ele falou, e eu descobri meu rosto, o vendo apertar os lábios.

— Muito.

— Não sei nem como me deixa tirar tua roupa. – Ele riu, e eu lhe olhei desdenhosa.

Ficamos ali, conversando bobagens, idiotices até a noite, quando pedimos o jantar no quarto. E bem, eu não preciso detalhar como seguiram as nossas noites. Eu não sabia se era possível sentir mais prazer até que chegava a noite seguinte e eu era surpreendida com algo novo e ainda mais gostoso, por mais que eu não conseguisse sentir-me inteira na manhã seguinte.

Capítulo 28

Já era terça-feira, e nós estávamos na praia. As meninas estavam tomando sol, com a bunda pra cima deitadas sobre a canga, enquanto eu sequer podia sair debaixo do guarda-sol, para que o short não marcasse. Eu estava com uma marca profunda dos dentes do Vitor no bumbum, e não ousaria tirar o short. Estava roxo e dolorido.

— Tudo bem, Anna? – Meu irmão perguntou desconfiado. A verdade é que ele estava intrigado com o meu jeito estranho de agir. Eu talvez estivesse virando uma ninfomaníaca, porque não era possível desejar tanto um homem, ou melhor, desejar tanto fazer tanto sexo com um homem, como era com o Vitor. Eu não estava nem me importando com as coisas que ele me propunha, porque era ligeiramente dominada pelo prazer intenso, absurdo.

— Claro.

— Tá aí sozinha... – Ele falou desconfiado. – Tudo bem com o Vitor?

— Sim... – Eu respondi confusa, olhando o Vitor, que jogava vôlei com o Nicolas, o Breno e o Guilherme. O Nicolas e o Vitor eram uma dupla.

— Eu seria capaz de matá-lo se ele te fizesse algum mal. – Meu irmão falou, como se ele fosse realmente fazê-lo e eu dei um risinho. – Você tá estranha, de repente não tá mais mandando no Vitor e sim o obedecendo...

— Eu nunca consegui mandar no Vitor. – Eu falei o óbvio. – E não estou obedecendo ninguém.

— Anna, você queria ir ao shopping com as meninas, ele disse que você ia pro hotel e você foi com quem? — Indagou prepotente, com ar de superioridade, e eu o olhei desdenhosa. — A Anna que eu conheço o deixaria sozinho pra ir com as amigas.

— Eu posso ir ao shopping hoje.

— Não é esse o ponto, Anna. — O Rodrigo resmungou. — É só que eu não to te reconhecendo.

— Mas e o que tem eu ceder um pouquinho? — Eu perguntei confusa. — Não estou fazendo nada de errado.

— Não está, mas eu só to achando estranho. — Ele falou, por fim. — Porque a Anastácia, de repente pode virar uma dessas vilãzinhas de series de patricinhas e armar planinhos pra ter o Vitor.

— Eu já to bem crescidinha pra ficar brigando por um homem. Se ela interferir e ele deixar, ele pode ficar com ela, ninguém vai morrer se esse nosso rolo acabar. To nova, de qualquer maneira, nós não vamos nos casar. — Eu falei arrependida ao notar o Vitor em pé ao meu lado, me encarando com o cenho franzido. Eu não estava certa do quanto ele havia escutado, então falei apenas: — Oi.

— Então você já pensa em como nós vamos terminar. — Ele falou tranquilamente, se sentando na cadeira ao meu lado e colocando cerveja num copo descartável.

— Terminar? — Eu indaguei rindo. — Eu só não acho que alguém possa morrer por um fim de relacionamento. E que coisa, nós nem temos um.

— Depois da noite de ontem você diz que nós não temos nada? — Ele perguntou franzindo o cenho, com um fantasma

de um sorriso nos lábios e eu mantive o olhar no dele. – É muito cruel da sua parte dizer isso.

— Eu não posso simplesmente adivinhar que temos algo sério.

— Você é minha agora, Anna. – O Vitor sorriu, e eu dei risada, assentindo, porque essa coisa não poderia ser séria.

— Toda sua. – Eu falei divertida, olhando rapidamente o meu irmão, que negava com a cabeça.

Depois do almoço eu me recusei a sair, então fiquei no hotel com o Vitor, que acabou dormindo. Eu o olhava abobada, intrigada porque ele era tão bonito, e agora soava tão possessivo. Agora essa posse, essa mania de volta e meia dizer que eu era dele, me deixava parcialmente satisfeita. Por outro lado, eu sentia que estava perdendo o contado comigo mesma. Que o que eu pensava ser o ideal já não fazia mais o mesmo sentido. Eu levantei assustada para pegar meu celular que tocava, e estranhei ao ver no visor que era minha mãe. Ela não faria uma ligação internacional à toa.

— Oi. – Eu falei confusa, e até nervosa, nem me lembrava da última vez que nos falamos.

— Oi, meu bebê. – Ela falou da sua maneira dengosa, e eu quase sorri. Não era como se fizesse falta. Talvez já tivesse feito, mas secou de tal maneira em mim, que eu não conseguia pensar sobre o quanto eu a queria por perto. – Tudo bem?

— Claro. – Eu falei um tanto aturdida. – E você?

— Estou morta de saudade. – Ela falou eufórica. – Tanto que na próxima semana estou por aí com o Roberto.

— Ah.

— Não ta com saudade da mamãe?

— Claro que to, mãe. — Eu revirei os olhos, rindo.

— E o seu irmão? Eu não consigo conversar com ele.

— Está tudo bem. — Eu limitei a responder, me sentia bloqueada a falar algo a mais.

— E o namoro com o Nicolas, está bem?

— Nós terminamos, mãe. — Eu contei, suspirando forte. — Ele está com a Mayara agora.

— Oh... — Silêncio. — A May? — Ela perguntou um tempo depois, e eu apenas dei um risinho, confirmando. — Eu sempre achei que ela não era tão sua amiga. — Ela falou pensativa e eu estalei os lábios. Ela também idolatrava a Mayara, o Nicolas, mas no fundo preferia o Breno. — E eu sempre achei que o cara certo pra você fosse o Breninho.

— Eca, mãe.

— Ele é um amor. — Ela falou enfática. — O Nicolas era doce demais, não sei como você confiou nele. O Breno conhece você e não tem medo de te enfrentar.

— Eu estou com outra pessoa. — Eu falei rapidamente, e ela ficou calada por segundos que pareceram horas.

— Eu mereço saber quem? — Ela perguntou confusa. — Quanto tempo?

— Não sei, não tem nem dois meses. É muito recente, e não é nada sério.

— Não?

— É, talvez seja só passatempo. Eu não to esperando que

dure muito tempo porque ele tem uma ex. E até o Rodrigo acha essa ex uma mulher perfeita.

— Por mais independente que você pareça ser, eu nunca achei que o meu bebê gostasse desse tipo de diversão. — Ela lamentou. — Mas de qualquer maneira, eu espero que tudo esteja bem. Eu volto a ligar, o vôo está marcado pra próxima sexta, então vejo vocês no sábado. Beijo meu amorzinho. — Ela falou antes de desligar, e assim que me virei pra cama, o Vitor estava ali, sentado e me encarando.

— Oi?

— A gente pode conversar? — Ele pediu impaciente, e eu assenti, rindo do seu mau humor.

— Sobre?

— Você. — Ele sorriu ternamente, o que soou falso e eu deixei escapar um riso, me sentando de frente pra ele. — Você não leva nada a sério.

— Eu levo você a sério. — Eu brinquei, entrelaçando minha mão na sua.

— Não é nada sério, talvez seja só um passatempo... — Ele repetiu o que eu havia dito a minha mãe.

— Eu pensei que nós estivéssemos nos divertindo. — Eu afirmei confusa, inclinando o rosto um pouco para o lado. — Essa coisa de ser tua e não ter um compromisso soa legal pra mim.

— Eu não suporto.

— Vitor, eu to abstraindo muita coisa pra gente ficar bem. — Eu falei lentamente, confusa. Temerosa.

— Eu acho que já passou da hora de a gente parar de

brincar. – Ele falou, tentando parecer cauteloso e eu franzi o cenho. – Eu não quero você perto de outro cara, Anna. Nem em sonho, nem alguma possibilidade. Eu não quero que você tenha a desculpa de estar solteira pra se distrair com outro.

— Vitor, eu só tenho me distraído com você. – Eu deixei escapar um riso, e ele bufou um suspiro. – Isso seria o que? Um namoro?

— É. – Ele falou enfático e eu olhei-o subitamente assustada.

Capítulo 29

Segundos que pareceram horas se passaram e eu ainda o encarava. Eu não queria abrir mão do Vitor, contudo, eu também não queria abrir mão da minha liberdade por ele. Não que eu estivesse livre. Mas depois do Nicolas, eu sequer tive um tempo justo e ameno para respirar sozinha. Foi algo rápido, eu logo estive presa pelo desejo absurdo e ignorada pelo Vitor, e depois presa no sexo maravilhoso dele. Na sua boa companhia.

— Você não acha que é muito cedo? – Eu perguntei confusa, nervosa. – Eu gosto de ficar contigo, Vitor, mas acho que namoro é algo sério demais, e eu não quero banalizar isso entre nós. Tem que ser pensado direitinho, nós dois sem mais ninguém. Sem ex ou amiguinhas tipo a Anastácia. Sem pressão, sem proibir as amizades, e eu to falando das amizades de verdade.

— Sim, eu quero tentar isso contigo. – Ele forçou, me olhando esperançoso. – Não tem nada nos impedindo, tem?

— Não tem, Vitor. – Eu falei me aproximando mais dele, acarinhando seu rosto, o analisando. Era tão bonito e mandão e sereno. Era tão decidido. E gostoso, eu não poderia deixar de mencionar. – Mas eu posso pensar?

— Anna, pensar em que?

— Se isso pode dar certo. – Eu falei baixinho malevolente. – Vai adiantar a gente deixar de viver isso não rotulado pra assumir um namoro que pode não durar?

— Tudo bem. – Ele falou, apertando os lábios. – Você

pensa, vê se é isso, se dá pra levar, se quer continuar e depois a gente conversa.

— Vitor. – Eu o chamei, que voltou a me encarar, mas se manteve calado. Eu deixei escapar um riso, e aproximei os lábios dos dele, os roçando, mas ele levantou, deixando escapar um riso por me impedir de beijá-lo.

— Eu acho que você precisa pensar. – Ele falou, pegando o celular e a carteira sobre a cama. – Eu vou dar uma volta, pensar, também. Depois a gente conversa.

Por dois dias seguidos, eu fui terminantemente torturada pelo Vitor. Como eu me esquivava de dar alguma resposta sobre o namoro, ele achava que nós não deveríamos ficar. Eu já estava ficando frustrada, e não era por estar sem sexo. Sem beijo. Era por ter que dormir com ele toda noite, – coisa que ele estava fazendo nu – vê-lo e não ter nada.

Nós estávamos na praia, era o nosso penúltimo dia, e ele estava na mesa com a Mayara numa conversinha íntima, que me lembrou a cena de ela conversando com o Nicolas, enquanto eu, pobre e iludida, pensava que ela estava querendo arrancar informações pra me ajudar.

Eu fiz uma carranca, que fez a Luana rir, e o Vitor me lançou um sorrisinho esguio.

— Ele só quer te namorar. – A Luana falou, acarinhando docemente a sua barriga. – Seu irmão falou um monte pra ele, que não importa o que você faça, se o Vitor te fizer sofrer, ele manda matá-lo.

— O Rodrigo é um idiota.

— E você, não pensa em deixar mais sério? Até porque o que você tem com o Vitor é tipo um namoro.

— Eu não queria que nós chamássemos isso de namoro. Soa tão chato, entende? Namoro me lembra do Nicolas. A mesma coisa, tudo muito bem, ele quer, eu nem tanto. Eu aceitar pra não perder e... Acabar perdendo.

— Eles são pessoas diferentes. Você não sente nada pelo Vitor? – Ela perguntou audaciosa, e eu entortei os lábios, dando de ombros. Eu não estava perdidamente apaixonada pelo Vitor, estava? E estava tão bom do jeito que estávamos levando. Era desnecessário falar sobre namoro agora.

— Eu posso ver a Mayara falando mal de mim. – Eu falei entediada, subindo os óculos de sol, me esquivando da sua pergunta.

— Eu posso ver você se roendo de ciúme. – Ela zombou e eu fiz uma carranca, cruzando os braços, voltando a olhar o casal conversando na mesa. O Vitor agora ria, era só pra me irritar! Meu sangue ferveu quando ele se aproximou mais dela, e os dois riam e aquela graça me deixava cada vez mais... Formigando de raiva. O que não era ciúme. – Era só dizer um sim.

— Eu não vou nunca namorar um cara que faz pirracinhas infantis como essa. – Eu falei irritada, não me contendo e fui até eles.

— A gente pode conversar, Vitor? – Eu perguntei carrancuda, o encarando firme, que me olhou distraído. Me analisando. Ele era muito, muito prepotente. Longe daquele homem sereno que eu observada dormir e beijava.

— Nós estávamos falando sobre como tudo seria se você e o Nicolas não tivessem terminado. – A Mayara falou e eu sequer a olhei. Pensar sobre isso me dava raiva, porque nunca na vida eu iria querer que o tempo voltasse e **ela** estivesse com o Vitor hoje. – Bem, já que vocês precisam conversar, eu vou atrás do meu amor. – Ela levantou e saiu dali. Eu quis bater no Vitor por segui-la com o olhar.

— Você pediu tempo pra pensar, eu to te dando espaço. – Ele falou solenemente quando eu me sentei.

— Você está me irritando. – Eu resmunguei. – Isso não me dá espaço pra pensar.

— Eu to só agindo como faria se você me disser não. – Ele sorriu, e eu o encarei. Uma vontade absurda de chorar me dominou, porque o primeiro pensamento que me veio foi de que ele ficaria com a Mayara. Eu apertei os lábios, cerrando forte o maxilar, e assenti, não conseguindo formular mais alguma frase coerente. Só que se eu não aceitasse namorá-lo, ele iria investir na Mayara. Também me veio o pensamento de que eu não iria suportar namorar um cara que faz esse tipo de joguinhos. E o meu Vitor? Aquele seguro do que quer e... Eu estava com tanta raiva que só conseguia associá-lo agora, ao sexo bom.

— Então a minha resposta é não. – Eu falei, com a voz embargada e levantei, saindo dali rapidamente. Demorei longos segundos para me recompor e empurrar as lágrimas que queriam descer, para dentro. Engoli toda a vontade amarga de sucumbir a angústia e andei até um quiosque, onde me sentei numa mesa, sozinha e peguei o cardápio. Eu nem conseguia me concentrar ali e ler as opções o que soava engraçado, porque eu me sentia atordoada. Eu suspirei forte, tentando dissipar a angústia que teimava em ficar e pedi um

suco de laranja.

Capítulo 30

— Aconteceu algo? – A Luana perguntou arfando, o que me fez pensar que ela veio correndo.

— O Vitor. – Eu falei, a olhando. – Eu juro que pensava que ele era diferente do Nicolas, mas é igual, se não for pior.

— Ai, amiga, pior que o Nicolas tá pra nascer. – Ela falou rindo. – Ele tá pegando a Anastácia e a Mayara, haja fogo!

— Ele disse que só estava agindo como faria se eu dissesse um não! – Eu falei horrorizada. – Então era o que? Uma chantagem? Eu o namoro ou ele investe na Mayara?

— Ele não quis dizer isso. – Ela defendeu e eu a olhei carrancuda. – Eu aposto que ele estava levando isso na maior brincadeira e te provocando. Ele devia estar testando o seu nível de ciúme.

— O que foi um erro, eu não tenho ciúme. – Eu sorri deliberadamente para ela, que deu risada.

No fim da tarde, eu fui dar uma volta com o Breno, mas eu me mantive calada, pensativa por vir sendo ignorada pelo Vitor, novamente.

O Breno não parava de falar, e eu só ria e concordava, mas sequer tinha noção do que ele dizia. A minha agonia e ansiedade permanecia aqui, me assombrando e eu queria poder rir da situação toda.

— Está entregue. – Ele falou, e só então eu notei que já estávamos em frente ao hotel. Eu me despedi dele com um abraço e um beijo no rosto, e assim que entrei no quarto, encontrei a mala do Vitor sobre a cama, assim como ele, de costas, na porta da sacada, falando no celular.

Eu fechei a porta cuidadosamente e fui até ele, o abraçando por trás, ignorando a minha resposta, o meu não. Talvez eu conseguisse entretê-lo e ficássemos sem algo mais sério envolvido.

— Então tudo bem, eu já vou direto pra aí amanhã cedo. Beijo, meu bem. – Ele falou antes de desligar. Eu suspirei forte, subindo minhas mãos em seu peitoral quente, beijando suavemente as suas costas. – Eu acho que não é uma boa ideia, Anna.

— Eu to morta de saudade. – Eu falei, o apertando mais contra mim.

— Eu penso muito diferente de você. – Ele falou, se afastando e se virou de frente pra mim. – Eu não quero manter uma coisa qualquer, sexo casual, seja lá qual for o nome que você dê a nós dois.

— Eu aceitei namorar o Nicolas e olha no que deu. – Eu comparei, e ele bufou um riso, negando com a cabeça.

— Então agora tudo na tua vida, vai ser comparada à merda que você viveu com o Nicolas! – Ele afirmou, num tom excessivamente estourado, me deixando irritada.

— Eu estou falando que eu sou dessa maneira, de mim. Que eu to me sentindo pressionada. E assim eu não quero. Você acha o que? Que pode me forçar?

— Sinceramente... – Ele riu, correndo uma mão nervosa pelo rosto.

— Eu queria que as coisas continuassem como estão. – Eu falei manhosa, querendo desviar dessa discussão sem futuro, mas ele riu. – A gente só não precisa nomear isso como um namoro. É tão sufocante.

— Eu não sou idiota, Anna.

— Eu sei. – Eu franzi o cenho, confusa. – Você que tá estragando tudo.

— Eu? Você cisma em manter um relacionamento aberto, e eu, to estragando tudo?

— É. – Eu afirmei, contendo um sorriso, dando um passo em sua direção. – Achando que pode virar meu dono. – Eu torci os lábios, e ele bufou um riso, deixando que eu me aproximasse mais, enlaçando os braços em volta do seu pescoço.

— Então é isso. – Ele resmungou.

— É, a gente permanece assim, ficando, bonitinhos.

— Eu quero mais, Anna. – Ele falou impaciente, e eu dei risada.

— Eu preciso te testar mais um pouco, antes de ter certeza. – Eu concluí, presunçosa, beijando demoradamente o canto de sua boca. – Saber se vale a pena... – Continuei, descendo os beijos pelo seu pescoço, o deixando arrepiado. – Se o sexo continua surpreendedor.

— Ninfomaníaca. – Ele falou enfático, passando os braços em volta do meu corpo, e eu deixei escapar um riso, assentindo, antes de beijá-lo.

[...]

Acordei na manhã seguinte com o Vitor beijando meu pescoço, correndo as pontas dos dedos na lateral do meu corpo nu.

— Bom dia... – Ele sussurrou, e eu sorri fraco, me virando de frente pra ele.

— Gostoso – Eu grunhi, me esmagando contra ele, que riu, me abraçando forte. – E então, você não ia pra casa dos seus pais hoje cedo?

— Adiei. – Ele se limitou a explicar, e eu fiz um beijo. – Já liguei pra ela.

— Hum... – Eu murmurei, sem saber ou ter o que falar. Fiquei ali quieta, recebendo seus carinhos, pronta para um sim, relacionado à coisa do namoro, mas pedindo internamente, para que ele deixasse esse assunto dormindo.

Nós passamos o último dia no hotel, conversando, brigando, transando, ignorando todas as ligações, inclusive uma da minha mãe. Eu não estava me importando de perder o dia lá fora para estar com ele aqui.

— Então a Anastácia quer vir embora conosco? – O Vitor perguntou ao meu irmão, que apertou os lábios contendo o riso. – É que nós estamos indo pra casa da minha mãe, Rodrigo, não vai dar.

— Tu deveria dizer isso pra ela, então.

— Porque o Nicolas não a leva? – Eu perguntei

prepotente, e o Vitor me olhou carrancudo. Ele havia cismado que eu estava com ciúme. – Ou ela não volta com você? Ah, me poupe, a mãe dela não tá aqui pra fazer as vontades dela, então, ela não vai com a gente.

— A patroa já decidiu, não posso mais opinar. – O Vitor apertou os lábios, colocando a minha mala no porta-malas do seu carro. – Nós voltamos amanhã, só.

— Claro que eu não vou me incomodar com os chiliques. – O Rodrigo falou irônico. – E se tu fizer algum mal pra Anna, eu vou mandar matar você. – Ele avisou ao Vitor, e eu bufei um riso, negando com a cabeça de uma maneira incrédula.

Eu dormi durante a viagem, e só notei que não era uma brincadeira o Vitor ter dito que iríamos para a casa dos seus pais, quando ele me acordou e eu não reconheci a casa. Nem a rua. E logo uma mulher ruiva, exageradamente elegante, saiu para nos receber.

Eu me vi com um medo absurdo e jurei matar o Vitor, porque ela deveria idolatrar a Srt^a perfeita.

— Então você é a famosa Anna... – Ela falou antes de me cumprimentar com dois beijos no rosto. – Ouvi muito sobre você.

— Com certeza, ouviu. – O Vitor falou levemente entediado, passando um braço sobre meus ombros. – Essa é a Tereza, minha mãe. – Ele falou cordialmente, e eu como uma anta, só consegui sorrir para ela.

— Eu não acreditei quando você disse que viria, porque

eu já queria estrangular a Anna, por ter mudado seus planos.
– Ela falou, rindo, enquanto puxava o Vitor para um abraço.
– Vamos entrar, eu mando alguém buscar as malas de vocês. –
Ela falou, andando na frente. O Vitor me puxou, me abraçando de lado, e nós seguimos sua mãe, que tagarelava.

— Eu preparei o quarto de hóspedes para ela... – Ela comentou duvidosa, e o Vitor riu, assentindo.

— Ela pode ficar no meu quarto. – Ele falou, e eu lhe belisquei. – Cadê meu pai?

— Jogando golfe com o Borges. – Ela falou enfadonha. – Vou ver se está tudo certo pro jantar. A Camila vem jantar aqui, com os pais dela, espero que não se importem.

— Tudo bem. – O Vitor respondeu, me puxando, em direção as escadas. Eu fiquei calada, quando entramos em seu quarto. Era muito maior que o do seu apartamento, e a decoração era mil vezes mais bonita, toda em preta, com alguns detalhes em marfim.

— Quando eu disse que tudo bem a Camila nos ver juntos, de novo, é porque realmente está, Anna. – Ele falou, tirando dois porta-retratos da prateleira, tirando as fotos deles.

— To me sentindo uma intrusa aqui.

— Os pais dela são agradáveis, você não está correndo risco de ser mal tratada. – Ele zombou, me puxando pela mão, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. – Eu não te traria se não tivesse certeza de que correria tudo bem.

— Eu to meio que com medo, porque você falava bem da Anastácia. – Eu falei cheia de mim, e ele riu, negando com a

cabeça.

[...]

Capítulo 31

Mais tarde, eu estava jogando no celular do Vitor, o seu jogo preferido, enquanto ele separava uns livros para levar, quando a Camila entrou. Ela me lançou um sorriso, e foi até o Vitor, abraçando-o.

— Trouxe a Chica, ela estava louca pra te ver. — A Camila falou alegremente, e como se fosse cronometrado, uma criança, de aparentemente seis ou sete anos, entrou no quarto, sorrindo timidamente para o Vitor. Ele a pegou no colo, mas o seu sorriso se desfez quando ela olhou pra mim.

— Quem é ela? — A menina perguntou amuada, e a Camila riu.

— É a namorada do tio. — Ela explicou, e a criança franziu o cenho. — Fala com ela! — A Camila pediu, mas a Chica, voltou sua atenção ao Vitor.

— Mas você namorava a tia... — Ela disparou confusa, e o Vitor riu. — Não era? — o Vitor deu um risinho com a pergunta, e eu voltei minha atenção ao celular.

Eu não poderia reclamar do jantar, porque os pais do Vitor, e os da Camila eram pessoas agradáveis. Talvez não pensassem que eles deveriam manter um namoro, se casarem. Mas eu ainda assim, me sentia uma intrusa. Era como se eu pudesse ver as famílias unidas e seus filhos juntos. Uma foto perfeita e feliz.

Depois da sobremesa, eu fui com o Vitor e a sobrinha da

Camila para o jardim da casa, os dois brincavam como se ele também fosse uma criança, então eu me sentei num banco de mármore que havia ali.

— Ele é muito lindo, não é? — Eu estava imersa, longe, embora sem pensar em nada, quando a Camila perguntou. Eu a olhei, que já havia se sentado ao meu lado.

— Sim.

— Daí eu volto no tempo e me arrependo pra sempre do dia em que quis terminar. — Ela apertou os lábios.

— Eu não posso dizer que sinto muito. — Eu falei, entortando os lábios num sorriso esguio.

— Mas é que é muito difícil lidar com o Vitor. As coisas têm que ser do jeito dele. — Ela falou, dando um risinho. — E vocês, como estão? Namorando mesmo? Ele odeia deixar as coisas não nomeadas, é um possessivo nato. Pior, ele sempre, sempre vai te fazer ir atrás.

— E você ainda pensa numa volta?

— Eu não vou dizer que não. Mas eu não to torcendo contra vocês dois, pelo que ele diz tá fazendo bem. Eu não tenho alguma mágoa do Vitor, nem um motivo pra ter raiva dele. Eu terminei, essas são as consequências. Mas também, não vou dizer que se ele chegasse hoje pra mim e pedisse uma volta, eu iria negar. — Ela falou, voltando seu olhar ao Vitor, que estava sentado na grama com a pequena, mas nos olhava. — Eu aposto que ele ta pensando que eu to te importunando.

— Não está. — Eu falei confusa, de qualquer maneira, não queria que ela pensasse que eu a sentia como uma ameaça.

— Eu só espero que você cuide bem dele. É um homem

incrível. – Ela sorriu docemente, e eu fiquei calada. Mesmo que não fosse, eu havia sentido uma malícia no fim da sua frase e isso, me dava uma raiva que eu não podia controlar.

Quando eles foram embora, a mãe do Vitor veio puxar conversa, a fim de saber o que realmente acontecia entre nós. Além disso, ela me falou sobre o namoro doce e adolescente dele e da Camila. Eu me sentia limitada perto dela, sem saber o que falar, e foi um alívio quando o Vitor me tirou dali.

— Minha mãe gosta de tagarelar. – O Vitor falou enquanto subíamos as escadas. – Se curiosidade matasse, eu nem sei o que seria dela...

— Eu ouvi isso, Vitor! – A mulher gritou pra nós.

— Eu acho melhor eu ir pro quarto de hóspedes. – Eu falei e ele riu de mim. – Porque sua mãe mandou arrumar tudo lá e...

— Tudo bem. – Ele deu de ombros, parando em frente a porta do quarto. – Amanhã nós vamos ao clube, vamos embora no fim do dia. – Ele avisou, se despedindo de mim com um selinho casto. Eu o observei entrar em seu quarto, e entrei no *meu*, fechando a porta e me joguei na cama, cobrindo os olhos com o braço.

Eu me senti meio perdida ao estar na casa dos pais do Vitor, como algo dele. Algo não nomeado, mas que era mais que só amizade. Uma insegurança maldita me assombrava, porque a Srt^a perfeita, já era da família, e seria até injusto afirmar que eles não combinavam. Eu grunhi, e peguei meu celular, conectando-o a internet, logo recebendo as

mensagens do whatsapp. Eu li rapidamente, parando numa da Mayara. **“quando voltar, me liga, quero falar com você”** – Eu franzi o cenho, porque não tínhamos algo pra conversar. Respondi só um ok, me assustando ao ver a porta sendo aberta.

Eu sorri e me sentei ao ver o Vitor entrar, com um travesseiro nas mãos e um sorriso inocente. Logo depois dele, sua mãe entrou, e o Vitor riu, ao notá-la.

— Eu tenho pavor de dormir sozinho, mãe. – Ele falou para ela, como uma criança, eu quase não contive o riso.

— Sei... – Ela falou desconfiada, me olhando rapidamente. – Sei...

— Sabe. – O Vitor complementou, apertando os lábios e assentindo. – Boa noite, então.

— Hum, boa noite. – Ela falou nos lançando um olhar de quem não engoliu a história, antes de sair, puxando a porta.

— Sua mãe deve estar pensando que bela vadia, você arrumou! – Eu falei horrorizada, e o Vitor riu, jogando o travesseiro na cama, se jogando ao meu lado, porém, de bruços.

— Ela gostou de você. – Ele falou docemente. – Rola um ciumezinho porque eu deixei de vir aqui um tempão pra não ficar longe de ti, mas ela sabe que eu não o faria por uma qualquer.

— Não faria pela Anastácia? – Eu perguntei presunçosa, me virando de lado, para olhá-lo, que fez uma careta entediada.

— Vai se trocar, pra gente dormir. – Ele pediu, me

ignorando e eu bufei um suspiro, me levantando. Vesti um baby-doll rosa, com uma Hello Kitty na frente, e me deitei junto com o Vitor, que inconvenientemente fuçava meu celular.

— Vai conversar com a Mayara, é? – Ele perguntou, deixando meu celular, e me abraçando por trás. Eu dei de ombros, arrepiada por ele afastar meu cabelo, correndo os lábios em meu pescoço. – Não acho uma boa ideia.

— Não? – Eu perguntei com a voz levemente estrangulada, com os beijos suaves.

— Hum-hum. – Ele grunhiu, sugando minha pele, correndo a língua, e eu deixei escapar um gemido rouco. – Porque se ela não pensou em você antes de ficar com teu ex, e ainda te culpou, quer dizer que ela não se importa contigo.

— Talvez...

— Você pode arrumar amigas novas. – Ele falou, e eu deixei escapar um riso. – Eu posso ser seu amigo.

— Nós somos. – Eu falei, parando a sua mão audaciosa, que passeava em minha coxa.

— Ela te falou o que?

— Sua mãe? – Eu perguntei, entrelaçando nossas mãos, e ele assentiu. – Sobre o seu namoro adolescente com a Camila, perguntou de nós dois.

— Namoro adolescente? – Ele perguntou incrédulo, mas rindo. – A gente fazia sexo!

— Ah, que grande coisa de adulto. – Eu zombei.

— E sobre nós, você respondeu o que?

— Que estamos nos conhecendo. – Eu contei, me virando

de frente pra ele. – Ela me falou de você ser muito briguento.

— Cuidadoso. – Ele resmungou.

— Vitor, você quer discutir até por uma roupa que eu visto.

— Anna, a gente ia passar o dia com teu ex, que te provoca na cara dura! E se a gente tá se conhecendo, eu não acho que você precise mostrar seu corpo pra outro que não seja eu.

— Que coisa machista. – Eu falei irritada.

— Eu não to dizendo que roupa define caráter, só que eu to falando da raça, a gente gosta de olhar e eu não quero outro cara olhando pra você. – Ele explicou, e eu o encarei, querendo rir da sua justificativa.

— Eu gosto que olhem. – Eu provoquei, e ele ia retrucando, mas eu não deixei tempo. – Você pira de ciúme depois e é bonitinho.

— Se eu morrer de infarto vai ser culpa tua. – Ele disparou, e eu dei risada. – Ou se eu for preso por matar alguém.

— Eu juro que levo isso tudo na brincadeira. – Eu falei, me aproximando mais para beijá-lo.

Eu cortei qualquer tentativa sua para embutir nossos beijos numa preliminar, então depois de um tempo trocando carinhos, carícias, beijos, ele simplesmente tirou a sambacção de seda, preta, me abraçando por trás, não demorando a pegar no sono.

Na manhã seguinte, o Vitor saiu para jogar beisebol com seu pai, me deixando a sós com sua mãe, e eu queria matá-lo. Eram oito da manhã, e eu estava morrendo de sono, mas a Tereza queria me mostrar o jardim que ela havia decorado.

— Eu adoro isso aqui. — Ela falou, de uma maneira sonhadora. — O Vitor adorava trazer namoradinhas pra cá, era o terror do meu jardim. Mas ele nunca foi de pegar essas meninas aleatoriamente, sempre gostou de namorar.

— Ele às vezes vai rápido demais, não espera o tempo alheio. — Eu falei, me arrependendo em seguida, mas a Tereza parou de andar, sorrindo para mim.

— Apressado, ciumento, cuidadoso... — Ela citou, com um risinho fraco. — Mas quando alguém o cativa, ele é uma pessoa incrível, embora seja muito prepotente e orgulhoso, tem que se tudo a sua maneira. E lindo, nossa, porque tão lindo? Mas então eu sou mãe, total suspeita.

— Ele é. — Eu concordei. — Vendo assim, nem parece ter defeito.

— Mas ele aos quinze era terrível, cansei de ver a Camila chegar aqui reclamando, ele adorava namorar duas ao mesmo tempo. Eram coisas que não durava um mês. — Ela contou, e como num susto eu a olhei. Logo me veio a Anastácia e... Eu sacudi a cabeça, porque mimada do jeito que ela é, nunca aceitaria ser a segunda *namorada* do Vitor. — E logo ele começou a namorar a Cá. Eu não aguentava os dois, monitorar tudo, porque eram duas crianças, e... — Ela estalou os lábios, e sorriu. — Ele sofreu muito quando terminou. Eu sofri junto vendo bebê daquela maneira. — Ela lamentou, e eu sorri fraco, num lamento. — E logo ele falou sobre você, eu juro que pensei que fosse só passatempo e que assim que a

Camila ligasse, ele voltaria. E ela também pensava dessa maneira. Só que ela foi atrás, e ele já estava em outra.

— Nossa... – Eu murmurei, porque a mulher falava demais.

— E vocês são tão diferentes uma da outra. – Ela comentou, e eu a olhei confusa. – Você e a Cá.

— Ah...

— Mas é bom. Significa que ele tá contigo pelo que você é, não porque lembra outra pessoa. – Ela falou, e eu não contive o sorriso. – Se vocês forem namorar, eu faço questão de conhecer os seus pais.

— Ah, claro. – Eu falei docemente. Mas logo imaginei a Anastácia dando um show, porque o Vitor era dela. Ou como explicar a mãe do Vitor que o meu pai é casado com a mãe de uma menina que ele comia casualmente. Talvez depois da manhã ouvindo a mãe do Vitor tagarelar, eu soubesse tudo que ainda não sabia sobre ele. E que independente de as famílias serem unidas, ela ter um carinho de mãe pela Camila, isso não tinha alguma relação com ela namorar o Vitor.

Pouco depois do almoço, eu fui pro quarto do Vitor com ele.

— Eu gostei da sua mãe, Vitor. – Eu falei entediada com as suas perguntas.

— Ela fala demais. – Ele falou, tirando a camisa.

— Demais. E saiba que ela me falou tudo sobre você. – Eu falei presunçosa, e ele parou, me olhando assustado. – Que você gosta dessa coisa de ter duas.

— Fiz uma vez. — Ele falou enfático. — E logo depois, comecei a namorar a Camila.

— Hum.

— Ela não quis saber dos teus pais? — Ele perguntou, deitando ao meu lado. Eu assenti, me aconchegando contra ele, que me embalou em seus braços. — Vamos embora amanhã?

— Vitor, eu nem avisei ao meu pai que viria.

— Seu irmão deve ter dito. — Ele falou desinteressado. — E ele não está preocupado, senão, ligaria.

[...]

Capítulo 32

Eu jurei fazer um contrato, com cláusulas em negrito caso viesse um dia a namorar o Vitor. Enfatizando:

ELE NÃO PODE MANDAR EM MIM.

ELE NÃO PODE DECIDIR O QUE EU VOU VESTIR.

E que a sua mãe não precisava me ligar todos os dias. Não que eu não gostasse dela, mas era muita pressão.

— Então você liga avisando que vai sair com o Breno e a Mayara? – Ele perguntou irritado. – Isso parece piada, Anna.

— Nós vamos ficar aqui em casa, vou só passar um tempo com eles.

— Depois de tudo, você vai passar um tempo com eles...

— É, qual o problema? – Eu perguntei confusa. – Meu pai e a Cris viajaram com a Anastácia e o Fernando, eu vou estar em casa.

— Eu não suporto esse Breno.

— Você é todo chato, não suporta ninguém. – Eu reclamei.

— Cuidado, só te peço isso.

— Você é um amor, beijo. – Eu falei antes de finalizar a ligação.

Passar o tempo com a Mayara e o Breno não era como antes, mas nós bebemos, comemos, vimos filme, cantamos no

karaokê e bebemos mais. Eu já estava pra lá de Bagdá com as vodcas, caipirinhas e cervejas, quando meu irmão entrou em casa, seguido pelo Vitor e a Luana. Eu o olhei assustada, diante o seu olhar enfático em mim. E no Breno.

Não havia alguma maldade, mas eu estava parcialmente jogada sobre o meu amigo, que tinha um braço em volta da minha cintura desnuda. Mas vai convencer o Vitor de que o Breno era como um irmão...

Meu irmão negou com a cabeça, e puxou a Luana pro quarto. A Mayara, que estava no banheiro, voltou, assim como o Vitor saía do apartamento. Eu por impulso levantei e fui atrás dele, que esperava o elevador.

— Você não tem motivo pra estar com raiva. — Eu falei, pressionando meus lábios, que estavam dormentes. — Vitor, isso é ridículo. Você não pode me ignorar porque eu... — Eu parei de falar, estalando os lábios. — Ah, por favor, o Breno é como meu irmão!

— Eu vi bem isso, como um irmão!

— Vitor, é sem cabimento você insinuar que eu... — Eu parei de falar. — E mesmo que fosse, nós não estamos namorando, não seria uma traição. — Eu falei, porque na minha mente bêbada, isso ajudaria. — O que a gente tem, não te permite ter esses acessos de fúria.

— Anna, volta lá, vai se agarrar com teu amigo. Vai beber mais, se é o que tu gosta. — Ele resmungou, apontando pra porta aberta do apartamento. Eu o olhei incrédula, mas antes que eu pudesse dizer algo, ele entrou no elevador, e as

portas dele se fecharam antes que eu pensasse em ir junto.

Eu então corri pelas escadas, chegando cansada, o alcançando antes que ele saísse do prédio, e puxei pelo braço, o parando.

— Vitor, eu nunca corri atrás de homem nenhum, então se você me ignorar agora, eu vou agir como se não te conhecesse amanhã. — Eu falei irritada, e ele sorriu, se soltando.

— Anna, eu nunca suportei esse teu jeito de não se importar, de tudo ter que ser da sua maneira. Eu não aguento mais ser trocado por uns amigos que não estão nem aí pra ti. Pra que? É isso que te diverte? Passar a noite se embriagando com gente que não vale à pena?

— Isso é sem cabimento, Vitor! — Eu resmunguei. — Aceita que o mundo não gira em torno de você, e que ninguém vai passar vinte e quatro horas por dia, todo dia, te dando atenção!

— Ótimo, Anna, então volta, vai lá, com os seus amigos. — Ele pronunciou sarcasticamente a última palavra. — Eu não sei ainda porque você continua desperdiçando seu tempo comigo. — Eu o encarei, tão impaciente e nervosa que queria chorar. Porque ele simplesmente não cedia? Tinha que retrucar?

— Isso não faz o menor sentido, Vitor! Pelo amor de Deus, foi um dia só. E eu estava em casa. Eu em momento algum quis proibir alguma amizade tua.

— Você não entende que o problema não é você ter amigos e sim o tipo de pessoa que você quer pra ser! Você já

viu como o Breno te olha? – Ele perguntou furioso e eu revirei os olhos, entediada com esse ciúme sem fundamento. – E a Mayara? Até comigo ela veio falar merda de você. Que vantagem tem? Você passou a noite aí bebendo com eles, Anna, despejando a nossa vida pra gente que não convém, eu aposto! – Ele gritou comigo, que fiquei calada. Porque eu havia o feito.

Eu o encarei firme, sem resposta, esperando que ele desistisse dessa discussão e me beijasse, me jogasse dentro do elevador e nos levasse pro seu apartamento.

Passaram longos segundos, e ele se manteve quieto, calado. Eu bufei um suspiro, irritada com a sua frieza em ser sempre duro comigo.

— Desculpa. – Eu pedi, como se isso o comprasse, e ele chegou a rir, embora demonstrasse irritação. A sua risada, desencadeou uma raiva indescritível, então eu sequer pensei antes de voltar a falar.

— E também, o que nós temos não é um namoro, você não tem direito nenhum de me cobrar nada, nem de decidir o que eu visto, e muito pior com quem eu devo ter amizade, ou confidenciar coisas. Eu não sou nada sua, você não tem que se preocupar. – Eu sorri falso para ele, que sequer absorveu o que eu havia dito e se virou para ir embora. Eu por impulso corri até ele, o puxando pelo braço.

— Eu acho que a gente devia conversar direito. – Eu pedi, sem jeito, e ele riu, negando com a cabeça.

— Eu não vou perder meu tempo conversando contigo,

porque você não entende Anna.

— Eu entendo dessa vez. — Eu prometi, porque na minha mente embriagada, ele compraria isso. E me levaria com ele.

— Você não entende. Você quer o mundo fazendo tudo do teu jeito, no teu tempo. Não respeita a vontade de ninguém, só a sua. — Ele falou calmamente, e eu o olhei incrédula, porque ele era igual, ou pior. — E você tá bebendo, pior. Já deixou claro que quer alguém que não se importe. Que te use, e eu sinceramente não consigo.

— Consegue. — Eu insisti. — Poxa, Vitor, a gente estava tendo uma coisa legal e você quer pirar e desistir de tudo porque eu passei uma noite com a Mayara e o Breno?

— Porque você não escuta ninguém. E eu tô cansado.

— De mim? — Eu disparei, quase num grunhido e ele riu, negando com a cabeça.

— De tentar te explicar que assim, te deixando livre, eu não quero. — Ele falou docemente, me deixando aturdida pela nossa mudança de humor. Eu torci os lábios, me sentindo impotente por sentir meus olhos arderem.

— Eu já mudei tanta coisa pra ficar contigo, Vitor... — Eu falei, e ele sorriu, negando com a cabeça, como se perguntasse o que, pelo amor de Deus, eu havia mudado por ele. No máximo as noites que eu passava com ele.

— Olha o que você tá dizendo, Anna. Veja o que você tá fazendo, porque eu escuto o que tu diz e não vejo sentido nenhum. — Ele falou, suspirando forte, e eu ia retrucar, mas ele não deixou. — Eu só vou te pedir uma coisa.

— Vitor, por favor. — Eu pedi, fungando, odiando essa situação embaraçosa. — Eu só não quero namorar, mas eu

gosto de você. – Eu despejei, envergonhada, contrariada por ter que dizer, imaginando que isso, a minha última carta pra não deixá-lo ir, funcionasse.

— Essa bagunça do teu coração que me confunde todo. Eu to viciado em ti, Anna, mas assim, a gente só vai brigar, de que adianta?

— Adianta. – Eu grunhi, e ele riu, negando com a cabeça, se aproximando. Uma onda de esperança me dominou, porque eu pensei que ele iria encerrar toda essa baboseira com um beijo, mas ele não o fez. Me deu apenas um beijo casto na testa.

— Me liga, se quiser conversar, sóbria. – Ele pediu, levando uma mão à minha nuca, me encarando nos olhos, limpando com o polegar a lágrima solitária maldita que escorreu, e eu os fechei, imaginando que ganharia um beijo, mas nada aconteceu. Ele mais uma vez ignorava todo o maldito desejo, que agora estava misturado a tanta insegurança.

— Conversa comigo agora. – Eu pedi, o puxando pelo braço quando ele se afastou. – Por favor.

— Me liga se quiser conversar, depois.

Capítulo 33

E assim ele se foi. E eu quis matá-lo, e me deixei chorar. Me sentei ali, no chão, como uma louca bêbada, e deixei as lágrimas fluírem, me aliviarem.

Quase não tive tempo de disfarçar e limpar o rosto ao ver a Mayara e o Breno saindo do elevador, ela, com dois copos com bebida nas mãos.

— Tudo bem? – A Mayara perguntou, me a entregando um copo, e eu assenti. – Brigaram?

— Não.

— Não? – Ela forçou, e eu neguei com a cabeça. A Mayara desatou a falar sobre como homem não presta, me deixando impaciente. O Nicolas não prestava, e não sabia cativar. O Vitor... Talvez ele não fosse um santo, mas era um maldito orgulhoso e dono de uma razão que era minha.

Ok, não tão minha. Mas o que eu havia feito de mais? De errado?

— Você devia parar de beber, senão vai cair. – Eu falei com a Mayara, que virou o resto da vodca puta que havia em seu copo.

— Você gosta dele?

— Não, Mayara. – Eu resmunguei, olhando pro Breno, que me analisava, sem dizer nada.

— Não... – Ele falou, finalmente, deixando escapar um

risinho e eu o encarei convicta da minha decisão. Eu não gostava do Vitor. E não iria atrás dele para uma conversa porque ele havia me deixado sozinha e chorando. Era muito humilhante.

[...]

Três dias se passaram, e eu sequer conseguia comer. Eu não estava sofrendo. Nem havia chorado outra vez.

Também havia decidido que não sentia saudade do Vitor, porque eram só três dias. E ele era um filho da mãe por não ter cedido primeiro. E eu jurei não fazê-lo.

— Não que seja da minha conta, ou que eu me preocupe com você, mas você devia ir pra aula, e sair pra almoçar. — A Anastácia falou ao entrar no quarto, jogando sua bolsa sobre a sua cama. Eu a ignorei, porque a última coisa que eu precisava agora, era da pena dela. Até porque, eu não estava mal. Talvez eu estivesse involuntariamente me dando um tempo para pensar, e a falta de vontade de comer talvez me fizesse perder alguns quilos. A gente sempre precisa perder um ou dois.

— Isso tem a ver com o Vitor? — Ela perguntou entediada, embora seu tom tivesse aquele ar de superioridade. Ela se sentou à sua cama, virada de frente para mim, que estava sentada, encostada na cabeceira.

— Claro que não.

— Ok, você é difícil de assumir. Se eu tivesse sofrendo por algum carinha, o Vitor, adoraria, não recusaria ajuda.

— Se você quiser ajudar, se muda pro quarto do teu irmão. – Eu resmunguei, pegando meu celular. A Anastácia suspirou forte, jogando os cabelos longos pra trás.

— O seu pai falou que sua mãe tá vindo, porque não tenta conversar com ela? – Ela sugeriu, me deixando nervosa, irritada.

— O que você quer saber, Anastácia? O Vitor tá solteiro, corre pra ele. Tá livre e é todo seu! – Eu aumentei o tom gradativamente, indo para o banheiro, batendo a porta com força.

Também não havia Mayara e Breno pra me consolarem. A única coisa que havia mudado desde aquela maldita noite, foram as curtidas nas fotos antigas do Vitor, que a Mayara vinha fazendo.

Eu lavei o rosto, como se isso fosse me acalmar, e fui pro quarto do meu irmão, onde o encontrei jogado na cama, fitando o teto.

— Opa – Ele falou quando eu entrei, fechando a porta em seguida. Eu não falei nada e me deitei com ele, que acarinhou meu cabelo, rindo da minha situação ridícula. – Você devia ligar pra ele.

— Eu não.

— Anna, eu não faria você ligar pra homem nenhum, mas a Mayara não é tua amiga e já provou isso. E o Breno, eu não sei, mas eu entendo essa palhaçada de mulher querer ter amigo homem.

— Eu não vou ligar, eu só quero um carinho, Rodrigo. Eu

to bem.

— Teimosa. – Ele resmungou, enrolando os dedos no meu cabelo. – Ele tá puto contigo.

— Nossa, ele é todo esquentadinho. E também, eu não quero saber, tá? Ele fez a escolha dele, quando foi embora e me deixou sozinha lá embaixo.

— Tudo bem. – O Rodrigo suspirou forte. – To ansioso pra quando for descobrir o sexo do meu bebê. – Ele comentou, para mudar o assunto, e ficou falando da Luana e do bebê deles, mas eu logo peguei no sono.

Acordei porque ouvia vozes, e isso estava invadindo o meu pesadelo com milhões de ratos. Cobri a cabeça com o travesseiro, tentando voltar a dormir, mas além da sensação ruim pós-pesadelo, eu havia ficado desestabilizada ao reconhecer a voz do Vitor.

— Então pega quatro, porque eu tenho certeza que a Anna também vai querer ir. – O Rodrigo falou, por fim, e eu me mantive quieta, e o Vitor, idiota e frio, maldoso, sem coração, sequer opinou. Ele poderia ao menos se sentir incomodado comigo.

— Então eu já vou indo, amanhã tu passa lá em casa e pega os ingressos de vocês. – O Vitor falou, e eu ouvi a porta sendo fechada. Descobri meu rosto e encontrei meu irmão me olhando com uma careta cínica.

— Eu acho que você precisa tomar um porre e vomitar esse amor pelo Vitor. – Ele falou, rindo, e eu joguei o travesseiro nele.

— Ele é maldoso.

— Ele quer coisa séria e você quer enrolar. — Ele me corrigiu, e eu bufei um suspiro, me levantando. — Vou a um aniversário hoje, quer vir?

— Vou. — Eu resmunguei.

— Saio às nove. — Ele avisou, e eu assenti.

Só percebi que não teria tempo pra me arrumar com calma, quando peguei meu celular e vi que eram oito e trinta e dois. Tomei um banho correndo, enrolei as pontas do cabelo com o baby-liss. Fiz uma maquiagem marrom, esfumada, e passei um batom claro. Vesti um vestido bege, todo forrado com renda, com um decote profundo nas costas e calcei um scarpin preto.

— Eu só queria te lembrar que você não tá indo se casar. — O Rodrigo avisou, quando eu o encontrei na sala.

— Nós vamos buscar a Luana? — Eu perguntei, para que ele na focasse em brigar pela demora.

— Não, ela vai com a Anastácia, mais tarde.

Quando nós chegamos à casa luxuosa, o Rodrigo me apresentou ao seu amigo, loiro, bonito e cara de pau, e me deixou com o cara, que pegou bebidas pra nós dois.

— Então você tá dando um tempo de homens? — Ele perguntou, e eu dei risada.

— Me expressei errado.

— Bom. — Ele sorriu, bebendo um pouco do champanhe e eu apertei os lábios. — Eu vou cumprimentar umas amigas, já volto. — Ele avisou e eu assenti, o acompanhando com o

olhar, que foi até a Luana e a Anastácia. Eu suspirei forte, entediada por estar aqui.

— Oi, cunhada! – A Luana falou, me abraçando.

— Oi. – Eu sorri para ela, que desfez o abraço.

— Tá com uma carinha... – Ela franziu o nariz, mas eu sorri, bebendo um gole curto da minha bebida.

— Eu to bem, só um pouco desanimada.

— O Vitor tá ótimo, também. – Ela falou ironicamente convicta, assentindo com a cabeça e acenando um sorriso fraco. Eu não contive o riso.

— Eu não to apaixonada, e nós nunca iríamos namorar.

— Ele falou que você chorou, que tá esperando ser procurado, porque já aceitou demais. Você já se impôs demais.

— Eu, Luana? – Eu resmunguei. – Mas eu não quero perder o meu tempo falando do Vitor, até porque, ele mesmo disse, me deixou chorando, bêbada, e sequer foi capaz de ligar pra saber se eu estava bem. Se ele se acha orgulhoso e forte, eu sou dez vezes pior. – Eu sorri falso para ela, que riu, como se não acreditasse em mim.

— O Bruno é ex da Anastácia. – Ela comentou, sobre o loiro aniversariante. – Ele é louco por ela, e ela desde o Vitor... Sei lá, esse Vitor tem mel no... – Ela parou de falar, porque o meu irmão se aproximou de nós.

— Eu vou dar na sua cara, Anna Maria. – Ele falou impaciente. – Você ficou quase um ano enrolada com o Nicolas, e porqu o Vitor tá te ignorando um pouquinho, coisa que você merece, tá aí, quase em depressão.

— Eu to de TPM. — Eu inventei, e ele riu, negando com a cabeça. — Eu vou procurar outra bebida. — Avisei, já me afastando em direção ao bar, estrategicamente montado na grande sala. Eu me encostei ali, e preferi agora os coquetéis de fruta. Não vi quando o Vitor chegou e nem quando eu me deixei olhá-lo, nem quando ele percebeu e manteve o olhar. Eu quis ir até ele e falar que poderia ser tudo da sua maneira, e concordar que os meus amigos não eram tão amigos assim, que eu poderia viver bem, sem eles, uma vez que eles sequer ligaram pra saber se eu estava bem, no dia seguinte. Em seguida me veio o pensamento de que o Vitor também não havia ligado, se é que eu poderia comparar os motivos deles para não terem ligado. A May e o Breno talvez não se importassem, realmente. E o Vitor queria só que eu fosse atrás. Ele, nesse maldito tempo em que passamos juntos, deveria me conhecer o suficiente para saber que eu não iria. Seria como virar um brinquedo em suas mãos e ceder à sua estratégia amadora para me ter nas mãos. Se virássemos esse casal bagunça que vai e vem quando um contrariava o outro, eu teria que procurá-lo para não perder.

— Achei você. — O Bruno falou, se encostando ao bar, parando ao meu lado. Eu o olhei, sorrindo fraco. — Se anima, por favor.

— Eu to animada. — Eu falei, e ele riu.

— Opa — Ele falou, cumprimentando com um casto abraço o Fernando, que se aproximou da gente. — Pensei que não viesse, cara.

— Fui resolver uns negócios antes. — Ele se limitou a explicar. — Ainda assim, Anna?

— Como vocês são chatos. — Eu bufei um riso. — Eu to

bem, só não... Sei lá.

— Eu vou cumprimentar uns amigos, já volto.

— À vontade. – Eu falei ao Bruno, que se afastava.

— Ele é ex da Anastácia. – O Fernando avisou, e eu assenti.

— Eu não vou ficar com ele, relaxa.

— Porque vocês já têm uma briga por um, e dois... – Ele riu.

— A Luana me falou que ele é louco por ela e essas coisas. Eu não tenho por que ficar com ele. Nem se eu ainda a odiasse. – Eu falei, e ele riu novamente, negando com a cabeça.

— E esse seu desânimo que tá contaminando a casa inteira?

— Eu to bem.

— Bem to eu, Anna. To feliz da vida, solteiro e ganhando dinheiro sozinho. Você, que não parava em casa, e parou de discutir como uma criança com a Anastácia, tá em uma depressão fodida.

— Todo mundo tem uns dias ruins, mas eu to bem.

— Vamos dar uma volta, essa música alta aqui é um caos. – Ele pediu, e eu assenti. Antes, nós pedimos outra bebida, e saímos para o jardim da casa. Lá o som ecoava mais baixo.

Nós andamos por ali, conversando bobagens, e rindo com ele me dando conselhos sobre como nunca ceder às exigências do Vitor. Ou ceder e virar a Anna do Vitor. Porque deveríamos entrar em um consenso, um completar o outro,

sem ninguém mudar por ninguém. Eu não conseguia criar uma linha de pensamento sobre isso. Não havia conversa com o Vitor. Era do jeito dele, ou a gente iria transar, ficar bem e depois brigar pela mesma coisa.

— E também, ele precisaria querer parar de orgulho idiota e me procurar, eu não vou ligar, Fernando. Eu não vou atrás dele.

— Difícil. – Ele deixou escapar um riso, então nós paramos de andar. Já estávamos próximos à entrada da casa novamente. – Mas se precisar de alguém, eu to aqui. – Ele sorriu.

— Obrigada. – Eu falei.

— A gente pode conversar Anna? – Eu me senti cair, ao ouvir a voz rouca do Vitor, e o olhei, suspirando forte. O Fernando se afastou, entrando na casa.

Capítulo 34

— Então agora você quer conversar. – Eu falei sarcástica.

— Sim, eu esperei você ligar.

— Claro que você esperou, porque você nunca pode agir.
– Eu resmunguei.

— Vitão, ela é meu presente, então sai. – O Bruno falou, passando um braço sobre meus ombros, e eu o olhei desconfiada. – Seu irmão me deu você hoje. – Ele sorriu, beijando minha bochecha, e o seu tom brincalhão me fez rir.

— O meu irmão não tem esse poder, desculpa. – Eu falei, apertando os lábios num sorriso.

— Porque eu queria um presente bom, assim como você.
– Ele falou, direcionando o seu olhar a minha boca, e eu bufei.

— Então é isso, Anna, já que você é o presente dele, a gente conversa outra hora, outro dia, se você ligar. – O Vitor sorriu para mim, o que soou irônico, e eu quis matá-lo por sair. Quis beijar o Bruno para ele ver e ficar com raiva e ter motivo pra não ligar, pra não vir atrás de mim.

Mas eu notei a Anastácia nos observando próxima à entrada da casa. Tudo bem que nós não nos dávamos bem, e que ela havia ficado com o Vitor e feito shows de menina mimada, mas era ex dela. Eu não tinha um motivo sequer pra brincar com alguém do passado dela. Eu só queria fazer raiva no Vitor. E ficar com o Bruno faria com que ela ficasse com o Vitor.

— A sua ex tá olhando, eu acho que ela ainda é muito, muito apaixonada por você. — Eu falei para o Bruno, que apertou os lábios, e eu soube que mexi no seu ponto fraco.

— Mas eu quero você.

— Não quer Bruno. Eu ficaria contigo se fosse outro momento, outra circunstância, mas não dá. — Eu falei incomodada e ele assentiu, me puxando para um abraço forte, beijando minha bochecha, antes de me liberar e sair. Eu suspirei forte, e fui procurar o meu irmão, que estava perto da pista de dança montada na imensa sala, e tomei o seu copo de uísque, virando-o.

— Anna, para. — Ele ordenou, e eu o ignorei. — Você não vai beber e ficar louca aqui.

— Eu vou. — Eu retruquei rindo, indo até o bar, pedindo uma dose de uísque, só com gelo. Foram três delas, até que eu já me sentisse dormente, e feliz da vida. Eu dançava com a Luana que ria da minha loucura, e só parei ao ver o Vitor aos beijos com uma menina loira.

— Eu juro que ia ligar pra ele, procurar, mas agora eu não to nem aí. — Eu resmunguei, mesmo que fosse uma meia mentira, e saí a puxando dali.

— Anna...

— Eu não to falando porque ele ficou com alguém, Luana. Mas porque ele quer o que? Só eu obedeço e ele é o livre dessa merda toda? Agora nem se ele ligar, eu vou atender.

— Quer ir embora? — O Rodrigo perguntou bagunçando meu cabelo. Eu assenti, o abraçando pela cintura. — Eu não vou opinar mais, ok? Você sabe o que faz, e ele também.

— Tá tudo bem, Rodrigo. — Eu falei, porque não queria falar sobre isso.

Eu fui direto pro meu quarto quando chegamos em casa e me joguei na cama, abraçando o travesseiro, procurando encontrar o Vitor. Aquele que tem aquele sorriso torto maldito que me desestabilizava. Procurei o motivo de ele ficar com aquela uma, sabendo que eu estaria ali, vendo. Era com esse tipo de atitude mesquinha, que ele queria me convencer a mudar de ideia e namorá-lo?

Eu queria chorar, mas engoli, e fitei o teto, porque cheguei à conclusão de que já havia chorado mais pelo Vitor, que pelo Nicolas em todo o nosso namoro. E o Nicolas merecia uma importância maior, por ter sido o primeiro. E os motivos pelo Nicolas eram mais plausíveis, uma vez que por ele, eu perdi a melhor amiga.

Acordei com a Anastácia fazendo barulho ao entrar no quarto, ela se sentou na cama, me olhando.

— Obrigada por não ter ficado com ele. — Ela falou, torcendo os lábios. — Porque pra matar o Vitor de raiva, era só ficar com ele. E você não o fez. Eu teria, no seu lugar.

— De nada. — Eu respondi confusa, lembrando que, ela havia ficado com o meu ex. Ela foi para o banheiro, e eu procurei voltar a dormir.

No dia seguinte, eu levantei apenas pra tomar um banho, tirar a maquiagem e trocar de roupa. Na minha fossa pelo Nicolas, eu aprendi que sucumbir a vontade de se esconder, era o melhor a ser feito, porque quando passava, não atormentava mais. Não que eu estivesse sofrendo pelo Vitor, mas foi a melhor comparação, talvez. E ficar em casa seria melhor que sair e demonstrar essa fraqueza maldita, causada pelo idiota do Vitor.

E assim passaram mais dias, somando também, umas ligações da mãe do Vitor, que eu ignorei, porque não saberia o que dizer para ela.

A minha vontade seria de xingar o Vitor para ela. Somente no sábado, eu levantei cedo, porque iria ao clube com a Luana e a Anastácia. Não que agora fôssemos amigas, mas não era pelo Vitor que eu iria manter uma péssima convivência com alguém. E claro que volta e meia nós discutíamos.

— E o Bruno, Ana? – A Luana perguntou para a Anastácia, que ria ao digitar algo no celular. A morena deu de ombros, ainda rindo. Na minha cabeça paranoica, eu havia cismado que, ela estava de conversinha com o Vitor. – Então tudo bem a Anna ficar com ele, né? – Ela provocou e a Anastácia parou, nos olhando assustada.

— Porque ela ficaria? – Ela perguntou com aquele tom prepotente e eu revirei os olhos.

— Porque o Bruno é um gato, e vocês não têm mais nada. – A Luana sugeriu e a Anastácia franziu o cenho.

— Ela teve chance de ficar com ele e não o fez, porque ficaria agora? — Ela perguntou confusa, como se não tivesse parado pra pensar. — Porque o Bruno se faz de bom moço, mas não presta.

— Ela só estava brincando. — Eu resmunguei, porque a última coisa que eu precisava agora era de outra reuniãozinha familiar para ela colocar em pauta nossa rivalidade sobre homem.

— O Vitor não te ligou? — A Luana perguntou, e eu a olhei, não querendo falar que eu havia ignorado as ligações e mensagens, que de qualquer maneira, não foram muitas.

— Eu acho que quero um coquetel de cereja. — Eu falei, pegando o cardápio.

— Você comeu alguma coisa? Beber de estômago vazio não te fará bem. — Ela falou enfadada, e eu assenti.

Nós passamos a manhã no clube, e a tarde, fomos à casa do Bruno, que se mostrava simpático e por um momento eu o senti me usar para causar ciúme na Anastácia.

Eu já estava com aquela alegria mascarada pelo excesso de bebida, mas não estava literalmente bêbada, quando o Vitor chegou com mais dois caras. Eu o encarei, que apertou os lábios e apenas fez um aceno de longe para todos, entrando na casa.

— Porque tão lindo? — A Anastácia falou de uma maneira sonhadora, e eu a olhei desprezível.

Fiz uma nota mental de que se ela e o Vitor se mostrassem próximos demais, eu ficaria com o Bruno, nem que para isso eu precisasse agarrá-lo. E que se dane a infantilidade dessa coisa toda.

— Eu acho que ele é um filho da puta orgulhoso, e que você deveria ir atrás. – A Luana comentou e a Anastácia riu.

— Porque se você não for eu vou. – Ela me sorriu falso, mas eu ignorei.

— Ele ficou com outra na minha frente.

— Releva, oras. Seu irmão já fez tanta merda, que se eu fosse contar e bancar a orgulhosa, meu filho nasceria sem pai. – A Luana falou como se fosse algo muito óbvio, e eu deixei escapar um riso. Queria dizer que eu não sentia pelo Vitor, esse amor cego que ela tem pelo Rodrigo. E mesmo que sentisse, eu era paranoica demais pra aceitar qualquer coisa que fosse.

— Ele quer me convencer de namorá-lo, mas de uma maneira errada. Devia se mostrar ainda mais perfeito, mas agora quer mostrar só que não vale nada. – Eu resmunguei, sugando pelo canudo, o resto da minha coca com Vodca.

— É complicado. – A Luana franziu os lábios. Eu me levantei pra ir ao banheiro, rindo da minha tontura, que ficava mais evidente quando eu levantava.

Aproveitei pra lavar o rosto – como se isso fosse amenizar o efeito do álcool. E quando ia saindo, um ser moreno, alto, forte e cínico, me empurrou de volta para dentro.

— Eu te ligo e não você não atende, eu te mando

mensagem e não chega, você não responde. Eu falei com você no facebook, eu pedi pra minha mãe te ligar e nada, Anna! – Ele falou irritado, e eu o encarei, explodindo uma risada.

— Porque você não vai atrás daquela loira? Ela é linda! – Eu falei desdenhosa, mesmo que eu só tivesse visto o cabelo da menina que ele havia beijado.

— Eu só queria te fazer ciúme. – Ele falou, torcendo os lábios e eu o encarei enojada. – Porque você me provocou a noite inteira. Primeiro some de conversinha com o Fernando. Depois, eu simplesmente descubro que você seria o presente do Bruno e ainda achou engraçadinha a piada dele. – Ele explicou, como se fosse realmente relevante, e eu bufei um suspiro. – Me desculpa, então.

— Não.

— Anna, se a gente for pesar o tanto que eu já sofri por tua causa, um beijo em outra, que eu sequer me lembro do nome, não foi nada pra você.

— Por isso mesmo. Não foi nada. Não doeu nada. E eu achei uma falta de respeito. Você matou o início de sentimento que eu vinha criando, por você. – Eu cuspi as palavras nele, como se isso fizesse sentido. Eu não esperava ser levada a sério, mas ele se manteve me encarando. E eu me senti arrependida. Ainda pensei que deveria beijá-lo, mas também pensei que havia pensado isso, porque estava sob efeito de álcool. Eu não deveria ser levada a sério.

— Me desculpa Anna.

— Isso pra não falar que eu implorei por você. Eu chorei, eu pedi mil vezes pra você ficar. E o que você fez? Me deixou sozinha, com a vã ilusão de que eu iria atrás.

— Você estava atracada ao Breno, Anna Maria, pelo amor! – Ele aumentou o tom, irritado. – E o que? Você acha que a Mayara é uma boa amiga?

— Não importa, isso então era mais um motivo pra você não me deixar ali. Invés de me ensinar o caminho certo, você me deixou ali, sozinha. E eu tinha pedido tanto pra você ficar.

— Me desculpa. – Ele falou mais uma vez, e eu bufei um suspiro, me sentindo vingada pelo dia em que eu me senti encurralada e o perdendo. – A gente pode conversar?

— Eu estou bêbada, e eu não entendo. – Eu sorri para ele, que cerrou o maxilar, e eu soube que estava dissipando a sua paciência.

— Eu deixo tudo do teu jeito agora. – Ele falou mais baixo, e eu o olhei desconfiada. – Só não quero você perto do Breno.

— Não existe isso, Vitor! – Eu reclamei. – Do meu jeito, o Breno continuaria a ser meu amigo.

— Você pode ser amiga dele por telefone e whatsapp. – Ele sugeriu como se fosse viável. – Por favor, Anna, ele te olha como se sonhasse em transar contigo.

— Isso não existe, Vitor! – Eu falei malevolente, e ele bufou um suspiro, esfregando as mãos no rosto.

— Tudo bem. – Ele suspirou forte, voltando a me encarar. – Eu posso esperar que você vai me procurar pra gente conversar depois? – Ele perguntou e eu não consegui conter o riso. – Por favor, Anna.

— Eu não entendo... – Eu repeti zombeteira, e a sua expressão impaciente se modificou para uma fúria. Eu já o

via saindo por aqui, desistindo de tudo.

— Eu que não entendo. – Ele falou, e eu o olhei desconfiada. – Eu que to sendo precipitado e não to entendendo você.

— Você acha que eu sou idiota.

— Não, eu não acho.

— Eu não vou ceder as suas exigências, Vitor. – Eu murmurei entediada.

— Tudo bem. Eu só quero conversar contigo. – Ele falou cansado, tirando do bolso um chaveiro com duas chaves, me entregando-as. – São do meu apartamento. Eu vou te esperar lá ok? Qualquer dia, Anna. – Eu fiquei quieta, o olhando com cara de taxo e com as chaves na mão. Eu não queria nada sério e ele me dá uma cópia das chaves do seu apartamento? – Você vai?

— Não sei. – Eu resmunguei, desviando o olhar.

[...]

Capítulo 35

Eu me joguei na minha cama, ao chegar ao meu quarto. Olhava intrigada para as chaves, e duvidosa sobre o que fazer com elas. Se eu fosse no mínimo sensata, as jogaria pela janela, daria descarga nelas. Porque as coisas já haviam saído do meu controle. Se eu parasse agora, poderia curtir como alguém de dezoito anos e solteira, faria. Talvez eu pudesse ficar com vários caras aleatórios e me divertir sem algum sentimento ou compromisso envolvido.

Aproveitar a minha liberdade, coisa que eu quase não fiz desde o fim do namoro com o Nicolas, e focar na faculdade.

Talvez eu também pudesse voltar para a turma, ignorando o fato de a Mayara estar com o Nicolas.

Por fim, eu fui tomar um banho demorado.

Quando saí, me sequei, e sequei um pouco o cabelo. Vesti uma calça jeans branca desfiada nas pernas e nos bolsos traseiros, e um boddy preto, com um decote profundo nas costas. Calcei uma sapatilha e fiz uma maquiagem básica. Passei perfume e coloquei apenas brincos pequenos e um escapulário. Sequei um pouco mais o cabelo, e peguei meu celular, as chaves do Vitor e algum dinheiro para o taxi. Antes de encontrar um, quase desisti de ir porque estava tão amedrontada.

Ensaiei mil términos, para o que sequer havia começado. Inventei mil desculpas de como seria melhor acabar com isso de vez. Seria mais fácil pra todo mundo. E ele ainda tinha a Senhorita perfeita, esperando a gente dar errado para que pudessem voltar.

Ela deveria conhecê-lo bem demais para estar segura de uma volta.

Eu ainda pensei em ligar avisando, mas suspirei forte. Talvez se ele estivesse com alguém, eu teria mais um motivo para não desistir de por um fim.

As luzes da sala estavam apagadas, e eu segui para o quarto. Eu tremia de nervoso, isso para não falar que eu estava gelada.

Eu suspirei forte, e entrei no banheiro, onde ele estava fazendo a barba. Eu mordi o lábio inferior para conter o sorriso e ele parou assustado a me ver através do espelho.

— Vai sair? — Eu perguntei timidamente, jogando meu cabelo ainda um pouco úmido para o lado. Ele apertou os lábios, não me respondendo, e voltou a tirar a barba. Quando terminou, se virou para mim, que me senti ainda mais nervosa.

Eu era literalmente uma louca, patética.

— Eu não imaginei que você viesse. — Ele falou suspirando forte.

— Nem eu. — Eu resmunguei, revirando os olhos. — Porque é muito fácil jogar a decisão na minha mão.

— Eu entenderia se você não viesse.

— Ah, então você vai bancar o desapegado agora? — Eu zombei, e ele riu, passando por mim, indo até o guarda-roupa.

— Minha mãe está *chateadíssima* por você ignorá-la.

— Isso não vem ao caso agora. Ela por um acaso sabe que você beijou uma loira, mil vezes mais loira que eu, num aniversário?

— Tem coisas que ela não precisa ficar sabendo. — Ele sorriu fraco, se vestindo com uma bermuda jeans clara. Eu involuntária e estupidamente passei meu olhar por todo seu corpo, e quando voltei a encará-lo, ele tinha um sorriso um tanto meigo, para não dizer irônico.

— Você vai sair? — Eu perguntei antes que ele soltasse alguma piada sobre o meu descontrole.

— Nós vamos jantar, eu ia sair com uns amigos. Ia. — Enfatizou, e eu apertei os lábios.

— Se você quiser ir com eles, eu posso esperar.

— Eu não vou arriscar. — Ele falou como se fosse relevante. — Nós vamos jantar, e depois conversamos.

— Eu não vim conversar.

— Então nós jantamos e depois, fazemos amor. — Ele falou docemente, pegando uma camisa pólo branca. Eu bufei um suspiro para a sua idiotice.

Eu estive tão nervosa durante todo o jantar, que a minha boca amargava a ansiedade. O Vitor parecia descontraído, seguro de si. Seguro de mim. E eu queria gritar com ele. Eu queria beijá-lo. Brigar com ele. Arrancar essa agonia que eu sentia só por estar perto.

— E então nós nunca vamos entrar em acordo. – O Vitor falou, quando eu disse, pelo menos pela terceira vez que não queria namorar.

— Eu acho que você anda querendo me controlar demais. E eu preciso de espaço.

— O Breno, não. – Ele resmungou mais uma vez, enquanto serviam a nossa sobremesa. – Qualquer um, Anna. Até aquele Guilherme, mas o Breno, não!

— Eu acho que não há mais conversa. Eu quase nem o vejo, Vitor!

— Não importa. – Ele falou carrancudo. – Seria como se eu quisesse ser melhor amigo da Anastácia.

— Eu nunca transei com o Breno. – Eu falei impaciente.

— Por falta de vontade dele que não foi, eu aposto. – Ele riu sarcástico, e eu não consegui segurar o riso. Era tão sem cabimento ele afirmar isso que chegava a ser engraçado.

— Você parece a minha mãe com essa cisma.

— Tá vendo? Não sou só eu!

— Você parece uma criança, Vitor. – Eu reclamei, sorrindo. – Então a gente pode ser amigo, também. – Eu sugeri, e ele largou a colher, me olhando confuso.

— Então você quer que eu seja seu amigo, assim como

você é do Breno?

— Não, eu não costumo fazer sexo com o Breno.

— Não. Eu não quero ser teu amigo. – Ele falou após alguns segundos, e eu suspirei forte.

— Você tá me forçando. – Eu reclamei, mas todo o meu medo, nervoso e ansiedade deram lugar a um alívio. Sabe-se lá por que. – Me conquista primeiro, depois você inventa um pedido fofo e romântico e... – Eu parei de falar, com uma careta enojada. – Algo diferente.

— Pra você negar?

— Se você me conquistar, eu não vou negar. Ficar querendo me forçar a aceitar embarcar num namoro que não vai funcionar.

— Só pra deixar pré-avisado, se algum filho da mãe chegar perto de você, eu vou matar.

— Que medo, Vitor. – Eu falei entediada.

No fundo fiquei com aquela coisa, aquela vontade de ter dito que apesar de adorar ficar com ele, eu queria curtir um pouco. Sem pressão de ninguém. Sem ciúme de ninguém.

Quando saímos do restaurante, encontramos a Mayara e o Nicolas de mãos dadas, passando em frente. Eu apenas acenei um sorriso, e o pensamento de como as coisas estariam agora, caso ele não tivesse terminado me assombrava.

Talvez estivéssemos aqui agora, mas eu do outro lado da rua, de mãos dadas com o Nicolas. Naquele namoro frio,

onde a única coisa realmente boa e bem feita era o sexo.

— Meu irmão falou que vocês não estão se falando. – Eu comentei, e ele fez uma carranca. – Por quê?

— Ele te dá de presente pro canalha do Bruno e acha que tá certo? – Ele resmungou e eu dei risada.

— Eu teria ficado com ele, se ele não fosse ex da Anastácia.

— Ah, que bonitinha, só porque ele é ex da Anastácia!

— Sim, e olha só, você já levou ela pra cama, tá?

— Eu não sei por que ainda perco meu tempo contigo. – Ele resmungou, e então se manteve calado até o seu apartamento.

Eu ignorei os seus carinhos quando entramos, e fui jogar no Xbox. O Vitor riu, se sentando ao meu lado, me tomando o controle, e correu uma mão por entre o meu cabelo, aproximando nossos rostos, mas eu levantei e, ri.

— Que foi? – Ele perguntou confuso.

— Nada. – Eu dei de ombros, e ele entortou os lábios naquele meu sorriso preferido, se levantando e vindo até mim.

— Nada? – O Vitor perguntou de uma maneira irônica que ridiculamente fez o meu coração disparar. – Eu não consegui dez por cento do que eu queria e você ainda foge?

— Tá achando pouco me ter aqui, é? – Eu perguntei desconfiada, e ele riu.

— To achando pouco não te ter só pra mim. – Ele respondeu como se fizesse sentido e eu revirei os olhos. Era

como se eu ficasse com ele e outros mil.

— Eu não vou retrucar. — Eu resmunguei.

[...]

E assim passaram mais semanas. Era início de setembro, e eu estava com o Vitor no restaurante do Hotel que minha mãe estaria, a esperando.

— Calma. — Ele falou, quando eu terminava a terceira taça de vinho. Eu o olhei, como se ele fosse um idiota, porque eu estava calma. Nós não estávamos namorando. Não como um namoro que todos saibam que é um. Ficávamos, e nos entendíamos bem a cada briga que eu jurava ser a última e nunca mais olhar na cara dele. Estávamos bem, e eu me sentia ridiculamente dependente dele. Também havia a proximidade exagerada da sua família, não que fosse ruim. Mas isso incluía uma ex dele, que queria dar uma de conselheira, por conhecer o Vitor há mais tempo que eu.

— É que é estranho. — Eu falei um tempo depois, franzindo o nariz. — Olha lá. — Eu sussurrei apavorada, me levantando ao vê-la se aproximando, sozinha. Ela me recebeu com um abraço apertado, demorado, para em seguida cumprimentar o Vitor.

— Então esse é o seu... Passatempo? — Ela perguntou contendo um sorrisinho, e eu apertei os lábios, sem graça. — Lindo. — Ela falou para mim, me lançando um olhar significativo. — E bem, e os meninos? O Breno? — Ela perguntou agora mais alto, incluindo o Vitor na conversa. Eu deveria ter dito para ela não falar do Breno, o Vitor fechou a

cara assim que ela o fez.

— Tá todo mundo bem. – Eu falei, bebendo o último gole do vinho.

— Eu sempre achei que ela namoraria o Breninho. – Minha mãe falou para o Vitor, e eu me encolhi na cadeira.

— Ele também, eu aposto. – O Vitor respondeu firme, bebendo tranquilamente um pouco do seu vinho. – É um amor de pessoa com ela. E a gente não pode falar dele, também. Defende com unhas e dentes.

— Porque ele é meu amigo, Vitor. – Eu resmunguei carrancuda, e minha mãe deixou escapar um risinho, não contendo o sorriso.

— E o seu irmão?

— Ele está mais tranquilo agora, com a gravidez da Luana. – Eu comentei, e ela engasgou com a bebida, me olhando assustada. – Meu pai não contou?

— Não! – Era quase uma pergunta.

— Ela está grávida de uns quatro meses já.

— Eu sabia! – Ela falou mais alto, atraindo a atenção das mesas mais próximas. – O seu irmão é uma criança!

— Mas ele tá cuidando de tudo. – Eu falei, como se isso fosse ajudar.

— Cuidando com o dinheiro do seu pai? É assim que se forma uma família? Ele nem terminou a faculdade. Ele sequer trabalha!

— Mas você vai adorar conhecer a Luana. – Eu falei, e ela bufou um suspiro.

— Eu acho ótimo que ele finalmente tenha encontrado

alguém, Anna! Que tenha finalmente assumido um relacionamento. Mas dessa maneira? Por causa de um filho? – Ela perguntou irritadiça, e eu olhei para o Vitor, que parecia incomodado.

— Não. Bem, não por causa de um filho. Ele não precisaria estar com ela, se ele não quisesse, não é? Ninguém o obrigou a nada.

— Não importa! – Ela gritou, e eu me encolhi na cadeira. – Tudo bem – Suspirou, correndo as mãos pelos cabelos loiros e ondulados. – Porque ele não veio?

— Ele... – Eu comecei a falar, sem saber como inventar uma desculpa.

— Está havendo uma palestra na faculdade agora à noite, ele foi pra lá.

— Ah, o Vitor estuda junto com o Rodrigo. – Eu disparei e o Vitor apertou os lábios.

— Então o Vitor pôde vir invés de assistir uma palestra, coisa que seu irmão detesta, e ele não?

— Mãe... – Eu falei com malemolência. O Rodrigo não havia vindo porque estava com medo de enfrentá-la. Eu imaginei que por ela já saber que ele seria pai. Mas era justamente pelo contrário.

O resto do jantar seguiu tranquilo, se fosse considerar que minha mãe estava uma pilha de nervos e preocupação. Não era como se ela tivesse largado tudo aqui pra ir morar com outro homem. Não que eu tivesse alguma mágoa disso, mas era um show desnecessário. Ela deveria estar preocupada se o Rodrigo não fosse assumir, ou não tivesse condições de

dar assistência à Luana e ao bebê. Mas estava tudo bem.

— Eu estou louca pra ver o Breno. – Ela falou excluindo a Mayara e o Nicolas, talvez porque eles estavam juntos. – Marcamos algo depois?

— Sim. – Eu assenti, sob olhares fulminantes do Vitor.

Eu desviei o assunto da idolatria da minha mãe pelo Breno, e foquei na sua loucura sobre a gravidez da Luana.

— Ela só ficou preocupada. – O Vitor resmungou. – E quando vocês vão sair com o Breno?

— Você pode vir ok? – Eu sorri, me aproximando para beijar seu rosto. – Ela tem essa coisa pelo Breno desde sempre, porque ela o acha lindo.

— Ela, de uma maneira indireta, imagina que vocês vão se casar.

— Eca, Vitor. – Eu dei risada. – Eu tenho pavor de namoro, imagina casamento? – Eu perguntei fingindo horror. – Pior com o Breno, que é como um irmão pra mim.

Quando chegamos ao apartamento do Vitor, eu tirei os sapatos, e o vestido azul que estava apertadíssimo, me vestindo com uma camiseta dele. Estava em frente ao espelho, desfazendo a trança do meu cabelo, quando ele me abraçou por trás, fungando no meu pescoço.

— Você é tão carente, que chega a ser fofo. – Eu falei, sorrindo para ele através do reflexo, e ele riu, me virando.

— Linda. – Ele sussurrou, selando nossos lábios, uma e outra vez. Eu passei meus braços em volta do seu pescoço, o

beijando eloquentemente.

Na manhã seguinte, eu acordei presa entre os braços do Vitor, ganhando beijos por todo o meu rosto.

— São que horas? – Eu grunhi, me virando de frente pra ele, que riu, pegando o celular.

— Dez e meia. – Ele sussurrou, beijando meu queixo, correndo os lábios para o meu pescoço. – Tu me deixa perdido, Anna.

— Eu espero que isso seja bom. – Eu falei arrepiada, puxando seu cabelo para que ele parasse, mas fui interrompida por uma onda de prazer ao senti-lo circular a língua quente no meu seio direito, o beijando carinhosamente. Eu fechei os olhos, com a respiração acelerando, e gemi forte, quando ele fez o mesmo, embora mais forte no outro. – Vitor... – Eu o chamei, porque seus pais viriam almoçar conosco hoje, mas fui ignorada, e não havia alguma maneira de me lembrar de algo, quando ele abocanhou meu sexo, deslizando a língua para dentro de mim, gemendo junto comigo. – Meu deus – Eu choraminguei, puxando com força o seu cabelo, apertando forte a colcha com a outra mão. Eu tentei fechar mais as pernas para causar mais fricção da sua língua em mim, mas ele riu, e as afastou ainda mais, lambendo-me deliberadamente, circulando meu clitóris a cada vez, me deixando ainda mais louca, mas ele simplesmente parou quando eu gritei que ia gozar. Eu deveria aprender a fingir e o pegar desprevenido toda vez.

— Idiota – Eu resmunguei, quando ele subiu até mim, afastando um pouco as minhas pernas, alinhando seu membro em meu sexo.

— É? — Ele sussurrou com um sorriso provocativo, entrando devagar e eu apertei os lábios, assim como sua cabeça tombou pra frente e ele fechou os olhos. Eu gemi forte quando ele se forçou mais em mim, se contorcendo e afundando o rosto em meu pescoço. Porque tinha que ser tão gostoso? Eu enrolei uma perna em volta do seu corpo, e ele iniciou movimentos lentos, me trazendo rapidamente mais uma vez para a borda. Meus gemidos ficaram mais desesperados, e eu o arranhava com mais força, e o apertava contra mim. Ele passou a ir mais forte, e quando eu explodi em um orgasmo extraordinário, o senti cravar os dentes com força em meu pescoço, me apertando contra ele, vindo mais forte, gemendo forte, e então eu o senti gozando em mim, forte, desesperado. Os seus movimentos foram perdendo a intensidade, assim como a nossa respiração forte se normalizava. O Vitor manteve o rosto entre o meu pescoço, mas eu sentia a dor da sua mordida. Passei a acarinhar seu cabelo e fechei os olhos, o sentindo sair de dentro de mim.

— Nós vamos almoçar com seus pais. — Eu o lembrei, que assentiu preguiçosamente, nos virando na cama, de modo que ficamos de lado, um de frente pro outro.

— Nós não chegaríamos atrasados se você não fosse tão gostosa.

— Nossa, desculpa, então. — Eu falei irônica, e ele riu, selando nossos lábios.

Nós chegamos ao clube que havíamos marcado com os pais do Vitor às uma e meia. Porque talvez eu fosse mesmo uma dependente sexual. Eu estava com uma marca horrível no pescoço, que ao tentar esconder com maquiagem ficou ainda

mais avermelhada ao redor.

— O meu irmão acha que você me bate. – Eu falei horrorizada, passando mais uma vez a mão no lugar, e o Vitor riu, beijando minha cabeça.

— E você gosta. – Ele falou docemente, e então chegamos aos seus pais. A Tereza me recebeu com um abraço apertado, não perdendo a chance de relembrar as ligações que eu ignorei.

— Foi culpa do Vitor. – Eu falei arrependida, mas era uma verdade.

— Eu entendo que brigas aconteçam, mas eu achei que fôssemos amigas apesar de tudo. – Ela falou chateada, e eu torci os lábios num lamento. A nossa tarde correu bem, até a Tereza anunciar que eles iriam adotar uma criança.

— O que? – O Vitor perguntou incrédulo.

— Eu queria tentar outro filho, mas o meu médico falou que poderia ser arriscado, então nós vamos adotar.

— Vocês enlouqueceram. – O Vitor riu, como se fosse uma criança.

— Nós já demos entrada nos papéis, e provavelmente a Luísa já se muda na próxima semana. – O pai do Vitor falou com um sorriso esperançoso.

— Tá ouvindo isso, Anna? – O Vitor perguntou para mim, horrorizado.

— Sim, o que tem de mais?

— Eu não to ouvindo isso. – Ele falou e eu suspirei forte.

— Vitor, isso é uma notícia que merece comemoração, você não precisa agir como um menino mimado, agora. – Eu

falei cautelosa, e ele riu incrédulo.

— Pra que outro filho? – Ele indagou, e eu revirei os olhos, assim como a Tereza.

— Porque nós queremos. E nós podemos, porque não? – Sua mãe respondeu e ele riu, negando com a cabeça.

— Isso não tem cabimento. – Ele resmungou, antes de se levantar e sair. Eu olhei desconcertada para os seus pais, e fui atrás dele, que andava rápido para o estacionamento.

— Vitor, esse show é desnecessário. – Eu falei, quando o alcancei, mas fui ignorada. – É uma criança, no que isso interfere na sua vida?

— Não importa. – Ele gritou comigo, se escorando ao seu carro, correndo as mãos no rosto. – Pra que outro filho?

— Isso não os fará te esquecer. – Eu falei o óbvio. – Por favor, Vitor, isso é infantil demais. Olha a mulher incrível que a tua mãe é! Ela é atenciosa com todos, ela me incluiu na família de vocês e tem sido mais próxima que a minha mãe foi a vida inteira! Você acha mesmo que eles adotarem uma criança vai mudar algo pra você?

— Não importa, é completamente sem noção essa ideia ridícula deles.

— É sem noção você bancar a criança agora. – Eu falei cautelosa. – Você adora criança, eu não consigo entender.

— Não entenda, Anna! – Ele resmungou, destravando o carro e entrando nele. Eu fiz o mesmo e desisti de argumentar, ao receber uma mensagem da Tereza.

“deixa ele, quando ele se acalmar, nós conversamos”

— Daí agora você e a Dona Tereza vão falar do quão

infantil é eu achar desnecessários eles adotarem uma criança.
– O Vitor deduziu a me ver no celular.

— Na verdade eu estou contando pra ela que nós dois transamos três vezes agora de manhã. – Eu falei descontraída, e ele me olhou assustado, revirando os olhos a me ver rindo.

“ele é muito mimado” – Eu enviei, porque era uma verdade.

— Você adoraria que eu contasse a sua mãe como você me chupa, Anna. – Ele falou e eu o olhei apavorada.

— Chupar é uma palavra feia. – Eu falei carrancuda. – E minha mãe acha que eu sou virgem.

— E que você faz isso gostoso. – Ele sorriu, entrelaçando uma mão na minha.

— Luísa é um nome lindo. – Eu falei, e ele fechou a cara, focando na direção. – Ai, Vitor, isso é ridículo. – Eu reclamei, então meu celular vibrou noutra mensagem da sua mãe.

“bem, isso é culpa do Ricardo”

— E seu pai te mima demais. – Eu provoquei. – Você tá com medo de perder seu pai pra Luísa? – Eu perguntei zombeteira, e ele não me respondeu.

Capítulo 36

O Vitor ficou tão chateado por eu falar sobre a sua suposta irmã, que me deixou seis dias sem sexo. Não que ficar seis dias sem fazer fosse o fim do mundo. Não era. O que acabava comigo e com a minha tranquilidade, era dormir com ele, ser provocada e ficar na vontade.

— Você é louca. – A Luana falou, quando entramos no sex-shop.

— O Vitor é um mimado! – Eu falei irritada, e ela riu. Eu peguei meu celular que havia mensagem dele. **“então você vai me trocar?”** – Eu suspirei forte, antes de responder.

“sim, talvez eu ache algo mais potente onde estou ;)”

— Eu posso presumir que vocês vão brigar? – A Luana perguntou olhando uns vibradores do tamanho da minha vida. – Quem usaria isso? – Ela perguntou horrorizada e eu dei de ombros.

“ONDE VOCÊ ESTA?”

**“procurando algo que me dê orgasmos, já que o meu...
ficante não pode fazer isso por mim!”**

— Eu não acho que ele terá ciúme de um brinquedo. – A

Luana falou confusa, olhando umas coisas estranhas. Mas eu sabia que ele teria. Porque o Vitor era muito mimado, possessivo e ciumento.

“ficante????????? você ta querendo me matar” – ele enviou logo em seguida. – **“você ta onde Anna?”**, **“eu vou ligar pro seu pai, ou encaminhar essas mensagens pra ele”**, **“melhor: vou mandar pra policia e mandar te prender por tentativa de homicídio”**. – Eu gargalhei com a última, atraindo atenção das pessoas que estavam ali. Olhei envergonhada para elas, e procurei a Luana, que havia colocado na cesta, duas calcinhas comestíveis e uma vibratória. Quando eu me virei, para voltar para a sessão de vibradores, dei de cara com a minha mãe. Eu a olhei assustada, e ela fez o mesmo.

— Oi. – Ela falou confusa, e eu sorri.

— Oi, eu vim com a Luana. – Eu falei, como se estivesse no modo automático.

— Quem? – Ela franziu o cenho.

— A namorada do Rodrigo. – Eu falei. – Vem cá, conhecê-la. – Eu pedi, a puxando pela mão. Tirando que um sex-shop numa rua escondida não era o melhor lugar pra conhecer a mãe do seu neto, elas se deram bem. Minha mãe acabou indo embora rapidamente, sem comprar nada. E eu voltei à minha caça por alguma coisa que irritasse o Vitor.

— Porque você não compra algo pra usar com ele? – A Luana perguntou duvidosa, e eu revirei os olhos. – Parece estranho, mas eu gosto daqueles plugs anais.

— Oh – Eu falei, encontrando um conjunto de algemas e

um chicote.

— Você vai bater nele? – Ela perguntou assustada, mas eu ri negando com a cabeça.

— Aquelas bolinhas explosivas, calcinhas vibratórias, fazem milagres. Ele ficaria louco ao te ver enlouquecendo sozinha.

— Jesus – Eu falei, rindo, ao ler a mensagem do Vitor. **“se você continuar com essa palhaçada em não me dizer onde está, eu vou aumentar a nossa abstinência pra um ano”**

“ok, Vitor. Eu não vou precisar dos seus serviços, se você não quiser!”

“eu vou matar o desgraçado”, “o seu irmão quer saber onde você tá”, “você é louca”, “sem coração”.

— O Vitor é muito criança. – Eu revirei os olhos, pegando uma calcinha vibratória, um vibrador que a Luana escolheu, o kit com as algemas e algumas bolinhas explosivas.

Nós fomos almoçar ao sair dali, e eu fui pra casa, onde dormi à tarde quase toda.

Acordei com uma ligação do Vitor, avisando que viria me buscar às nove, porque iríamos jantar com meu irmão e a Luana. Eu tomei um banho demorado, lavei os cabelos,

hidratei-os, escovei. Fiz uma maquiagem básica, com delineador e bastante rímel. Coloquei um vestido vermelho, colado no corpo e casualmente me esqueci da calcinha. Calcei um scarpin preto e passei perfume, colocando alguns acessórios. Peguei uma bolsa, onde coloquei os brinquedos nada inocentes que havia comprado mais cedo. Terminei dois minutos exatos antes de o Vitor ligar. Eu avisei meu pai que estava saindo, e desci. O Vitor estava escorado ao seu carro, vestido numa camisa gola V branca, uma calça jeans, jaqueta e um tênis branco. Seu cabelo estava úmido e a sua barba por fazer. Eu me aproximei dele, selando nossos lábios rapidamente, mas ele me puxou para um beijo.

— Acabou meu castigo? – Eu perguntei inocentemente, e ele riu.

— Eu fiquei muito puto contigo hoje. – Ele falou, quando entramos no carro. Eu coloquei a bolsa no banco de trás.

— Você tem me torturado e eu não fico com raiva.

— Fica sim. – Ele retrucou, rindo.

O jantar seguiu tranquilo, a não ser pela Luana enjoar e nos fazer ir embora mais cedo. Assim que chegamos ao apartamento do Vitor, eu fui para o seu quarto, e apesar de querer *brincar* com ele a noite toda, o meu sono me venceu e eu acabei dormindo.

Acordei no sábado, com o meu celular despertando e me levantei, derrubando um copo que estava na mesa de cabeceira. O Vitor me olhou entediado, não pelo copo, mas por eu ter levantado cedo para passar o dia com minha mãe e

o Breno.

Eu ignorei a sua birra e fui tomar um banho, onde lavei os cabelos. Quando saí, passei uma maquiagem básica e vesti uma saia jeans branca, com uma Tshirt azul que caía exatamente sobre o umbigo, deixando parte da cintura a mostra. Calcei uma rasteirinha de strass que estava por aqui, mexi no cabelo, me lembrando de trazer um secador pra cá.

— Ei – Eu falei indo até ele, me sentando a beirada da cama. O Vitor bufou um suspiro, cobrindo o rosto com um travesseiro, algo que me fez rir. – Você pode vir com a gente, eu já disse.

— Eu não vou. – Ele falou como uma criança birrenta. Eu puxei o travesseiro, me inclinando para beijar seus lábios, mas não fui correspondida.

— Eu já vou, então. – Eu falei, e ele me olhou, apertando os lábios.

— Cuidado com ele, por favor.

— Vitor, eu tenho certeza, que o Breno também só me vê como uma irmã.

— Ele estaria doido pra... – Ele resmungou, mas se interrompeu com um suspiro. – Vou nem falar nada, não adianta! Cuidado, só te peço isso.

— Lindo. – Eu sorri, o beijando rapidamente. – Qualquer coisa me liga.

Eu fui com o Breno e encontrei minha mãe no clube. Ela estava sentada numa mesa, sozinha e bebia um suco, distraída

com o celular. Ela se levantou para nos cumprimentar e passou uma vida paparicando o Breno.

— Seu pai falou que você não tem mais dormido em casa.
— Ela falou ao finalmente desfazer o abraço com o Breno.

— Casou, Anna? — O Breno perguntou presunçosamente e eu o olhei entediada, me recusando a responder a minha mãe.

— Porque você disse que era apenas um passatempo. — Ela continuou, e eu suspirei, achando completamente desnecessário falar sobre isso.

— Você já viu o Rodrigo? — Eu perguntei, e ela me encarou firme, deixando claro que iríamos sim ter essa conversa desconfortável.

— Sim, eu vi o seu irmão e ele provavelmente vem passar esta manhã conosco. Mas eu quero saber o que você pensa ao dormir todas as noites com um cara que como você disse: é só diversão.

— Eu pensei que você quisesse ver o Breno. Conversar com ele.

— Anna, você não pode simplesmente se mudar pra casa de um cara que nós mal conhecemos!

— Eu não me mudei. — Eu falei o óbvio. — E, por favor, é um saco ter que dividir o meu quarto.

— Não importa! Eu não sei o que o seu pai pensa. — Ela riu indignada. — Não impõe limite, não tem bom senso.

— Desnecessário discutir isso. Daqui a pouco você vai embora, sequer liga. — Eu reclamei, e ela apertou os lábios, voltando sua atenção ao Breno.

O clima tenso entre mim e a minha mãe, perdurou por algum tempo, até o Roberto ligar, e eu ir dar uma volta com o Breno.

— Sua mãe cisma que nós ainda vamos namorar. — O Breno comentou e eu dei risada, me sentando no banco que havia no parque. Ele também o fez, ficando de frente pra mim.

— Talvez o Nicolas quisesse te matar, cismando que a gente o traía.

— Capaz. — Ele sorriu fraco, se aproximando mais de mim, colocando seu celular entre nós. — E as coisas com o Vitor?

— Normais. — Eu me limitei a responder, pegando seu celular, mas desisti de mexer por não saber o padrão para desbloquear. Eu me arrependi pra sempre ao voltar a encará-lo, porque ele já estava próximo demais, e ali, já não estava mais o mesmo Breno que eu conhecia há anos, o meu ex cunhado. Eu mal tive tempo de respirar, e senti os seus lábios nos meus.

Me senti num daqueles sonhos esdrúxulos, que a gente acorda com aquela sensação ruim de tão sem lógica que foi. Eu não me lembro de ter correspondido, mas a sensação que eu tive, fora de estar cometendo um pecado. Eu não estava mentindo para o Vitor quando disse que o Breno era como um irmão. Eu o senti mover os lábios sobre os meus, e cautelosamente levei uma mão para a lateral do seu rosto, o afastando cuidadosamente. Não sabia se deveria brigar com ele, o chamar de louco — porque isso era realmente loucura, ou só levantar e sair correndo daqui. Não fazia sentido. Nem

mesmo antes de eu namorar com o Nicolas, havia clima para rolar algo entre mim, e o Breno. Ele abaixou o olhar, evidentemente sem graça, e eu me levantei, toda estabanada, sem saber como agir. Melhor, na escada que daria acesso a área das piscinas estava a Luana, o Rodrigo e o Vitor me olhando estático.

Capítulo 37

Eu tremi, e corri atrás do Vitor, que andava rapidamente em direção ao estacionamento.

— Vitor, eu posso explicar. – Eu falei a maldita frase clichê, que em minha opinião, não fazia o menor sentido. E eu não poderia explicar. Eu não esperava essa merda do Breno. E também, não chegou a ser um beijo.

— Explica. – Ele riu sarcástico, se virando e me encarou firme. Eu fiz uma carranca, sem nem saber o que falar. – E o idiota aqui acreditando, confiando que essa merda, era só amizade!

— Vitor isso nunca aconteceu! – Eu gritei com ele, que riu da minha cara, como se não acreditasse em mim.

— Tá muito fácil acreditar nisso agora, Anna! – Ele falou nervoso, destravando seu carro, mas eu o segurei em desespero para que ele não me deixasse.

— Eu nunca fiquei com o Breno. Aquilo nem foi um beijo. – Eu falei apavorada, nervosa, com um medo absurdo de perdê-lo. Porque era diferente das outras vezes. A culpa das nossas brigas era nossa. Não concordávamos e nem queríamos a mesma coisa. Nos faltava paciência, mas não faltava confiança, apesar de tudo.

— Eu nem quero ouvir, Anna. – Ele falou mais controlado, o que era pior. O Vitor que gritava, se acalmava e voltava pra gente ficar bem.

— A gente pode conversar direito? – Eu perguntei e ele deixou escapar um riso.

— Pra que? Pra você dizer que não abre mão do seu grande amigo Breno? – Ele aumentou o tom mais uma vez, atraindo os olhares de um casal e duas crianças que passavam por ali.

— Porque eu não esperava que ele fosse fazer isso, Vitor.
– Eu falei malevolente, sem argumentos, sem explicação.

— Anna, a gente pode conversar? – O Vitor ia me respondendo, quando a voz do Breno ecoou perto de nós. O Vitor deixou escapar um riso, entrando em seu carro sem que eu tivesse tempo para impedi-lo.

Eu me afastei do carro, engolindo a vontade amarga de chorar ao vê-lo indo embora tão rápido.

— Breno, eu não entendi qual foi a tua. – Eu resmunguei.

— Eu não sei o que me deu, eu... – Ele deixou escapar um risinho sem graça. – Me desculpa, eu...

— Ah, claro, do nada você resolve que quer me beijar! – Eu explodi com ele, tremendo, sabendo que segurar as lágrimas seria algo que não conseguiria fazer.

— Foi mal, Anna. Eu não sei o que me deu. – Ele ergueu as mãos em defesa, como se só isso fosse fazer o Vitor voltar.

— Ok, ok. – Eu resmunguei, saindo dali, para pegar a minha bolsa e o meu celular. O Rodrigo apertou os lábios a me ver, enquanto a minha mãe e a Luana conversavam animadamente.

Peguei o meu celular, digitando rapidamente uma

mensagem para o Vitor. **“eu posso conversar com você? Eu juro que n entendi isso do Breno, eu sequer correspon-di”** – Eu enviei, como se fizesse sentido. Eu logo recebi uma resposta.

“não”

No desespero do momento, pedi a chave do carro do Rodrigo, e rumei rapidamente para o apartamento do Vitor, na esperança de encontrá-lo lá. De resolver esse mal entendido.

O encontrei em seu quarto, jogando umas roupas numa mala pequena, enquanto falava com alguém no celular. Ele sequer parou ao me notar.

— Eu chego aí daqui a pouco. – Ele resmungou, jogando o aparelho sobre a cama, voltando a fuçar o guarda-roupa.

— Vitor... – Eu comecei, nem sabendo o que dizer para ele.

— Aproveita que você tá aqui e arruma as tuas coisas, leva pra tua casa. – Ele falou friamente, empurrando as roupas de qualquer jeito na mala, de maneira que mal cabiam lá.

— Nem ele sabe por que fez aquilo, eu...

— Você ainda quer defender, Anna? – Ele riu, me olhando irritado.

— Não, eu acho que você tinha razão quando falava sobre ele. – Eu falei amuada, e ele riu, negando com a cabeça.

— Você se acha esperta demais. Empurra a razão toda pro outro lado, pra ser perdoada. Isso não existe, Anna. – Ele falou irritado, de uma maneira que na verdade eu nunca havia visto.

— Você quer me culpar por algo que eu não fiz! – Eu gritei nervosa, sufocada por ele nunca ceder, nunca me dar razão, nunca me escutar.

— FOI CULPA SUA POR QUE VOCÊ SABIA SIM QUE ELE NUNCA FOI TEU AMIGO DE VERDADE E INSISTIA EM SE MANTER PRÓXIMA. – Ele gritou tão forte que as veias do seu pescoço ficaram exaltadas. Tão duro que as minhas lágrimas descaram sem que eu pudesse controlar. – Porque depois de tudo que eles fizeram pra você, você se fez de cega e quis continuar perto deles. Como se não tivesse mais ninguém ao teu lado.

— Me desculpa. – Eu sussurrei, limpando meu rosto, mas minha angústia era tão grande que eu não conseguia parar de chorar.

— Não tem desculpa, Anna. Desde o primeiro momento eu cedi a tudo que você queria. Eu esqueci essa história de assumir namoro, eu engoli as suas criancices, eu ignorei você insistir em querer ser amiga da Mayara. Confiei em ti, fui cego em achar que você saberia lidar com o Breno. Qualquer um via como ele te olhava e isso me deixava irritado, e pior, você o defendia.

— Eu estava errada. – Eu soluzei, cobrindo o rosto com as mãos, tão desesperada que queria sumir.

— Não Anna, errado estava eu, quando pensei que alguma coisa contigo poderia dar certo. – Ele resmungou, fechando a mala. Eu deixei meu corpo escorregar pela parede, até chegar

ao chão, sem coragem para olhá-lo. – Eu to indo pra casa dos meus pais, tira tuas coisas daqui e entrega a chave pro teu irmão. – Ele falou, e eu ergui a cabeça, o olhando sair do quarto, puxando a porta.

Eu sucumbi à dor amarga que me dominava, e chorava, chorava e chorava.

Não sei ao certo quanto tempo fiquei ali no chão, encolhida, naquela situação ridícula. Ainda tentei ligar pro Vitor, com a vã ilusão de ele fosse me atender.

Também não voltei pra casa, me afundei nos edredons, onde passamos juntos a última noite, o que me deixava ainda pior. O seu travesseiro tinha o seu cheiro, e eu o abraçava como se isso fosse aliviar alguma coisa.

Capítulo 38

Por volta das três da tarde o meu irmão me ligou, mas eu o ignorei por três chamadas seguidas. Chorei tanto, que acabei pegando no sono.

Acordei quase sete da noite, com uma dor de cabeça estrondosa, como se cada passo que eu dava, fosse equivalente a uma bomba.

Logo a sensação amarga de perda me trouxe de volta à realidade e eu peguei o meu celular, ligando para o Vitor, não me importando de bancar a ridícula.

Com dez tentativas frustradas, eu desisti, e fui arrumar as minhas coisas. Era muita roupa, muitos acessórios e calçados. Eu me senti sem chão ao imaginar que agora viveria sem o Vitor, e era algo tão fora de cogitação que eu cheguei a me perguntar o porquê de não aceitar a namorá-lo. Não poderia ser pelo fracasso com o Nicolas. Porque de alguma maneira, não foi um fracasso, eu sequer gostava dele de verdade.

Eu me sentei e temi voltar a chorar, porque talvez não tivesse cedido, só pra sentir que as coisas eram do meu jeito. Que ele sempre faria a minha vontade. Que poderia ser um brinquedo na minha mão, assim como eu *achava* que o Nicolas era.

Liguei pro meu irmão, para saber se ele estava em casa, e fui pra lá, onde o encontrei em seu quarto.

— Tem um tempinho? – Eu perguntei fazendo um gesto com a mão.

— Eu vou só levar um sorvete pra Luana, e volto. – Ele avisou, passando por mim e pegando a chave do carro.

Eu tomei um banho quente, demorado, querendo que a água quente levasse embora a minha agonia. Era a coisa mais ridícula do mundo. Quando o Nicolas terminou comigo eu senti algo próximo do ódio. A coisa que eu estava sentindo agora não se parecia com a dor de ser largada que eu senti antes. Eu vesti um pijama e desembaracei o cabelo, e fui pro quarto do meu irmão, esperar por ele lá.

Já estava quase dormindo outra vez, quando ele chegou, ligando a TV e acendendo as luzes.

— Queria conversar? – Ele perguntou se jogando ao meu lado, após jogar as chaves do carro na mesa do computador.

— A gente pode ver um filme? – Eu desconversei, fazendo uma careta.

— O Vitor tá furioso com você. – Ele falou, zapeando os canais da TV, até parar em um filme.

— Eu também estou furiosa com ele. – Eu resmunguei, então o Rodrigo bufou um suspiro.

— Ninguém nunca imaginaria que você ficaria com o

Breno.

— Eu não fiquei. – Eu falei entediada. – O Breno perdeu a noção do ridículo quando fez aquilo. O Vitor é um idiota por não confiar em mim.

— Eu vou te dar um conselho, Anna. Desiste do Vitor. – Ele falou e eu o olhei impulsivamente, com a angústia crescendo em mim. – Não vai nunca dar certo. Você é mimada e prepotente demais. Não vai dar certo com um cara mimado e prepotente. Um Nicolas da vida cai bem pra você, um Vitor, não.

— Eu não... – Eu comecei a falar, mas voltei minha atenção ao filme.

— Eu também não entendo o porquê de o Breno ter tentado te beijar, mas se tu queria ficar com o Vitor, deveria ter se afastado dele.

— Ah, por favor, é sem lógica eu ter que me afastar dos meus amigos porque o Vitor estava com ciúme. Eu não imaginava isso do Breno.

— A Luana abriu mão de tudo pra ficar comigo. – Ele falou presunçoso e eu o olhei entediada. Com o amor cego que a Luana tem por ele, ela abriria mão do mundo inteiro, se precisasse, só para tê-lo. – Tudo que não prestava, e ela era cheia de amigos. – Ele riu. – Se fosse só amizade, o Vitor não ficaria tão irritado, Anna. Eu não me importo com o Fernando.

— O Vitor se importa. – Eu retruquei.

— Eu quis dizer, com ele e a Luana. Não tem a menor possibilidade.

— Ok, Rodrigo.

— Eu quis dizer que quando for um amigo de verdade, e for só amizade, ele não vai querer interferir, Anna.

— Claro que não. – Eu falei irônica, achando sem lógica a sua linha de raciocínio. Era algo que só funcionaria com a Luana.

— Mas agora já era, o cara não te quer mais. – Ele ainda zombou, então eu puxei um travesseiro, batendo com força nele.

Depois do filme, eu deixei o meu irmão dormindo e peguei o meu notebook, indo pra sala, uma vez que a Anastácia estava no quarto, lendo. Fucei o facebook do Vitor, e pelas onze e meia da noite, apareceu uma notificação de que ele estava em uma boate, com a Camila.

Minha boca amargou e eu apertei o maxilar engolindo a vontade de chorar, porque sequer conseguia sentir raiva dele. Estava com raiva de mim, da minha burrice.

Fiquei como uma louca monitorando o seu facebook, instagram e whatsapp, mas ele sequer entrava.

Já passava das quatro da manhã, e eu não conseguia dormir. Acabei engolindo o resto do meu orgulho e mandando uma mensagem para ele.

“eu passei essa noite no inferno, sem notícias tuas” – Eu enviei me sentindo ridícula por ter que parecer uma louca apaixonada, para ver se então, ele me dava uma chance de

falar.

Recebi apenas um: “:s”, como resposta, e larguei o celular num canto, jurando pra mim que não o procuraria mais.

Eu cumpri a minha promessa por seis dias. Eles passaram como um borrão angustioso e, eu sequer sabia definir a coisa ruim que estava sentindo. O Vitor não havia voltado da casa dos seus pais, porque todos os dias eu era obrigada a ver fotos dele com seus amigos, e com a Camila.

A minha mãe foi embora, apenas ligando para se despedir e deixando presentes para mim e o meu irmão.

O Breno mandou mensagens, pedindo desculpas, mas eu sequer o respondi. Jamais iria entender a sua loucura. Era sem cabimento. Como um *pecado*.

Era uma sexta, e eu me recusei a sair com o meu irmão. A Luana estava com uma barriga linda, que pareceu ter crescido horrores em apenas uma semana que eu passei sem vê-la.

Me embriaguei de chocolates e sorvetes enquanto assistia filmes dramáticos que pareciam zombar da minha situação, porque na maioria deles, o mocinho fazia a burrada ou alguém sabotava o casal. Enquanto eu estraguei tudo sozinha.

Capítulo 39

Na manhã do sábado, eu acordei com o Rodrigo me enchendo o saco pra ir ver o apartamento dele, que já estava decorado. Eu levantei, e tomei um banho rápido para despertar. Vesti um short jeans com uma camiseta, e calcei uma rasteirinha.

Eu, que havia insistido tanto para ele optar pelo apartamento do prédio do Vitor, agora estava tão arrependida. Eu sequer conseguiria vir visitá-lo. A Luana estava lá, colocando um quadro colorido na parede atrás do sofá, quando nós entramos. Eu admirei o lugar, com a decoração em marfim, com um ar arejado. Olhei tudo com a Luana, que estava sonhando em se mudar.

— Agora só falta o meu bebê ser um menino. – Ela falou animada, acariciando sua barriga.

— Quando vai dá pra saber? – Eu perguntei, abrindo uma porta no quarto que seria deles, e dava para um closet.

— Tenho uma ultra marcada pra próxima sexta. To tão ansiosa! – Ela deu um risinho eufórico, e eu sorri, abrindo uma porta que havia ali, que dava para um banheiro, enorme. – É tudo muito lindo por aqui.

Quando estávamos saindo do prédio, esbarramos com o Vitor que acabava de chegar e tirava malas do carro. Eu congelei ali, amaldiçoando meu irmão por ter ido cumprimentá-lo. Meu coração afundou e a agonia cresceu em

meu estomago, subindo pela garganta ao ver a Senhorita perfeita ali com ele. Meu irmão a abraçou, algo que demorou um tanto e ela acenou pra Luana, e talvez para mim, mas eu sequer o fiz de volta.

Porque ela estava só esperando tudo dar errado para tê-lo de volta. E já havia deixado isso claro.

O meu momento de tortura acabou quando o Vitor passou por mim, me ignorando e entrou no prédio. Eu me vi agarrando os cabelos da Camila e a fazendo voltar de onde veio, quando ela passou por mim, me lançando um sorrisinho esguio.

— Pelo tamanho da mala, ela não vai ficar pouco tempo.
– O meu irmão comentou, eu acreditei que para me irritar, mas acabou deixando a Luana paranoica.

Eu remói e imaginei mil motivos pra ela estar aqui com ele. Era sempre assim? Uma o contraria, ou o machuca e ele procura um estepe, uma maneira de não precisar?

Era essa a sua maneira de seguir em frente? Esfregando a sua ex perfeita na minha cara?

Eu evitei falar algo, para não chegar a este assunto e ser colocada como a errada outra vez. Assim como foi com o Nicolas. Que na época era um bom namorado e engoliu demais pra ficar comigo. E que a Mayara era frágil e sei lá o que.

Ao chegar em casa, eu fui pro meu quarto, onde passei o resto da manhã e dos próximos cinco dias, saindo só pra comer.

— Tudo bem, Anna? – O meu pai perguntou entrando no quarto e eu assenti, distraída no celular. – O seu irmão se muda amanhã, você quer o quarto dele ou a Anastácia se muda pra lá?

— Eu vou.

Eu ajudei o Rodrigo a arrumar suas roupas e o que mais ele fosse levar, e imaginei mil maneiras de mexer na decoração do quarto.

Após mudar tudo no quarto do Rodrigo, dois dias depois, eu me sentia realizada por ter de volta a minha privacidade. Não teria Anastácia me vendo fitando o teto feito uma idiota por causa do Vitor. Nem ela querendo bancar a minha conselheira. E o melhor de tudo: eu tinha espaço. O banheiro era maior, e tinha também a sacada.

— Olha só quem tá em casa... – O Fernando falou fingindo estar surpreso, ao entrar no meu novo quarto. Eu o olhei e sorri. – Ficou lindo.

— To tão aliviada. – Eu falei, rindo.

— Aconteceu algo com o Vitor? Você só para em casa quando...

— Acabou. – Eu falei, demonstrando desinteresse. – Essas coisas acabam o tempo todo, enfim. – Dei de ombros.

— O que houve?

— O Breno me beijou e ele viu, é complicado demais, nem eu entendo.

— Não conversaram? – Ele indagou se sentando a beirada da minha cama.

— Não, quero dizer... – Eu sequer sabia o que dizer a ele. – Enfim, só acabou. Mas eu to tão feliz com esse quarto novo. Ele é enorme.

— E vai fazer o que hoje à tarde?

— Eu vou ao salão. – Revirei os olhos, porque eu odiava, mas a raiz dos meus cabelos já estava pela hora da morte. E eu já estava loira há tanto tempo que isso já estava me dando nos nervos.

— To querendo ir num barzinho hoje, uns amigos meus vão tocar lá, se não for fazer nada mais tarde... – Ele sugeriu e eu assenti.

Até porque eu talvez estivesse precisando sair para esses lugares diferentes e conhecer gente nova.

Após sair do salão duas vezes mais loira, com as unhas feitas e me sentindo mil vezes melhor, eu não resisti às vitrines e acabei comprando uma saia jeans escura desfiada na barra, com uma ponta um pouco maior na frente.

Saí com o Fernando para o tal barzinho. O lugar era bem acústico. Nós sentamos em uma mesa num canto mais reservado na área externa do local e tomamos várias cervejas enquanto conversávamos bobagens.

A última pessoa que eu imaginaria encontrar era o Vitor, mas lá estava ele, com a Camila, meu irmão, o pessoal da faculdade e sem a Luana. De alguma maneira isso me deixou nervosa. Meu irmão, a Camila e a Luana em casa, grávida. Por outro lado, o meu lado egoísta, isso era no mínimo bom. Porque então, queria dizer que *eles* não voltaram.

Eu evitei focar que o Vitor estava aqui e me distraí com o Fernando. Descobrindo coisas sobre ele, e também que ele era viciado em cigarros.

— Já tentei parar. – Ele riu, jogando para fora a fumaça. – Essa semana mesmo, eu tentei duas vezes. – Eu dei risada, bebendo um longo gole da minha cerveja.

— E as namoradas? – Eu perguntei, colocando meu copo de volta sobre a mesa e ele me lançou um sorriso presunçoso.

— Por aí.

— Por aí? – Eu franzi o cenho, num sorriso.

— Por aí, é complicado.

— Você não é gay, é? – Eu perguntei e ele deu risada, negando com a cabeça. – Porque seria um desperdício.

— Certo, Anna. – Ele ainda ria. – Não curto muito relacionamento sério.

— Eu também não. – Eu revirei os olhos, rindo.

— Quase não acho você. – A Anastácia falou com o Fernando, se sentando conosco. – Enfim, o Bruno já chegou?

— Já. – Ele falou entediado, e a Anastácia pegou o celular. Eu me levantei para ir ao banheiro, e no mini

corredor que dava acesso a eles, estava o Bruno e uma ruivinha aos beijos. Eu dei um riso, negando com a cabeça, e entrei no banheiro.

Quando estava saindo, dei de cara com o Vitor escorado a porta, mexendo no celular. Eu iria passar ignorando-o, mas ele me puxou pelo braço. Eu ignorei o tremor que percorreu meu corpo e a ansiedade, ou sei lá como nomear. Juntando com a minha leve embriaguez, eu mal conseguia me manter nos saltos.

— A gente pode conversar? – Ele perguntou me olhando rapidamente, olhando desprezível para o Bruno que saiu dali acenando para nós. Logo em seguida a ruivinha entrou no banheiro.

— Conversar? – Eu perguntei confusa. – Eu pensei que você não quisesse mais nem falar comigo.

— Mas a gente precisa conversar. – Ele forçou, suspirando forte.

— Agora?

— Sim, a gente pode ir? Eu te trago de volta depois. – Ele falou, guardando o celular no bolso. Eu assenti, e o segui até seu carro. Mas recusei ir até o seu apartamento. Então fomos pra casa, e eu o levei ao meu quarto. O Vitor analisou a decoração, embora não tenha dito nada e se sentou a beirada da cama.

— E então... – Eu falei, me sentando ao seu lado.

— Eu conversei com uns amigos e... – Ele começou a falar desconcertado, mas parou, me olhando mais uma vez e suspirou forte. – E eu fiquei mais confuso ainda sobre nós

dois. Eu estava viciado em você, adorava as nossas noites e queria mais e... – O Vitor fez uma pausa, apertando os lábios, como se precisasse focar em algo. – Você foi especial demais pra eu sumir assim sem te dar nenhuma explicação. A gente se parece muito em algumas coisas, e tu quer sempre bater de frente, não cede e isso nunca iria dar certo. Eu ainda achei que poderia me moldar as tuas exigências e eu tentei, mas olha no que deu. – Ele deixou escapar um riso amargo, e eu soube que era sobre o Breno.

— Então você conversou com os seus amigos e eles presumiram que a gente não pode nunca dar certo. – Eu falei, ignorando todo o resto, toda a minha culpa.

— O seu irmão foi o primeiro a falar, Anna. Se eu quisesse algo contigo, teria que me adestrar da tua maneira e eu não suporto mais a tua prepotência. Eu não suporto mais ouvir você defender os que você insiste em chamar de amigos.

— Daí você resolve trazer a sua ex. – Eu sorri sarcástica, e ele só apertou os lábios. – O que? Agora vocês estão ficando?

— Isso não importa.

— Você tem ficado com ela? – Eu perguntei, mesmo que não fosse um direito meu saber. O Vitor suspirou forte, negando com a cabeça, me encarando firme.

— Tudo bem, então Vitor. – Eu sorri fraco, deixando meu corpo cair deitado na cama e cobri os olhos com o braço, me recusando a chorar mais uma vez na frente dele.

— Eu vou sentir muito a tua falta. – Ele falou mais baixo, mas sua voz estava mais próxima. Eu apertei o maxilar, já sentindo meu antebraço molhado pelas lágrimas e

já estava ficando sufocada com a respiração fraca, para não fungar. – Porque apesar de todos os teus defeitos, da tua loucura, tu foi a melhor coisa que me aconteceu por esses tempos. – Talvez tenha sido jogo baixo me dizer isso agora, porque as lágrimas vieram mais intensamente eu cheguei a engasgar com elas, num choro desesperado. O Vitor puxou meu braço, limpando meu rosto, mas eu o cobri com a mão rapidamente, envergonhada demais por estar chorando tão desesperada. Era como tirar a casca de uma ferida que estava começando a cicatrizar e eu iria involuntariamente me isolar do mundo outra vez. Era tão involuntário. Como Karma.

— Vai embora, por favor. – Eu pedi em meio ao choro, e ele deixou escapar um risinho, puxando as minhas mãos, me puxando pra mais perto e limpou meu rosto, me prendendo entre seus braços.

— Eu vou. – Ele falou baixinho, correndo os dedos pelo meu cabelo, me fazendo chorar mais. Eu afundei o rosto em seu peito, me deixando ir loucamente nesse choro sem fim. Aos poucos, eu finalmente consegui me controlar e ergui o rosto, levando uma mão para a lateral do seu rosto, acariciando a sua barba por fazer e aproximei mais o meu.

— Vai embora. – Eu sussurrei, sendo quase interrompida por um soluço e funguei, apertando os lábios com as lágrimas que desciam novamente. – Por favor. – Continuei quase sem voz e ele assentiu, ainda com os olhos fechados. Eu juntei meus lábios nos dele, acariciando-os levemente, o querendo tanto. Ou querendo só que ele fosse embora. Segui os beijos castos pela sua barba, logo voltando à boca, sendo pega de surpresa por ele me corresponder, tão gostoso.

Capítulo 40

O seu ritmo intenso e lento me trazia uma esperança de isso tudo ter sido apenas uns dias ruins entre nós, e eu o puxei para mais perto, o trazendo para cima de mim. Tirei os sapatos com os pés, e o induzi a se encaixar entre as minhas pernas, encerrando o beijo rapidamente para olhá-lo, que resfolegou, voltando a me beijar, bem lentamente.

— Anna. – Ele falou com a voz falha, ainda com a boca na minha. Eu puxei o seu lábio inferior com os lábios.

— Não me deixa – Eu sussurrei, como se isso fosse comprá-lo e desci a boca pelo seu pescoço, distribuindo beijos molhados ali, sentindo seu membro duro e sua cabeça tombar para frente. O Vitor que tentava ser forte levou a mão para a barra da minha blusa, a subindo rapidamente. Eu ergui o corpo e a tirei, desfazendo o fecho frontal do meu sutiã tomara que caia. O Vitor deixou escapar um gemido lamurioso como se eu o estivesse torturando e colocou o meu mamilo esquerdo na boca, o sugando forte e circulando a língua ali. Eu gemi forte, por um momento me esquecendo de que não estávamos sozinhos em casa e ele me mordeu, me arrancando um gemido mais alto. Ele então liberou e abocanhou o outro, gemendo frustrado. Eu me sentei quando ele se afastou para tirar a minha saia e me sentei em seu colo, o beijando carinhosamente, investindo contra ele, que me apertava contra seu corpo.

— Você não pode fazer isso – Ele gemeu quando eu joguei a cabeça pra trás, o fazendo beijar meus seios mais uma vez. – Não é assim que as coisas funcionam. – Ele falou

quase sem voz.

— Eu to tão molhada – Eu sussurrei, tremendo de ansiedade. – E eu sinto tanto a tua falta.

— Anna – O Vitor chamou, mas eu o ignorei, subindo a sua camisa, o forçando a tirá-la, beijando seus lábios rapidamente. Eu me afastei para desabotoar a sua calça, a tirando dele, junto com os sapatos e meias. – Anna – Ele falou mais uma vez e eu o ignorei, tirando a minha saia e a minha calcinha, o encaixando em mim, descendo devagar e o abraçando forte, o encarando enquanto o sentia tão deliciosamente em mim. O Vitor deixou a cabeça tombar para frente, e me apertou mais contra seu corpo, investindo em mim, indo tão fundo que chegou a doer. – Não é dessa maneira. – Ele sussurrou, e eu arfei, me movendo um pouco, incapaz de assimilar tanto prazer, de dissipar tanta saudade.

— Por favor. – Eu pedi, o arranhando, querendo gritar e era tão torturante. O Vitor nos deitou na cama, e eu apertei as pernas em volta do seu corpo, o abraçando. Ele então iniciou movimentos lentos e profundos. Seu peso estava todo sobre mim, e ele mantinha o olhar perdido no meu, gemendo baixinho comigo, enquanto eu acariciava sua barba e puxava o seu cabelo com a outra mão. Não demorou a que ele puxasse uma das minhas pernas, afastando mais uma da outra e indo mais rápido e forte. Um gemido alto e forte me escapou, e eu pedi por mais. E ele o fez entrando fundo e gostoso em mim, tremendo e parando, me beijando calmamente enquanto retomava os movimentos.

— Vitor... – Eu o implorei, que parou, saindo de mim, descendo com beijos rápidos pela minha barriga. Eu me apoiei nos antebraços, o olhando passar a língua deliberadamente em meu sexo, eu gemi fraco, fraca para

aguentar e ele deixou a língua deslizar para dentro de mim, a brincando em minha entrada. Eu gemi forte, com os pequenos espasmos que o meu corpo emitia. – Por favor, amor, vem. – Eu pedi, puxando seu cabelo com a sensação deliciosamente angustiosa de ele passando a língua lentamente em mim. Eu fui ignorada, e ele passou a dar beijos rápidos em meu clitóris, brincando um dedo em minha entrada, me matando aos poucos. – Eu quero gozar – Eu sussurrei, puxando forte o seu cabelo, tentando trazê-lo para mim.

— Quer o que? – Ele perguntou, encaixando seu membro em meu sexo, entrando de uma vez. Eu gritei forte, o arranhando e apertei com força as minhas pernas em seu quadril. Mas ele se manteve parado, me fazendo choramingar.

— Isso é vingança, Vitor. – Eu falei agoniada, investindo contra ele, que deixou escapar um riso, se forçando mais em mim.

— Diz o que você quer, Anna. – Ele falou distribuindo beijos pela minha clavícula, em direção ao pescoço.

— Que você me deixe gozar. – Eu falei enfática, talvez alto demais. O Vitor me deu um selinho casto, entrelaçando nossas mãos e voltou aos movimentos rápidos, fortes e profundos. Ele deslizava rapidamente, e estava tão gostoso que eu explodi no primeiro orgasmo gritando forte, sendo abafada por um beijo dele, que continuou os movimentos gostosos, me trazendo mais uma vez ao ápice. Eu já estava fraca, voltando à realidade após o quarto orgasmo quando o senti me mordendo e me enchendo com seu gozo. Seus espasmos fortes e a sua respiração acelerada foram diminuindo até ele estar parado sobre mim, com o rosto entre o meu pescoço.

— O que foi isso – Eu sussurrei, correndo os dedos por entre o seu cabelo.

— Gostosa. – Ele grunhiu, se deitando ao meu lado. Eu me aconcheguei contra seu corpo, me recusando a deixá-lo ir embora, mas acabei pegando no sono.

Acordei com a claridade que vinha da sacada, e grunhi, virando na cama, mas estava sozinha. A agonia cresceu em mim, e eu procurei pelo meu celular. Eram onze e meia da manhã. Havia uma SMS não lida.

“eu acho que você interpreta tudo de uma maneira errada demais. Eu não quero só sexo contigo. A nossa noite foi maravilhosa, Anna, ter você é a melhor e pior das coisas. Não ache que sexo vai resolver alguma coisa, porque a tua maneira de pensar e de querer dominar uma situação é cansativa e não iria nos levar a lugar algum. você não é imatura, é egoísta demais, mas eu to cansado. Iríamos passar o resto da vida brincando? Tendo essa amizade colorida que não vai pra frente e nem acaba de vez? Eu penso de uma maneira diferente, e acho que você deveria pensar também. Se for isso que tu quer, brincar, ter sexo toda hora, porque você é viciada nisso e mais nada, eu to fora. Porque eu quero mais.”

Eu joguei o celular na cama e fiz uma carranca, fitando o teto. O deste quarto não era tão consolador quanto o teto do antigo. Demorei mais algum tempo na cama, mas não consegui voltar a dormir, então levantei e fui tomar um banho.

Depois do almoço, eu fiquei na sacada do quarto, lendo um romance no qual não conseguia me concentrar. A minha noite maravilhosa com o Vitor não me saía da cabeça. A minha vontade de ligar e implorar pra uma conversa sensata me assombrava. Mas de que adiantaria?

O pior e mais angustiante de tudo era o pensamento de que acabou.

Era não sentir ou aceitar que havia realmente acabado.

No fim da tarde, eu fui ao shopping comprar algo para a minha sobrinha. Sim, a Luana havia feito a ultra e o bebê era uma menina. O Rodrigo estava eufórico e gritante com a notícia, ignorando todo o fato de provavelmente ter estado com a Camila na noite anterior.

Comprei um vestidinho rosa, de praxe, e uma pulseira de ouro, uma dica do meu pai. Mais tarde iríamos todos para o apartamento do Rodrigo, comemorar.

Fiquei grudada no celular a espera de alguma mensagem do Vitor, alguma ligação, alguma notícia que me surpreendesse e mostrasse que ele poderia se encaixar ao meu jeito, mas cada vez que eu olhava, o meu coração ficava pequeno e me deixava mal.

Fui tomar um banho lá pelas oito da noite, e escovei os

cabelos, os deixando bem lisos e fiz uma maquiagem, abusando do delineador e marcando bem os olhos, e passei um batom quase no tom dos meus lábios. Coloquei apenas um par de brincos pequenos e um escapulário e me vesti com um vestido preto, com a cintura bem marcada e, curtinho. Calcei uma sandália alta, rosa e passei perfume. Peguei meu celular e fui com o Fernando pra casa do Rodrigo. De lá, iríamos pra uma boate numa cidade vizinha, que ele havia dito que eu iria adorar.

Assim que entramos no apartamento, eu me senti cair ao ver o Vitor tão charmoso, com um copo de uísque nas mãos e conversando com o Bruno. Ele tinha uma facilidade enorme de odiar e não odiar as pessoas, a depender do momento.

Eu fui cumprimentar a Luana e entregar os presentinhos, mas o Bruno me interrompeu, vindo até mim, me cumprimentando com um beijo demorado no rosto. Eu fui educada com ele, e após falar com a Luana, fui até o Vitor, que curvou os lábios docemente naquele sorriso torto que eu tanto amava.

— Sua ex perfeita não veio? – Eu perguntei, o fazendo desfazer o sorriso.

— Você deveria falar da nossa noite. De como você ficou depois, da mensagem que deveria te fazer me odiar, ou repensar tudo entre nós dois. – Ele falou repreendendo-me, que o encarei entediada.

— Eu sinceramente não vou mais pedir pra você ficar comigo. Nem pra entender que não é assim que assume um namoro. Não é impondo um termo, fazendo pirraça. É

conquistando a confiança, cativando, aumentando sentimento. – Eu falei firme, e ele ficou calado, me encarando. – E então, cadê a Camila?

— Provavelmente a Luana a jogaria da sacada, se ela viesse pra cá. – Ele deixou escapar um riso, bebendo um gole casto da sua bebida. – E o Fernando tá investindo forte em você. – Sugeriu como se fosse verdade e eu dei risada.

— Se ele tivesse investido, tenha certeza que eu teria ficado. – Eu falei, mas de qualquer maneira, era uma verdade. O Vitor me olhou desprezível, colocando com força o copo dobre o balcão que dividia a sala da cozinha.

— E você vai pra algum lugar quando sair daqui? – Perguntou ignorando a minha provocação.

— Sim, vou numa boate de uma cidade aqui perto, com o Fernando.

— Não, Anna. Você não vai.

— Sim, Vitor. Eu vou. – Eu falei como se fosse algo óbvio.

— Porque você dificulta tudo? – Ele perguntou impaciente, me fazendo sorrir. – Custa ficar? Custa sair comigo, conversar comigo?

— Eu to tão animado com a minha filha que...

— Que deveria ser fiel. – Eu completei sorrindo para o Rodrigo, que me fez uma carranca, olhando para os lados, talvez para ter certeza de que a Luana não estaria ouvindo.

— Eu sou.

— Cínico. – Eu resmunguei, saindo dali para pegar alguma bebida.

Capítulo 41

Saí dali com o Fernando pouco depois das nove, sob carrancas e chantagens infantis do Vitor. A Anastácia e o Bruno vieram conosco e quando chegamos à tal balada, fomos logo procurar algo pra beber.

— Você não vai beber? – Eu perguntei ao Fernando, que abria uma latinha de energético.

— To dirigindo. – Ele apertou os lábios, bebendo um longo gole da bebida. – E você? Não vai se esbaldar na night? – Ele perguntou divertido, e eu franzi o nariz, observando que o casal a nossa frente discutia. – Eu não sei pra que eles tentam algo. Só brigam.

— Às vezes se gostam.

— Só isso não faz dar certo. – Ele completou, rindo. – Vi o Vitor saindo do teu quarto pela madrugada, se acertaram?

— Não. – Eu neguei com a cabeça, rindo. – É meio complicado. Ele quer algo e não me entende. E nem eu o entendo. – Eu lamentei e ele só assentiu, analisando tudo ao nosso redor.

A noite correu muito bem. Eu adorava conversar com o Fernando porque de alguma maneira, ele me entendia e não precisava me julgar. Não precisava defender o Vitor, nem a mim. E não rolava alguma maldade, ou segundas intenções. Claro que, se ele tentasse algo eu pensaria mil vezes antes de negar, mas também, não me sobrava muito tempo para pensar que eu tinha alguma vontade de ficar com ele. Não era como

a minha vontade absurda pelo Vitor.

[...]

Acordei na manhã seguinte com uma dor de cabeça que me fazia perguntar o porquê de beber tanto e uma vontade absurda de chorar pelo enjoo. Eu me virei para o lado, à procura do meu celular, mas assim que o fiz, dei de cara com um Vitor, que dormia tão serenamente. Eu quase voei da cama com o susto, porque não conseguia me lembrar de como ele veio parar aqui.

O primeiro detalhe era: Ele estava completamente vestido. Eu não.

O outro era que eu não lembrava e era no mínimo estranho.

Levantei com cuidado para não acordá-lo e peguei meu celular, que estava no chão ao lado da cama. Havia uma mensagem não lida, mas era da operadora. Abaixo desta, havia do Vitor. Eu abri, querendo chorar de vergonha ao começar a ler.

“porque você é lindo”

“nossa, lindo”

“e eu sou apaixonada pelo seu sorriso”

“e por ficar com você”

“vem ficar comgo, já to em casa já”.

Como resposta, havia só: **“to aqui em baixo”**

Eu apaguei as mensagens, como se isso fosse apagar a vergonha e fui tomar um banho. A minha maquiagem estava borrada, o que fazia parecer que eu havia chorado. Eu fiz uma carranca, jurando parar de beber. De fumar, mesmo que quase nunca o fizesse e de fazer bobagens. Era completamente desnecessário.

Eu estava ensaboando os cabelos, quando o Vitor entrou no banheiro, abrindo a porta de vidro do Box, se escorando ali.

— Você devia fazer esse tipo coisa sóbria. – Ele falou talvez se referindo as mensagens, e eu senti meu rosto corar.

— Talvez só o meu eu bêbado, seja apaixonado por você. – As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse pensar e só depois eu me dei conta da bobagem que havia dito.

— Então o seu lado bêbado é mais sincero. – Ele sugeriu, analisando minuciosamente o meu corpo. Eu fiquei calada e foquei no meu banho.

Me enrolei na toalha ao terminar e desembaracei os cabelos no banheiro, onde ainda passei cremes para o rosto, ignorando o Vitor ali. Quando voltei pro quarto, terminei de me secar e vesti um macacão de malha estampado e tomara

que caia, passei um pouco de perfume e finalmente olhei o Vitor.

— O que aconteceu ontem? – Perguntei suspirando forte e me sentei à cama.

— Você não quer que eu diga tudo que você me falou, quer? – O seu sorriso presunçoso me fez sentir ainda mais vergonha do meu descontrole. Lembrei-me de sempre ficar longe do celular quando beber.

— Bem, esquece isso. – Eu abanei a mão, demonstrando desinteresse. Talvez fosse melhor mesmo ignorar essa noite.

— Bem, você que sabe. – O seu tom era levemente zombeteiro, e ele sorria para mim.

— Então, o meu irmão tem ficado com a Camila? – Eu perguntei, curiosa. O Vitor fez uma carranca, se sentando ao meu lado.

— Quer mesmo falar sobre eles?

— E existe o “eles”? – Fiz aspas com as mãos. – Pra moça perfeita, ela não sabe respeitar um pai de família.

— Eu não entendo a tua implicância com ela. – Ele bufou um riso.

— Ela dá pro meu irmão como se ele fosse solteiro. Pior, você é amigo da Luana e acoberta isso. E ela era o que? O amor da tua vida!

— Anna, contar isso pra Luana seria causar uma briga desnecessária, porque a gente sabe que ela vai sempre acabar perdendo.

— Porque você tem uma necessidade de defender a Senhorita perfeita. – Resmunguei, fazendo uma carranca.

— Não to defendendo, Anna, mas eu não vou ficar bancando o politicamente correto e interferindo na vida alheia. O Rodrigo é o comprometido da história, ele devia ser fiel. Eu não aprovo o que a Camila tá fazendo, mas nem por isso, vou ficar enchendo a cabeça dela de coisa, sabendo que vai ser em vão.

— E se ela se apaixona por ele? Você não me disse que ela não é dessas de uma noite e nada mais? – Eu perguntei irritada, o encarando firme, que deu um risinho.

— Anna, eu já alertei a Camila dessa possibilidade, ela tá consciente de que largar a Luana, o teu irmão não vai, porque apesar de tudo, ele é louco por ela. Eu não sou pai da Camila, e nem mando nela.

— Eu desisto. – Falei vencida, porque discutir a vida romântica do meu irmão era em vão. A Camila, de dona perfeição, não tinha nada. Não passava de uma leviana egoísta. Primeiro a sua segurança sobre o Vitor. Depois, simplesmente achar que pode ser amante do meu irmão. – Quando ela vai embora?

— Eu não sei. – Ele falou baixinho, apertando os lábios.

— Eu aposto que quando meu irmão desapontá-la é com você que ela vai ficar. – Eu disparei irritada. – Vai juntar toda a tua mágoa por mim, e a mágoa dela por ele e pronto, o casal perfeito volta. – Continuo sarcástica, e o Vitor mal me esperou terminar de falar pra cair na gargalhada.

— Anna – Ele falou, ainda rindo, me deixando ainda mais furiosa. – Não tem a menor possibilidade.

— E eu sou uma palhaça, Vitor. – Eu levantei, voltando para o banheiro. Sequei o meu cabelo, irritada porque a Camila estava no apartamento do Vitor, e os dois já tiveram

algo, já se gostaram e namoraram por anos.

— Você age como se eu, não quisesse nada contigo. – Ele falou quando eu voltei pro quarto.

— Você deixou claro que não quer o que eu quero.

— Não complica as coisas, Anna. Eu quero o que você quer, mas não dessa tua maneira torta.

— Que seja Vitor. Você quer o que? Que eu assuma um relacionamento contigo, enquanto a tua ex perfeita, mora no teu apartamento? – Eu perguntei sarcástica, o encarando com uma expressão sarcástica.

— Eu sempre me achei ciumento, mas, por favor, ninguém ganha pra você.

— Ah, Vitor, pelo amor de Deus. – Resmunguei.

— Você é doida. – Ele riu incrédulo.

— Você não para pra pensar direito. – Eu falei, cansada e confusa. Me sentei ao seu lado na cama e tomei sua mão na minha, jurando que seria a última vez que eu tentaria convencê-lo.

— Eu não vou cair na tua ladainha de novo, Anna. – Ele sorriu, desconfiado. Eu suspirei, me aproximando um pouco mais dele, acarinhando seu rosto. Ele fechou os olhos como se estivesse sendo subornado pelo meu carinho. – Anna, eu não quero levar as coisas desse teu jeitinho torto.

— Não tem mais o Breno pra te deixar enciumado. – Sussurrei, deixando um beijinho casto em sua bochecha. – Nem... – Eu parei de falar, por não ter outra desculpa e segui os beijinhos pelo seu rosto. – E eu gosto muito, muito mesmo de você. – Prometi, selando nossos lábios algumas vezes, a fim de convencê-lo, mas como se fosse esperto o suficiente,

ele me afastou. Eu revirei os olhos, deixando meu corpo cair deitado na cama e cobri os olhos, desatando a rir.

— Sinceramente... – Ele resmungou, correndo as mãos no rosto.

— Você tá forçando tanto, mas tanto, que quando conseguir, não vai ter graça. – Eu afirmei, convicta.

— Eu tenho certeza disso. – O Vitor concordou, se levantando. – Mas você não entende, quer ficar aí, solta. Eu só quero algo mais concreto, Anna. Não to te forçando a me namorar. Eu só queria que você entendesse que o Breno não é teu amigo de verdade, muito pior a Mayara. Se ele fosse teu amigo, teria ficado do seu lado quando a Mayara resolveu ficar com o Nicolas, porque eles estavam errados em te esconder isso. E ela, se estivesse por apaixonada pelo namorado da melhor amiga, sentaria e conversaria contigo. Não mandaria uma mensagem perguntando como um devaneio se poderia ficar. Você chorou aquele filme inteiro, Anna. Ninguém chora em filme de comédia.

— Era uma comédia romântica. – Eu apertei os lábios, me levantando, e o empurrei de volta pra cama, subindo nele, deixando uma perna em cada lado do seu corpo. – Eu to aceitando, seja lá qual tenha sido a tua proposta. – Falei de uma vez, antes que me arrependesse ou deixasse que o medo tomasse conta de mim.

— Eu não sou idiota, Anna. – O Vitor resmungou, não me levando a sério, e eu sorri, depositando um beijo raso em seus lábios.

— Eu sei, não to brincando. – Sussurrei, o beijando rapidamente outra vez, não esperando que ele me correspondesse. – A não ser que você tenha desistido, ou

achasse que eu iria negar a vida inteira... – Repliquei, ameaçado sair de cima dele, que me puxou de volta, me olhando confuso.

— Assim? Do nada? Sem mais nem menos você resolve ceder? – Ele perguntou visivelmente desnortado, e eu sorri, assentindo. – Você só pode tá doente. – Disparou rapidamente, e eu dei risada, concordando.

— Não do nada, mas por pressão. – Eu brinquei, rolando e me deitando de costas na cama. O Vitor sentou, e riu, como se não estivesse entendendo a minha mudança de opinião e de humor. – Mas a gente precisa esclarecer algumas coisas.

— Eu não sei se posso acreditar em você. – Ele falou cauteloso, e eu o encarei. – Tá mesmo falando sério? Quer mesmo ficar comigo e só comigo?

— Tá brincando, né, Vitor? – Eu perguntei enfática. – De qualquer maneira, não estamos tipo, namorando. Estamos tentando algo. – Eu sorri para ele, que deu um sorrisinho fraco. – Você tá com medo? – Eu zombei, e ele riu, negando com a cabeça.

— Não to acreditando. Só isso.

— Não? – Eu torci os lábios, me aproximando dele, o puxando para um beijo rápido. – Agora eu vou ter que o que? Te provar que eu te quero? – Ironizei, e ele riu, me deixando beijá-lo mais uma vez. – Mas eu tenho algumas exigências. – Eu falei presunçosa, correndo os lábios pelo seu pescoço.

— Diz. – Ele pediu, com a voz vacilável, e eu deixei escapar um risinho.

— Eu não quero você de amizadezinha com a Anastácia, muito menos com a Camila. E que você pare de sair com os

caras da faculdade. – Comecei, segurando o sorriso. Eu estava consciente do meu exagero, mas eu sabia que ele ia implicar com o Fernando de agora pra frente, e precisaria de um argumento para contestá-lo. Uma coisa, relacionamento ou, seja lá o que teremos, não deveria interferir em toda a vida e sim somar. E o Vitor era um controlador insuportável. Ele me olhou confuso, e eu sorri docemente. – Você tem a opção de cair fora.

— Desde que você fique longe do Fernando, Breno, Nicolas e sei lá quem mais você ache que é seu amigo, tudo bem. – Ele concordou, desinteressado. Uma raiva cresceu repentinamente em mim. Quando era pra ele ceder, ele focava no que ele queria e me contrariava até o fim. Quando era pra retrucar, para que eu pudesse ter o direito da escolha sem parecer injusta, ele dizia *tudo bem*? Fiz uma carranca, e o olhei desconfiada.

— Vai mandar a Camila embora? – Perguntei, achando que ele seria incapaz. O Vitor me lançou um sorrisinho, assentindo. O olhei incrédula, porque ok que eles já namoraram, mas ela ainda era uma amiga dele. Uma amiga desnecessária, mas ainda sim, uma amiga.

— Ela tá aqui por causa do seu irmão, então ela pode ficar num hotel. – Ele comentou, pegando o celular. Eu grunhi de nervoso, ele estava querendo testar o meu nível de paciência. – A gente só precisa discutir sobre os amigos da faculdade, geralmente quando eu saio com eles, você está junto, não vejo um motivo pra você querer que eu pare com isso. – Ele falou ao se virar de lado, brincando com a barra do short do macacão e eu respirei fundo. Até quando eu queria irritá-lo, a coisa se voltava contra mim! Eu olhei para o Vitor, que me exibiu um sorriso sereno. Me aproximei mais

dele, correndo uma mão por entre o seu cabelo e acariciei seus lábios com os meus, resfolegando por ficar nervosa.

— Eu tenho tanto medo disso não dar certo. — Confessei, me afastando um pouco para olhá-lo.

— Definitivamente, você é bipolar. — Ele falou sarcástico. Na verdade o meu medo não era do fim, de dar tudo errado. Toda e qualquer experiência vivida com ele era intensa, das conversas bobas ao sexo. Até as brigas. Talvez fosse a combinação de nossos signos, não que eu acreditasse muito nisso. Talvez não houvesse alguma outra explicação. O meu medo era de esse sentimento que eu vinha nutrindo por ele tomasse uma dimensão imensurável, e do nada o nosso relacionamento ter um fim.

Talvez fosse algo patético e o meu medo fosse fora do comum, ininteligível, mas as coisas entre nós já começaram erradas. Eu abusava dele enquanto ele dormia! O safado fingia e me deixou desejando-o, nunca tomando a iniciativa. Eu havia acabado de sair de um namoro que eu julgava perfeito. Frio, desconectado, mas eu pensava que o Nicolas me amava e era fiel. No fim, ele estava com a minha melhor amiga. Eu quis rir, por lembrar que os dois estão juntos e nenhum sentimento ruim me dominar. E isso talvez eu devesse isso ao cara ao meu lado. Não que um amor nos fizesse esquecer outro. *Não que eu amasse o Vitor.* Mas passar por um momento difícil com alguém que se importa contigo de verdade, torna tudo mais fácil. E o Vitor esteve comigo. E eu também não posso ignorar a sua ex perfeita, porque ele a achava perfeita. E a Anastácia, a loira do

aniversário do Bruno, bem, essa última era irrelevante. Mas a Camila estava no apartamento dele. A Anastácia o via como uma fonte de curar a dor de corno causada pelo Bruno, e ainda bancava a apaixonada pelo Vitor. Era algo esdrúxulo demais para eu analisar corretamente e entender.

— Eu sei que esse teto te consola, mas eu ainda to aqui.
— O Vitor falou carinhosamente, e eu me virei para ele, levando uma mão de volta a lateral do seu rosto.

— Você complica tudo, Vitor. — Eu falei baixinho. — A gente deveria se encontrar às vezes pra transar e só.

— É vazio demais. E um lado sempre acaba na desvantagem. — Ele falou apertando os lábios em seguida, me analisando antes de voltar a falar. — No nosso caso, esse lado foi o meu. — Eu emití um sorriso juntamente com um suspiro e me afastei um pouquinho.

— Você não é vítima disso tudo. — Eu falei, e no instante seguinte, o Fernando entrou no quarto. O Vitor prendeu a respiração, fechando os olhos e eu dei um risinho para o seu ciúme.

— Opa, não sabia que não estava sozinha. — O Fernando falou, parando entre a porta. — Volto depois.

— Não! — O Vitor falou, se sentando. — Diz agora.

— Não era algo importante, Vitor. — Ele respondeu educado.

— Então diz de uma vez. — O Vitor replicou impaciente. O Fernando me olhou rapidamente, e eu revirei os olhos, mas não continha o sorriso. A ceninha era ridícula, mas não deixava de ser engraçada.

— Pode ir, Fernando, depois a gente conversa. — Eu falei,

indo até ele, que deixou escapar um riso antes de sair. Eu fechei a porta, a trancando e olhei o Vitor, que mantinha uma careta carrancuda. – O Fernando não quer ficar comigo, se é isso que te aflige. – Falei, caminhando até ele, me sentando de lado em seu colo. – Ele é um amor, e tem sido um bom amigo.

— To vendo bem. Eu ia adorar ser um bom amigo pra você. – Ele ironizou, e eu dei um riso, me recusando a deixar que isso nos levasse a outra discussão. Eu já estava conseguindo parte do eu que queria, certo? A conversa sobre nomear definitivamente um namoro fora deixada de lado, e focamos apenas sobre como eu tenho dedo podre para amizades. E isto não se aplicava ao Fernando.

— Ah, mas a sua sorte é que eu... – Eu parei de falar. Que merda eu ia despejar? Sacudi a cabeça, e lhe dei um beijo longo. Eu o aticei, beijei seu pescoço, acariciei seu membro, tirei a sua blusa, mas ele apenas corria uma mão em minha coxa, me apertando. Encerrei o ultimo beijo com um selinho demorado, e tentei sabotar sua calça, e então ele levantou. Eu caí sentada na cama, e ri, prendendo os cabelos como se isso fosse amenizar o meu calor interno.

— Anna, eu não quero encerrar qualquer conversa que a gente tenha com sexo! – Ele falou desnorteado, com a protuberância entre suas pernas dizendo exatamente o contrário. O Vitor arfava e correu as mãos nos cabelos, respirando fundo. – Toda vez que eu tento colocar algo sensato na tua cabeça, você desconversa, eu cedo e a gente faz o que? Sexo! – Ele continuou o sermão politicamente correto e eu torci os lábios num sorriso. – Você não viu a mensagem que eu te mandei? Meu deus, nem aquela merda te fez acordar!

— Vitor. — Eu chamei, mas fui veemente ignorada.

— É isso que você quer? Um cara que te use? — Ele perguntou horrorizado, e eu deixei escapar um riso. Que mulher quer ser usada? Claro que não. — Você tá completamente mal acostumada, querendo sempre tudo do seu jeito. Tudo errado! Tudo errado! — Ele falou. Sua respiração ainda estava acelerada, então eu levantei e fui até ele, que recuou ate trombar com a parede. Era muito nítido que se fossemos um casal normal, provavelmente os papéis seriam invertidos.

— Só hoje. — Eu pedi, correndo as mãos pelo seu peitoral. — Depois a gente começa uma história linda de amor. — Sussurrei, deixando um beijo em seu queixo.

— Eu vou te dar um tempo. — Ele falou, pegando cautelosamente as minhas mãos, me afastando devagar. Eu olhei-o confusa, sentindo a pontada de angústia crescer em mim. — Você precisa pensar um pouco.

— Eu não preciso pensar. — Eu retruquei, como se isso fosse resolver.

— Precisa, Anna... — Ele falou malevolente, estalando os lábios. — Olha como você tá agindo...

— Tudo bem. — Eu o interrompi, concordando. — Eu não sou a pessoa perfeita pra você viver um romance perfeito, controlado por você. E eu nem quero mais. — Eu dei de ombros e ele riu, muito provavelmente da minha *bipolaridade*. — Você é romântico demais, certinho demais. Sempre banca a vítima e eu sou a única errada nessa história toda. Não importa pra você como eu me sinto em relação a sua ex estar na sua casa, mas você pode pirar com os meus amigos.

— Eu não iria pirar se eles fossem amigos, caramba! — Ele reclamou enfático e eu revirei os olhos. — Eu to cansado, também, de insistir nessa coisa.

— Ótimo, já pode ir embora.

— Eu vou. — Ele resmungou, correndo as mãos nos cabelos. Era tão imponente que eu fiz um bico manhoso, por ele nunca me ceder. Sempre à sua maneira, sempre. — Você deveria pensar direito o que quer da vida.

— Com certeza, não é um namorado. — Eu zombei, só para irritá-lo.

— Você deveria procurar um cara que só queira te usar, então. O teu ex, quem sabe. — Ele desdenhou, dando de ombros. — To cansado, Anna. Das suas criancices, dessa provocação sem futuro. De você bancar a desapegada, mas surtar porque a Camila tá no meu apartamento. Não importa pra você se ela tá transando com teu irmão, nem... — Ele parou de falar, com um suspiro pesado. — Esquece. Eu espero que você aja como uma pessoa sensata, pelo menos.

— Vai embora, Vitor. O que eu quero de você, você não quer me dar.

— Eu que digo isso, Anna. O que eu quero de você, você não é capaz de dar.

Capítulo 42

E então ele foi mesmo embora. Eu me sentei na cama, não acreditando na sua coragem de me deixar mais uma vez. Bufei um suspiro, espantando as lágrimas e joguei a cabeça para trás, fitando o teto. Nós não trocamos mensagens, nem nada durante o resto do dia. E ele foi tão infantil a ponto de me bloquear até no whatsapp. Como se isso fosse me doer. Bem, como se eu fosse entrar em depressão por perdê-lo.

Ficar com o Vitor estava deixando de ser por sentimento e vontade de cuidar, aumentar o sentimento. Estava ficando repetitivo, errôneo, cansativo. Nós só brigávamos e quando não, era só sexo.

Ele não sabia respeitar o meu tempo, e eu talvez fosse mesmo mimada demais para abrir mão das minhas convicções por ele. Seria tudo mais fácil para nós, se ele simplesmente não me pressionasse. Ele havia dissipado toda e qualquer graça de iniciar um namoro. Não seria mais com aquele frio na barriga e medo bobo, mas gostoso de sentir.

Eu entendia a sua implicância sobre a Mayara e agora também concordava sobre o Breno. Talvez até gostasse do seu ciúme relacionado ao Fernando, mas ele querer me proibir de algo, ia contra a tudo que eu pensava. Eu imaginava só que ele... Queria mandar em mim.

Contive a minha vontade de ligar. Eu não me julgava certa, nessa coisa toda. Mas ele estava se impondo de uma maneira que de algum modo, me deixava sufocada.

Na noite do sábado, eu fui com o Rodrigo e a Luana para a pizzaria. Lá, encontramos o Vitor e a Camila. Eu queria esbofetear a cara da Luana por se fazer de leiga sobre os olhares intensos – explícitos – do meu irmão e a Srt^a perfeita, e gritar que ela merecia mais que isso. Que o idiota do meu irmão era um canalha e ela merecia mais do que ele poderia ser para ela. Que ela não merecia essa merda. Nem a criança.

Nós comemos em silêncio, enquanto eu enviava mil mensagens xingando o meu irmão, para o Fernando.

Quando eles me deixaram em casa, eu acabei indo para um clube com o Fernando, onde estaria havendo uma música ao vivo. Aquela coisa aconchegante de voz e violão.

Nós nos sentamos em uma mesa, e pedimos cerveja. Ele logo acendeu o cigarro. Era charmoso. Claro que eu só estava me permitindo analisá-lo com mais maldade, porque estava com ódio do Vitor.

— E então ele quer te prender e você quer ser solta. – O Fernando resumiu a minha ladainha, coisa que eu não parava de falar, de tão irritada com o Vitor.

— Ele quer me controlar. – Eu o corrigi. – Nossa, é muito fácil pra ele ordenar.

— Você exagera demais. – Ele riu, tragando o cigarro. –

Olha aí ele... – Apontou com o queixo, jogando a fumaça do cigarro para cima e eu olhei, encontrando o meu irmão, o Vitor, a Camila e para fechar com chave de ouro, a Anastácia. Com o meu Louboutin.

— Eu vou matar a tua irmã! – Eu falei irritada.

— Ela gosta dele, porque ele traz o Bruno, Anna.

— Que se foda ela! O meu sapato é caríssimo e ela vive calçando!

— É só um sapato, Anna. – Ele falou entediado. Os meninos se sentaram com a gente, e eu queria mandar a Anastácia tirar o meu sapato. Não era futilidade, era ciúme. Como se não bastasse o Vitor. E chlique por ele, eu não faria mais.

— E a sua mulher, Rodrigo? – Eu perguntei solenemente, bebendo um pouco da minha cerveja.

— Bem, nós viemos aqui para descontrair, falamos de problemas depois. – A Camila falou docemente, tocando a mão do meu irmão. Eu não sei o que me irritava mais: A Anastácia com o meu sapato. O Vitor com a Anastácia, ou o meu irmão com a Srt^a perfeita.

— Problemas? – Eu rebati, com um sorriso confuso. Ela apertou os lábios, incomodada e ainda olhou para o meu irmão, antes de responder.

— Sim, se ela não fosse um problema, certamente estaria por aqui agora. – Ela sorriu docemente. Eu fiz uma carranca, optando por ignorar. O Vitor mexia no celular, e a Anastácia mexia em seu cabelo. Eu queria cortar a mão dela.

A noite provavelmente teria sido sem maiores emoções, excluindo o meu ódio do Vitor que só aumentava devido a sua provocação. Mas eu ridiculamente passei a conversar maliciosamente com o Fernando. Ele, claro, no início pareceu confuso, mas logo me cedeu. Eu ignorei a minha sensatez, se o Vitor poderia me irritar, eu faria o mesmo.

Num momento em que a minha indignação fora maior que a vontade de deixar isso quieto porque a Luana era cegamente apaixonada pelo Rodrigo, eu tirei uma foto dele e a Camila aos beijos e enviei por whatsapp para a minha cunhada. Bem, se ela fosse um pouco sensata, viraria ex.

Não obtive resposta, naquela noite.

Não troquei farpas com o Vitor, e ele se despediu de mim com um beijo na testa. Sereno, sem dizer nada. Mas foi embora com a Anastácia.

— Isso não afeta em nada o que eu tenho com a Luana. — O Rodrigo falou para mim, enquanto a perfeitinha tinha ido ao banheiro. — Eu a amo. — Ele replicou cauteloso. Talvez fosse sincero. E talvez eu tivesse me arrependido de mandar a foto. — Isso não passa de diversão.

— Isso. — Eu falei enojada, olhando a Camila, que apenas acenou um sorriso em despedida.

— Você viu isso? — Eu perguntei ao Fernando, que acendia mais um cigarro, e assentiu, passando um braço em volta dos meus ombros.

— Isso o que?

— O Vitor! Idiota! Insiste que quer namorar, mas tem uma vadia pra cada dia da semana! Pior, a tua irmã! Que ódio! Como se isso desse a segurança de ficar com ele, como se só ele fosse gente pra se impor, como se eu não... – Eu fui interrompida, porque o Fernando me encostou a um carro qualquer do estacionamento, ficando na minha frente, próximo demais. – Fernando, é melhor... – Ele me parou, sorrindo timidamente, antes de juntar os lábios nos meus. Um calafrio percorreu meu corpo com a maciez dos seus lábios e eu me entreguei ao seu ritmo sereno, despreocupado, lento. Ainda corri as mãos por entre os seus cabelos, o trazendo mais, aprofundando mais o nosso beijo. Ignorei novamente o meu eu que pedia para parar e dizer que era um engano, mas o Vitor estava com a Anastácia, eu não queria me vingar deles. Eu só não queria ficar pensando neles.

Ele encerrou o beijo com selinhos, e eu escorei minha cabeça no carro, olhando para cima, mas fechei os olhos.

— Desculpa? – Ele perguntou, e eu deixei escapar um riso, negando com a cabeça. Eu julgava errado, eu não devia, mas fora bom. Eu não iria brigar. – Quer ir pra casa?

— Pra onde mais iríamos? – Eu perguntei e ele riu, me puxando até o seu carro.

Nós fomos para um parque, mais precisamente para a frente dele, onde tínhamos a vista de toda a cidade. Era majestosa a sensação de liberdade que se podia sentir dali. O Fernando sentou no chão, e eu fiz o mesmo, ficando ao seu lado.

— Aqui é lindo. – Eu falei, só para quebrar o silêncio.

— Eu costumo vir aqui pra... — Ele riu, parando. — Pensar. O celular não tem sinal, ninguém enche o saco.

— A última coisa que eu quero agora, é pensar. — Eu revirei os olhos, e nós rimos. — Eu sei que é tua irmã, mas o fato de ela viver pegando as minhas coisas, me tira do sério.

— A Ana sempre foi espaçosa. Mimadinha. Minha mãe quis meio que suprir a falta de um pai para ela.

— Bem, eu não tive uma mãe presente e meu pai não me deixou virar uma louca mimada por isso.

— Mas você é uma louca mimada. — Ele rebateu, e eu o olhei rancorosa. Não tive tempo de respondê-lo, porque ganhei mais beijo.

Ficamos ali até às quatro da manhã, trocando beijos e mais conversas. Não me permiti pensar sobre como eu provavelmente me arrependeria.

Quando chegamos em casa, ainda fomos ver um filme em seu quarto, onde acabei dormindo.

Acordei as nove no domingo, e fui para o meu quarto. Quis trucidar o Vitor por ainda estar ali, confirmando a sua noite com a Anastácia. Pior, num quarto que era meu. Eu o olhei enojada, e entrei no meu quarto, batendo a porta com força. Ele entrou logo em seguida.

— Sai, Vitor. — Eu pedi, abrindo a porta, mas ele a fechou, trancando.

— Ah, agora você quer ser a vítima!

— Vítima? – Eu perguntei sarcástica. – Eu não sou a vítima, Vitor. Eu sei muito bem o que eu faço, e não preciso me esconder atrás de qualquer rolo pra fugir de alguma coisa. Iludir, que é o que você faz com a Anastácia. Ou sei lá, o que vocês têm, se você não gosta mesmo dela.

— Anna, isso é sem cabimento.

— Sem cabimento é você sair daqui com raiva por eu não querer te namorar, e passar a noite num quarto ao lado do meu, com a enteada do meu pai! – Eu gritei com ele, não me importando com quem pudesse ouvir. – Porque com ela você pode ter um lance livre, comigo não.

— Anna, isso é sem lógica.

— Sem lógica é você entrar aqui querendo brigar. Eu sinto muito, Vitor. Eu odeio cogitar a ideia de mudar o que eu penso pra ficar com alguém, e eu estava disposta a tentar por você. Mas o que você fez quando eu estava quase cedendo? Resolveu me dar um tempo! – Ok, eu estava radicalizando um pouco, exagerando, mas eu não queria deixá-lo gritar e me fazer perder a razão. Pode até parecer inescrupuloso, mas ele sequer teve a chance de me jogar na cara ter ficado com o Fernando. Não que ele soubesse, mas eu estava saindo do quarto dele.

— Anna, a gente precisa conversar direito. Eu não...

— Eu não quero conversar com você! – Eu falei o óbvio. Bem, a mentira óbvia. Eu queria conversar, mas não sobre isso. Não dessa maneira.

— Porque eu quero mais, e você quer só o meu corpo.

— O teu corpo? – Eu perguntei incrédula. – Corpo, sexo, a gente acha em qualquer balada da vida, Vitor. A gente não

precisa se prender a uma pessoa só por sexo. Eu ficava contigo porque eu gostava de você. Eu não queria assumir namoro porque eu tinha medo de acabar perdendo você! E você agia como se eu ficasse com você e outros mil.

— Onde você passou a noite? – Ele perguntou baixo, frio.

— Isso não te diz respeito. – Eu resmunguei. – Vai embora. Se eu precisar de algum corpo pra me satisfazer, eu vou procurar outra pessoa. – Falei antes de entrar no banheiro, batendo a porta com força.

Capítulo 43

Tirei a roupa e entrei debaixo do chuveiro quente, me deixando chorar. Era terrível chorar com essa sensação de impotência. Era gritar para não ceder, era gritar para que ele não gritasse. Gritar pra não me arrepender de ter ficado com outro.

Depois de um banho, onde eu repensei toda a minha vida, como se isso fosse resolver alguma coisa, eu saí, e vesti um vestido de malha. Desembaracei os cabelos, mas antes que pudesse me jogar na cama, o meu irmão entrou no quarto, furioso.

— Eu vou matar você, Anna! — Ele berrou histérico. Eu me sentei logo me lembrando da maldita foto. — Como você pode ser tão ruim, cara? — Perguntou, e eu quase me senti arrependida ao ver os seus olhos avermelhados e a expressão pós-choro.

— Ela não merecia essa merda.

— Ela não precisava saber! — Ele falou com a voz falhando. Eu suspirei forte.

— Eu sinto muito. — Falei, mas não sentia. Era bem feito qualquer coisa que ela tenha feito que o fizesse chorar. Nós sabemos que a Luana vai acabar voltando, porque ela sempre voltaria. Ela o ama mais que tudo. Mas o Rodrigo precisava de um susto. Era muito óbvio que a Luana se fazia de cega, por medo de perder. E ela precisava ser mais segura nessa relação. Perdê-lo, para fazê-lo voltar inteiro, não era uma má

opção. E por outro lado, ele quem estava perdendo.

— Ela foi embora, Anna! – Ele falou, eu sabia que ele queria gritar comigo, me matar, provavelmente. Mas agora o que prevalecia era o seu medo de perder a Luana. E isso era favorável a mim. – Se fosse algo relevante. Se fosse um rolo sério! Mas você achou que podia destruir o que eu tinha com a Luana por uma vadia qualquer?

— Agora é vadia... – Eu zombei. – Eu espero que você amadureça. Você vai ser pai, a Luana te ama e não merecia o que estava engolindo por sua causa. Se coloca no lugar dela e veja se você suportaria engolir outro homem pra ficar com ela. Ela vai ser mãe, Rodrigo, ela tava do teu lado, ela estava sofrendo. Você pode achar que não, mas se ela não sabia disso, desconfiava, e engolia por amor.

— Não importa! A Camila ia embora e tudo voltaria ao normal.

— A Camila vai embora? – Eu dei um riso sarcástico. – Você deve estar livre agora. É só pensar. Você pode ter a vida de cafajeste que sempre levou de volta, e agora ainda mora sozinho. – Dei de ombros, com um sorrisinho esguio. – Ou largar tudo isso e reconquistar a loira, ficar com ela e a filha de vocês.

Como se fosse fácil decidir isso aos vinte. Curtir a juventude ou assumir de vez uma família. De qualquer maneira, eu esperava que tudo ficasse bem.

Dois dias depois a “separação” do meu irmão com a Luana, a Camila foi embora. Ela provavelmente estaria me

odiando.

Eu e o Fernando decidimos que aqueles beijos deveriam cair no esquecimento. Ele ainda brincou que eu já era complicada demais para ele se permitir arriscar.

O meu irmão voltou para casa e estava deprimido como uma menininha que leva o primeiro pé na bunda. Tecnicamente, foi o primeiro que doeu nele.

Ele sequer se alimentava o que chegava a ser engraçado, visando que há três dias ele estava transando com a senhorita perfeita.

O Vitor me manteve bloqueada no whatsapp. Tive vontade de ligar e mandar mensagem, mas me contive, era muito fácil para ele agir como a vítima.

Permanecemos nos ignorando e eu caí na realidade de que precisava focar na faculdade. Era fácil ter a ajuda do Fernando, porque a sua companhia me fazia bem. E nós poderíamos ser só amigos, sem a pressão de termos ficado.

Na terça, nós fomos visitar a Luana, parecia tão estranho que uns dias sem vê-la, me fazia notar uma diferença imensa no tamanho da sua barriga. Quando entramos em seu quarto, ela olhava dois vestidos lilás e o sapatinho branco que eu havia comprado de presente.

— Me desculpa, eu não devia, mas não aguentava mais ver o que o Rodrigo estava fazendo.

— Como ele está? – Ela perguntou, me olhando firmemente. Eu deixei escapar um riso por ela ainda se preocupar.

— Acabado. – O Fernando respondeu, porque era o que ela provavelmente queria ouvir. – Não come, não vai à aula, como você deve ter percebido.

— Deveria procurar apoio na dona perfeita. – Ela resmungou.

— Mas nós viemos te tirar um pouco de casa. – Eu falei.

— Eu to enjoada, Anna. Não quero sair. – Ela fez uma careta, passeando as mãos pela barriga. Eu olhei com carinho para ela, querendo trucidar o meu irmão por ser tão idiota. – Ah, soube que vocês ficaram. – Ela falou, sorrindo presunçosa e o Fernando riu.

— Eu precisava matar a curiosidade. – Eu falei, divertida e o Fernando riu. – Mas ele é medroso, me deu um fora alegando que eu sou complicada demais.

— Ele diz isso pra todas! – A Luana falou reverentemente. – Quer sempre sair de vítima!

— Mas quem te falou? – O Fernando perguntou e eu o olhei surpresa, porque imaginava que fosse ele. Quem mais sabia?

— O Vitor. – Ela falou como se fosse o óbvio. – Ele está frustrado, disse que não vai mais atrás e que se você quiser que vá procurá-lo.

— Que ele morra esperando. – Eu assobieei e o Fernando bagunçou meu cabelo.

— Quero ver essa frieza toda quando beber.

— Por isso mesmo que eu parei com o álcool. – Eu falei e nós rimos.

[...]

Era uma terça-feira, eu estava na casa de um amigo do Fernando com ele, e uma galera, quando meu pai ligou, mais ou menos onze da noite, pedindo para que eu fosse pra casa, urgente.

Eu normalmente não o obedeceria, porque era só para estar em casa e pronto. Ele e a paranoia sobre eu estar transando com o Fernando. Ele não sabia o quanto eu queria. Mas desta vez, o seu tom era amargo, e transpassava angústia. Nós nos despedimos do pessoal, e seguimos para casa.

Por insistência minha, nós acabamos caindo na tentação de ficar outra vez. Quero dizer, outras vezes. Lembrar-me dos nossos beijos era ouvir a sua voz marota sussurrando o quanto eu era precipitada e louca. Mas, além disso, ou melhor, não havia algo além. Eram beijos e a nossa amizade. Eu nunca imaginaria ter um amigo tão próximo como o Fernando. O resto era bônus.

Quanto ao Vitor... Eu nem sabia o que dizer relacionado a *quanto ao Vitor*. Não havia mais o que dizer, porque ele foi

orgulhoso e eu fui mais.

Não que não existisse mais a troca de olhares, ou a sua maneira ridícula de esperar que eu o procure. Como se estivéssemos nos quarenta e cinco do segundo tempo, e não pudéssemos nos perder. Ou como se eu fosse morrer, por conta disso. Ou ele.

Quando eu cheguei em casa, encontrei o meu irmão sentado no sofá, com o rosto escondido entre as mãos. Ao vê-lo chorar de maneira tão desesperada, e ver a Cris ali, apoiada ao meu pai, sem reação, imaginei que fosse algo com a Luana. Eu fui até ele, puxando uma de suas mãos, mas a me ver, ele pareceu desmoronar ainda mais, se é que era possível.

— Ei... – Eu sussurrei para ele, que negou com a cabeça, apertando os lábios e lágrimas fortes escorreram. Eu olhei para o meu pai, que se desvencilhou da Cris e se abaixou de frente pra mim.

— Filha... – Meu pai começou, e um tremor interno me sucumbiu. Olhei novamente o meu irmão, que parecia morrer num choro sem fim. – Eu...

— Foi algo com a Luana? – Eu perguntei com medo da resposta, mas ele negou com a cabeça. Eu voltei a olhar o Rodrigo, que tremia, soluçando, chegando a sufocar no choro. – Pai...

— Anna, foi a sua mãe! – O meu pai disparou, e eu franzi o cenho, não entendendo. – Ela...

— Está morta, Anna! – O Rodrigo completou como se

fosse só isso. Eu não podia explicar o que me dominou naquele momento. Era como se não fosse verdade. O tremor pareceu ficar pior, e eu sequer conseguia me mover. Respirar era algo que eu não sabia mais fazer. Andar então? Eu queria correr, porque essa coisa deveria ser mentira.

Alguma brincadeira de mau gosto deles, e esse choro ridículo do Rodrigo era só teatro. Eu tentei falar, argumentar, usar de alguma lei que contestasse essa afirmação maldita, mas a minha voz não saía, eu não sabia mais falar. Ou que fosse só um pesadelo.

Quando eu voltei à realidade, o meu pai me abraçava, como se isso fosse me proteger ou aliviar alguma coisa. Eu olhei em volta, querendo acreditar que foi só um blefe. Mas o Rodrigo ainda chorava, e foi naquele momento em que eu me deixei chorar também.

Morta.

Ela nunca havia sido uma mãe presente, um protótipo de mãe perfeita. Mas ainda sim era minha mãe. Ausente e egoísta. Mas era a minha mãe.

Eu não sei quanto tempo eu fiquei ali, chorando feito uma louca irremediável, mas foi muito. O meu pai, quando eu finalmente consegui me abster do tremor e do choro desesperado, explicou que fora um acidente de carro. Ela vinha de uma cidade vizinha e acabou sendo displicente com

a sinalização.

Quando eu tentava me lembrar dos momentos com ela, mesmo que poucos, ou superficiais, a dor parecia crescer, fazendo uma cratera dentro de mim.

Parecia clichê, mas mães deveriam durar pra sempre. Mesmo que morassem em outro país e ligasse de vez em nunca.

Segundo meu pai, nós poderíamos ir para o enterro. Eu fiquei ainda pior ao ter que enfrentar isso. Era a parte em que selava o fim. Tudo acabaria ali. Chorar não adiantaria mais, sofrer não adiantaria mais, e mesmo assim, não fazer era uma coisa impossível.

Eu me levantei, querendo ir para o meu quarto, mal conseguindo me manter de pé. Quando passei pelo corredor, para chegar ao meu quarto, parei ao ver o Vitor saindo do quarto da Anastácia. Ele definitivamente estava virando o tipo de cara que eu queria distância. Mas eu não tinha estômago para me irritar com essa idiotice que o Vitor vinha fazendo, agora.

Entrei no meu quarto, me enrolando na minha cama, fitando o teto. As lágrimas voltaram a descer fortemente, e o desespero tomou conta de mim. Era tão irreal, tão inexplicável, que eu queria sumir, ir junto.

— Anna, eu... — Eu prendi a respiração ao olhar para o Vitor, que estava parando entre a porta, e me levantei, para tirá-lo daqui. — Seu pai me falou, eu...

— Some daqui, Vitor. — Eu resmunguei, com a voz abafada pelo choro. — Eu não quero o seu apoio, vai atrás da Anastácia, por favor!

— Anna, não é hora pra...

— SOME DAQUI, INFERNO! — Eu gritei nunca me sentindo tão fraca e impotente. — EU NÃO QUERO VER VOCE, FICAR PERTO! — Continuei, descontando nele, a minha raiva, a minha perda. — Vai atrás de outra, vai ser a vítima, procurar alguém que te cede! — Eu empurrei a porta com força, me encostando à parede ao lado dela, escorregando até o chão, correndo as mãos nos cabelos, os puxando para causar dor, como se outra dor pudesse aliviar a minha dor.

Capítulo 44

O Fernando logo entrou no quarto, se sentando ao meu lado. Ele não disse nada, só ficou ali, enquanto eu me afundava no choro sem fim.

O Rodrigo pegou o primeiro voo. Eu não consegui cogitar a ideia de ir e enfrentar isso. Por mais superficial que parecesse, eu preferia ficar com as lembranças dela viva, em mim.

Os dias passaram, e eu me sentia atormentada por perdê-la e ela estar tão longe. Quis procurar culpar alguém, até o meu pai. Se eles nunca tivessem se separado, ela não teria morrido agora. Agi feito uma louca, como se alguma coisa pudesse ter impedido a merda toda.

O Vitor agia como se eu fosse obrigada a vê-lo e aceitar o seu carinho. Mas eu estava com tanto ódio do mundo e principalmente dele, que desejei a sua morte, não a da minha mãe. Dizer-lhe uma merda dessas, o fez se afastar, parar de insistir presença.

Estar com o Fernando era mais fácil, porque ele não forçava conversa, e parecia saber quando falar algo. Dizer a coisa certa para confortar.

[...]

Um mês e meio depois, com tudo mais frio em mim, eu pude analisar com mais calma toda a situação, e seguir o conselho do Fernando. Lembrar-me dela com carinho, independente de ela ter sido presente na minha vida. E isso fazia doer mais. Não tinham momentos para eu me lembrar com ela. Eram muito poucos. Eu apostava que seríamos próximas se ela não preferisse outra vida.

Era uma sexta-feira, e eu estava numa boate com o Fernando. Era a primeira vez que eu me atrevia a sair, mas o meu amigo não me deixou ficar em casa. A vida não iria parar até que eu me recuperasse, e eu precisava vivê-la. Ele ainda me fez prometer que eu não iria afundar numa depressão sem fim, porque a minha mãe certamente não aprovaria.

Eu bebia um pouco de água com gás, quando meu celular tocou, e o meu irmão gritou do outro lado: *Vai nascer!*

Eu arrastei o Fernando, que beijava uma ruiva sem sal, para a maternidade. Ignorei os nossos trajes de festa, e atraímos olhares reprovadores quando entramos na maternidade, mas que se dane.

O meu pai estava uma pilha de nervos, o que chegava a ser engraçado, ele andava de um lado pro outro com um copo cheio de café. Como se café fosse acalmá-lo. O pai da Luana

estava sentado, apenas esperando, já a sua mãe, estava na sala de parto, assim como o Rodrigo.

Logo a Anastácia chegou com o Bruno. Minutos depois o Vitor, e, eu olhei estranha ao ver a Mayara com ele.

Olhei para o Fernando, que deu de ombros, e fui atrás de um pouco de água.

— Eu sinto muito pela sua mãe. — A Mayara falou, enquanto eu enchia um copo com água. Eu a olhei, apertando os lábios.

— Eu também.

— E como anda a vida? — Ela perguntou, e eu bebi um pouco da minha água.

— Indo. E você? Não está mais com o Nicolas?

— Não deu muito certo. — Ela deu de ombros, e eu saí dali, me sentando ao lado do Fernando. Abstraí a vontade de pensar sobre o Vitor estar com a Mayara, porque ele era mesmo um canalha disfarçado de príncipe.

Eu estava cochilando apoiada ao Fernando, quando um Rodrigo histérico gritou que era mesmo uma menina. Como se a gente já não soubesse que era mesmo uma menina.

Ele chorava e gritava e ria, o que era engraçado. Depois de ver a bebê, que ainda não tinha um nome definido, e ver a Luana, eu fui pra casa com o Fernando, sob protestos do meu pai, porque ficaríamos sozinhos lá. Era algo desanexo para

ele afirmar.

O Fernando foi para o seu quarto, e eu para o meu, onde tomei um banho rápido. Passei hidratante corporal e vesti um pijama de seda rosa. Fui para o quarto do Fernando, eu tenho dormido com ele desde que... Bem, eu não conseguia estar tranquila e dormir bem, quando sozinha. E eu não tinha mais o Vitor para me distrair, já que ele agora era vítima de mim e um pegador nato.

Eu peguei o celular dele, que estava sobre a cama, fuçando as suas mensagens com a ruiva sem sal, Sara. Nome de ruiva sem sal.

Não era ciúme nem nada, mas ela simplesmente não era boa para ele.

— Eu já falei, quer dormir comigo, beleza, mas vem vestida, cara! — O Fernando reclamou, ao sair do banheiro enrolado na toalha. Eu olhei o seu corpo, ele vinha malhando mais e tomando suplementos, o que lhe deixava cada vez mais forte. Um gostoso. Para a sorte da ruiva sem sal.

— To vestida, ué. — Eu falei confusa, deixando o seu celular. Eu imaginei que ele fosse se trocar na minha frente, eu era uma pessoa meio fogosa ao extremo e estava numa seca piedosa. Já havia tentado abusar do Fernando, mas ele era forte e esperto demais para mim. Já havia cogitado recaídas com o Vitor, mas soava engraçado, por ele não iria aceitar só sexo. Eu me sentia sufocada só de imaginar o sexo maravilhoso, seguido por uma DR sobre eu não querer

assumir um namoro. Como se o que nós vivemos juntos não fosse praticamente um namoro.

O Fernando vestiu uma cueca boxer sob a toalha, e a desenrolou, se secando e a jogou sobre uma poltrona preta que ele havia colocado no quarto. Ele se deitou comigo, pegando o celular, respondendo as mensagens da ruiva, antes de me olhar.

— A Mayara disse o que pra você? – Ele perguntou, e eu bufei um riso, me aconchegando contra seu corpo, meio úmido e cheiroso.

— Que sentia muito pela minha mãe, e que não deu certo com o Nicolas. – Eu resmunguei, correndo as pontas dos dedos pelo seu peitoral. – Você fala de mim, mas também não se veste direito. – Eu reclamei, descendo o olhar para sua boxer, que ainda por cima, era branca.

— To no meu quarto. – Ele deu aquela risada marota e eu bufei um riso. – E você não conversou mais com o Vitor? – Ele perguntou e eu fiz uma carranca. Há um tempo eu desataria a falar, para desabafar. Agora, no entanto, esse assunto me deixava irritada.

— E você e a sem sal? – Eu perguntei, e ele me olhou de uma maneira reprovadora, por eu apelidar a menina.

— Já falei sobre isso. – O Fernando resmungou, e eu bufei um suspiro.

— Sara. – Corrigi a contra gosto, e ele sorriu.

— Não sei por que tá perguntando isso. – Ele riu, enrolando um dedo numa mecha do meu cabelo.

— Porque vocês já ficaram quatro vezes. – Eu falei o

óbvio.

— Nós não vamos entrar nesse assunto. — Ele falou entediado, deitando de costas na cama, apoiando um braço sob a cabeça. Eu bufei um suspiro, mas deitei minha cabeça sobre seu peito, o abraçando. Era meio que um vício dormir assim, mesmo que depois de adormecida, eu mudasse de posição. Eu olhei o Fernando, que não demorou a dormir, e analisei o porquê de querer tentar abusar dele. Não era como eu fazia com o Vitor, os sentimentos eram completamente distintos, apesar da situação parecida. Com o Vitor eu sequer conseguia explicar, aqui com o Fernando eu sabia que era só desejo. Eles eram completamente diferentes, talvez. E isso me instigava. Melhor, saber que o Fernando também não curtia relacionamentos me deixava segura em querer agarrá-lo. E ser parcialmente rejeitada, me deixava querendo ainda mais.

Por outro lado, eu não queria levar as coisas para outro nível e estragar a nossa amizade. Era um risco, no entanto. Nenhum outro, nenhum amigo esteve ao meu lado como o Fernando, e a última coisa que eu precisava era estragar tudo.

Mas eu simplesmente ignorei a minha razão, e fiz com ele exatamente o que eu faria com o Vitor, enquanto ele dormia. Os seus lábios macios me faziam cócegas na alma, e ele, ao contrário do que eu imaginava, nos virou de uma vez na cama, me fazendo grunhir com o susto. Eu tentei soltar as minhas mãos, mas ele riu de uma maneira sarcástica, negando com a cabeça, antes de juntar a boca na minha. Eu

correspondi ao seu ritmo eloquente, tentando soltar as minhas mãos, mas era em vão. Eu me sentia controlada por ele, porque tinha as mãos presas, e isso chegava a me irritar. O Fernando pela primeira vez entre os incontáveis beijos que eu conseguira, deixou seu corpo rente ao meu, e como eu não tinha as mãos livres, enrolei as pernas em volta do seu corpo, sentindo a sua ereção. Era algo angustioso, porque eu sabia que ele me deixaria na vontade.

Ele foi encerrando aos poucos, voltando a me dar beijos rápidos, e roçar nossos lábios e isso foi me deixando excitada. Eu gemi fraca, quando ele soltou uma das minhas mãos para afastar meu cabelo do meu rosto, e eu aproveitei para puxar o baby-doll para cima, apertando mais as minhas pernas em seu corpo. Ele gemeu o que pareceu involuntário e juntou nossas bocas outra vez.

— Isso não é certo. — Ele falou contra minha boca, entre os beijos. — Me manda parar, Anna.

— Eu não quero que você pare. — Eu sussurrei, imaginando nós dois em algo mais íntimo. Ele apertou os olhos, roçando nossos lábios, os seus tremiam quando ele levou uma mão por entre os nossos corpos, acariciando minha intimidade sobre a calcinha. Eu sorri, não acreditando que conseguiria, finalmente. O Fernando afastou a minha calcinha para o lado, correndo os dedos em meu sexo, e eu gemi, querendo mais.

— Isso soa tão errado e... — Ele começou e eu o parei com um beijo, mas a Anastácia nos parou, ao abrir a porta.

— Ela está aqui! — Ela gritou, e o Fernando riu. — Que nojo de vocês. — Ela resmungou, puxando a porta.

— Obrigado, Deus. — Ele falou, tomando uma respiração profunda.

Eu fiz uma carranca, e fui para o meu quarto, odiando a Anastácia.

Capítulo 45

Quando levantei, depois das duas da tarde, fiz minha higiene, e fui para a cozinha. Como estava mais calma, raciocinando coerentemente sem a excitação inebriando o cérebro, eu me senti envergonhada ao encontrar o Fernando sentado à mesa. Eu peguei leite na geladeira, cereal, e despejei numa tigela, me preparando para ir ao quarto.

— Se quiser ir ver a Luana, eu vou pra lá daqui a pouco.
— O Fernando falou antes que eu saísse da cozinha. Eu assenti, e fui para o meu quarto.

Comi e troquei de roupa, vestindo um short jeans claro, com uma blusa *cigana* estampada. Calcei uma rasteirinha e passei perfume. Prendi o cabelo num rabo frouxo e peguei o meu celular. O Fernando estava na sala, e eu respirei fundo, disposta a quebrar a parede que estava se formando entre nós dois. Eu me sentei ao seu lado, o puxando para um abraço forte.

— Me desculpa. — Eu sussurrei, me afastando um pouco para deixar um beijo na sua bochecha, mas quando o fiz, ele virou o rosto, encontrando nossas bocas. O que eu fiz? O beijei de volta, porque eu era fraca mesmo, manipulável mesmo.

— Tudo bem. — Ele sussurrou, selando nossos lábios demoradamente. Quando eu me afastei, encontrei o meu pai nos olhando com os braços cruzados, e a expressão séria.

— Oi, pai. — Eu falei, envergonhada. Que explicação eu

teria para ele? Que nós éramos só amigos, mas eu estava louca para transar com ele? Por favor, era mais que patético.

— Eu já avisei que não quero vocês dois dormindo juntos, não é? — Ele perguntou prepotente, e o Fernando deixou escapar um riso. — Não vejo nada engraçado, Fernando.

— Desculpa. — O Fernando falou, suspirando para conter o sorriso.

— São só amigos... — O meu pai resmungou, negando com a cabeça. — Acham que os pais são idiotas... — Ele saiu, resmungando.

Nós fomos para a maternidade. Passamos para ver a minha sobrinha, Luísa, no berçário. O Rodrigo estava todo orgulhoso. E depois fomos para o quarto da Luana, que parecia exausta.

— Cansada, mas tão feliz... — Ela falou, sorrindo. — Ela é tão perfeitinha!

— Ela é linda demais. — Eu falei toda emocionada. Ficamos mais um tempo ali, mas eu quis ir embora, quando o Vitor chegou.

— Me evitar não apaga nada, Anna. — Ele falou, quando eu tentei ignorá-lo.

— Você pegar a Mayara também não. — Eu retruquei, mas ele me segurou pelo braço quando eu ia saindo. — O que você quer?

— Você deveria agir como uma pessoa madura e conversar comigo. — Ele falou, como se fosse simples assim, e eu deixei escapar um riso incrédulo.

— Sobre o que exatamente? – Eu indaguei, o encarando minuciosamente. – Você passar noites com a Anastácia, ou estar com a Mayara? Por favor, Vitor, eu não tenho mais tempo pra perder contigo. – Resmunguei, puxando meu braço com força para sair dali. O Fernando me esperava no carro, mas não comentou nada sobre a palhaçada do Vitor. Nós passamos num bar, e matamos o resto da tarde ali, tomando cerveja.

Quando chegamos em casa, depois das nove da noite, meio embriagada devido a cerveja, dei de cara com uma Anastácia calçada no meu Louboutin. Era inexplicável o ódio que eu sentia por ela mexer nas minhas coisas, e pior, o Vitor estava sentado no sofá.

— Eu acho melhor você voltar e trocar o sapato. – Eu falei com ela, que me lançou um sorriso *meigo*.

— Eu acho melhor você não procurar briga, porque é só um sapato. – Ela retrucou solenemente, e eu bufei um riso. Eu pensei que o Fernando fosse me parar, porque ele sempre me impedia de protagonizar uma briga horrorosa com a Anastácia, porque era sempre só o sapato. Mas não era só o sapato. Era um presente da minha mãe, e ela iria usar um presente da minha mãe, para sair com o Vitor. E isso deixava tudo dez vezes pior.

— Anastácia, eu já to cheia disso! – Eu resmunguei, mas quando ameacei ir até ela, o Fernando me segurou, suspirando forte.

— Ana, vai tirar a porra do sapato, que não é teu. – Ele falou, prepotente. – Chega ser ridícula a maneira como você abusa das coisas dos outros. – Ele resmungou, me puxando

para o seu quarto. Eu me joguei na cama, onde despejei o meu ódio pelo Vitor. Falei e falei, desolada enquanto o Fernando tomava banho.

— Esse teu ódio é amor. – Ele provocou, pegando uma roupa e voltando para o banheiro. – Eu não sou a favor de vocês, não, mas você deveria conversar com ele, sim. Ou continua o rolo confuso de vocês, ou põe um ponto final de uma vez.

— Fernando, por favor. – Eu pedi, incrédula. – Você viu o que o Vitor está fazendo? Ele saiu com a Mayara! Que horror, a Mayara! Eu já tinha dito que mandaria matá-lo se algum dia ele ficasse com ela! Ele desconsiderou isso completamente!

— Anna, pra vocês isso é uma bomba, mas pra ele, ele só ficou com alguém. – O Fernando falou como se fosse simples assim, me deixando irritada.

— É muito fácil você querer explicar dessa maneira.

— Meu deus, menina. – Ele deu risada. – Você perde muito tempo sendo orgulhosa, e não resolve nada com isso.

— Eu não to acreditando que você vai começar a defender o Vitor! – Eu falei horrorizada. – Fernando, você viu! Ele ficou com a Mayara! – Eu falei, tão irritada e o meu amigo riu. Eu nem falaria sobre a Anastácia, para não ouvir sobre como isso não é algo relevante.

— Você não sabe se eles ficaram.

— Claro – Eu bufei um riso. – Ele ia aparecer na maternidade com ela, porque de repente, eles viraram amigos.

— Eu vou te falar só uma coisa. – Ele falou solenemente. – Conversa com ele, procura. Faz a tua parte, se depois ele

fizer merda, pelo menos você terá um argumento.

— Não.

— Anna, então fica aí resmungando e sofrendo por causa disso a vida toda. – Ele falou impaciente.

A semana seguiu de uma maneira tão estressante, que eu queria ser sugada por algum buraco na Terra. Pedir demissão do mundo. Era como se ninguém conseguir absorver o meu ódio pela Anastácia, e a sua maneira doce de ser provocativa. Ainda mais agora, que o idiota do Bruno apareceu namorando uma menina que segundo a Anastácia, não presta. Isso aumentou a sua posse com o Vitor, e consequentemente, piorou a nossa relação. A coisa estava tão baixa entre nós, mas mesmo assim, ela ainda ousava em sair com o meu sapato.

— Se você ousar sair daqui, de novo, calçada no meu scarpin, eu vou quebrar ele na sua cabeça, Anastácia! – Eu falei furiosa, quando ela ia saiu do seu quarto.

— Eu acho legal você amadurecer. Relacionamentos terminam, e o Vitor não é tipo seu. – Ela falou, como se a merda agora fosse sobre ele, e eu bufei um riso.

— Ótimo que não seja. Na verdade nunca foi, então você vai tirar o meu sapato! – Eu fui aumentando o tom da voz gradativamente e ela riu. Antes que ela voltasse a falar, destilando o seu cinismo, a Cris saiu do quarto, nos olhando confusa.

— Tudo bem por aqui? – Ela perguntou, se aproximando de nós, e eu a olhei.

— A Anna quer brigar por uma droga de sapato! – A

Anastácia resmungou, e eu suspirei forte.

— Ana, nós já conversamos sobre isso. – A Cris falou, cautelosa. Ela agia como se a Anastácia não pudesse ser contrariada.

— Mas mãe...

— Anna, não é só um sapato, amor? – A Cris falou para mim, ela ia continuar falando, mas eu desisti dessa merda, e de como o meu pai havia perdido o controle da casa, e entrei no meu quarto, batendo a porta com força.

Capítulo 46

Há uns dias, o Rodrigo havia recebido um e-mail do marido da minha mãe, para nos informar sobre a venda de alguns imóveis que a minha mãe possuía. Nós não imaginávamos que ele fosse dispor algo para nós dois, mas segundo o Rodrigo, receberíamos uma boa quantia. Como se isso fosse suprir a falta. Era meio irônico, porque antes de tudo, eu não pensava em manter contato, tomar a iniciativa de procurar. Depois da perda, eu imaginei mil maneiras de tê-la aproveitado como mãe.

Pensando que por agora, eu não tinha visão de algo para investir, senão a faculdade, ou alguns outros cursos, porque eu conseguia tudo com facilidade graças ao meu pai. Do essencial ao supérfluo, eu liguei para o Rodrigo. Eu entraria em guerra com o meu pai, mas eu precisava de um tempo fora. Não era uma maneira de fazê-lo escolher entre mim, e a nova família. Ele gostava da Cris, e não cabia a mim, julgar isso. Nem de fugir. Mas eu precisava respirar. Sair desse inferno que a convivência virou.

Eu tinha mil motivos para desgostar da Anastácia. O Vitor, o seu jeito doce, mas falso. A sua maneira de querer ser sempre a vítima. De fazer beijos e dengos para que sua mãe não a contrariasse. Mas o único argumento que eu sempre poderia usar era as minhas coisas que ela vivia pegando.

Tomei um banho rápido, e vesti um short de cintura alta, detonado com o top cropped preto, rendado, calcei uma rasteirinha e peguei emprestado o carro do meu pai, para ir até o apartamento do Rodrigo, ver a minha sobrinha e conversar com ele.

Ela era tão pequena e branquinha, que só de olhá-la uma sensação gostosa de paz me dominava. O Rodrigo estava se saindo um belo paranoico, porque não deixava ninguém segurá-la.

— Eu não acho que alguém possa segurá-la, sem deixar que ela caia. Pior você, Anna, o desastre em pessoa. — Ele falou, pegando a Luísa do berço, para garantir que eu não fosse mesmo pegá-la no colo. Nem o meu pai ele deixou segurá-la.

— Você deveria ser mais calmo. — Eu falei, rindo. — Em pensar que você não queria, disse que não era bem vinda, queria que a Luana abortasse. — Eu o lembrei, mas ele aninhava a Luísa.

— Eu era um idiota. — Ele falou, sorrindo para a filha e eu dei risada pela sua babação com ela.

— Eu fico impressionada como esse homem tá, Anna. — A Luana falou, ao entrar no quarto, e eu a olhei, sorrindo por concordar. — Quando eu vou amamentar, ele fica em cima, me monitorando. Age como se tivesse alguma experiência.

— Eu pesquisei sobre o assunto. — O Rodrigo falou, mas a verdade é que ele não relevava a nossa implicância com ele. — O Roberto fez a transferência no banco. É uma boa quantia, digo, muito boa mesmo. — Ele deixou escapar um riso.

— Eu queria falar com você sobre isso. — Eu falei, suspirando forte. O Rodrigo me olhou cauteloso, e entregou a Luísa para a Luana. Nós fomos para a sala, e nos sentamos ao sofá.

— Diz... — Ele pediu, suspirando.

— Eu queria fazer uma viagem, e preciso da sua ajuda. — Eu falei de uma vez.

— Anna, não é minha ajuda, porque é algo nosso. — Ele explicou, e eu assenti. — Pra onde?

— Eu não sei. Eu queria sair um pouco de casa, tá um inferno lá. A Anastácia é o cão!

— Vocês são crianças, quando não é o Vitor, é o sapato, aposto.

— Rodrigo, ela faz pra provocar. — Eu argumentei incrédula, correndo as mãos pelos cabelos. — Mas nem é só isso. A Cris age como se a Anastácia fosse quebrar se for contrariada. Eu to cansada de ouvir: Anna, amor... E alguma desculpa onde a Anastácia tem vantagem. Eu sequer to conseguindo estudar. Você já viu as minhas notas na faculdade? Um horror! Mas a Anastácia é a exemplar!

— Anna, calma. — O Rodrigo riu da maneira rápida e sem pausa que eu falei, chegando a arfar. — Quer vir passar um tempo aqui?

— Que? — Eu perguntei confusa. — Não, por favor, eu só quero sair daqui um pouco, espairecer.

— Fugir. — Ele presumiu, mas eu neguei com a cabeça.

— Não, eu não tenho nem do que fugir. Eu só to cansada. E agora que a gente não tem mais a mamãe, ela faz tanta falta. — A minha voz falhou no fim da frase, e eu funguei,

tentando fazer com que as lágrimas voltassem. O Rodrigo tentou se aproximar e me puxar para um abraço, mas se ele o fizesse desataríamos num choro sem fim, e eu não queria isso, então levantei, limpando o rosto e tomando uma respiração profunda.

— O Roberto sugeriu que a gente investisse em algum imóvel, pra garantir. Você não quer sair de casa?

— Não, sei lá. – Eu falei confusa.

— Aluga um apartamento, mesmo que o papai não concorde, a gente pode cuidar disso.

— Rodrigo, eu quero só sair por um tempo. Morar sozinha me deixa em pânico, ainda. – Eu falei convicta, e respirei fundo mais uma vez.

— Escolhe o lugar, eu não to aqui pra te impedir de nada.

Para o meu azar, encontrei com o Vitor, quando estava saindo do prédio. Eu iria ignorá-lo, porque segundo eu, eu estava no meu direito de odiá-lo, mas ele veio até mim, bloqueando a minha passagem. Quero fazer, eu tinha um bom espaço para recuar, mas fiquei e o encarei. Se ele quisesse conversar, nós conversaríamos. Acabaríamos com essa merda toda que viramos de uma vez.

— Anna, fugir assim não leva a gente a lugar nenhum. – Ele falou, me deixando irritada por agir como a vítima.

— Tudo bem, Vitor. – Eu resmunguei, apertando as chaves do carro, como se isso me desse um alicerce. – Vamos conversar, se você acha que isso muda algo.

— Eu não consigo entender como você consegue ser tão fria! – Ele ralhou, bufando e eu forcei um riso. A verdade era

que a nossa relação, se é que podemos chamar assim, deu uma reviravolta, e eu, que antes estava morrendo de medo de perdê-lo, agarrando qualquer oportunidade de *seduzi-lo*, agora queria só que as coisas esfriassem. Ou simplesmente se ajeitassem. Ele parasse de pressionar, como se tudo se resumisse as suas imposições.

— É incrível! Eu nem to te reconhecendo mais, Vitor. – Eu falei, negando com a cabeça. – É muito fácil pra você. É contrariado e procura outra. Eu nem consigo acreditar que você ficou com a Mayara.

— Eu não fiquei com ela. – Ele resmungou, friamente.

— E passar noites com a Anastácia!

— Você dorme com o Fernando. – Ele rebateu, como se fosse comparável. Eu suspirei forte, olhando em volta, e cruzei os braços. – Anna, me desculpa. – Ele pediu, desviando o olhar, mas voltou a me encarar logo em seguida. – Eu to sendo um idiota, eu perdi o controle contigo. Eu não sei em que momento as coisas estragaram entre nós, mas eu acredito que a gente possa consertar.

— Consertar? – Eu zombei. – Pra você começar a me pressionar, ou pirar com os meus amigos...

— Anna, você age como se eu sentisse um ciúme sem cabimento!

— Vitor, eu não quero mais. – Eu falei, sem coragem para continuar o olhando. – Não estava dando certo pra ninguém. Você chegou a dizer que eu só te usava, e isso foi humilhante. Já passou do tempo que a gente ficar junto fazia bem, e sinceramente, eu não acho que dê pra consertar. Pelo menos não por agora.

— Eu to chegando à conclusão que o problema é você. — Ele falou, negando com a cabeça. — Se acha a rainha da razão, não sabe ceder. Você prefere por um fim, que assumir a tua parcela de culpa. Eu to assumindo, eu fui um idiota. Eu cometi contigo, erros que eu abominava Anna. E tudo porque você me deixou frustrado, por nunca conseguir acompanhar a tua linha de raciocínio.

— Isso é completamente sem lógica! — Só faltou eu gritar, irritada. — Vitor, você ficou com a Mayara! — Eu o lembrei, rindo incrédula, gesticulando. — E isso que me deixou ainda mais resignada a te esquecer! Eu relevava a merda com a Anastácia. Ela não era um problema, porque ela tem o ex! Ela se faz de apaixonada por você, mas é pra provocar o ex! Agora a Mayara...

— Eu não fiquei com ela. — Ele resmungou, falando rapidamente. Eu o encarei, esperando uma explicação melhor. — Eu não transei com ela. — Ele falou contrariado. — Mas isso não tem importância, por favor, Anna. A gente pode... — Ele parou de falar, dando um passo na minha direção, e eu dei outro pra trás. Ceder a isso, a qualquer carinho dele, levaria a baixo esses meses todos sem contato. A saudade que já não doía mais voltaria a me atormentar e eu acabaria o que? Isso mesmo, eu iria pra cama com ele, que iria cismar com a história de namoro outra vez.

— Vitor, eu quero uma pessoa com os mesmos objetivos que eu.

— Com esses teus objetivos de só sexo casual, ninguém nunca vai suportar ficar contigo! — Ele falou o óbvio. — A não ser um canalha qualquer que só queira te usar.

— Tá aí! — Eu falei, irritada. — Você pode usar a

Anastácia, porque não fez a mesma coisa comigo?

— Porque eu gosto de você! — Ele falou enfático, quase me interrompendo, e eu desviei o olhar dele, mais uma vez. Um silêncio se instalou entre nós, até que ele voltasse a falar. — Eu passei aquela noite no inferno, sabendo que você estava sofrendo a perda da tua mãe e sem poder ficar contigo. — Ele falou, e eu engoli seco, com a angústia que esse assunto me trazia.

— Você estava com a Anastácia, ficar perto de você só ia me deixar pior. — Eu falei, com a voz traidora falhando.

— Eu não gosto dessa vida vazia que to levando Anna. — Ele falou, e eu deixei que se aproximasse mais. — Passar as noites contigo me faz muita falta, pra você não?

— Vitor, eu preciso ter um tempo. — Eu falei, cedendo ao seu abraço, mas não correspondendo. — Ao contrário do que você pode pensar, eu não pensei sobre nós dois esse tempo todo. Eu só ignorei. E eu não sei mais se eu quero levar isso.

— Olha, se lembra de tudo que a gente passou junto. Não vale a pena apagar isso. — Ele falou, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, aproximando nossos rostos. A minha respiração falhou, e com o último resquício de força de vontade, eu desviei do seu beijo.

Eu fiquei longos minutos dentro do carro, tentando me acalmar. Seria tudo tão mais fácil se eu simplesmente cedesse e deixasse que tudo ficasse bem! Eu não sabia mais o que estava acontecendo comigo.

Procurei alguns hotéis em uma ilha que segundo o

Fernando, eram calmas. Eu queria a sua companhia, mas ele tinha uns compromissos *inadiáveis*. Depois de fazer a reserva num hotel da tal ilhazinha, eu liguei para o Rodrigo, o informando de tudo. Eu iria na quinta-feira, e passaria uma semana. Talvez. Eu nunca havia viajado sozinha, então não sabia dizer como seria a experiência, e se eu conseguiria ficar muito tempo, longe.

Depois de tudo acertado com o meu irmão, eu fui avisar o meu pai, que estava na sala, com a Cris e a Anastácia, que se exibia por uma prova na qual ela havia tirado uma excelente nota.

— Anna, você não pode simplesmente decidir que vai viajar sozinha. — O meu pai falou, surpreso. Eu suspirei fundo, para manter a calma.

— É só uma semana, e eu não to indo pra um campo de guerra.

— Anna, amor... — A Cris começou, e eu bufei um riso.

— Enfim, eu to só avisando, não vim pedir permissão. Eu vou depois de amanhã, ok? — Avisei, voltando para o meu quarto. Ainda tive tempo de ouvir alguma alfinetada da Anastácia, mas ignorei.

Comecei a arrumar as coisas, mas logo deixei e fui para o quarto do Fernando, onde conversamos até que eu pegasse no sono.

Acordei na manhã seguinte, e ao pegar o meu celular, notei uma mensagem do Vitor.

“bom dia ;)”

Eu franzi o cenho, confusa, e deixei o celular, indo tomar um banho. Me vesti com uma calça jeans despojada, e uma camisa jeans. Calcei uma sapatilha e preendi o cabelo num coque frouxo. Passei só um rímel e blush, e peguei as minhas coisas, seguindo para a faculdade. No caminho, ainda olhei a mensagem do Vitor, não entendo o propósito daquilo, depois de tanto tempo.

Assisti a duas aulas, mas a inquietude me dominava, então saí dali e fui ao shopping. Matei o meu tempo em comprar algumas bobagens, olhar a mensagem do Vitor, comer algumas bobagens, olhar a mensagem do Vitor, e fui pra casa. Eu estava enlouquecendo, só pode.

Não havia ninguém em casa, então eu aproveitei a paz para terminar de arrumar tudo com calma, para não me esquecer de algo superimportante.

Quando o Fernando chegou, eu tentei convencê-lo a ir comigo, mais uma vez.

— Eu adoraria, de verdade, mas essa semana realmente não dá. — Ele falou, torcendo a boca. — Faz assim, deixa o nome e o endereço do hotel, que lá pra quarta-feira, eu dou um jeito de ir. — Ele sorriu para mim, que vibrei com a ansiedade, assentindo. — Anna, eu encontrei o Vitor na lanchonete. — Ele falou, quando eu ia saindo do quarto, me fazendo parar. — Ele diz estar arrependido, e querer consertar as coisas contigo. — O Fernando continuou, e eu me virei

para ele.

— Depois desse tempo todo, ele quer consertar as coisas comigo? – Eu perguntei sarcástica.

— Eu o acho um babaca controlador, mas você não é lá uma santa. Você não quer consertar – Ele fez aspas com as mãos. – as coisas com ele?

— Fernando, o Vitor não vai consertar nada. Primeiro que não dá pra consertar. Seria esquecer a merda toda e recomeçar, e segundo que ele não me espera. E não presta. Ele leva tudo rápido demais. E eu não to falando de tempo, to falando do meu tempo, da maneira como eu levo as coisas. – Eu expliquei, mas essa ladainha já era repetitiva. – Eu vou viajar, espairer, porque a tua irmã pira qualquer mortal decente.

— Vocês são duas loucas. – Ele zombou, e eu saí do seu quarto.

O meu pai tentou me fazer desistir de ir, mas eu o ignorei. Era muito fácil não me defender, e deixar a merda correr solta. Eu acreditava que a Cris não concordava e pelas suas reações se sentia até envergonhada pelos shows da Anastácia comigo, mas nem por isso deixava de defendê-la. O meu pai deveria fazer o mesmo. E eu estava chateada com ele.

— E se essa merda continuar assim, eu vou sair de casa. – Eu resmunguei, imaginando que iniciaria uma briga sem fim, mas ele relaxou os ombros, me olhando desarmado.

— Filha, eu não imaginei que iria interferir tanto na sua vida, me casando outra vez.

— Não. — Eu estalei os lábios, pela sua maneira malevolente de falar. — Não é o casamento, é a Anastácia! Eu não to me opondo a Cris, o problema é só a filha dela. Eu prefiro sair daqui, a acabar com o seu casamento, porque a convivência nessa casa tá um caos. — Eu resmunguei, entrando no banheiro para pegar escova de dente e um perfume que eu ainda não havia guardado. O meu pai me levou a rodoviária, e eu me senti a pessoa mais nervosa do mundo, por estar indo sozinha. Era um grande passo, por ser a primeira vez. E essas coisas de primeira vez, são sempre complicadas.

Eu odiei não ter notado que teria que embarcar numa lancha para chegar a tal ilha, porque isso me deixava enjoada.

Quando cheguei, olhei em volta, o lugar bonito, mas o tempo estava nublado. Baita sorte chegar num lugar desses e chover.

Procurei pelo hotel, e logo estava no meu quarto. Era fútil, feio, patético, mas eu estava me sentindo a *rica*, por estar num quarto maravilhoso e, sozinha. Bem, a parte do *sozinha* soava meio solitário, mas eu espantei esses pensamentos e fui tomar um banho.

O meu irmão ligou, para saber se estava tudo bem, mencionando o quanto o papai estava chateado comigo e a minha mudança repentina. Segundo ele, eu era outra pessoa.

— Isso foi por ter que morar com a vaca da Anastácia! —

Eu falei incrédula e o Rodrigo riu.

— Qualquer coisa liga, Anna, e muito juízo aí.

— Tudo bem, beijo. – Eu falei, assoprando beijos para ele, antes de desligar.

Tomei um banho quente e demorado, e vesti um pijama, aproveitando à tarde chuvosa e o cheiro aconchegante que ela trazia. Peguei o meu notebook, aproveitando para fazer uma breve pesquisa sobre o local, mas acabei dormindo.

Capítulo 47

Acordei, com a intenção de pedir o jantar no quarto, mas desci até o restaurante. A sensação que eu tinha, era de pessoas me olhando como se eu fosse estranha, por estar sozinha num restaurante.

Na manhã seguinte, eu levantei antes das dez, e coloquei um biquíni. Apesar da tarde chuvosa, o tempo estava ensolarado, agora. Coloquei uma saída de praia por cima, e óculos de sol, algum dinheiro e o celular.

Liguei para o Fernando, o fazendo prometer outra vez que viria. Era legal estar sozinha, pela sensação de liberdade e paz, que eu não sentia há séculos, por causa da Anastácia, mas ainda sim, uma pessoa comigo fazia falta.

Dei uma volta pelas lojinhas que haviam por ali, e acabei comprando algumas bobagens, bem como essas lembrancinhas locais e um porta-joias de conchas, porque era uma graça.

Quando voltei para o hotel, depois de almoçar num restaurante com comidas típicas baianas, subi para o quarto, cansada.

Estava quase dormindo, quando recebi uma mensagem do Fernando.

“você vai querer me matar, mas foi pro seu bem. Ou

não, né. Mas segue o teu coração, amorzão. Te amo!”

Eu olhei confusa, para a mensagem, e logo digitei uma resposta.

“o que?”

Ele não respondeu de imediato, e eu pedi um suco de morango com um sanduiche natural. Era muito mimo poder ter o que eu quisesse no quarto. Mesmo que a quantia paga para isso fosse *salgada*.

À noite, eu saí meio amedrontada por estar sozinha, então não levei nem o celular. Me sentei num barzinho todo rústico, e pedi um coquetel de frutas. Rolava música ao vivo, e estava bem movimentado.

Eu evitei pensar no Vitor, colocando na cabeça que ele era assunto encerrado para mim, assim com o Nicolas. Ainda tentei pensar no Fernando como alguém possível, mas ele era quase igual a mim em termos de medo de se apegar e relacionamentos, e me negava. Era forte, por recuar mesmo tendo a mesma vontade que eu. Eu poderia ouvi-lo dizendo que eu era complicada demais, para ele nos arriscar. Patético. E sempre que eu conseguia induzi-lo, alguém nos interrompia. Éramos amigos, e umas coisinhas casuais não nos fariam mal algum.

Bem, a coisa com o Vitor começou *meio* assim também. A

diferença é que ele era diferente do Fernando.

Eu estava sucumbindo à música gostosa, bem numa parte que dizia “*é Deus, parece que vai ser nós dois, até o final...*”.

E coisa toda sendo a voz e violão me encantava ainda mais.

Depois da música, eu analisei também o *músico*. Os cabelos castanhos e as tatuagens que cobriam todo seu braço esquerdo, e a maneira marrenta como ele cantava. Era muito bonito, mesmo, mas eu não pude continuar analisando o bonitão da voz gostosinha, porque um Vitor cheiroso se sentou ao meu lado.

O Fernando tinha razão.

Eu iria matá-lo!

Eu deposei o copo longo da minha bebida com força sobre a mesa, e o olhei, furiosa.

— O que você tá fazendo aqui? – Eu perguntei a coisa mais óbvia e ele sorriu, inclinando a cabeça para o lado.

— Lutando por você. – Ele respondeu, simplesmente. Por um momento, eu quis rir. Sério, rir para dissipar a raiva que crescia em mim.

— Então é simples assim. Você força uma merda de namoro, eu enrolo um século e quando finalmente decido que quero, você diz que eu preciso de um tempo. Depois, como se não bastasse, você passa a dormir com a enteada do meu pai, num quarto ao lado do meu. Pra piorar a sua situação, Vitor, você aparece na maternidade, no dia que a Luana tem o bebê, com a Mayara! E agora acha que um “estou lutando por você” – eu falei fazendo aspas com as mãos e uma voz enojada. – pode mudar tudo?

— Sim, eu acho. – Ele sorriu docemente.

— Não seja tão falso e condescendente, Vitor. Eu não sou uma idiota romântica que vai aceitar as suas desculpas e fofuras pra te ter de volta. Então se você veio aqui, achando que mudaria algo, você perdeu o seu tempo! – Eu fui falando, irritada de modo que a minha voz foi aumentando gradativamente e quando terminei de falar, saí dali, andando rápido e pisando forte, como se isso fosse aliviar a minha tensão.

O Fernando era outro, idiota! Filho da puta! Não, irmão de uma puta! Ah, que ódio! Como se ele pudesse interferir na minha vida, dessa maneira. Se ele quisesse me ajudar, realmente, teria tido mais ganhos positivos fazendo sexo comigo.

— Anna, isso que você tá fazendo, esse teu orgulho bobo não te leva a nada! – O Vitor falou, correndo até me alcançar, e eu bufei um riso, me virando para ele.

— Ao contrário, não é orgulho. É bom senso. – Eu sorri, de uma maneira sarcástica. – Você quer controlar as coisas e nem sabe fazer isso direito. Você meteu os pés pelas mãos

porque não soube lidar comigo, e agora quer de repente, tentar de novo?

— É, eu quero de repente, tentar de novo. – Ele riu, e eu olhei envergonhada para um grupo de pessoas que nos olhavam.

— Vitor, eu não quero namorar. – Eu falei, mais alto, como se aumentar o tom da voz, o fizesse entender isso de uma vez. – Eu tenho pavor. Você consegue entender isso? Pavor da mesmice, do habito e da necessidade do outro. De despejar isso pra todo mundo em forma de namoro. E você não entende. Eu já tentei uma vez, e deu errado. E você fez a mesma merda que ele, no fim. – Eu dei de ombros.

— EU NÃO TRANSEI COM A MAYARA! – Ele gritou, e eu o olhei assustada, porque tinha gente nos olhando. Eu me virei pra sair dali, mas ele me puxou pelo braço. – Anna, eu...

— Você teve o tempo inteiro pra querer tentar de novo, e só porque agora, o que eu quero com o Fernando deve ter chegado a você, você decidiu agir. – Eu despejei, porque era o que eu realmente achava. E ele ficou quieto. – Estava tudo bem, quando tudo não passava de um beijo. É muito fácil pra você ter todo tipo de informação através da Luana e o meu irmão.

— Anna, não é dessa maneira.

— E como é então, Vitor? – Eu indaguei, prepotente e ele bufou um riso.

— Eu acho que ele seja um bom amigo pra você, mas eu tenho ciúme. – Ele começou, cauteloso. – E que a gente pode entrar em um acordo sobre namorar não namorando.

— Você é muito cínico! – Eu ri, tão incrédula e me soltei.

— Se você sair, eu vou começar a gritar.

— Isso, banque o louco. Quem sabe não te internam e te levam daqui? – Eu ralhei com ele, que deu um risinho, dando um passo para trás.

— A gente tem uma coisa tão nós dois, Anna, foi tão especial, tão forte, e eu estava deixando isso se perder, só por ter raiva de você ser tão orgulhosa. – Ele falou, me olhando cauteloso, como se isso fosse me amolecer. Eu cruzei os braços e ergui o rosto em prepotência, algo que o fez rir. – Eu acho que qualquer pessoa merece uma segunda chance, eu não?

— Para com isso, vai! – Eu pedi, batendo um pé no chão em agonia, por ele conseguir me deixar tão confusa. Aonde vai parar a razão numa hora dessas? E aquela coisa resignada de ser forte e seguir em frente? Eu queria matar o Fernando.

— Eu sinto tanto a tua falta. – Ele falou, se aproximando e me puxando pela cintura, deixando os braços em volta do meu corpo. – Eu quero tanto poder fazer as coisas direito contigo, dessa vez.

— As coisas não funcionam assim. É muito prático você querer que as coisas fiquem bem. Isso é egoísmo, Vitor. Você carrega uma bagagem que eu não sei se eu quero compartilhar. Você tem uma ex que se dispôs a ser amante do meu irmão, você transava com a Anastácia debaixo do mesmo teto que eu estava. Você saiu com a Mayara. Independente de terem ou não ido pra cama, não importa. Você ficou com ela, e isso pesa ainda mais.

— Eu fui um idiota, mas eu não sou esse cara. Eu não faço esse tipo de coisa.

— Você fez, assume que você é esse cara. Todos são, a coisa toda é só questão de oportunidade pra ser. É mimado, ficou frustrado por não conseguir me controlar da maneira que queria, ficou assustado quando eu de uma hora pra outra quis ceder.

— Anna, você não estava falando sério. Você queria transar comigo. – Ele riu sarcástico e eu lhe olhei incrédula.

— Eu preciso só de um tempo sozinha, me dá essa noite. A gente conversa amanhã, tudo bem? – Eu pedi, vendo que agora, nossa conversa não teria uma conclusão.

— Me dá um beijo, e eu te deixo ir. – Ele falou, descendo o olhar pra minha boca. Eu resfoleguei, porque apesar da raiva que eu poderia ainda sentir dele, me lembrar do seu beijo, me fazia querê-lo. E eu estava numa seca piedosa, também. Eu fechei os olhos, ao me lembrar das nossas noites, mas ainda consegui me afastar quando senti os seus lábios roçando aos meus. Eu estava ficando boa em recusar e ignorar a minha própria vontade, talvez isso fosse a convivência com o Fernando, ele vivia o fazendo.

— Eu quero pensar. – Eu nos lembrei, e saí andando de volta para o hotel.

Capítulo 48

No meu celular havia mensagens e ligações perdidas do Fernando. Eu não o respondi, porque ele não estava no direito de interromper a minha fuga à procura de paz, enviando o Vitor aqui.

Como se o Vitor pudesse através dessas conversas baratas, resolver toda a nossa confusão. Como se de algum modo eu pudesse confiar nele, uma vez que ele ficou com a Mayara.

Eu pedi o jantar no quarto, e uma garrafa de vinho cara. O meu irmão iria querer me trucidar. Ele me recomenda juízo e eu passo a gastar como uma louca. Mas decidi que, depois de tudo que eu havia passado, eu merecia. Ele tinha a sua filha, agora, que vinha sendo seu motivo de maior alegria e amor. Eu tinha o que? Brigas com a Anastácia em casa? Um pai que não estava conseguindo se sobressair entre a coisa toda e não tomava partido para não magoar a esposa?

Ou mesmo o Vitor, que fez merda atrás de merda e como se isso fosse nada, quer tentar de novo?

Eu não iria falar do Fernando. Ele tem sido um bom amigo, sim. Mesmo que eu tente *estupra-lo*. A coisa toda era um sentimento de cumplicidade, porque eu sentia que poderia confiar. E quem, por favor, não queria estar na cama com um

homem daquele? Eu não seria hipócrita de dizer não, porque somos amigos.

Para o meu azar, ou a nossa sorte, ele era mais sensato que eu.

Eu bebi meia garrafa de vinho, me surpreendendo comigo. Comi a lagosta que havia pedido, e depois me empanturrei de doces, que eu havia comprado no mercadinho que achei mais cedo.

Não consegui dormir.

Analisei se seria construtivo para mim como pessoa, tentar algo com o Vitor. Assumir algo com ele. Ou arrumar um meio termo, como ele sugeriu: namorar não namorando.

Busquei lembranças boas ao lado dele e de como ele me ajudou a não sofrer pelo Nicolas, mesmo que eu nunca tivesse realmente me importado com ele e o fim do nosso namoro.

Me lembrei também da maneira acolhedora como a sua mãe me recebeu e da maneira como a gente se curtia e se cuidava, apesar das entrelinhas.

Depois pensei se daria pra retornar e seguir sem mágoas,

porque o fantasma de ele ter estado justo com a Mayara iria me atormentar. Era complicado explicar, mas eu me sentia segura em relação à Anastácia, mesmo que ele tenha dormido diversas vezes com ela na minha casa. Pensar que ele ficou com a Mayara parecia falta de respeito dele comigo, mais do que qualquer outra atitude sua, porque ele conhecia bem a participação dela na minha história de vida, por mais que não fosse lá algo tão ruim.

Querer dizer um não agora pesava mais, para ser sincera. Encerrar de vez essa história com o Vitor e seguir a vida com mais sensatez. Ele não fora o primeiro e tampouco seria o último. E era triste assumir que tê-lo correndo atrás, mesmo que da sua maneira torta de vir, me deixava confusa.

Eu peguei no sono, meio embriagada, pensando se não seria bom ter o Vitor, porque eu gostava dele. Quero dizer, eu gostava dele na cama e se isso valeria a pena. E a julgar pelas suas atitudes ultimamente, ele talvez não valesse a pena.

Acordei relutante no dia seguinte, e demorei até conseguir sair da cama. Olhei assustada mais uma vez o celular ao ver que já passava das três da tarde. Não me apressei em procurar o Vitor para uma conversa, porque eu ainda tinha tempo para pensar nisso. E se ele quisesse consertar alguma coisa, que pelo menos fosse no meu tempo.

Peguei um achocolatado no frigobar e deixei num filme

que passava na TV. Queria a opinião do Fernando antes de decidir alguma coisa. Mas ele provavelmente diria que eu estava fazendo uma tempestade com uma decisão. Se eu dissesse que sim, eu quero tentar algo com o Vitor, a gente iria ficar. Se eu dissesse não... Eu não sabia o curso que a coisa toda tomaria.

Fiz uma carranca por eu ser tão confusa e nem conseguir me entender. Peguei o meu notebook, e fiquei zapeando na internet, para tentar matar o tempo e a minha agonia.

Eu não poderia tentar com o Vitor, achando que dessa vez seria diferente, porque ele não era uma pessoa diferente. E pressionava quando queria algo.

Ele iria mesmo deixar que namorássemos sem *namorar*? Não era o relacionamento que me apavorava, mas o termo. Gritar pro mundo a dependência dele.

Remoí a minha confusão, ficando irritada ao colocar na balança os prós e os contras de ficar ou não com o Vitor. Eu tinha tanto que relaxar e estava aqui, a beira de um surto por causa da atitude do Fernando em dizer ao Vitor onde eu estava.

Me dei um tempo para acalmar e bebi o resto do vinho. Depois tomei um banho demorado, onde lavei os cabelos. Quando saí, passei hidratante corporal e vesti um vestido branco de renda, soltinho no corpo. Sequei um pouco os cabelos, e passei uma maquiagem básica. Fui até um

quiosque perto do hotel, onde comi um lanche e então criei coragem para ligar pro Vitor.

O informei do número do quarto, mesmo que ele já soubesse, e o esperei lá. Eu fui ao céu mil vezes quando ele bateu na porta. Respirei fundo, para manter a calma e tomar uma atitude da qual não me arrependesse depois.

— Oi. — Eu falei. Por um momento era tudo tão estranho entre nós, que não era como se tivesse algo para reatar. Ele sorriu, me dando um beijo no rosto antes de entrar.

— Eu te devo um pedido de desculp...

— Vitor, sem isso. — Eu o interrompi, fechando a porta. — Não são pedidos de desculpas que não apagar você ter ficado com a Mayara.

— Sabe o que eu não entendo? — Ele perguntou, sua voz era calma. Eu o esperei continuar. — Eu fiquei com a Anastácia, e pela maneira como foi, isso deveria pesar pra você. A Mayara não.

— Ah, pelo amor de Deus. — Eu resmunguei, bufando um riso incrédulo. — Você quer que eu considere com mais cuidado a Anastácia também? Porque a situação não está nada boa pra você.

— Você deveria se lembrar de como tudo começou a dar errado quando você não me escutou, quando eu disse que o Breno era uma péssima companhia pra você. E quando eu disse que ele e a Mayara não se importavam contigo de verdade. Mas não, você preferiu tomar na cara com eles.

— Não Vitor. — Eu rebati. — Depois do beijo que o Breno me deu, a gente se acertou e estava tudo bem até você pirar

querendo assumir um namoro. Pra que? Porque as coisas estavam bem entre nós. Depois, eu ainda quis, não diga alguma merda, porque eu falei que toparia e você fez o que? – Eu o lembrei, mais uma vez. – Me deu tempo pra pensar. E o que você fez enquanto tinha me dado a merda do tempo? Passou a ficar com a Anastácia, lá em casa. E sequer falava comigo. Não estava nem aí. Você queria o que? Que eu sofresse e percebesse que não aguentaria te ver com outra?

— Anna, eu não fiz nada pra machucar você.

— Tudo bem. – Eu suspirei, vendo naquele momento, que insistir não nos levaria a nada. Eram muitas questões para serem resolvidas e nenhum de nós capaz de ceder. – Eu achei desnecessário você vir até aqui, porque eu não acho que tentar consertar algo contigo vá dar certo.

— Anna, eu preciso de uma chance pra provar que sim. – Ele falou caminhando até mim, que desviei. Seria muito fácil ele encerrar tudo agora com um beijo. Eu não seria a rainha do gelo depois da taça de vinho que tomei mais cedo. E apesar de tudo, eu tinha lembranças maravilhosas dos beijos dele.

— Não, Vitor. Não é de segundas chances que se reconstrói algo que sequer conseguiu fluir. Você consegue entender? Isso deu certo pra gente no início, quando tudo era despretensioso. Agora, você quer sobressair e impor a tua vontade. E esse amor que você tem pra oferecer, é egoísta. E eu não quero. – Eu falei, firme, mas a minha voz traidora falou no fim. O Vitor manteve o olhar no meu, e eu queria correr até ele, e beijá-lo e esquecer isso de que não dava certo. Deixei que ele se aproximasse, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Eu quase caí, quando ele deixou um selinho nos meus lábios, e voltei a me perguntar o

porquê de não querer. Ele o fez mais uma vez, e quando ia se afastar, eu passei uma mão por entre o seu cabelo, o puxando para mim.

O beijo foi tão calmo, lento e gostoso que eu escolheria não parar nunca. Eu queria que ele tomasse alguma iniciativa para irmos além, mas ele não o fez, e eu achei que seria muita contradição induzi-lo. A questão era não deixar que tudo voltasse a ser como antes. Depois de muito tempo, ele encerrou com selinhos, voltando a me dar beijos rápidos.

— Tem certeza? — Ele sussurrou, com a respiração forte, mantendo seu rosto próximo. Eu não o respondi, e o beijei mais uma vez. Longa e calmamente.

— Tenho. — Eu sussurrei ao encerrar o beijo, e o Vitor me olhou confuso. — Me desculpa, Vitor. — Eu pedi, nem entendendo o porquê de negar. Era sempre eu e a minha mania de complicar. — Não adianta você ficar e insistir. — Eu reforcei, dando um passo pra trás, suspirando forte. — E nem tentar me beijar outra vez, ou transar comigo. Eu vou ceder, não tenha dúvida disso. Mas eu não vou ficar.

— Como você consegue? — Ele perguntou, um tempo depois. O seu tom era angustiado, algo que quase me fazia culpada. Mas então eu me lembrei da Mayara. E se fosse para relevar as outras bobagens, o que eu havia feito, eu negar assumir namoro era nada perto. De qualquer maneira eu não fiquei com algum melhor amigo que ficou com a ex que ele dizia amar. Nem com a enteada do pai dele, na casa dele. Eu iria tentar de novo pra que? Pra na próxima briga, que seria provavelmente amanhã jogar tudo isso na cara dele?

— Vitor, eu acho que não dá mais. — Eu falei, desviando

o olhar. – Você não pode perder o tempo insistindo em algo que nós dois sabemos que é muito difícil fazer bem. E pior, apesar do passado chato com o Nicolas, isso tudo terminou e foi pior porque ele me trocou pela minha melhor amiga, e você não pensou em mim antes de ficar com ela. E eu não quero viver isso. Não é a Anastácia, eu não vou culpa-la. Ela é só uma menina muito mimada e você fica com ela, mas ela ama o ex. E a Mayara não ama ninguém, e traz um medo absurdo pra mim.

— Você é muito confusa.

— E é só isso que você tem pra dizer? – Eu perguntei, quase incrédula. – Você nunca tem um argumento bom o bastante pra me fazer querer ficar. Eu iria dizer um sim pra que, agora? Pra gente fazer sexo? – Eu dei de ombros, bufando um riso. – Ou pra você me atormentar sobre como a gente precisa namorar? Por favor, Vitor. Eu não tenho idade, nem maturidade pra assimilar isso, o que torna tudo pior. Você é insistente, e eu cabeça dura demais. E isso não soma pra nós.

— Você deveria ter menos medo de arriscar. – Ele falou. Eu forcei um riso, antes de voltar a falar.

— Não é medo, Vitor! Nós poderíamos ficar nesse vai e volta interminável, na nossa equação perfeita cheia de variáveis tão constantes quanto as nossas discussões fora da cama, que acontece naturalmente. E tão naturalmente, que depois sexo, descobrimos o quanto estamos nos machucando apostando tão alto em algo com tão poucas chances. Não demos certo uma vez, e outra, você tem suas prioridades, suas regras e exceções, seu jeitinho oculto de cafajeste e ao contrário de muitos por aí, isso não é atraente em você.

— Então você tá desistindo de tudo. — Ele falou, como se o peso da decisão fosse só minha. Ou como se ele não tivesse realmente colaborado pra isso. — Não vai adiantar eu sair e esperar que você mude de ideia e...

— Não. — Eu o interrompi, juntando toda a minha coragem para encará-lo firme. Mostrar que, apesar de tudo, eu acreditava que era o fim.

— Tudo bem. — Ele falou, suspirando. Eu engoli, sentindo tudo amargo por ele concordar, por um momento me esquecendo de que ele estava só aceitando o que eu impus. Eu assenti, respirando fundo para não deixar que lágrimas importunas fluíssem, e o Vitor veio até mim, me abraçando apertado. Eu senti tudo em mim, tremer, querendo desmoronar, mas precisava ser firme. Era como voltar para perder depois, e talvez fosse pior. Eu o abracei de volta, afundando o rosto em seu peito.

Eu não soube definir os próximos minutos. O que eu senti, ou o que eu quis fazer depois daquilo. O único pensamento que me dominava, era de que ele sequer fora capaz de insistir, mesmo que não fosse mudar alguma coisa. Se eu quisesse, bem, era pra ser fácil para ele. Se eu estivesse confusa, como eu realmente estava ele aceitaria o fim.

Muito prático.

Eu não chorei, e tentei lembrar que essa angústia logo passaria.

Liguei pro Fernando, ele demorou a atender, e eu estava quase desistindo.

— Oi. – Ele sussurrou, e eu suspirei forte.

— Tá ocupado?

— Pouco. – Ele se manteve sussurrando, então eu desliguei. Era só o que me faltava agora! Ele começar a dormir com a ruiva sem sal.

Não era ciúme, para deixar bem explicado. Bem, não esse ciúme de eu não querer que ele fique com ninguém para ficar comigo, porque não acontecia esse tipo de coisa, com o Fernando. Era só a minha intuição dizendo que ela não era boa pra ele.

Na manhã seguinte, eu não saí do quarto, e ainda recebi uma mensagem do Vitor, avisando que estava indo embora, mas que se eu quisesse conversar, ele também queria.

Fácil para ele. A atitude teria que vir de mim, e essa merda não me deixava segura. Ele que ficasse com a Mayara, ou a Anastácia, ou que voltasse pra sua ex-perfeita.

Capítulo 49

Passei o dia contemplando lembranças. Eu era muito burra, mesmo. Já passava das duas da tarde, quando o Fernando me ligou.

— E a culpa é sua. – Eu resmunguei, quando entramos no assunto de o Vitor ter vindo estragar a minha viagem.

— Anna, você poderia ter facilitado tudo e ficado com ele. – O Fernando falou, respondendo outra pessoa em seguida.

— Você está onde? – Eu perguntei mal humorada.

— To no shopping com a Anastácia. – Ele respondeu rindo. – Eu to indo pra aí, na quarta, como prometi, tudo bem?

— Que saco, aqui é um tédio. E pra completar o Vitor foi embora, dizendo que se eu quisesse, que o procurasse. – Eu resmunguei. – Ele parece uma menininha!

— Ele é uma menininha cheia de amor próprio. – O Fernando zombou, me arrancando um riso fraco. – E você uma louca confusa. Ao mesmo tempo em que gosta do cara, não quer ficar com ele.

— A gente não desiste do que quer, desiste do que dói. – Eu falei, citando o que havia visto em algum lugar.

— Tudo bem. Eu vou controlar a Anastácia, porque ela vai levar o shopping todo. Mais tarde eu ligo pra você, beijo, gata.

— Beijo. – Eu falei enfadada, antes de desligar.

Eu me joguei na cama, fitando o teto, ponderando as opções de sair e procurar algo para me distrair, ou ficar e remoer toda a merda desse fim torto com o Vitor.

Pensei também que ele não queria realmente.

Quem quer insiste, não é? Procura, força mais.

Lutar por alguém não é vir, conversar e aceitar o primeiro não, como o Vitor fez. Porque talvez eu tivesse negado, só para ver até onde ele seria capaz de ir por mim, por nós dois.

Ou talvez eu só o quisesse correndo atrás de mim para inflar o meu ego, porque nunca é bom perder.

Era tão confuso assimilar.

Ainda voltei a me lembrar da maneira gostosa e a coisa boba que eu sentia ao abusar dele dormindo. E das coisas que passamos juntos, a sua mania terrível de me deixar marcas. Ou a maneira como ele não me privou de conhecer sua família. Isso me trouxe o pensamento de que eu sequer cheguei a conhecer a sua irmã, e não sabia se ele já havia aceitado a criança numa boa. Como se ele tivesse outra opção.

Talvez eu pudesse ficar com a parte boa disso em mim. Também havia o medo, porque eu não me lembrava do Nicolas. Eu sequer conseguia parar para me lembrar de algo bom que fizemos juntos e o medo de acontecer o mesmo com o Vitor pairava em mim. Ele virar um estranho assim como o Nic virou. Uma parte morta na minha vida, uma coisa boba, qualquer.

Quantas vezes isso aconteceria até que eu encontrasse alguém que durasse? Quero dizer: que desse certo.

Eu levantei, alegando para mim que ficar na cama e sucumbir pensamentos que não consertariam nada, não iria resolver a merda toda. Tomei um banho e coloquei um biquíni, com um short jeans, e peguei óculos de sol e algum dinheiro.

Dei uma volta pelas praias, e acabei comprando dois óculos lindos e redondos. Um era espelhado, o outro tinha a armação dourada. Analisei como as pessoas se divertiam na água, e algumas crianças na areia. E quis chorar ao ver uma menina loirinha discutindo com uma mulher que eu supus ser sua mãe. Eu poderia ter vivido tanta coisa com a minha se ela não tivesse optado por ir embora.

Estava voltando pro hotel, cansada por estar sozinha, quando esbarrei com alguém. Bem, um alguém não tão estranho. Eu suspirei forte, ao ver o carinha tatuado que

cantava no barzinho na noite que o Vitor apareceu.

— Desculpa. – Eu falei, sem saber o que dizer. Mas ainda fiquei ali, como uma idiota, o olhando. Ele tinha os olhos castanhos, mas eram claros. Desci o olhar pelo seu braço coberto por desenhos que eu não ousei tentar entender. Depois voltei, o encarando. Mais indiscreta que eu, só outra de mim, e era uma vergonha.

— Tudo bem. – Ele sorriu. Que sorriso. Talvez eu fosse uma pessoa muito desamorosa, porque havia acabado de terminar algo com o idiota que eu pensava gostar, e já queria beijar outro. Mas eu merecia um desconto. Não estava à procura de amor, mas de distração.

— Bem, eu já vou indo, então. – Eu falei, e ia me virar para sair, quando ele me segurou pelo braço.

— Vi você sozinha uma noite dessas... – Ele começou a falar, meio sem jeito e eu bufei um riso. – Se não tiver nada pra fazer hoje, eu vou tocar naquele mesmo bar; depois, quem sabe, a gente não troca uma ideia...

— Tudo bem. – Eu falei apressada, e voltei para o hotel.

Depois de analisar mil coisas, eu ponderei que, eu estava sozinha numa ilha minúscula, e não poderia sair com o primeiro cara que aparecesse. Porque se de repente ele resolvesse me sequestrar? Ou me matar? Talvez ninguém nunca ficasse sabendo.

Eu contei as minhas suposições ao Fernando, que riu da minha loucura, e me mandou ficar tranquila.

Eu estava lá, sentada, olhando o bonitão cantar, quando um cara igual a ele se sentou comigo.

Não tão igual, porque ele não tinha tatuagem e era menos malhado.

— É mesmo uma pena uma menina tão linda sozinha num lugar tão lindo. — Ele falou com um sorriso, me fazendo rir. — E com essa expressão tão triste. — Ele completou e só pela maneira de falar eu diria que ele era *gay*.

— Não tão triste. — Eu sorri para ele, que deixou escapar um risinho, fazendo um sinal a garçonne. Ele pediu duas margaritas, e eu ensaiei beber. Não poderia simplesmente abusar e ficar bêbada se ninguém que eu conhecia e confiava estava por perto.

— E então, o que houve? Tá por aí com a família?

— Mais ou menos. — Eu falei, receosa de dizer que estava sozinha. Nós engatamos numa conversa banal e eu logo me senti a vontade para despejar tudo para ele. Até mesmo detalhes do Vitor e a maneira torta como funcionávamos e terminamos. Ouvi do meu mais novo *amigo*, Otto, que ele no meu lugar não diria não a um gato como o Vitor, mesmo que ele tenha feito a pior das merdas do mundo.

— Às vezes, quando a gente se dá um tempo, percebe que não deveríamos abrir mão de algumas coisas. Ficar junto pode consertar muita coisa, também. Inclusive a confiança.

— Ele foi embora sem nem me forçar a ficar. Não foi capaz de argumentar, de insistir. — Eu falei chorosa, aceitando a terceira taça da bebida. — Eu não iria ficar atrás de um cara que só pensa nele.

— Ele foi autêntico. — O Otto falou, e eu bufei um riso.

Autêntico. Ah vá! – Você não queria um homem insistente que te pressione o tempo todo, queria?

— Não, mas...

— Talvez ele tenha ido pra te deixar pensar. Se você gosta mesmo dele, talvez devesse pensar melhor e quem sabe procurá-lo.

— Se eu bem o conheço, ele deve estar dormindo com a enteada do meu pai.

— Oh! – Ele exclamou, levando uma mão a boca. A minha bebida acabou, e eu ia pedir outra, mas o Otto desfez o meu pedido, mandando a mocinha trazer uma água.

— E eu não sei se eu gosto dele, também. É muito complicado lidar com ele. Ele se diz menino pra namorar, mas é um cafajeste disfarçado. Ele não se esforça pra me entender, tá sempre contra os meus amigos.

— O bofinho é complicado. – Ele estalou os lábios.

O “*quem sabe, a gente não troca uma ideia...*” do bonitão tatuado não aconteceu, porque ele saiu com uma moreninha, após o seu show. Eu voltei para o Hotel com o Otto, que me recomendou juízo e pediu para que eu pensasse com mais cuidado sobre toda a situação que eu expus para ele. Que eu não devia apontar somente os erros dos outros e que eu precisava analisar a maneira como eu agi até agora. E também pediu para que eu não fumasse a carteira de cigarros que eu havia comprado enquanto íamos embora.

Eu me joguei na cama, respirando fundo, sentindo tudo vazio em mim. E não falava só de amor. Mas de tudo. Era

meio complicado assumir que eu havia de uma hora pra outra, ficando sem Vitor, sem amigos, sem família.

Liguei para o Fernando, ignorando que eram quase duas da manhã.

— Eu não me importo se você tá fodendo a sem sal. – Eu falei, quando ele atendeu sussurrando.

— Anna. – Ele resmungou, e eu ouvi uma porta sendo fechada. – Eu não vou me casar com a Sara. – Ele enfatizou o último nome.

— Você acha que eu seria burra de perdoar o Vitor? – Eu perguntei manhosa, e ele deu risada.

— Perdoar? – Ele perguntou sarcástico. – Vocês são engraçados.

— Claro. Perdoar, por ele ter ficado com a Mayara, com a vaca da sua irmã...

— Por ele respirar... – O Fernando zombou. – Você que sabe, Anna. Não é focando nisso que você vai fazer algo sensato. Se tu gosta do cara, fica com ele ué. Agora esquece o passado, e ignora tudo que ele fez que te incomoda.

— É que ficar com ele, soaria fofo, entende?

— E a tua vida é um conto de fadas. – Ele zombou, rindo. – Anna, você tá nova demais pra achar que o Vitor é o último amor da tua vida, então, por favor, pensa antes de fazer algo que você possa se arrepender depois.

— Ele foi embora sem nem tentar conversar de novo.

— Meu deus do céu. – Ele falou enfático. – Você é louca!

— É que é muito difícil. – Eu fiz um bico manhoso,

rolando na cama.

— Você está bêbada?

— Claro que não. – Eu falei ofendida. – Você vem quando pra cá? To querendo morrer de tédio, aqui sozinha.

— Eu vou tentar ir amanhã, se eu conseguir um atestado.

— Por favor! E vem sem a ruiva sem sal. – Eu pedi, rindo. – Ela é insuportável.

— Você que é implicante. Eu vou sozinho, Anna. Vou ver se consigo reservar um quarto, ok?

— Você pode ficar no meu. – Eu falei animada, e ele riu.

— Viu, Anna, tchau.

Eu peguei um cigarro, e o isqueiro, indo para a pequena sacada do quarto, tragando longamente. Ainda pude me lembrar do Vitor fumando, o que era raro e segundo ele, só o fazia para não matar alguém. Eu peguei o meu celular, tentando ser mais lúcida e não voltar atrás na minha decisão, mas acabei ligando pra ele.

Capítulo 50

Se tudo desse errado, no entanto, eu culparia a bebida.

— Anna? – Sua voz era sonolenta, mas também assustada.

— Você é um idiota! – Eu falei, soltando a fumaça aos poucos, tragando mais uma vez. – Vem na maior segurança de que eu teria que querer, porque seria a nossa última chance. Você nunca diz nada! Você sequer se defende! E depois ainda acha que pode ir embora porque você foi um cretino de vir, mas não foi homem pra ficar!

— Eu respeitei a tua vontade.

— Ah! – Eu dei uma risada exagerada. – Agora, de repente, você aprendeu a respeitar a minha vontade!

— Eu ia ficar pra que, Anna? – Ele perguntou prepotente e eu fiquei quieta. – Pra ouvir você me culpar, mesmo tu sabendo que também tem culpa? Eu ainda esperei que você pedisse ao menos um tempo pra pensar, deixasse pelo menos alguma esperança de que a gente ainda pudesse tentar de novo, fazer tudo ser diferente, mas...

— Esquece. – Eu resmunguei. – Eu não to esperando que você venha mais uma vez, nem diga que vai ser diferente, porque a gente sabe que não vai ser. – Eu falei mais baixo e o silêncio veio como uma pancada forte em mim. Eu desliguei, e foquei nos malditos cigarros.

Eu jurei que não iria chorar, porque de qualquer maneira, era o que eu queria, certo? Pôr um fim. Recomeçar outra vida. Esquecer isso de romances.

Enquanto estava embriagada, fiz uma lista de coisas que eu iria fazer enquanto esquecia o Vitor. Bem, de uma maneira estranha, nós já não tínhamos mais nada, mas agora era algo definitivo. Não adiantaria eu culpa-lo de alguma coisa, mas esperar que fossemos ter outra conversa para nos dar outra chance. Ou esperar que ele usasse a minha artimanha e nos induzir ao sexo para adiar uma conversa inadiável.

- 1 – Parar de fumar mesmo que eu quase não o fizesse.
- 2 – Aprender a tocar violão
- 3 – Morar sozinha
- 4 – (a mais importante) transar com o Fernando

Eu apaguei a nota do meu celular, envergonhada por ter pensado a última parte como algo superimportante. Claro que eu queria, mas não era algo realmente necessário. Das coisas boas na minha vida, o Fernando era a única que restava e eu não poderia estragar tudo por sexo. Burrice tem limite.

Eu tomei um banho demorado, e hidratei os cabelos.

Quando saí, vesti um short jeans folgado com uma regata branca. Calcei uma rasteirinha e descii para comer alguma coisa no restaurante do hotel, mas antes que chegasse lá, avistei o Fernando na recepção.

Fui até ele, o abraçando como se não nos víssemos há anos.

— Mas eu não vim sozinho. — Ele avisou, e eu fiz uma

carranca, imaginando a sem sal atrapalhando a minha viagem.

— Cadê a sem sal?

— Ela não veio, Anna. – O Fernando respondeu entediado. – Seu pai e a minha mãe estão aí.

— Hum, legal. – Eu dei de ombros.

Depois de cumprimentar o meu pai e a Cris, nós almoçamos e à tarde eu saí com a Cris e a Anastácia, que veio de brinde. Deixei as duas sozinhas numa loja de tatuagens, porque a Anastácia é um porre ambulante.

Já à noite, eu jantei com meu pai, que me fazia perguntas como se eu estivesse com problemas emocionais. Ou como se a perda da minha mãe pudesse afetar a minha sanidade mental. Eu havia notado que evitar pensar sobre, fazia doer menos, então ao contrário do que o meu pai pensava, eu não precisava de um psicólogo para me ajudar.

— O seu irmão falou que você não suporta conviver com a Anastácia e... – Ele continuou, e eu suspirei forte.

— Está tudo bem. – Eu afirmei convicta. – Eu posso procurar por um estágio e alugar algum apartamento.

— Você não tem juízo e nem maturidade pra morar sozinha, Anna.

— Então a Anastácia poderia se mudar. – Eu dei de ombros, deixando escapar um riso.

— Eu posso comprar um carro pra você. Terá mais liberdade, desde que você volte a frequentar a faculdade corretamente e focar no seu futuro. – Ele falou cauteloso, e

eu sorri fraco.

— Eu preciso pensar. — Eu falei, e o meu pai riu. Como se eu tivesse escolha, ou como se não fosse ótimo ser presenteada com um carro.

Eu bati duas vezes na porta do Fernando, e ele me abriu enrolado numa toalha. Eu sorri presunçosa para ele, que me deixou entrar e voltou para o banheiro. Eu o segui.

— Você deveria ser um bom amigo pra mim. — Eu falei, achando charmosa a maneira como ele bagunçava o cabelo.

— O seu pai teve uma conversa séria comigo. A minha mãe também.

— Ah, eles não vão saber. — Eu dei de ombros.

— Anna, entenda.

— Você não sente nenhuma vontadezinha? — Eu perguntei curiosa, e ele bufou um riso, passando perfume.

— A gente não vai fazer nada, porque você é pirada demais. E eu confundo as coisas.

— E então, vamos dar uma volta por aí... — Eu falei entediada, desviando o assunto, porque ele era terrivelmente irredutível.

— Vou por uma roupa. — Ele avisou e, quando passou por mim, eu puxei a sua toalha, tendo a má sorte de ele estar de cueca. — Tarada. — Ele deu risada, pegando uma bermuda clara e uma camiseta branca.

Nós caminhamos pela praia, e ele, ao contrário do meu irmão, me deixou experimentar o *baseado*. E sinceramente?

Eu não vi graça naquilo. Bem, claro que enquanto estávamos sentados na areia, o céu parecia mais interessante que era antes, e eu conseguia analisar a maneira engraçada do som do mar. O Fernando só fechou os olhos e sentia a coisa toda, como se já estivesse acostumado. Eu bebi o resto da vodca que compramos no caminho e silenciosamente me aproximei dele, mas não segurei o riso ao vê-lo tão concentrado em estar de olhos fechados e respirar.

Ele me olhou e riu, mas ainda sim, eu aproximei os nossos rostos, quase caindo para me aproximar mais.

— Se você algum dia disser que se arrependeu disso... — Ele falou num tom ameaçador, mas eu o interrompi, o beijando bem lentamente. Aos poucos, eu fui para o seu colo, e o momento ficou ainda mais intenso e gostoso entre nós.

[...]

Eu não consegui dormir, analisando o Fernando dormindo ao meu lado. Lembrar-me das nossas últimas horas me fazia satisfeita e ao mesmo tempo agoniada. Ele era terrivelmente gostoso, atencioso e essas coisas que homens bons de cama devem ser. Eu não iria ousar compará-lo com o Vitor, porque para ser sincera, eu não imaginava que iria encontrar algum como ele. Porque com ele não era apenas conexão sexual.

Ainda pensei em voltar para o meu quarto, para ele ver que apesar das nossas intimidades, a nossa amizade não mudaria e eu precisava dele como um amigo. Mais do que

como um ficante. Mas invés de ser coerente, eu me aconcheguei mais contra o corpo dele, sendo abraçada e ganhando um beijo no rosto.

Quando acordei na manhã seguinte, o Fernando estava em pé, próximo à porta e o meu pai entre a porta, nos olhando furioso. Eu puxei com mais força o lençol para assegurar que eu estava mesmo coberta, e notei que o Fernando vestia apenas a cueca boxer.

— Eu estou esperando uma explicação! – O meu pai falou novamente a frase que interrompeu um dos meus sonhos. Eu bufei um suspiro, porque de qualquer maneira, eu imaginava que o meu pai soubesse que eu não era virgem desde o Nicolas.

— Não é o que... – O Fernando começou a falar, mas parou por causa do olhar furioso do meu pai. Eu suspirei.

— O que você quer ouvir, pai? – Eu perguntei engolindo toda a vergonhada que me dominava. O meu pai me olhou sem argumento. Ok que ele se sentisse no direito de estar com raiva, mas ele não poderia esperar por uma explicação. O que eu poderia dizer? Eu estava com vontade de fazer sexo com o enteado dele? Era mais que ridículo. Também pensei em dizer que se ele não tivesse se casado, isso tudo não estaria acontecendo. O meu pai nos olhos mais uma vez, antes de sair, puxando a porta, que bateu com força. O Fernando permaneceu parado onde estava, e eu deixei escapar um riso.

— Não vai te acontecer algo de ruim, relaxa, vai. – Eu falei, fechando os olhos, mas mantive um sorriso brincando nos lábios.

— Anna, você não entende.

— O que?

— Teu pai tem razão quando diz que você é imatura e sem juízo. – Ele resmungou, indo para o banheiro. Eu bufei um suspiro, o seguindo, que já estava no Box, ligando o chuveiro.

— Você não tá dizendo isso porque nós...

— Não, Anna. – Ele falou impaciente. – Porque você deveria aprender que a gente não pode se moldar as tuas vontades. Isso parece a Anastácia.

— Que? – Eu perguntei incrédula.

— Essa tua confusão. Ela fica com o Vitor pra tentar esquecer o Bruno. E você fez o que?

— Ao contrário do que você pensa, eu não fiquei com você pra tentar esquecer alguém. – Eu falei horrorizada. – Eu pensava de verdade que nós éramos amigos! Não tem nada a ver você dizer que eu sou igual à Anastácia! – Eu só falei gritar, antes de voltar para o quarto, me vestir em tempo recorde e voltar para o quarto.

Respirei fundo umas mil vezes, para essa idiotice do Fernando, não acreditando que ele estava agindo dessa maneira para mostrar que era coisa de uma vez só.

Eu sabia que era coisa de uma vez só!

Mas eu precisava matar a vontade. Eu não iria sossegar enquanto não o fizesse.

Por um momento eu me senti usada. Como se ele só tivesse me provado e pronto, hora de jogar fora. E a última coisa que eu queria era perder o Fernando como o amigo que ele era.

Ele ainda mandou mensagens e bateu na porta, mas eu o ignorei. Ignorei o meu pai e também a Cris, que queria conversar comigo. Não tínhamos o que conversar, porque eu já sabia como lidar com a minha vida sexual e a última coisa que eu queria, era conselhos dela.

Eu acabei ligando pro Vitor, mais uma vez, sendo pega de surpresa por ele estar na casa dos seus pais e a sua mãe atender o seu celular.

— Ele saiu com uns amigos, mas quando chegar eu aviso que você ligou, amor. — Ela falou educada, e eu suspirei forte.

Eu pedi para que ela não avisasse, mas também lembrei que chamadas ficam salvas no celular.

Capítulo 51

Depois de um dia estressante, onde eu consumi o resto dos cigarros – um atrás do outro, como uma viciada -, eu tomei um banho demorado, me deixando chorar. Tanto por ter sido firme para deixar o Vitor ir, quanto por ter conseguido transar com o Fernando, ter sido bom e destruído a nossa convivência porque ele é um idiota.

Desci para o restaurante do hotel e folhee o cardápio, ignorando quando o Fernando se sentou comigo.

— Eu to tentando até agora, entender o porquê disso. – Ele falou abaixando o cardápio e eu o encarei.

— Porque você é um idiota. – Eu falei, sorrindo falsamente.

— Anna, eu não queria deixar acontecer algo entre a gente justamente por causa disso. – Ele começou cauteloso, e eu bufei um riso. – Você não aceita ouvir ninguém, sai com raiva quando a gente não entende como você quer. E não é assim que funciona.

— Fernando, vai procurar a sem sal que você ganha mais.

— Eu não vou, porque ela é só um passatempo e sabe disso. E você é mais que isso.

— Isso é ridículo. – Eu resmunguei, mas a minha raiva já havia sido exterminada.

— E não adianta você tentar me seduzir outra vez, não vai rolar. – Ele falou, rindo em seguida e eu fiz uma carranca.

— Eu te forcei a tudo, certamente.

— Para de ser tão carrancuda, Anna. Se tu levasse as coisas com mais serenidade, tudo ia ser mais fácil pra você.

— Você não perdeu tudo.

— Se você olhar só pro que perdeu, não vai ver sentido nem pra continuar vivendo, Anna. Pensa que é só uma fase ruim, mas tudo passa.

— O que o meu pai falou com você? – Eu perguntei, suspirando forte.

— Que não queria nem se lembrar dessa merda. E meu braço arde de tanto tapa que a minha mãe me deu. – Ele reclamou e eu dei risada. – Fiquei sabendo que você vai ganhar um carro, também.

— Ainda vou? – Eu perguntei rindo.

— Vai, ué. Seu pai se sente culpado por tumultuar a sua vida.

— Ele não tem culpa de a Anastácia ser uma vaca! – Eu falei malevolente. Logo meu pai, a Cris e a Anastácia se juntaram a nós.

[...]

Na manhã seguinte, eu não tive como escapar da Cris e das suas perguntas e conselhos inconvenientes.

À tarde, eu fui com o Fernando fazer uma tatuagem. Escolhi “*to infinity and beyond*”, na costela e chorei muito

com a dor quase insuportável.

Quando cheguei ao hotel, já estava anoitecendo e eu me joguei na cama, pegando meu celular, notando uma ligação perdida e uma mensagem de texto.

“você me confunde todo. Diz que não quer e volta a procurar...”

Eu suspirei forte, ligando para o Vitor.

— Eu continuo não querendo, mas eu ainda gosto de conversar com você. – Eu falei como se fizesse sentido e ele bufou um riso.

— Você é louca.

— Ah, Vitor, com tanta coisa pra você me dizer, você me diz que eu sou louca. – Eu falei entediada. – Eu sinto falta de como tudo era pra gente.

— Eu também.

— De abusar de você dormindo...

— Anna, – Ele pediu e eu suspirei. – eu sinto muita falta de tudo, e eu queria muito que você entendesse e aceitasse que...

— Vitor, desse teu jeito não dá. – Eu reclamei. – Não é assim, namoro é só um termo feio, e que estragou a gente.

— Você é confusa.

— Você só tem isso pra me dizer? Que eu sou louca? Que eu sou confusa?

— E que eu ainda te quero.

— Isso é patético. — Eu resmunguei. — Eu preciso desligar.

— Pensa que a gente ainda pode ficar junto. — Ele sussurrou, finalizando a ligação.

Eu fitei o teto, pensando se eu queria mesmo ficar junto do Vitor. Ou se não era só medo de deixar acabar. Se eu o amasse, não correria o risco de perdê-lo, deixando que ele fosse embora. Ou sei lá, eu teria agarrado com força a chance de namorá-lo. Porque isso certamente teria evitado muito do que aconteceu. A parte ruim, pelo menos. Ou talvez.

A verdade é que errada ou não, eu tinha muita mágoa guardada em mim, relacionada a ele e isso era o suficiente para acabar com tudo.

E pensar em voltar atrás e ficar com ele, era seguir a ideia de valorizar agradá-lo mais que a minha vontade própria. A nossa história poderia ter sido bonita, mas a nossa matemática era inexata, como uma conta monstruosa que nós não soubemos resolver.

Todo mundo fala sobre esse tal de amor próprio, autoestima, o ato de se colocar em primeiro lugar. E eu estava fazendo isso ao abrir mão do Vitor. Pensando mais em mim, em recomeçar, em procurar algo novo. Ao mesmo tempo em que eu queria tentar com ele, uma parte maior em mim, implorava pela liberdade. E eu não tinha total liberdade desde o término do namoro com o Nicolas.

Mas isso não me trazia arrependimento, porque apesar de lembrar com ódio para algumas atitudes do Vitor, eu conseguia me lembrar com carinho de nós dois. Eu hoje, não conseguia imaginar com outro cara, as coisas que eu havia tido ao lado do Vitor. Ou que algum outro teria o jeito dele, ou seria melhor que ele.

Pensei também, que se eu fosse mais madura e decidida, nós não teríamos errado tanto um com o outro, e mesmo contra minha vontade, eu assumo que não era fácil para ele me entender. Eu assumo que por diversas vezes, eu quis nomear o que nós tínhamos como sexo casual, mesmo que o que nós vivemos tenha sido mais que isso. E era tão contraditório, porque talvez tivesse dado certo se ele fosse mais calmo para esperar.

Eu encontrei com o Otto, pela noite e nós fomos para o mesmo barzinho de sempre. Bebemos e conversamos bastante.

— E você conversou com o gato? — Ele perguntou, sugando a sua bebida pelo canudo e eu dei de ombros.

— Ele não sabe conversar. Ou eu to confusa, ou louca. Eu acho que vai ser melhor sem ele.

— Não fica nessa de achar que vai ser melhor sem ele. Ele pode estar sofrendo, também. Você coloca tudo muito definitivo, mas você não sabe o que vai querer daqui uma semana, não é?

— Olha, nós não precisamos falar sobre isso. Se o Vitor

gostasse mesmo, teria feito algo a mais. E eu senti falta disso, quando ele foi embora daqui com o primeiro não.

— Eu vi em algum lugar uma vez, que quem ama erra, corre, tropeça, tem pressa e não espera, mas quem ama também cansa.

— E eu cansei, também. – Eu sorri fraco e finalmente mudamos de assunto.

Eu não voltei a dormir com o Fernando, porque meu pai exigiu respeito entre nós. E o Fernando era melhor como amigo que como um idiota para sexo casual. Era de se esperar que desse certo com a sem sal, ela era pior que ele no quesito de liberdade.

E mesmo que eu quisesse essa *liberdade*, jamais saberia assimilar uma relação completamente aberta.

Por Deus, eu era mesmo uma louca confusa. Uma geminiana nata. Eu sequer sabia o que eu queria. Eu não queria um namoro sério com o Vitor, e nem algo casual com o Fernando.

Na verdade eu queria algo casual, mas com o Vitor. E com isso ele não saberia como lidar.

[...]

Capítulo 52

O resto da viagem seguiu até divertida, e por um momento eu dei uma trégua com a Anastácia. Ignorar os seus surtos de menina mimada e deixa-la falando sozinha quando o que ela queria era brigar, porque sua mãe viria defendê-la, era o melhor a se fazer. Deixei-a falando sozinha tantas vezes que perdi a conta!

O mês passou terrivelmente rápido e eu ganhei o tão querido carro. Depois analisei também se queria continuar cursando Direito, e fiz um desses testes vocacionais com uma psicóloga. Talvez a minha praia fosse mesmo a música, e eu quisesse seguir isso. O meu pai surtou quando eu tentei conversar com ele, gritou que se ele não estivesse ali para me bancar, eu poderia morrer de fome. Porque não era algo valorizado. Mas nada pequeno e sem vislumbre é valorizado. E seria algo flexível, porque eu não tinha em mente ser uma Vanessa da Mata da vida, ou mesmo ser famosa como a Ivete.

Depois de trancar a faculdade, eu me inscrevi em alguns vestibulares, mas sequer foquei em estudar.

Era uma segunda-feira entediante, então eu fui visitar o meu irmão, na verdade eu queria ver a minha sobrinha, mas quando cheguei ao prédio, avistei a Camila e olhei confusa a cena dela conversando com o Rodrigo. Será que depois de tudo, ele simplesmente não aprendeu nada?

Eu inconvenientemente me aproximei dos dois, olhando intrigada e o meu irmão parou de falar ao me notar.

— Tudo bem aqui? – Eu perguntei franzindo o cenho.

— Você deveria não ser tão intrusa, Anna. A conversa aqui é entre nós dois.

— E ele tem uma filha. E ele diz amar a namorada dele. E ele sofreu muito quando ela largou dele por tua causa. E agora o que? Vocês vão de repente, voltar a ter um caso? – Eu perguntei incrédula. A Camila deixou escapar um riso.

— Você está mesmo muito frustrada com a sua vida, pra interferir tanto na dos outros. Não aguenta ver que o Vitor não é o tipo de cara que vai se moldar às tuas vontades fúteis, que se você não quiser do jeito dele, ele também não vai querer, e fica aí, destruindo a paz do teu irmão. E daí que ele tem a Luana? Se ele procura outra, algo ela deixa a desejar.

— Peça pra ele escolher, Camila. – Eu falei resignada, e irritada por ela colocar o Vitor nisso. – Veja se ele vai querer você ou ela. Se ele vai abrir mão da família que ele tá construindo por um casinho qualquer!

— Eu não vou pedir para ele escolher, porque eu não to procurando o amor da minha vida. E o seu irmão não me deve satisfação.

— Isso é ridículo. – Eu bufei um riso, me virando para sair, mas o meu irmão me segurou pelo braço.

— Anna, eu não fiz nada dessa vez.

O ignorei e subi. Encontrei o Vitor saindo do apartamento do meu irmão.

— Seu irmão tá lá em baixo? A Luana está furiosa. – Ele falou desconcertado e eu apertei os lábios.

— Você deveria tentar fazer a Camila ver as coisas com bom senso. Ela está destruindo uma família e não tá nem aí pra isso. E não importa se o Rodrigo é um idiota, ela deveria se respeitar. A Luísa é só um bebê pra viver no meio de algo tão tumultuado.

— Colocar algo na cabeça da Camila é igual lidar contigo, Anna. – Ele falou, com um sorriso presunçoso e eu bufei um suspiro, entrando no apartamento.

Eu pude pela primeira vez segurar a minha sobrinha nos braços, e ela era um amor. A Luana desceu para *conversar* com o Rodrigo, e eu daria um braço para ver o barraco, mas me contive.

Eu estava fazendo carinhos na Luísa, quando o Vitor entrou, fechando a porta com cuidado.

— E como foi a viagem? – Ele perguntou e eu torci os lábios.

— Legal. Eu fiz uma tatuagem. Na verdade eu matei um monte de vontades. – Eu falei e o Vitor me olhou confuso.

— Entre elas não está ter ido pra cama com o Fernando, eu suponho. – Ele sugeriu cauteloso e eu dei um risinho, para irritá-lo mesmo.

— Ele não é seu melhor amigo, muito menos enteado do seu pai.

— Depois você quer ser a vítima, Anna! – Ele falou mais alto, incrédulo. – Quantas vezes eu vou ter que te dizer que eu não transei com a Mayara? Eu nem tenho o número dela, pra começar. A gente nem se viu depois. Foi um beijo só. Entenda isso.

— Isso não muda nada. – Eu sorri solenemente para a Luísa, que fazia barulhos e se mexia, procurando uma posição mais confortável em meu colo.

— Eu to quase desistindo da gente. – Ele falou um tempo depois, malevolente.

— Não existe a gente, Vitor. Acabou faz tempo. A gente que fica nessa coisa idiota de achar que esperar vai dar tempo pra voltar. Mas não vai, porque como a Camila disse: você não é o tipo de cara que vai se moldar as minhas vontades fúteis, que se eu não quiser do seu jeito, você também não vai querer.

— Isso é sem lógica, Anna. O teu ex aceitava tudo do seu jeito e o que ele fez?

— Vitor, boa sorte na tua vida. Ok? Eu quero um tempo, sozinha, e sem discutir relação com você. Você parece adorar isso. – Eu bufei um riso, negando com a cabeça. Nós ficamos em silêncio e a Luísa adormeceu, então eu fui levá-la para o berço.

— Me deixa ver a tua tatuagem. – O Vitor pediu num sussurro fraco, bem atrás de mim e eu grunhi, ficando arrepiada quando as suas mãos geladas percorreram minha cintura. Eu arfei, fechando os olhos, me perdendo ao sentir sua respiração em meu pescoço, e ainda levei as minhas mãos

sobre as suas.

— Vitor, a vida não funciona assim. — Eu falei, cedendo aos seus lábios em meu pescoço.

— Não. — Ele concordou, e eu me virei de frente para ele, procurando por algum argumento para me manter firme na decisão de acabar, mas invés de ser resignada, eu deixei que ele me beijasse, acompanhando seu ritmo lento, sendo manipulada pelas lembranças do que vivemos juntos. Eu arfei ao sentir os seus lábios percorrendo meu pescoço, e levei minhas mãos sob sua camisa, mas fomos interrompidos pela porta sendo aberta com força, e logo a gritaria inundou o local. Eu ia sair do quarto, mas o Vitor me segurou e fechou a porta.

— Eles se resolvem. — Ele resmungou, e o choro da minha sobrinha ecoou. O Vitor a pegou no colo, e eu não pude conter o sorriso ao ver o jeito que ele tinha para isso. O choro da Luísa foi cessando aos poucos.

— E a sua irmã? — Eu disparei, sem pensar, e ele me olhou, sorrindo fraco.

— Uma graça, mas eu não tenho muito contato. Falta tempo. — Ele explicou. — Mas eu já me acostumei com a ideia.

— Que bom. — Eu falei, suspirando forte e nós ficamos em silêncio. Bem havia toda a gritaria e choro da Luana com o Rodrigo, mas logo eles também se aquietaram. O Vitor colocou a Luísa no berço novamente, e eu saí do quarto, mas não havia ninguém na sala, e a porta do quarto deles, estava fechada.

— Pobre Camila. — Eu zombei, ouvindo um riso do Vitor, atrás de mim.

— Ela vai superar rapidinho. – Ele falou de uma maneira convicta, e eu me virei para olhá-lo.

— Que ela deixe o Rodrigo em paz.

— Se ele não desse corda, ela não iria ficar em cima.

— Isso, Vitor! – Eu falei impaciente. – Defende a tua ex.

— To falando a verdade. A Camila é muito segura de si, pra ficar correndo atrás de homem que não a quer. E o Rodrigo a quer, só que ele tem a Luana, e talvez a ame.

— Eu não consigo acompanhar essa linha de raciocínio de canalhas. – Eu resmunguei, o analisando minuciosa, e me aproximei.

— E canalha nenhum consegue acompanhar a tua linha de raciocínio.

— Você é a prova disso. – Eu retruquei, sorrindo para ele. – E a Camila está na sua casa?

— Anna, você não tem moral pra querer falar da Camila na minha casa, já que você mora com o Fernando.

— Eu só perguntei. – Eu falei incrédula.

— Ela está, mas deve ir embora logo.

— Legal. – Eu falei desinteressada, pegando a chave do meu carro no sofá.

— Você devia me levar pra dar uma volta. Provar que dirige bem. – Ele sugeriu, e eu o olhei, porque para mim estávamos discutindo há muito pouco, contudo, concordei. Mandeí uma mensagem para o Rodrigo e para a Luana, avisando que já estávamos indo embora.

“Juntos, é?”

A Luana respondeu e eu revirei os olhos, observando o Vitor colocar o cinto de segurança.

“talvez”

Eu respondi, porque já estava mole e vulnerável, ao vê-lo mexer no som do carro.

— Seu pai te mima demais. – Ele falou, finalmente, mas eu ignorei a provocação. Eu achei engraçada a maneira como ele achava arriscado eu estar dirigindo tão rapidamente. Mas eu estava dentro do limite. Com medo de que eu batesse o carro, o que era quase impossível, ele sugeriu que parássemos numa sorveteria.

— Você é ridículo. – Eu reclamei, ao descer do carro.

Capítulo 53

Depois de uma tarde com o Vitor, onde demos uma trégua nas discussões e brigas sobre o que fizemos, ou apontando os nossos erros, eu fui pra casa, onde me tranquei no quarto.

Tentei ver algum filme, mas pensava ainda no Vitor, ou em *nós* dois. Se nós ainda teríamos uma chance.

Eu não tinha mais o que pensar. Não era uma dúvida sobre ficar ou não com ele, mas se daria certo. Se valeria a pena.

Eu fiz definitivamente nada a semana inteira, e no sábado, acabei indo pra balada com o Fernando. Ao chegar lá, nós fomos pegar uma bebida, mas logo a ruiva sem sal se aproximou, e eu fui dar uma volta.

Avistei o meu irmão, o Vitor e a Camila, e fiquei com o pensamento de que se eu fosse a Luana, já teria arrancado as bolas do Rodrigo e enviado de presente para a Camila.

Haja paciência.

Ainda fiquei com raiva de mim, por ter usado tanto a tática do sexo para evitar briga, ou adiar conversa. Foi assim com o Nicolas, foi assim com o Vitor. E o meu irmão fazia assim com a Luana.

Eu me aproximei deles. A Camila, que sorria ao conversar, parou de falar e me olhou entediada.

— Agora ela vai começar a provocar. — A Camila insinuou, bebendo um pouco da sua bebida e eu a olhei, rindo.

— Eu não vou me meter. Se você acha que ficar no meio de um casamento é papel de uma mulher...

— Você não precisa perder o seu tempo cuidando da minha vida. E o seu irmão já é bem grandinho, sabe bem o que faz. — Ela me lançou um sorrisinho *inocente*, e eu por impulso, ou para tomar as dores da Luana, joguei a vodca que estava no meu copo, nela. Eu a vi avançar em mim, mas o Vitor tomou a frente, e logo em seguida o Rodrigo segurou a Camila.

— Anna, por favor. — O meu irmão pediu, e eu o olhei furiosa. Eu tentando defender a mãe do filho dele, e ele ainda fica contra mim?

— Eu espero que a Luana te largue, Rodrigo! — Eu falei possessa, e vi a Camila arremessar o copo dela em mim, mas o Vitor mais uma vez tomou a frente, levando o banho. Eu queria voar nela, esbofeteá-la, mas com o último resquício de sanidade, eu me parei. Peguei todo o meu ciúme por ela ser ex do Vitor, e somei a ela ser amante do meu irmão. Mas de que adiantava eu me meter? A Luana nunca tomaria uma posição, e se não for a Camila vai ser outra. O Rodrigo não dá um basta nisso.

O Vitor me levou para o estacionamento, e ele cheirava a

uísque.

— Me desculpa. – Eu pedi, porque era mesmo minha culpa.

— Eu não entendo o porquê de você ficar se metendo. – Ele falou confuso. – A Luana não faz nada, o Rodrigo que tem que parar com isso, mas não para e você culpa só a Camila. A única solteira da história. – Ele riu incrédulo.

— O mundo seria mais fácil se as mulheres não fossem como ela. – Eu resmunguei.

— Belo pensamento machista. – Ele retrucou. – Você pensa igual a ela, Anna. Tá fugindo de relacionamento. A diferença é só que ela tá querendo um cara casado.

— É difícil demais conversar com você. – Eu falei, fazendo uma carranca para ele, que riu.

— Porque você quer alguém que só assine em baixo. Um cara que seja igual à Luana. Que aceite tudo que você fizer.

— Eu não quero isso! – Só faltei gritar, incrédula. O Vitor bufou um riso, destrancando o seu carro.

— Você vem comigo? – Ele perguntou, abrindo a porta. Eu estava tão furiosa por ele me comparar com a Camila e com o meu irmão, que entrei no carro sem nem pensar.

Ao chegar ao apartamento dele, ele foi para o banheiro, e eu fui beber água. Analisei que agora havia uma foto dele com a Camila na sala, e não acreditava que ele fosse maduro o suficiente para manter uma amizade sincera com a ex que ele amava, e que terminou com ele, sei lá por que. Para mim, era como se de repente, eu pudesse ser amiga do Nicolas. Sem lógica.

Por ele demorar no banheiro, eu fui até lá, me encostando a parede, ao lado do Box, e o olhei. Me deixei levar pelos pensamentos maliciosos do seu corpo no meu, e sorri envergonhada, vendo que ele me olhava.

— Vem tomar um banho comigo. — Ele pediu sorrateiro, e eu dei risada para o seu cinismo, mas estava tão nervosa que as minhas mãos tremiam.

— Eu não sou esse tipo de pessoa que você diz. — Eu falei, respirando fundo para me acalmar. Ele parou de se ensaboar e me olhou. — Eu não quero só usar alguém, e ter dito por tanto tempo que eu só queria só sexo contigo, nunca quis dizer só isso. Eu só queria ficar longe do termo, de dizer que você é meu namorado. Eu nunca quis, porque dentro de mim, isso seria como igualar você ao Nicolas. — Eu expliquei veemente confusa. — E as coisas com ele terminaram de uma maneira tão feia que eu tinha pavor de acontecer o mesmo com a gente. E aconteceu. — Eu falei mais baixo, nunca desviando o olhar dele. — Mas você nunca facilitou as coisas, Vitor. Agiu feito um menininho mimado, contrariado. Achou que poderia me fazer sofrer ao ficar com a Mayara, ou o que? Que eu iria correr pros teus braços por te ver com ela?

— Pelo amor de Deus. — Ele resmungou, rindo. — Vai remoer a Mayara a vida toda?

— Vou. — Eu rebati. — E se você quiser ficar comigo, acho bom se acostumar.

— E o banho comigo? — Ele perguntou, com um sorrisinho sorrateiro, e eu bufei um riso.

— Esse papel é meu, Vitor. — Eu falei solenemente, jogando o cabelo para o lado. — E não, eu não vou tomar um

banho contigo.

— Para de dificultar as coisas pra gente, Anna. Vamos só tentar, se não der certo... — Ele parou de falar, inclinando o rosto para o lado, e riu. — A gente tem a vida toda pra descobrir.

— Você é muito confiante. — Eu bufei um riso, ouvindo o toque do meu celular. Eu voltei para o quarto, para pegá-lo, e atendi, ao ver que era o Vitor.

— Você está onde? — Ele gritou, mas a sua voz se perdia em meio à música alta.

— No apartamento do Vitor.

— Ah... — Ele deu risada. — Tudo bem, então, beijo. — O Fernando finalizou a ligação, e eu me sentei à cama. Acabei rindo ao me lembrar do quanto eu insisti até conseguir ir pra cama com ele. Eu era mesmo uma mimada sem limite. No entanto, eu não estava arrependida.

— Quem era? — O Vitor perguntou, saindo do banheiro enrolado numa toalha. Eu o olhei, observando as gotas de água que escorriam pelo seu corpo.

— O Fernando.

— Pra?

— Não é da sua conta. — Eu retruquei, sorrindo para ele, que bufou um suspiro, indo até o guarda-roupa, onde pegou uma samba-canção. — Não adianta ficar se exibindo assim, nós não vamos ficar.

— Ok, Anna. — Ele falou, ríspido. — Nós não vamos ficar.

Talvez eu tivesse me arrependido de dizer tão

convictamente que nós não iríamos ficar, mas eu também não esperava que fosse levada a sério.

O Vitor pediu uma pizza pra nós, e então ficamos no seu quarto. Nós conversamos pouco, ele jogava no celular, enquanto eu zapeava os canais na televisão.

Era quase nostálgico estar aqui com ele, depois de tanto tempo. Eu procurava sentir o conforto e aconchego que sentia antes ao estar com ele, mas algo estava faltando agora, e eu não sabia dizer o que.

Eu deixei o controle da TV de lado, e o olhei, ele estava concentrado no jogo do seu celular, o que era engraçado.

— Você apoia a Camila estar com meu irmão? — Eu perguntei, e ele me olhou imediatamente.

— Tanto faz.

— Eu digo na posição de ex-namorado.

— Tanto faz, ela fica com quem ela quiser. — Ele deu de ombros. — Por quê?

— Não te incomoda ele estar enganando a Luana?

— Anna, o Rodrigo só vai mudar, quando a Luana mudar. Não adianta eu encher a cabeça da Camila pra ela ficar longe do Rodrigo, porque quando ela o procura, ele cede. Ele a procura, também. A Luana aceita isso porque quer. E sinceramente? Sorte do Rodrigo, ter uma Luana, fácil de levar na conversa. Se não fosse a Camila, seria outra.

— Ela é tua amiga! — Eu falei horrorizada.

— Sim, mas assim como eu não posso obrigar a Camila a ficar longe do teu irmão, eu também não posso obrigar a Luana a se separar dele. — Ele falou como se fosse o óbvio, e eu fiquei quieta.

Eu quis ir embora, quando a Camila chegou com o meu irmão, depois das duas da manhã e se trancaram no outro quarto, mas o Vitor não deixou.

— Isso é sequestro! — Eu falei furiosa, batendo o pé no chão, e ele riu, jogando a chave em cima do guarda-roupa. — Vitor, não é assim que você vai conseguir dormir.

— Eu não quero dormir. — Ele sorriu, me empurrando contra a porta, fechando o espaço entre os nossos corpos. — Eu tenho planos melhores, que tomar dores dos outros e me irritar com isso. — Ele sussurrou, correndo os lábios em meu pescoço. Meus olhos se fecharam quando o arrepio forte correu meu corpo, e a minha cabeça tombou para o lado, lhe dando mais acesso. Enquanto isso parte de mim queria me matar. Eu me traía igual o Rodrigo fazia com a Luana, descaradamente.

— Você é desumano. — Eu sussurrei, enquanto ele subia o meu vestido, e sei lá porque, deixei que ele o tirasse.

— E eu to morrendo de saudade de você. — Ele sorriu, jogando a peça de roupa no chão. — Mas eu também não vou fazer nada que você não queira. — Ele falou, roçando a boca na minha, encaixando seus lábios nos meus, ameaçando se afastar. Eu levei uma mão por entre o seu cabelo, toda trêmula e com o coração acelerado.

— Eu não quero. — Eu falei, e ele riu, antes de me beijar. Eu gemi contra sua boca, enquanto ele nos levava de volta para a cama. Eu fui pro meio dela, enquanto ele vinha para

cima de mim, encaixando nossas bocas num beijo eloquente.

[...]

Capítulo 54

Acordei no meio da noite, me sentindo toda confusa por tudo que aconteceu. Depois de toda a luta para me acostumar a ficar sem ele, coisa que já não fazia tanta falta, apesar da confusão de querer ou não querer, de ficar ou não ficar. De dar ou não certo. Eu olhei o Vitor, que dormia, de bruços e me aproximei, brincando com seus lábios, mordendo com força o seu lábio inferior, rindo ao vê-lo grunhir e me afastar no impulso.

Eu queria sair do quarto para beber água, mas estávamos trancados, e eu não sabia como ele faria para pegar a chave no guarda-roupa, que era alto.

Na manhã seguinte, eu acordei com um Vitor excitado, beijando meu pescoço.

— Tão gostoso acordar assim com você. – Ele falou sorrateiro, entrelaçando nossas mãos. Eu grunhi, me virando de frente para ele.

— Eu preciso ir embora. – Eu falei, acariciando seu rosto, me aproximando para selar nossos lábios. Ele sorriu, se levantando. Eu o segui para o banheiro, onde tomamos um banho demorado, juntos.

Depois de uma batalha para resgatar a chave da porta, nós encontramos a Camila na cozinha. Eu me recusei a comer com ela, e o Vitor foi pegar a chave do carro para me levar

em casa.

— Você ficar de cara feia pro meu lado, não resolve a situação do seu irmão. E pior, você briga comigo, como se eu fosse a culpada do seu irmão ser infiel.

— Pra quem era a mocinha perfeita e correta, você tá se saindo uma bela puta. – Eu falei, irritada, e ela deu risada, jogando a cabeça pra traz.

— Olha pra você, Anna. Olha pro que você faz, pro que você tem com o Vitor, pra depois analisar se tem alguma moral pra vir me falar alguma coisa.

— Chega! – O Vitor falou, entrelaçando nossas mãos. – Camila, menos. – Ele resmungou, e ela revirou os olhos. Ele ainda me olhou, mas eu o encarei, pronta para jogar a Anastácia e a Mayara na cara dele, mais uma vez, se ele ousasse me dizer algo sobre isso. – Vamos. – Ele falou, por fim.

— Eu quero ver quanto tempo esse romancezinho de vocês vai durar. – A senhorita perfeita provocou, e eu ia voltar para retomar a discussão, mas o Vitor me puxou para fora do apartamento.

— Eu odeio você! – Eu falei, saindo na frente.

Eu fiquei em silêncio o caminho todo, eventualmente ignorando o Vitor.

— Anna, você começar a me ignorar, não resolve a situação do teu irmão! – Ele falou irritado, quando parou num sinal vermelho. Eu o olhei, arqueando as sobrancelhas. – Meu deus. – Ele falou, suspirando forte. – Eu só não sei por que ainda tento consertar as coisas contigo.

— Você é a vítima, Vitor! – Eu falei sarcástica. – Nossa, coitado de você por ter que lidar comigo. – Eu continuei, possesora de ódio, e ele riu, acelerando o carro. – Eu nem sei pra que eu ainda cogito a ideia de te dar uma chance. Depois você vai vir com a ideia de namoro, ou dizer que eu to te usando pra ter sexo.

— Você vai moldar a nossa relação na merda que o teu irmão faz com a Luana? – Ele perguntou prepotente. – Porque se for pra ser assim, pra você ficar nos colocando em alguma briga, só porque eu não acho que eu, ou você, possa resolver isso pra ele, eu também acho melhor parar por aqui. – Ele falou, cheio de si, me deixando mais irritada ainda. – Eu já to aceitando as brigas que virão sobre a Mayara, ou a Anastácia, eu fui errado, eu fiz errado, é um direito seu. Agora sobre a Camila e o Rodrigo, não!

— Sabe o que é pior? – Eu perguntei, rindo incrédula. – Você sempre dá um jeito de sair como o certo da história toda! A vítima. O coitadinho que queria assumir um relacionamento sério!

— Você é louca. – Ele falou horrorizado, estacionando em frente ao prédio.

— Eu nem sei pra que perco meu tempo contigo.

— Então a nossa noite maravilhosa acaba aqui.

— Ótimo. – Eu forcei um sorriso para ele, que riu.

— Anna, por favor. – Ele pediu. – Não tem necessidade de a gente brigar por tão pouco. Colabora comigo.

— Vitor, me dá um tempo, ok? Eu só preciso de um tempo.

— Mais tempo? – Ele perguntou sarcástico.

— Não é pra pensar, é pra ter paz. — Eu resmunguei, antes de descer do carro.

Capítulo 55

Eu troquei de roupa, e me deixei dormir o resto da manhã. Acordei com o Fernando mexendo nos meus pés, me irritando.

— Isso é TPM, mulher. — Ele falou, quando eu levantei furiosa com ele, para ir ao banheiro. Quando eu saí, o encontrei sentado na minha cama, mexendo no seu celular. — E como foi a noite?

— Eu estou ficando louca. — Eu falei, me jogando na cama. — Ao mesmo tempo em que eu sinto que pode dar certo, tem a Camila, a Mayara a Anastácia... E ele não sabe ficar quieto pra evitar uma briga. Entende?

— Se ele te ignora dá briga do mesmo jeito, eu garanto. — o Fernando falou convicto, e eu bufei um riso.

— E você e a sem sal?

— Sara. — Ele fez questão de me corrigir, sorrindo. — Não é um romance, então para de remoer.

— Eu não entendo como a Luana suporta o que o Rodrigo faz.

— Ela ligou hoje cedo, acabada no choro. Mas não escuta ninguém.

— O Rodrigo gosta dela, ele só se aproveita que ela é fácil de levar na conversa. — Eu falei incomodada. — Sabe, eu fiz isso também, eu não queria assumir um namoro com o Vitor, e cortei conversas sobre isso com sexo, enquanto eu pude.

— Anna, essa tua história com o Vitor é tão confusa, que eu nem sei por onde começar, pra tentar entender. Uma hora eu tenho certeza de que ele é o errado, mas daí eu paro pra analisar a tua postura em relação a isso tudo e fico com pena dele.

— Você não tem a opção de ter pena dele. – Eu sorri ironicamente para ele. – Porque você é meu amigo e tem que me defender.

— Você precisa adquirir juízo.

— É que eu sou um pouco mandona e briguenta, e o Vitor não sabe me ceder.

— Quando você achar um cara que se molde perfeitamente a tuas loucuras, ele não é só teu.

— Ele no caso, seria meu e da Mayara. – Eu revirei os olhos e o Fernando riu. – Mas o Vitor ficou com ela, também.

— Meu deus.

— Eu perdoei a Anastácia, quero dizer, o Vitor ter ficado com ela. Já é uma coisa. Ele querer que eu engula essa historinha com a Mayara é pedir demais. E sabe o que é pior? Ele não toma uma posição firme em relação à Camila e o Rodrigo.

— Porque ele não tem que tomar essa posição, Anna. – O Fernando entediado. – A única pessoa que pode dar fim nessa palhaçada é a Luana. E não é fazendo susto no Rodrigo, porque ele sempre vai voltar a fazer merda.

— A Camila deveria parar, também.

— A Camila não deve satisfação pra ninguém, o Rodrigo sim. Ele deve respeito à Luana. E não cabe a você resolver isso.

— Vamos arrumar outro namorado pra Luana. — Eu falei, porque parecia uma solução fácil. O Fernando riu, como se nós soubéssemos que ela não iria querer um cara que não fosse o Rodrigo.

Ele ia dizer algo, quando a Anastácia entrou no quarto, trazendo um buquê de rosas, brancas, amarelas e vermelhas. Eu olhei confusa, por ela entrar para nos mostrar.

— É do Vitor. — Ela falou, e eu me sentei, pronta para desfazer qualquer merda que estivesse para começar com o Vitor outra vez. O que? Ele passa a noite comigo e no dia seguinte manda flores pra essa vaca? E ela ainda vem provocar?

— Que? — Eu perguntei horrorizada, e o Fernando riu da minha expressão ridícula.

— Não são pra mim, são para você. — Ela falou entediada, vindo até mim para entregar. — Ele é um idiota, mas bem, você tem sorte. — A Anastácia deu de ombros, mas saiu do quarto antes que eu pudesse dizer que ela era o ser mais cínico que eu conheci no mundo. Quero dizer, talvez ela perdesse para o Nicolas, mas ele não fazia mais parte da minha vida.

— Leia o cartão. — O Fernando pediu, desinteressado, enquanto digitava algo no celular. Eu o olhei, suspirando forte.

— Ele não pode me comprar com flores.

— Anna, pelo amor de Deus. Se você quer voltar com o cara, esquece, supera, engole as merdas que vocês fizeram. Ou esquece tudo e segue a tua vida. Ficar remoendo e brigando pra não ter que tomar uma decisão, não resolve a tua vida. Que mania de complicar! — Ele resmungou, se

levantando e saiu do quarto.

Eu fiz uma carranca, por ele sempre querer estar com a razão. Sempre me deixar sem um argumento em que eu me sentisse a certa. Eu levantei para fechar a porta, e peguei o cartão, que tinha um textinho escrito à mão.

Eu deixei escapar um risinho, imaginando que ele copiara algo da internet.

“As rosas amarelas evocam um sentimento de alegria e felicidade, e eu espero conquistar isso, ao teu lado. As vermelhas representam amor, traz a ideia de romance, mas a gente sabe que você tem sérios bloqueios com relacionamentos. É uma maneira de dizer sobre amor, mesmo que nós tenhamos construído esse sentimento de uma maneira torta e confusa. A branca representa a paz, Anna. Representa a inocência, pureza, e os novos começos. O nosso recomeço.”

Porque eu era tão idiota?

Era óbvio que ele só queria me comprar com esse romantismo barato. E eu nem gostava desse tipo de coisa.

Tive vontade de responder, e dizer que ele teria tido mais sucesso se tivesse me mandado chocolates, mas então eu estaria mentindo.

Era clichê, claro, soava romântico, claro. Mas no fundo eu tinha adorado.

Porque o Vitor sabia que era muito fácil me ganhar, se chegasse para mim e nos guiasse para o sexo. Se ele quisesse, ele teria somente sexo comigo, e mesmo eu sendo essa louca, com ele (vamos ignorar toda a merda com a Mayara e a Anastácia *agora*), ainda insistia em algo a mais.

Eu suspirei, ele não iria me transformar numa romântica patética. Deixei escapar um riso, cheirando as flores.

Volto a dizer que, é por isso que os homens aprontam tanto, fazem tanta bobagem por aí. Acham que podem consertar tudo com um buquê de flores, e um cartãozinho com uma explicação mal feita.

Ok, eu havia gostado.

Mas isso não apagava a Mayara.

E a Anastácia.

Eu contive a vontade de ligar para falar com ele sobre as flores, e bem, sobre o cartão. Porque me conhecendo bem, acabaríamos numa briga, a qual eu nos colocaria por uma coisa qualquer.

Dormi mais um pouco, mas acabei levantando para comer alguma coisa. Eu parei no susto ao ver o Rodrigo na sala.

— Tá fazendo o que aqui? – Eu perguntei confusa.

— Vim pedir pra você conversar com a Luana. – Ele falou, e eu forcei uma risada para o seu cinismo.

— Por?

— Porque ela simplesmente se achou no direito de ir embora e levar a minha filha. – Ele falou como se fosse o óbvio, e eu sorri. – Anna, ela não pode simplesmente ir embora e levar a Luísa.

— Eu não penso igual a você.

— Anna, você não pode comparar a vida que eu to construindo com a Luana, com o rolo sem importância com a Camila.

— Por isso mesmo, eu acho sem lógica você abandonar a vida que tinha com a Luana, pra ficar com a Camila. – Eu falei ironicamente. – Por favor, né, Rodrigo, mulher nenhuma merece passar por essa humilhação. Ser traída explicitamente, e você ainda quer ter razão? – Eu perguntei incrédula. Talvez essa coisa de querer ter razão em absolutamente tudo, fosse alguma herança genética. Eu não esperei que ele respondesse e fui para a cozinha, onde peguei um pouco de salada de frutas que havia na geladeira.

— Anna, não é querer ter razão. É amar a Luana. – O Rodrigo falou ao entrar na cozinha. Eu bufei um riso, pegando mais um pouco de salada de frutas e voltei para o quarto, mas o meu irmão me seguiu.

— Rodrigo, você tá sendo ridículo. – Eu falei, com a boca cheia, frustrada, por ele ser tão cego, tão idiota. –

Aproveita agora que a Luana foi embora e curte a Camila. Ela não é tão perfeita? A moça digna pra casamento?

— Não, Anna. — O Rodrigo riu. — Quem mandou? — Ele perguntou ao notar as flores sobre a cama. — Vitor? — Ele riu, pegando o cartão. — Daí você ainda não fica com ele?

— Eu deveria ter te escudado na primeira vez que fui pra cama com ele. — Eu resmunguei, e o olhar reprovador do Rodrigo deixava evidente que ele não se sentia confortável ao imaginar que eu transava com o Vitor.

— Então vocês se acertaram?

— Talvez. — Eu resmunguei.

— O cara diz que te ama, e você ainda faz doce? — Ele perguntou incrédulo, e eu o olhei incrédula.

— Ele não disse isso.

— Anna, você é uma menina inteligente, ele disse, sim. — O meu irmão riu, me mostrando o cartão. — É uma maneira de dizer sobre amor, mesmo que nós tenhamos construído esse sentimento de uma maneira torta e confusa.

— Isso não quer dizer nada. — Eu desconversei, porque não me sentia confortável para pensar e assimilar isso como uma declaração de amor. Nós construímos algo confuso e torto, não necessariamente era amor.

— Vai querer as flores? — Ele perguntou, e eu o olhei confusa. — Eu vou levar pra Luana.

— Ah, seja mais homem, Rodrigo! Seja mais criativo. Flor remete tanto algo de praxe. Errei e vou presentear com flor. — Eu falei enojada. — Se um namorado meu me traísse e chegasse com um buquê de flores roubado para mim, eu o matava e ainda levaria as flores para usar no enterro.

— Eu não duvido disso. — Ele riu. — Mas eu não vou rodar atrás de flor. — Ele deu de ombros, pegando as minhas flores, que já estavam fazendo parte de mim, mesmo que eu odiasse flores.

— Eu tenho vergonha dessas suas atitudes ridículas. — Eu resmunguei, enquanto ele saía do quarto.

Eu esperava que pela noite a Luana já estivesse de volta para o apartamento deles. O que era terrivelmente frustrante. Ela iria passar a vida nisso? Forjando uma separação a cada vez? Mas cedendo para ele sempre?

Luana

Eu estava no meu antigo quarto, na casa dos meus pais, olhando a minha filha dormir, tão serenamente. Alheia as burradas que o seu pai vinha fazendo ultimamente.

O Fernando já havia dito que chorar feito uma louca, mas voltar no primeiro *Eu te amo*, do Rodrigo, ou cedê-lo e fazer sexo com ele, quando eu nem estava liberada pelo meu médico ainda, não iria resolver nunca essa situação.

Ele ainda foi além, disse que essa situação entre nós dois, só seria resolvida quando eu não voltasse mais. Porque o pai da minha filha, homem esse que eu julgava ser o amor da minha vida, já me deu provas de que não iria mudar.

E como a minha mãe havia dito: o que eu poderia esperar de um cara que me engravidou e surtou querendo que eu abordasse, me assumiu e assumiu a minha filha, mora comigo, mas ainda depende do pai?

Ok que agora ele tinha como construir algo seu, com o que a sua mãe havia deixado para ele e para a Anna, mas nada dele exigiu esforço. Nada vindo dele era digno de um homem de verdade.

Mas nem frisar os defeitos dele e pintá-lo de moleque, me fazia querer parar de tentar.

Eu era a pessoa mais forte e decidida e firme, que eu conhecia, até me envolver com o Rodrigo. Eu deveria ter parado com essa coisa no momento em que ele passou a me levar a sua casa, mesmo dizendo que nunca o fazia.

Ou ter sumido da vida dele quando eu engravidei, e ele invés de me dar conforto e apoio, porque no início eu não queria, ele me culpou e queria que eu sumisse com a criança.

Só de lembrar eu sentia remorso, por ter cogitado a ideia.

Mas também eu não podia julgá-lo. O Rodrigo sempre foi um cara nem aí pra responsabilidades, e hoje tinha um amor incalculável pela Luísa. Eu o conheci melhor numa roda onde todos fumavam maconha. Até cheguei a experimentar, mas nunca gostei realmente da coisa. Não como ele.

O cara tinha toda e qualquer menina que quisesse, e escolheu ficar comigo. Por um bom tempo eu só o via comigo, até a Camila aparecer, para atormentar a minha paz.

Eu não estava culpando-a. Claro, eu não iria dizer que a vida não seria mais fácil se ela não existisse, porque seria sim. Mas, no entanto, ela só estava fazendo o que eu fiz,

entrando de cabeça numa coisa que a faria mal depois, se ela fosse fraca como eu. Porque o Rodrigo sabia bem como satisfazer e conquistar uma mulher. Digo, eu me sentia dona de mim e controladora dos meus sentimentos.

Sempre agi como se fosse uma droga que eu podia viver sem, mas com ele foi diferente.

Eu estava decidida a seguir em frente, e jurando para mim que dessa vez eu seria a pessoa firme que eu já fui um dia.

Até ele entrar no quarto, com um buquê de rosas vermelhas, brancas e amarelas.

Seria uma graça se eu não tivesse um tipo de alergia ao cheiro delas, e ele sabia disso. Ele mal se aproximou, e a onda de espirros me dominou.

— Você quer me matar? – Eu perguntei incrédula. E cadê a minha mãe? Que jurou nunca mais deixá-lo entrar aqui? E o meu pai? Que queria matá-lo?

O Rodrigo saiu do quarto com as flores, e eu fui ao banheiro, lavar o rosto, como se isso pudesse me ajudar.

— A gente pode conversar? – Ele perguntou baixo, quando eu voltei para o quarto e eu o encarei. Queria chorar.

Eu imaginava que poderíamos construir uma vida juntos. Mas nunca dessa sua maneira. Eu não seria a esposa que fica em casa cuidando dos filhos, enquanto ele trai por aí, como se fosse nada.

— Diz.

— Você não pode deixar que isso destrua a gente, amor. — Ele falou vindo até mim, mas eu me forcei a lembrar de que ele dormiu fora, com ela. Que ele não se importou se eu estava sabendo, ou sofrendo. Só pensou no seu prazer. E eu não podia deixar a minha filha crescer com um exemplo fodido desses.

— Rodrigo, não sou eu quem está destruindo alguma coisa. Por favor, para de ser tão ridículo. Você acha o que? Que eu tenho a obrigação de voltar pra você?

— Eu te amo.

— Sim, você me ama. — Eu concordei, forçando uma risada incrédula. — Ama tanto, mas tanto, que não é capaz de controlar o pau dentro da calça. Tem que ficar com a senhorita perfeita, como a tua irmã costuma dizer.

— Ela não significa nada pra mim.

— Mas a Camila significa muito pra mim. — Eu resmunguei, o encarando firme. — Significa o nosso fim. Ela significa sofrimento. Ela significa promiscuidade. Ela significa traição. Ela é tudo aquilo que eu quero bem longe de mim. E da Luísa. E se você não é capaz de se manter longe dela, vai ficar longe de nós.

— Eu não preciso dela. Eu preciso de vocês.

— Sério amor? — Eu perguntei irônica, sorrindo falsamente para ele. — Até quando você não precisa dela? Até

o próximo telefonema? Ou até você encontrá-la e achá-la gostosa demais para perder a chance?

— Desde quando você é assim? – Ele perguntou incrédulo.

— Desde sempre. Eu sou assim, e você devia saber. Aquela mocinha idiota que sempre aceitava a sua desculpa e voltava pra você, era só uma mãe desesperada para dar uma família a sua filha. – Eu falei, sentindo a minha vista embaçar, como o emocional traidor. – Porque eu tive pais maravilhosos, apesar de tudo. E eu achava que a minha filha merecia isso também. Só que eu me enganei achando que poderia dar isso a ela, ficando ao teu lado. – Eu funguei.

— Eu posso mudar, amor. – Ele falou, vindo até mim, com os olhos marejados, também. Essa seria a hora que ele chora, e eu volto. Mas não dessa vez.

— Você não pode. – Eu falei, desviando dele. – Sabe, Rodrigo, a última coisa que eu queria, era que a Luísa crescesse designada a passar apenas alguns finais de semana com você. Porque ela teria que conviver com a sua mania suja de viver. De aproveitar à vida, mas eu não posso privá-la de ter um pai, e você se esforça muito para aprender e ser um bom pai para ela. E eu não posso afastar você dela, infelizmente. Mas eu queria te pedir um tempo.

— Luana, isso é sem lógica! – Ele falou, com a voz embargada. – Eu não preciso de outra mulher, só de você!

— Para com isso! – Eu pedi, fungando, impotente. – Você precisa da Camila mais do que precisa de mim, porque não pensou em mim antes de ficar com ela! E eu não quero mais. Ouvir desculpas tuas não resolve nada. Ela vai sumir um tempo, ok. Ela vai voltar e você vai para ela, como um

cachorro atrás de carne nova.

— Eu paro com isso.

— Essa não é a primeira vez que eu ouço isso. – Eu falei, sorrindo fraco. – Eu espero um dia encontrar alguém, que seja digno de estar perto da nossa filha. E eu espero que você não coloque qualquer vagabunda na vida dela.

— Luana, olha o que você tá falando! – Ele falou horrorizado, levando as mãos para a cabeça, deixando as lágrimas rolarem.

— Rodrigo, você me viu dormir, acordar, tomar banho, você me fez gozar como nenhum outro homem já foi capaz. Você conheceu meus medos, você revirou a minha vida, me fez doer como eu nem imaginava que fosse possível, e eu ainda tentei ficar, eu tentei demais, eu me fingi de cega, eu ouvi desaforos dos meus pais por estar sendo tão burra. Porque eu não precisava de você para nada, mas queria estar contigo. Eu frustrei e afastei amigas pra tentar ficar contigo. Eu abri mão de uma vida por você, e você? Ganhou um apartamento mobiliado do seu pai, pra assumir a Luísa? Trocou de carro? Rodrigo, você sequer trabalha! Nossas despesas eram custeadas pelo seu pai, a nossa filha era bancada pelo seu pai! E eu não quero que ela cresça vendo isso. Amor não é isso, Rodrigo. E o que você sente por mim, não é amor. É posse. Eu sou só a mãe da sua filha, e você precisa ter controle sobre mim. Mas eu decidi que apesar dela, eu mereço viver, eu mereço ser feliz, e eu preciso passar tranquilidade para ela. Eu amo você, mas eu prefiro a nossa filha, eu prefiro a felicidade dela. E crescer vendo as tuas atitudes sujas, não fará bem.

O Rodrigo ficou inerte, e a Luísa acordou, então eu a peguei e saí do quarto. Desci as escadas, e encontrei a minha mãe na sala, com o Caíque. Ele era um primo emprestado, enteado de um irmão da minha mãe. Aquele primo mais velho que a gente costuma ter umaaventurazinha. Eu perdi a virgindade para ele. Bem, não foi lá a melhor experiência da minha vida, e eu nem me apaixonei perdidamente por ele depois disso. Sendo uma menina precocemente desenvolvida, eu tinha quase quinze anos na época e ele dezenove. Depois disso tivemos mais algumas experiências juntos, porque eu era uma menina muito a frente do meu tempo. Era o nosso segredo. Nos dávamos bem, afinal. E ele queria conhecer a minha filha.

— Ela é a sua cara. — Ele falou, ao pegar a Luísa, que se mexeu no colo dele. — É linda.

— Eu estava falando com o Caíque, sobre você passar uns dias na fazenda dos pais dele. Eles estão de férias lá. Faria muito bem para você, amor. — A minha mãe falou carinhosamente. Eu a olhei, sem saber o que dizer.

— Seria bom demais, Lu. — O Caíque falou, animado. — A Marcela e a Bethy estão lá conosco, elas vão amar conhecer a Luísa.

— E você precisa pensar um pouco. Antes de tomar uma atitude definitiva.

— Eu vou, então. — Eu falei, sem convicção, e o Rodrigo desceu as escadas, saindo da casa sem se despedir de ninguém.

Eu arrumei tudo com a ajuda da minha mãe, para não esquecer nada importante. Claro que parte minha queria dar

mais uma chance para o Rodrigo, mas de que adiantaria?

E, além disso, eu precisava ficar um tempo longe das investidas dele. Do drama que ele faria para que eu voltasse. O deixasse seguro para continuar a suaaventurazinha de merda com a Camila.

Capítulo 56

Anna Maria

— Então você acha que pode bater na minha porta, me intimando para jantar com os seus pais, como se fôssemos namorados? – Eu perguntei, não conseguindo conter o riso, e o Vitor arqueou uma sobrancelha, mas negou com a cabeça.

— Nós não somos namorados. – Ele falou. – Seremos não namorados, talvez.

— Como você consegue agir como se nada de ruim tivesse acontecido nesse meio tempo? – Eu perguntei, deixando que ele entrasse no apartamento e fechei a porta.

— Você poderá conhecer a minha irmã, também. Ela é uma graça. – Ele falou, me ignorando sabiamente, para que não entrássemos na eterna discussão.

— Eu gostei das flores, mas o Rodrigo as roubou. – Eu falei, e ele me olhou desconfiado, mas acabou rindo.

— Ele já deve ter voltado com a Luana, então...

— Ela não pode ser tão burra, vai. – Eu revirei os olhos. – Então o jantar com os seus pais será...?

— Amanhã. Seria perfeito que você dormisse comigo e amanhã cedo nós pudéssemos pegar a estrada. – Ele falou e eu bufei um riso para a sua cara de pau. Eu queria brigar, também, porque por mais que eu quisesse tentar de novo, o que eu nem tinha uma certeza absoluta, ele deveria levar as coisas com mais calma. Não era só porque transamos e ele me

mandou flores que um romance perfeito fluiria entre nós. Ainda mais sendo eu.

— A senhorita perfeita deve odiar isso.

— Mas ela não tem direito de opinar pra mim. E ela quer ir embora, eu vou levá-la.

— É patético, ela vem, faz a bagunça toda, quando a Luana termina com o Rodrigo, ela vai embora. Aí a Luana se convence com o drama que o Rodrigo faz, eles voltam e vivem algo perfeito por um tempo, até a Camila se achar no direito de vir perturbar.

— Incrível a sua capacidade de colocar a culpa toda na Camila.

— Eu não gosto dela. – Eu sorri para ele, seguindo para o meu quarto. O Vitor me seguiu, mas encontramos o meu pai no corredor.

— Você não pode ter as duas, rapaz. – Ele falou em advertência para o Vitor, e eu me senti vingada por ele ter dormido com a Anastácia. O Vitor não o respondeu, mas estava desconcertado, e nós entramos no meu quarto.

— Eu não vou poder não namorar você, se o meu pai não deixar. – Eu falei, fechando a porta, e o Vitor me olhou desconfiado.

— O seu pai não parece querer ir contra alguma vontade sua. – Ele sorriu falso para mim, me empurrando contra a porta. – Mas eu não vou te forçar a nada, mais. Eu só faço o que você quiser, ou o que você pedir. – Ele sussurrou com a malícia escorrendo em seu tom. Eu deveria continuar e provocá-lo de alguma maneira, mas não o fiz.

— Eu iria adorar que a Camila não fosse mais ao seu

apartamento. – Eu falei, e o Vitor, que ensaiava um beijo em meu pescoço parou e me olhou, confuso. – Eu não gosto dela.

— Eu não gosto do Fernando. – Ele retrucou, tão mimado quanto eu.

— Toda vez que ela vem, o Rodrigo perde a Luana, e a Luana sofre.

— Nós vamos amanhã bem cedo, e voltamos na terça, ou na quarta. – Ele falou, desviando o assunto.

— Ok, Vitor. – Eu concordei, entediada.

Eu arrumei uma mala pequena, com algumas roupas minhas, e como meu pai havia saído, eu avisei ao Fernando, para onde estava indo.

— Eu não tenho autoridade pra te dar essa permissão. – Ele avisou, e eu fui até ele, deixando um beijo estalado na sua bochecha.

— Você não parecia tão contra eu estar com o Vitor, quando o mandou lá na minha viagem.

— Porque eu sabia que você não ia ceder. – Ele resmungou. – Mas eu espero que dê certo.

— Eu também.

Eu quis bater no Vitor, por ele me agarrar quando entramos ao seu apartamento, já subindo a minha saia.

— A Camila não está. – Ele falou, nos empurrando para o quarto. Eu sabia que ela estava com o meu irmão, porque onde mais ela estaria? Deixei que ele nos levasse para a cama, vindo para cima de mim, me beijando carinhosamente.

– Eu senti muita falta de passar as noites contigo. – Ele falou, subindo a minha blusa, e eu a tirei rapidamente, e abri o sutiã, o jogando. Afundei os dedos em seu cabelo, quando ele beijou meu seio tão carinhosamente, mas não ficou muito ali. Eu gemi fraca, quando ele tirou a minha saia, junto com a calcinha, abocanhando meu sexo de maneira sedenta. Eu choraminguei, quando o seu toque passou a ser mais fraco e fechei mais as pernas, me empurrando para ele, que grunhiu, afundando a língua em mim, que estremeci, mas ele parou, tirando a sua roupa, deixando um beijo casto em meus lábios, enquanto me penetrava bem devagar. Eu fechei os olhos, com a respiração falha, angustiada com a sua cautela, e ele gemeu forte, terminando rápido, indo fundo.

— Eu não estou tomando a pílula. – Eu o lembrei, mesmo que já tivesse o dito na noite passada. O Vitor assentiu, iniciando movimentos moderados, e eu enrolei as pernas em suas costas, o sentindo ir e vir, sabendo que seria rápido. Eu arranhei suas costas com força quando um orgasmo me apertava intensamente, e ele gemeu forte, saindo antes, derramando seu gozo na minha barriga. Eu corri uma mão pela bagunça que estava sobre mim, e ele deixou escapar um riso, ainda arfando e inclinou para me dar um beijo.

— Vem tomar um banho. – Ele falou, se levantando.

Na manhã seguinte, nós tivemos que recorrer a uma pílula do dia seguinte, porque o Vitor não sabia bem o que era autocontrole e eu, obviamente me deixei ser manipulada por ele. A Camila estava quieta durante o percurso, e ainda se sentiu no direito de nos dar um sermão pela aventura arriscada.

— Que mau humor, Camilinha. – O Vitor zombou, rindo. Ao contrário da Camila, e de mim, ele estava radiante. Como um cara que ganhou na loteria.

— Você teve notícias da Luana? – Ela perguntou, mal humorada. Eu não respondi, mas o Vitor havia falado com ela hoje mais cedo. No entanto, ele também não a respondeu. – Vocês estão surdos?

— Camila, isso não te diz respeito. – O Vitor falou. – A Luana fez o que você queria, largou o Rodrigo e aí?

— Vai pro inferno, Vitor. – Ela resmungou. Era até estranho imaginar que eles namoraram um dia. Ou que eles transaram um dia. Eu não gostava da Camila, mas nenhum sentimento de ciúme me assombrava, também.

O Vitor deixou a Camila em casa e depois fomos para a sua, onde a sua mãe nos esperava. Eu estive envergonhada ao cumprimentá-la, mas ela ainda alegou estar feliz com a nossa *volta*. O Vitor assumiu para eles que era um namoro, sem nem me consultar. Ainda teve a audácia de falar que era um rapaz de família e não levaria uma que não fosse sua namorada para dentro da casa dos seus pais.

Depois ainda replicou, afirmando que os seus pais não eram tão modernos quanto eu e a minha invenção de namorar não namorando.

Eu queria brigar, só para variar, mas fui interrompida para conhecer a Luísa. A mãe do Vitor ficou toda emocionada quando eu contei que a minha sobrinha também se chamava

Luísa.

— O seu irmão tem bom gosto. – Ela falou. Eu passei a tarde ali, com a minha *sogra* e *cunhada*. O Vitor havia saído para rever uns amigos, e voltou pela noite.

Depois de um jantar agradável com seus pais, nós fomos para o quarto. Dessa vez a mãe do Vitor não se preocupou em nos deixar em quartos separados.

— Você falou com a Camila depois de deixa-la em casa? – Eu perguntei, mexendo no meu celular. Pelo instagram eu pude ver fotos da Luana com a minha sobrinha. O Rodrigo era mesmo um idiota por se esforçar em perdê-la.

— Não. – Ele respondeu, saindo do banheiro enrolado numa toalha da cintura para baixo. – E você não gosta dela, não tem que se preocupar. – Ele me lembrou, zombeteiro e eu bufei um riso. – E a minha mãe, te tratou bem?

— A sua mãe é um amor de pessoa. – Eu falei encantada. – Ao contrário de você, né.

— Você me ama muito, Anna. – Ele resmungou, vindo para cima de mim, todo molhado, me fazendo grunhir.

— Para, Vitor. – Eu pedi, ficando arrepiada com seu beijo no meu pescoço, e ele riu, descendo para o colo. – Você tá todo molhado. – Eu reclamei, enquanto ele descia a minha calcinha, sem se preocupar em tirar o meu vestido.

— Você também vai ficar. – Ele sussurrou, me fazendo rir. O Vitor colocou meu celular na mesa de cabeceira, antes de me beijar eloquentemente.

O meu pai ligou, se achando no direito de dar um sermão por eu estar me sentindo no direito de viajar sem pedir para

ele. E que apesar de eu ter transado com o Fernando – sim, ele falou nitidamente, ele não tinha autoridade pra me deixar ou não fazer alguma coisa.

Essa coisa de ele querer estar cheio de regras e limites só poderia ser a convivência com a Cris. Para o meu azar – ou não –, a minha *sogra*, como o Vitor vinha lembrando ultimamente, estava na hora do sermão e me tomou o celular, falando com o meu pai. Tudo terminou quando ela o convidou para jantar. Ele e a *família* inteira.

Eu ainda me senti no direito de pirraçar o Vitor, porque a Anastácia estaria junto, muito provavelmente e ele dormia com ela. Conhecendo o meu pai, eu esperava por algum tipo de advertência sobre isso.

— Nossa, Anna, chama a Mayara também. – O Vitor resmungou, se jogando na cama, ao meu lado. – Melhor, faz uma lista de todas as meninas que eu já comi e faz um jantar para elas. – Ele continuou, e eu o olhei boquiaberta, muda pela sua cara de pau. Então o belisquei no abdome, com a unha. Ele grunhiu de dor, e eu dei risada. – Você é louca. – Ele falou incrédulo, levantando a camiseta, passando a mão onde estava a pequena marca das minhas unhas.

— Você acha que a Camila gosta do Rodrigo? – Eu perguntei, e ele desviou o olhar da pequena marca para mim.

— Não sei.

— E você falou com os seus pais sobre o tempo que a gente ficou separado? Da Mayara e tal...

— Nossa, Anna, eu ia falar com os meus pais que por

você não querer me namorar, nós brigamos e eu fui lá e fiquei com a Mayara. – Ele falou sarcástico, e eu dei risada.

Capítulo 57

Quando voltamos para casa, eu fui ver o Rodrigo, porque segundo meu pai, ele não estava muito bem. Algo como uma gripe forte, mas não seria. Não quando a Luana estava num tipo de paraíso, com a Luísa, pelas fotos que eu via frequentemente. Eu ainda não tinha conversado com ela para entender essa história toda, porque não tivemos oportunidade.

O Vitor se jogou no sofá, e eu saí, para ir até o apartamento do Rodrigo. A porta estava destrancada, e quando eu entrei, o encontrei jogado no sofá, com um moletom surrado e um cheiro de comida estragada estava impregnado no local. Eu logo avistei uma caixa de pizza, com metade dela estragada dentro, e três garrafas vazias de cerveja.

— Ela não vai voltar. — O meu irmão falou, com uma voz fraca. No entanto, ele estava sóbrio. Eu o olhei e fiquei quieta, porque queria dizer que era a melhor escolha que ela faria. Peguei a pizza velha e joguei fora, assim como as garrafas. — Sabe, Anna, eu não pensei que ela fosse levar a sério o casinho de merda com a Camila. — Ele resmungou, quando eu voltei para a sala. — Como se alguma mulher fosse tão importante como ela é.

— Você deveria tomar um banho. — Eu falei, olhando piedosamente para ele, que apertou os lábios num sorriso fraco.

— Ela ainda falou coisas que nunca disse antes. Que só

estava comigo pela Luísa, porque queria dar uma família pra ela. – Eu apertei os lábios, ao ver os olhos dele marejarem.

— Você procurou por isso, não foi? – Eu perguntei, e ele me encarou, negando com a cabeça.

— Está tudo bem com o Vitor?

— Indo. – Eu dei de ombros, não imaginava que expor a minha repentina reconciliação com o Vitor e os dois dias agradáveis com a sua família, fosse algo que iria melhorar o humor do Rodrigo.

— Então do nada você resolveu esquecer a ladainha infantil de vocês?

— Era ceder eu perder. – Eu dei de ombros, e o Rodrigo forçou um riso. – Mas nós estamos indo com calma. – Eu menti. Porque o Vitor não sabia o que significava ir com calma. – Vai tomar um banho, vamos sair pra comer algo. – Eu pedi.

— Eu preciso conversar com a Luana, Anna. – Ele falou malevolente, e eu bufei um suspiro.

— Você precisa deixar ela sozinha um tempo. Se ela quiser voltar, ela vai te procurar, não é?

— Não, Anna. Ela não vai.

— Então deixa passar um tempo, pra ela pensar, esquecer as suas burradas. Você estava agindo como se ela tivesse a obrigação de aceitar tudo que você quisesse fazer, e não é assim.

Naquela noite, eu fui com o Vitor buscar o meu irmão num bar. Bem, ele estava tão bêbado quanto eu nunca havia

visto, e com o bolso cheio de maconha.

— Você tá querendo o que? – O Vitor perguntou, enquanto lutava com o Bruno, o ex/atual/enrolo da Anastácia, para levá-lo ao carro. Apesar do vexame do Rodrigo, era engraçado ver as maneiras bipolares como o Vitor e o Bruno agiam um com o outro.

— A Luana. – O Rodrigo cuspiu, dificultando o trabalho dos meninos, para colocá-lo no carro.

— Ela não vai voltar, Rodrigão, aceita. – O Bruno caçoou, e o Vitor lhe lançou um olhar frio. – Se bem que com uma Camilinha daquelas, a coisa deve ter valido a pena. – Ele continuou rindo, e eu dei nele um daqueles beliscões que eu dei no Vitor. – Tá louca, menina?

— Continua e ela arranca um pedaço da tua pele. – O Vitor resmungou, conseguindo em fim jogar o meu irmão dentro do seu carro. Depois ele pegou num dos bolsos do Rodrigo, a chave do carro dele, me entregando. – Você consegue levar? – Ele perguntou cauteloso, com a sua mania podre de achar que eu era incapaz de dirigir. Porque eu dirigia bem! Eu peguei as chaves dele, impaciente e saí em direção ao carro do Rodrigo.

Eu encontrei um sapatinho e um lacinho de cabelo no banco dianteiro, e o peguei, estando com pena do Rodrigo, por ele ser tão inconsequente. Não que eu tivesse alguma moral pra falar de maturidade, mas então eu não tinha um filho e uma família para construir e fazer dar certo. A coisa com o Vitor era só uma aventura. Ou algo a mais. Mas nós não tínhamos um vínculo eterno.

Eu estava admirando o sapatinho, era tão pequenininho, parecia coisa de boneca. Eu estremeci com o susto, ao ouvir algo vibrar, e não demorei a notar o celular do Rodrigo no porta-luvas. Estranhei ao ver uma ligação da Luana, mas atendi.

— Oi, Luana.

— Quem é? – Ela perguntou cautelosa, e eu deixei escapar um riso, colocando a chave na ignição.

— Anna. – Eu falei, ouvindo um riso vindo dela. – Está tudo bem?

— Não... Quero dizer, está. – Ela falou atrapalhada. – É que o Bruno ligou pedindo para buscar o Rodrigo em algum lugar, eu fiquei preocupada.

— Ele meio que bebeu demais, mas está tudo bem, estamos levando ele pra casa.

— Bebeu demais. – Ela resmungou, suspirando forte.

— Está tudo bem, mesmo?

— Está. Uma hora alguém ia ter que dar um basta. Ou ele na cafajestagem, ou eu, na nossa relação. Uma pena que tenha sido eu.

— Sem volta? – Eu perguntei, mas não soube explicar o porquê de ficar nervosa com a resposta.

— Sim, dessa vez, sim.

— Talvez ele possa se consertar. – Eu falei, mas era o sangue falando mais alto que o bom senso. Era por ver o meu irmão bebendo e dando um vexame por não saber perder e por afirmar amá-la.

— Ele teve algumas chances para isso. Mas de qualquer

maneira, eu não pretendo afastá-lo da Luísa. Nós temos amigos em comum, teremos que conviver, e manter algo amigável pela nossa filha. Bem, eu só não vou estar em casa, para ele quando ele quiser voltar da vida boêmia.

— Eu entendo.

— O Vitor me falou que vocês estão se acertando. – Ela comentou presunçosa, e eu deixei escapar um risinho. – Vocês são meio confusos, mas eu espero que dê tudo certo. Você tem a sorte de ele não ser tão confuso quanto ao que quer, como o seu irmão.

— Ele é ao contrário, quer tudo sério demais, e eu acabo ficando assustada.

— Você não quer namorar. – Ela falou entediada, mas riu, e eu também. – Ele é um cara bom, apesar de tudo.

— Ele ficou com a Mayara.

— A Mayara não é uma pessoa muito significativa para ser lembrada. Ele ficou com a Mayara, você ficou com o Fernando. Ele ficou com a Anastácia porque precisava de sexo fácil e seguro.

— Oh, que bela explicação. – Eu zombei, e ela riu.

— O seu irmão deveria investir na senhorita perfeita, invés de se embriagar até morrer.

— Eu acho que ela só quer ser amante de alguém. Você larga o Rodrigo e ela vai embora.

— Não é ela que quer ser amante, é o Rodrigo que termina tudo com ela, quando eu termino com ele. – Ela afirmou convicta. – Se eu volto, ele volta, ela volta. Tudo se repete. Eu o amei demais, e eu abri mão de mim por um tempo, Anna. Ninguém merece viver isso.

— A Camila merece.

— Você é vingativa. – Ela deu um risinho, e eu ouvi um choro de bebê. – Eu vou desligar, porque apesar de não querer viver a vida em função do Rodrigo por amor, eu preciso fazer isso pela minha filha, e ela tá precisando de mim. – Ela falou tentando parecer divertido. – Beijo, e qualquer coisa me liga.

— Beijo.

Eu encontrei o Vitor no seu apartamento, e o Rodrigo estava jogado no sofá, com um copo de água na mão. Ele fitava o teto, e o seu rosto estava molhado por lágrimas.

Ia dizer que a Luana ligou, mas seria como alimentar esperanças para ele, ou fazê-lo correr atrás dela, e agora isso só serviria pra ela reforçar que era o fim.

— Veja bem, eu fiquei sem a Anna por meses, e aqui estamos nós. – O Vitor falou, como se isso servisse de consolo. Mas o Rodrigo estava alheio a explicações.

— Se ela ficar com alguém um dia, eu vou matá-lo. – Ele falou, incoerente e eu deixei escapar um riso.

— Você deveria se conformar. – Eu falei, lhe entregando o celular.

— Eu prefiro morrer. – Ele resmungou, nunca desviando o olhar do teto. Eu nunca havia percebido essa mania que tínhamos em comum.

— Rodrigo, você não pode agir como se fosse o fim da

vida, esse término de vocês. Porque pra começar, foi você quem a traiu. – Eu resmunguei, impaciente para esse drama. Era muito fácil se transformar na vítima agora. Vítima era ela, que estava aguentando a canalhice dele. Era muito prático ser egoísta e pensar só na sua vontade, e depois, bancar o coitadinho, o sofrido para deixar tudo ficar bem.

— O quarto tá arrumado, vai deitar, Rodrigo, amanhã tu pensa melhor no que vai fazer. – O Vitor falou, para interromper a discussão de irmãos que viria a seguir. – Tem toalha no armário do banheiro, se quiser tomar um banho.

— Eu vou pra minha casa. – O meu irmão resmungou, levantando.

— Melhor você não ficar lá sozinho.

— Eu vou ter que me acostumar, não é? – Ele forçou um riso sarcástico, e saiu, puxando a porta. Eu fui trancá-la, e quis matar o Vitor pelo susto que ele me deu quando eu entrei no seu quarto.

— Idiota. – Eu resmunguei, levando a mão ao peito.

— Eu estive pensando. – Ele falou, me empurrando contra a parede, me prendendo entre suas mãos. – Já que você não quer namorar, a gente só fica, e depois, pulamos direto pra um noivado. – Ele me sorriu docemente, e eu arregalei os olhos, incrédula para sua sugestão.

— Nós mal resolvemos um problema e você já quer arrumar outro! – Eu falei horrorizada, saindo de perto dele.

Capítulo 58

Se eu não sabia lidar com um namoro, iria assimilar um noivado? Mas jamais!

Com o passar de uma semana e dois dias, eu estava na casa da Luana, com o Fernando.

Estar com o Fernando era ouvir do Vitor como eu queria matá-lo do coração. Ele faz o drama como se fosse funcionar. Ele já deveria ter aprendido que não iria funcionar.

A Luana estava mais magra, e bronzeada. Era como olhar para o seu jeito revigorado e me lembrar da menina que o Rodrigo começou a ficar.

Ela estava animada, nos contando sobre os exercícios que seu tio estava passando para ela e dos avanços com o seu corpo, quando um moreno musculoso e bonitão entrou no quarto com a Luísa no colo.

A Luana nos apresentou o seu primo, Caíque, e o meu sexto sentido apontou para algo a mais entre eles.

— O meu amor não estranha ninguém. — Ela falou ao pegar a filha. — Seria bom que o Rodrigo viesse vê-la, ele ainda é pai.

— Ele precisa se tocar disso. — O Fernando falou entediado. Eu tomei as dores do meu irmão ao ver o homem

olhar com um carinho nada amigável para a Luana, porque apesar de achar que o Rodrigo merecia tudo isso, o lado fraternal falava mais alto em alguns momentos e eu não queria vê-lo sofrendo.

Eu fui embora com o Fernando, que ria das minhas carrancas, enquanto eu despejava para ele o quanto o Rodrigo era burro.

— Você deveria comemorar pela Luana seguir em frente tão rápido.

— Daí o Rodrigo vai bancar o orgulhoso e abrir mão da filha? – Eu perguntei incrédula.

— Ele vai superar isso e ir atrás da filha. – O Fernando falou desinteressado, e eu encontrei o meu irmão no sofá, com o meu pai.

— Tudo bem? – Eu perguntei.

— O Rodrigo quer uma pequena briga judicial pra ter a guarda da Luísa. – O meu pai falou, impaciente.

— Você não pode fazer isso. – Eu falei o óbvio.

— Mas ela pode transar com o canalha do primo dela, e querer ser exemplo pra minha filha! – O Rodrigo berrou, furioso.

— O melhor pra um bebê é ficar com a mãe. – Eu falei impaciente. – E que juiz iria te dar a guarda de um bebê que ainda mama, Rodrigo? – Eu perguntei o óbvio. – E você não está muito bem com a Luana, e você tem mais podres que só transar com um parente emprestado.

— Não importa. – Ele falou. Óbvio que ele só queria

atormentar.

— Importa. O máximo que você pode fazer é manter uma relação saudável com a mãe da tua filha, e não deixar o posto de pai vazio, pra que nenhum outro homem ocupe esse lugar.

Naquela noite, eu fui com o meu pai e o Fernando buscar o Rodrigo em um bar. Era a quinta vez que tínhamos de ir, estava ficando cansativo.

— Você estuda pra ser um psicólogo, e não sabe como agir numa situação fácil dessas? – O meu pai perguntou possesso, o segurando pela gola da camisa polo, mas o Rodrigo fez uma careta de quem iria chorar. – A tua mãe não pensou em como eu ficaria ao me largar com vocês crianças e mudar de país pra ficar com outro cara, e eu tive que ser forte pra criar vocês. Agora você trai a tua mulher, ela não aceita isso e, você ainda quer ser a vítima? Se entregar às bebidas por nada? – Ele perguntou incrédulo, mas eu queria chorar pela minha mãe.

Por ela ter nos deixado e partido. Tudo repentinamente.

Eu tinha um espaço quase vazio de lembranças com ela. O que fazia doer mais.

O Rodrigo desintegrou no choro, e o meu pai o colocou dentro do carro. Ele chorou o caminho inteiro até chegar em casa e se trancou no meu quarto.

— Ele vai sobreviver. — O meu pai garantiu. — E eu não quero vocês dois dormindo juntos. — Ele reforçou, antes de ir para o seu quarto.

— Ele quer que eu durma aonde? — Eu perguntei inconformada e o Fernando riu.

Eu acordei assustada ao ver um Vitor sério, de braços cruzados me encarando. Me sentei confusa, esfregando os olhos, e logo lembrei que estava no quarto do Fernando.

— Bom dia. — Eu falei confusa, mas ele não respondeu. — Tudo bem?

— Ótimo, até chegar aqui e ver você dormindo no quarto do enteado do teu pai. — Ele falou, frio. Eu deixei escapar um riso, e me levantei. Entrei no meu quarto, e fui para o banheiro, onde lavei o rosto e escovei os dentes, para poder enfrentar com dignidade o drama do Vitor.

— O Rodrigo se trancou no meu quarto, e eu não tinha onde dormir. — Eu expliquei, e ele riu sarcástico.

— Que legal... — Ele falou com uma animação forçada. — Maravilhoso você dormir com ele! Não tinha mesmo a possibilidade de ele dormir no sofá, ou sei lá, no chão frio, mesmo. — Ele sorriu cinicamente, e eu não consegui segurar o riso. — Você iria adorar, se fosse eu dormindo com uma amiguinha que já levei pra cama.

— Não, eu não ia. — Eu concordei. — Mas não foi por mal, e eu não vou entrar numa briga eterna contigo por uma bobagem dessas. — Eu falei, pegando uma toalha no guarda-roupa. — E você ficou com a Mayara, então eu mereço um desconto. — Falei só para provocá-lo, que correu as mãos no

rosto, de maneira impaciente.

— Você acha mesmo que remoer isso adianta alguma coisa? — Ele perguntou incrédulo, e eu sorri, negando com a cabeça. — Como se ele não fosse querer alguma coisa contigo... — O Vitor voltou a remoer. — Eu espero que a noite tenha sido ótima! — Continuou, sarcástico, e eu dei um risinho.

— Teria sido melhor dormir com você, mas foi bom dormir com ele. — Eu falei, para provoca-lo. — Por favor, né, Vitor. Nós não precisamos brigar por causa do Fernando. Ele é um bom amigo, e eu não vou abrir mão dele.

— Você quer me matar! — Ele falou revoltado, e eu sorri, indo até ele, o puxando para um beijo rápido.

— Vem me dar um banho, eu to com saudade. — Eu sussurrei, e ele fez uma carranca, cedendo ao meu beijo rápido.

Capítulo 59

Meses depois...

Eu olhei para uma pequena caixinha de veludo sobre a cama do Vitor, e jurei que iria matá-lo, se isso quisesse dizer o que eu pensava que queria dizer.

Não que eu não pensasse nessas bobagens românticas com ele, mas tínhamos muito que amadurecer e trabalhar para que pudesse acontecer. E ele ainda dependia dos seus pais, e eu parcialmente do meu.

Por falar em nossos pais, o tal jantar para apresentar as nossas famílias, poderia ter sido amigável se a Anastácia não fosse tão provocante. Ou se eu fosse mais calma. Ou se a Camila não estivesse ali, e o Rodrigo também. Eu me senti orgulhosa dele, por não ter ficado com ela. Mesmo que isso não tivesse lhe trazido a Luana de volta.

O Rodrigo abriu uma loja de carros, com parte do dinheiro que *herdamos*, e eu tinha uma parte disso, por ajudá-lo na parte administrativa. Claro que, como nós não sabíamos nada, o meu pai esteve nos ajudando, muito.

Depois de um bom tempo ao lado do Vitor, sem o drama e a pressão para que eu aceitasse o nosso negócio como um

namoro, eu tive os melhores meses, comparado a toda merda que aconteceu antes.

O meu irmão falou que ele me corrompeu com o romantismo barato dele. A sua mania chata de querer colocar os pingos nos *is*.

Não tinha alguma insegurança, e eu não sentia alguma necessidade de remoer os nossos erros. Eles de alguma maneira perderam a importância e ficaram para trás. Eles não eram mais a nossa referência e nós não nos apegamos mais a eles. Ficamos com a parte boa do nosso passado, para que pudéssemos construir o nosso futuro.

Claro que frisar a parte boa, não apagava o drama e o ciúme ridículo dele, ou meu. Mas era algo que conseguíamos superar.

O Fernando estava oficialmente namorando a *sem sal*, e mesmo não gostando muito dela, eu tentava manter uma boa convivência, por ele, pela nossa amizade.

A Luana estava solteira, e linda. Algo que fazia o Rodrigo beber até cair, até hoje. Era uma pena que a decisão dela de nunca voltar atrás, fosse mesmo definitiva, porque o meu irmão parecia outro homem. Um cara maduro, que estava perto de terminar a faculdade.

Se as coisas não estivessem indo tão bem com o Vitor, eu iria querer ser decisiva como ela foi. Mas a decisão de seguir em frente vem quando a gente vê que não trará mais retorno positivo. Que não iria haver mudança, e ela deveria ter visto dessa maneira com o meu irmão.

Como aconteceu com o Nicolas. Quando eu ainda me permiti ter recaídas fracassadas com ele, sabendo que não iria mudar a nossa situação.

Que ele não iria mudar a nossa situação, porque tudo começou, com a decisão dele terminar comigo.

E eu fui ingênua o suficiente para querer tentar a sorte, mas o destino me deu o Vitor. E eu ainda assim, não soube aproveitar direito, preferi ser prepotente e fazer tudo errado. Mas ele também. E isso agora era um passado morto.

Algo que preferíamos fingir não ter acontecido. Nas nossas brigas terríveis, eu não preciso mais jogar na cara dele os seus erros, mesmo que ele passe horas remoendo o Fernando.

A minha sobrinha é a coisa mais linda do mundo, e é encantador ver como ela está notando e aprendendo coisas a todo o tempo.

A Anastácia estava grávida do namorado. Era uma pena, porque segundo ela, essa gravidez atrapalharia o seu futuro promissor. E ela não estava muito feliz com a ideia de ser mãe aos dezenove. Por outro lado, era bem feito, por ela

sempre querer ser a menina estudiosa e preocupada com o futuro e provocante. Uma vaca! E como meu pai dizia sobre eu querer cursar música, eu não estava preocupada com o meu.

Eu peguei a caixinha sobre a cama, a abrindo. Suspirei aliviada ao ver que era um escapulário prata. Olhei para a porta, onde o Vitor estava escorado, com um sorriso presunçoso.

— Você estava pálida. – Ele afirmou, vindo até mim, que relaxei os ombros, suspirando mais uma vez.

— Eu fiquei com um medo bobo de você querer pular a parte de sermos ficantes, para querer nos fazer noivos, bem agora.

— Não iria mudar muita coisa, iria? – Ele perguntou, me abraçando por trás. Eu neguei com a cabeça.

— Mas eu gosto das coisas do jeito que elas estão.

— Você precisa largar esse medo bobo de mudar.

— Não é medo. – Eu retruquei, e ele riu, afastando meu cabelo, deixando um beijo em meu pescoço.

— Eu estive lembrando a primeira vez que eu te vi. – Ele falou, tranquilamente. – Você estava toda segura, e depois saiu furiosa e todos os seus amigos, daquela época, tinham dito que daquela vez, o Nicolas não tinha mais suportado ficar com você.

— Ele foi um idiota, mas que bom que ele foi um idiota. – Eu resmunguei, rindo.

— Depois, eu não sei por que, nós estivemos muito próximos, e eu ficava embasbacado com a sua audácia em me beijar, e me tocar enquanto eu dormia.

— Você não estava dormindo. — Eu falei, para me defender.

— Ali eu me apaixonei por você. — Ele sussurrou, e eu fechei os olhos, encostando a cabeça em seu peito. — E eu pensei que as coisas seriam fáceis pra nós dois.

— Não foi. Por sua causa.

— Por nossa causa. — Ele me corrigiu. — Mas o que importa é que estamos juntos, e dando certo.

Bem, eu poderia aproveitar a deixa para exigir mais dele, porque era do meu feitio abusar da sua boa vontade comigo para satisfazer as minhas vontades. Mas no fundo, apesar de tudo que passamos para ficar juntos, apesar de tudo que eu passei, inclusive perder a minha mãe. Morar com a Anastácia, ou perder o Nicolas, tudo contribuiu para algum tipo de aprendizado e hoje, eu só poderia agradecer. Ou se eu tivesse algum pedido seria para ter a minha mãe de volta, mesmo que o nosso contato fosse para sempre escasso.

E era para o Vitor ser só mais um, quando eu arrisquei ficar com ele. Um casinho de uma noite.

Mas ele fazia o amor parecer simples e isso me assustava.

Ele só queria ser meu namorado e eu estive apavorada.

Nós metemos os pés pelas mãos, mas hoje conseguimos driblar o destino, e eu tinha promessas de nunca deixar isso ir.

Eu evitava dizer que o amava, porque isso soava superficial. O que eu sentia não cabia numa frase pequena. Dizer eu te amo não dizia tudo que eu queria que ele soubesse sobre o que eu sentia.

E ao lado dele, dentro do abraço dele, eu me sentia completa. E segura, de uma maneira que eu nunca poderia descrever com exatidão.

Talvez a vida estivesse boa, se eu tivesse optado por seguir sozinha, mas com o Vitor tudo estava completo. E em algum momento eu me perguntava se a Luana tinha a sensação de ter feito a escolha certa.

Eu tinha aquela sensação clichê de sentir que eu estava onde deveria estar. Uma paz no coração.

Ele fazia o amor fazer sentido.

EPÍLOGO

Seis anos mais tarde...

Eu estava sentada na cama do Vitor, olhando o maldito teste de gravidez, com o coração querendo sair pela boca.

Deus, por favor, faça isso estar negativo...

Eu passei a orar em sussurros, tremendo, porque eu tinha um sonho bobo de ser mãe, ao ver o Rodrigo tão amável com a Luísa. Ver a minha sobrinha crescendo tão bem e amada. E eu queria viver isso um dia. E o Vitor também. Mas nós queríamos planejar, quando a vida da gente estivesse completamente estabilizada financeiramente.

Nós sempre tivemos tudo do melhor, graças aos nossos pais, e queríamos dar isso ao nosso filho.

Eu queria poder contar para a ele que ele foi desejado e esperado por nós. E não um susto, que veio por um descuido meu com o anticoncepcional. Ou do Vitor, que sabia que estávamos correndo um risco.

E a minha vida agora se resumia a shows em barzinhos à noite, algo que rendia um dinheiro razoável, por não ser uma

profissão valorizada. Música só rendia fortunas para quem era famoso, estava na mídia. Mas no fundo, qualquer outra profissão só rendia fortuna para quem conseguia se destacar.

E tinha também a concessionaria, que ia muito bem.

Eu tomava conta praticamente sozinha, já que o meu irmão preferia o seu consultório.

Mas tudo isso, no final do mês, apesar de pagar as minhas contas e as minhas regalias, não fazia sobrar algo para dar de um tudo para um bebê. E eu não queria ter um filho, para abrir mão de mim. Eu não queria que fosse uma escolha entre ter ou não ter algo supérfluo. Eu queria alguém para somar na minha vida, trazer mais felicidade, e que eu pudesse fazer o melhor para ele, também.

O Vitor atendia numa clínica médica, mas lidava com crianças. Eu não sabia quanto ele ganhava exatamente, e não importava para mim. Mas não cabia ainda um filho nos nossos planos.

A minha relação com o Vitor não era nomeada, porque dava mais certo assim. Eu não sonhava com uma festa, nem vestido de noiva e muito menos um padre e o Vitor me esperando no altar.

Eu queria só o Vitor. E em casa, me esperando sempre.

Ou quando ele me admira a me ver cantando.

E nós ainda não morávamos juntos, por mais que ele quisesse. Eu queria ter a experiência de morar sozinha, primeiro. Coisa que eu pude tentar, assim que o filho da Anastácia nasceu. Ao contrário do Rodrigo, o Bruno não ganhou um apartamento para cuidar do filho, então a Anastácia permaneceu morando com o meu pai e a sua mãe, e eu aleguei não suportar choro de criança à noite, para sair de casa.

O Fernando mantinha a sua vida boêmia, com o meu irmão a tiracolo, o que era bom, porque eu definitivamente não gostava da sem sal. Os dois faziam estragos, e também pudera, não é?

O Vitor adorava sair com eles, mas eu raramente deixava. Bem, eu confiava no Vitor, mas vai que por um deslize ele cai na lábia de uma vadia qualquer? Jamais arriscaria.

Mas ele não ficava atrás. Era um cara possessivo. Certa vez, um doutor bem bonito e loiro fora me pedir um autógrafo. E ninguém nunca pede autografo pra voz de fundo que anima barzinhos, porque como eu disse, não era uma profissão muito valorizada, eles geralmente indicam as músicas que querem que eu toque, e o Vitor se sentiu no direito de socar o meu primeiro fã.

Depois do vexame, ele me ignorou por dois dias

seguidos, não pelo doutor, mas por eu *achar*, que aquele cara era meu *primeiro* fã.

Com base nisso, pode-se notar que nós não tínhamos maturidade para ter um filho.

Eu parei meus devaneios e olhei para o teste em minha mão.

Peguei o meu celular, para tirar uma foto do resultado, e enviei para a Luana. E em seguida, tentando não me render ao choro, eu liguei para o Vitor.

— Anna, você tá me deixando preocupado. – Ele falou cauteloso, mas eu não conseguia falar, por causa dos soluços do meu choro desesperado.

— Desculpa. – Eu sussurrei, mas a palavra saiu engasgada. – Desculpa. – Eu repeti, ouvindo um riso.

— Porque, meu amor? – Ele perguntou, e eu ouvi uma porta de carro batendo. Meu corpo inteiro estremeceu, porque ele iria vir me checar. – Hum?

— Desculpa. – Eu pedi mais uma vez, incapaz de formular algo coerente agora.

— Eu vou passar na clinica e vou pra aí, tudo bem? – Ele perguntou, e eu solucei, assentindo como se ele fosse ver.

A Luana chegou antes do Vitor, e me entregou uma camiseta bonitinha onde havia escrito: **I ♥ DAD**

Eu voltei a chorar como uma louca, olhando a peça pequeninha, e paralisei ao ver o Vitor entrar, fechando a porta atrás de si.

A Luana o cumprimentou rapidamente, e foi embora. Eu olhei para o Vitor, respirando fundo para conter o choro.

— Vai me dizer o que aconteceu? – Ele perguntou cauteloso, e eu fiz uma careta, para voltar a chorar. Ele riu, vindo até mim, segurando meu rosto entre suas mãos, beijando meus lábios carinhosamente. Eu pensei que poderíamos transar antes de eu contar isso para ele. Porque não sabia qual seria sua reação, e ele ao menos estaria relaxado, então joguei a camiseta no sofá, e corri as mãos por entre os seus cabelos, aprofundando mais o beijo. – Anna, você estava chorando feito uma louca no telefone, vai me dizer o que aconteceu? – Ele perguntou, mas eu o interrompi com outro beijo, o puxando para o quarto. Eu o virei, o empurrando na cama, depois de puxar sua camisa para cima, a tirando com a sua ajuda. O Vitor se deixou cair sentado na cama, e eu me abaixei entre as suas pernas, desabotoando sua calça, a puxando para baixo junto com a boxer. Ele deixou escapar um riso, segurando meu cabelo firmemente, me impedindo de continuar.

— Vai me dizer o que aconteceu? – Ele perguntou então eu tomei seu membro em minha mão, o estimulando do jeito que ele gostava. O Vitor fechou os olhos, arfando. – Anna... – Ele sussurrou, para voltar a me pressionar, mas parou de falar e gemeu forte, quando eu o coloquei na boca, o levando todo, engasgando um pouco. – Anna. – Ele gemeu fraco. Eu

voltei devagar, indo e vindo devagar, mas parei quando ele passou a ficar ansioso demais. Terminei de tirar a sua calça e os sapatos, e puxei o meu vestido para cima, o jogando no chão, e tirando a calcinha, montando em seu colo. Nós dois gememos alto, quando eu desci em seu membro de uma vez, e eu iniciei movimentos rápidos. O Vitor logo nos virou na cama, investindo lento em mim, me beijando bem lento e gostoso, do jeito que eu gostava. Eu enrolei as pernas em volta do seu corpo, o abraçando para trazê-lo mais para mim e joguei a cabeça pra traz, quando o orgasmo tomou conta do meu corpo. Eu ainda caía no meu clímax, quando senti seu gozo em mim, enquanto ele gemia rouco, com o rosto entre o meu pescoço. Eu levei uma mão para o seu cabelo macio, o acarinhando.

— Eu estou grávida. — Eu sussurrei, como se fosse simples assim, e ele ergueu o rosto, embasbacado.

— Que?

— Grávida. — Eu falei, mantendo o olhar firme no dele. — Aquela coisa... A gente arriscou demais, e Deus resolveu mostrar que não dá pra brincar com as leis da natureza.

— Eu... — Ele falou, puxando para fora de mim e se sentou, colocando as minhas pernas sobre as suas, correndo as mãos no rosto. — É sério?

— Você vai brigar comigo?

— Por quê? — Ele perguntou confuso. — Meu deus. — Ele deixou escapar um riso confuso. — Você está bem com isso?

— Eu não sei, e você?

— Tudo bem. — Ele riu surpreso.

O Vitor me acordou quatro vezes naquela noite para perguntar se era mesmo sério que teríamos um filho.

No fundo, eu não estava tão amedrontada. Não quando ele se propôs a estar ao meu lado, mesmo estando ainda fora dessa realidade. Não acreditando no que havíamos feito.

E eu esperava conseguir lidar com essa nova fase.

Porque o destino, de repente, se achou no direto de nos dar mais um belo golpe. No entanto, desta vez, eu veria como um presente.



Rodrigo

Eu passei no escritório da Concessionária, para olhar os lucros do mês. Era engraçada a maneira como a Anna conseguia e tinha o jeitinho dela de levar isso aqui, praticamente sozinha.

Eu ia saindo para ir pra casa, quando a Luana me abordou. A cumprimentei com um beijo no rosto, reprimindo a vontade de chegar mais perto da boca. Não que depois de seis anos, eu não tivesse me conformado com a situação.

Por falar na minha filha... Ela é o meu *orgulhinho*.

De tudo que eu faço na vida, o que me faz mais feliz é saber que eu a tenho.

Já tive uma fase idiota de imaginar que tudo seria mais fácil se eu ainda estivesse com a Luana, e de correr atrás dela feito um cachorro implorando uma volta. De beber até cair, não pra esquecer, porque quanto mais eu bebia, mais saudade dela eu sentia, mas pra chamar atenção, na tentativa frustrada de mostrar pra ela, que sem ela, eu não saberia viver. De ameaçar e querer brigar pela guarda da Luísa, na vã ilusão de que ela iria ficar com medo e voltar. Mas ela foi esperta.

Porque a Luana foi a mulher que me acordou pra vida. Que mostrou que nada seria só do meu jeito. Que eu não poderia continuar na vida promiscua, enquanto ela ficaria em casa, só por eu achar que ela tinha a obrigação. Alguém ia acabar cansando alguma hora, era meio óbvio.

Eu também não ia negar que, se ela batesse na minha porta só pra avisar que iria voltar, eu iria facilitar.

Mas ela não vai voltar.

Eu poderia deixar oculto o fato de ter socado tanto o canalha do primo dela, como se eu pudesse obrigá-lo a ficar longe dela. Porque ela deveria ser minha.

Mas não revolveu.

Depois dele vieram outros.

Para a Luana, agora, eu era nada mais que o pai da Luísa.

E eu talvez já fosse maduro o suficiente para assumir que eu mereci. Não concordando com o castigo da vida que foi perdê-la, mas eu mereci.

— Você já falou com a sua irmã? — Ela perguntou, erguendo os óculos escuros. Ela era como um brinquedo raro, caro, difícil, que a gente quer, mas não pode ter. Era

frustrante pra caralho.

— Não, eu estive meio ocupado. – Eu falei, coçando a nuca. Mas a verdade é que ontem depois de sair do meu consultório, onde a minha última paciente fora uma menina de quinze anos, que sofria crises de pânico após o fim de um namoro, eu fui para um bar e passei a noite com uma loira que me permitiria fantasiar a Luana. Era patético. Eu conseguiria relatar e lidar com problemas emocionais dos outros, mas nunca com os meus.

— Bem, ela tem uma notícia ótima pra você. – Ela falou animada, e eu sorri. Notícia ótima vinda da Anna era meio difícil. Quando não era um briga idiota com o Vitor e ela queria mata-lo, ela vinha reclamar de que ele era muito dentro dos conformes.

— E você, está bem? – Eu perguntei, só para render conversa.

— Ótima. – Ela respondeu, pegando o celular na bolsa. – Eu tenho que pegar a Luísa no curso de matemática, agora. Então eu já vou indo.

— Eu te levo lá. – Eu falei, tranquilamente, mas o meu celular tocou. Era a Anna.

— É aqui do lado, eu vou andando. Mais tarde você passa pra pegá-la.

— Vai sair? – Eu perguntei confuso.

— Sim, marquei com uns amigos. – Ela falou desinteressada. Ela nunca sai com *uns amigos*, porque quando isso acontece geralmente eu estou incluído. Ter o mesmo ciclo de amizade facilitava descobrir isso.

— Você acha que está pronta pra sair com outro cara? –

Eu arqueei uma sobancelha. Ela riu.

— Eu estou. Digo, eu cansei dessa vida de ser solteira.

— Eu estou aqui. – Eu resmunguei. Francamente, era muito patético depois de anos, ela querer voltar a namorar.

— E vai buscar a Luísa às oito. – Ela sorriu docemente. – Seu celular está tocando. – Ela avisou, antes de se afastar.

— Fala, Anna.

— Eu estou grávida! – Ela gritou do outro lado, eufórica. Eu olhei se era mesmo a Anna, porque do jeito que ela é, e pelas coisas que ela falava, eu não imaginava que ela iria me ligar feliz para compartilhar.

— Poxa... – Eu falei, sem saber o que dizer. – É sério?

— Sim!

— Anna, o Vitor já sabe? – Eu perguntei cauteloso, e ela deu risada.

— Sabe, mas não está acreditando ainda.

— Já falou com o papai? – Eu perguntei. O meu pai iria ter um infarto. Porque julgava a Anna impulsiva, dramática e imatura demais, e não era um verdadeiro fã do Vitor.

— Não. Eu fiquei lembrando a reação dele quando soube da Anastácia, então fiquei meio receosa. Claro que não tem comparação a minha maturidade com a da Anastácia, mas mesmo assim. – Ela falou e eu dei risada, porque era muita cara de pau, se comparar com a Anastácia sobre maturidade. Eu não sabia quem era pior.

— Vai jantar na casa dele, e avisa. Ele não vai te matar.

— Eu espero que ele não se assuste.

— Parabéns. – Eu falei, mas não estava entusiasmado. Era uma notícia boa, a minha irmã iria ter o melhor presente da vida dela, e apesar de tudo e das brigas feias dos dois, o Vitor gostava muito dela. Mas eu não conseguia focar nisso, me manter calmo e dar conselhos sábios para a Anna, porque um babaca loiro estava conversando com a Luana do outro lado da rua.

Quem ele acha que é?

Eu desliguei o celular na cara da Anna, e não pensei antes de ir até lá.

— Tudo bem por aqui? – Eu perguntei, engrossando mais a voz, para parecer mais firme. A Luana me olhou entediada. Antes que alguém me respondesse, a Luísa chegou correndo.

— Oi, tio Carlos. – Ela falou, segurando nas alças da mochila rosa de costas.

Tio Carlos?

Sério isso?

A minha filha estava compactuando com isso?

Porque eu não podia aparecer com uma tia para ela. Jamais.

— Eu comprei aquela boneca que você pediu, princesa. –

O babaca falou, para comprar a minha princesa.

— Não é uma data comemorativa, e ela não está merecendo algum presente extra. – Eu resmunguei, e a Luísa me olhou rancorosa. Mas o que? A Luana iria deixar um babaca estragar a nossa filha para poder namorá-lo? – Luana, nós já havíamos combinado. Brinquedo novo só se ela passasse direto.

— É só uma boneca, Rodrigo. – A Luana falou desinteressada. A Luísa pegou recuperação em matemática. No primeiro ano. Quem consegue isso? O que se tem que aprender no primeiro ano? Dois mais dois? Não era justo um idiota qualquer aparecer para mostrar que eu era o monstro das regras e limitações, e ele a fada madrinha. Pior, um babaca que iria muito provavelmente dormir com a Luana.

— Mas ela já havia entendido que não teria boneca nova até o natal. – Eu falei o óbvio. Estava furioso por isso, e por ter sido um babaca a querer presenteá-la. E por ele querer a Luana.

Ela poderia nunca voltar para mim, mas sempre seria minha.

— Mas ela já entende que precisa estudar, e ela tem só seis anos e meio. – A Luana falou entediada. – Às oito, não é? – Ela reforçou o horário. Eu resmunguei, saindo de perto dela, para não socar o *tio Carlos*.

À noite, eu fui jantar na casa do meu pai, porque a Anna estaria lá. Achei engraçada a esperteza dela em não levar o

Vitor.

O jantar corria muito bem, com o Brandon sendo mimado como sempre. A Anastácia estava criando um monstrinho. A começar pelo nome americanizado. Suprir a ausência materna com presentes. O menino tinha quase cinco anos, e já possuía um Ipad.

O meu pai sorria, enquanto a Anastácia falava de uma briga judicial inacabável de um casal, quando a Anna pediu a palavra.

— Eu tenho uma ótima notícia! – Ela falou animada, vibrando e eu a olhei, contendo um sorrisinho.

— Voltou pra faculdade? – O meu pai perguntou presunçoso e a Anna o olhou, entediada. – O que seria uma boa notícia? Vai se casar? – Ele zombou. Conhecia a Anna o suficiente para saber dessas limitações dela com relacionamentos. Talvez uma espécie de Filofobia. Ela poderia estar casada com o Vitor, mas jamais assumiria isso. Ele jamais seria seu esposo.

— Vou morar com o Vitor. – Ela falou, suspirando forte.

— Não acha que é muito cedo? – O meu pai perguntou, mas eles estavam juntos há muito tempo. – Acha que vai dar certo?

— Pai, você está broxando a minha animação para dar a notícia.

— Mas essa não era a notícia? – O meu pai perguntou confuso, e eu deixei escapar um riso.

— Eu estou grávida! — Ela falou, soltando um risinho eufórico, mas o meu pai ficou estagnado. Era muito óbvio que ele faria um show. Não era de se estranhar que ele agiu com cautela e muita calma, quando eu engravidei a Luana. Ele é terminantemente contra aborto, é por isso que a Anastácia é mãe hoje. E como eu não queria ter filho, naquela época, naquele início, ele não poderia me dar sermão e me frustrar ainda mais. A minha atitude era vergonhosa, eu admito, mas ele pensar que pirar e encher as meninas de esporro resolvia, era tão imaturo quanto eu fui.

— Anna, você sabe o que é ter um filho? — O meu pai perguntou, um tempo depois.

— Eu vou descobrir. — Ela rebateu, dando de ombros. Quando ele perguntou isso a Anastácia, ela apenas disse que não teria o filho. Isso mudou toda a situação.

— Anna, exige uma maturidade que eu não sei se você tem. — Ele falou cauteloso, e a Anna bufou um riso.

— Eu estou feliz com isso. O pai do meu bebê me ama, está meio fora dessa nova realidade ainda, mas poxa, é um filho! O que eu posso fazer, se não comemorar? — Ela perguntou o óbvio, e tinha razão. Sermão agora, não iria resolver. — Eu vou poder cuidar dele, imagina que amor! Comprar tudo para ele.

— Ter um filho não é só ir a uma loja comprar para ele, Anna. — O meu pai resmungou. Talvez a sua preocupação fosse essa. A Anna desenhar uma história de mil maravilhas e se frustrar depois. — Não é você morar com o pai dele, que não terão problemas!

— Pai, eu espero que você possa digerir isso com calma, e curtir isso comigo. Eu vou aprender tudo, cuidar de tudo.

Não precisa se preocupar. – Ela falou impaciente, se levantando.

— Anna, volta aqui! – O meu pai exigiu, mas foi ignorado. Eu olhei as horas, e me levantei.

— Eu to indo buscar a Luísa. – Avisei, acenando para eles. Ainda pude ouvir o meu pai falar preocupado sobre como cuidar disso com a Anna.

Cheguei à casa dos pais da Luana e notei que ela já estava em frente, em frente ao babaca escorado a uma Hilux preta. Eu ainda desci e fui até eles, cumprimentando o babaca.

— Vem, eu preciso te mostrar o boletim da Luísa. Ela não merece algum castigo, ela só ficou em matemática por oito décimos.

— Mas ela ficou. – Eu reforcei, a seguindo para dentro de casa. Eu olhei para trás, vendo que o *tio Carlos* não no seguia, e deixei escapar um sorriso. A Luana foi para a cozinha, onde pegou o envelope, tirando o boletim da Luísa de lá.

— Ela conseguiu dez, em história, Rodrigo, ela não pode se sentir castigada por um cinco e meio em matemática.

— Cinco e dois. – Eu corriji, e ela bufou um riso, colocando o papel que eu não olhei, de volta na mesa. – Cadê?

— Ela foi ao cinema com a minha mãe, já era pra ter chegado. – A Luana respondeu, suspirando forte, me olhando confusa quando eu dei um passo em sua direção. – E eu queria pedir pra que você não interferisse dessa vez. – Ela

falou, óbvio que se referindo ao seu nosso caso sem futuro. Porque eu não iria deixar. – Já está bem claro e definido que nós dois, não temos mais nada.

— Temos a Luísa. – Eu sorri presunçoso, me aproximando mais dela. E ela ficava, para me fazer doer. Me encher de esperança de que eu conseguiria um beijo, ficar até o último momento. Deveria ser vingança.

— Nada além dela.

— Tivemos uma história. – Eu lembrei, me aproximando mais, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha, a encarando firme. Ela era forte o bastante para não desviar, mas não me ceder. – Eu sei que eu errei, – falei baixo, descendo o olhar rapidamente para sua boca. – Mas eu era imaturo demais, pensava que a minha juventude estava sendo dissipada.

— Azar o seu. – Ela sussurrou, brincando um sorriso nos lábios, e eu me aproximei mais. Era incrível a maneira como o meu coração batia acelerado, e eu me sentia indescritivelmente inseguro, coisa que nem quando estava com ela, acontecia. Eu aproveitei que ela não estava recuando, e rocei nossos lábios, me sentindo morrer por conseguir um pequeno contato mais próximo depois de tanto tempo.

Quero dizer, eu consegui uma noite com ela há dois anos, mas na manhã seguinte ela alegou não se lembrar de nada. Que havia bebido demais.

E roubei um beijo na festa da Luísa, há sete meses.

Eu pressionei meus lábios nos dela, escorregando a mão para sua nuca, a olhando mais uma vez. O seu olhar se manteve firme no meu. Ela não parecia querer desmoronar com o meu toque, o que deixava indefinido para mim, algum tipo de sentimento dela.

Eu apesar de tudo preferia acreditar que ela ainda sentia alguma coisa, e preferia se fazer de forte, porque tinha a sua decisão de nunca mais voltar.

— Eu ainda te amo. — Eu sussurrei, e a sua respiração falhou, então ela fechou os olhos, e eu juntei a minha boca na dela.

Iniciei um beijo calmo, nos encontrando aos poucos, mas logo tomei um rumo mais intenso, para matar mais a saudade. Mordi seu lábio com força, mas me parei. Machucá-la para impedi-la de ficar com outro cara, não a traria de volta. Ela encerrou o beijo aos poucos, e manteve os olhos fechados, encostando a testa no meu queixo, ficando calada.

— A gente deveria tentar de novo. — Eu falei, talvez pela milésima vez, mas não obtive resposta. A abracei apertado, quando ela desceu o rosto para o meu pescoço, roçando o nariz ali, me deixando mais excitado ainda.

— A gente não dá certo. — Ela sussurrou, com a boca no meu ouvido, e eu arfei, a puxando para mais um beijo, dessa vez ela relutou, mas acabou cedendo. Eu descii a boca pelo seu pescoço, beijando forte ali, mas não tinha a intenção de marcar. Só de conseguir beijá-la eu já sabia que a noite com o *tio Carlos*, estava arruinada. Eu ainda tomei a liberdade de descer uma mão para sua bunda, a apertando, e levando a

mão ousada para entre suas pernas. Eu gemi contra sua boca, sentindo meu sexo latejar ao sentir a sua calcinha molhada. Eu deslizei um dedo ali suavemente, e doí de tesão ao ouvir o seu gemido. A Luana jogou a cabeça para trás, e eu a sentei na mesa, a puxando pela nuca, a encarando enquanto penetrava um dedo nela. Quente e molhada. Ela trancou a respiração, rebolando na minha mão e gemeu forte, quando eu introduzi outro dedo, os girando dentro dela. Eu gemi alto quando deixei minha mão quieta nela, para beijá-la, e a senti investindo ali. Apesar do tempo, eu ainda conhecia o corpo dessa mulher, e sabia como leva-la a loucura. Eu passei a estimular com o polegar o seu clitóris, e ela choramingou, rebolando mais forte na minha mão. Eu senti seu corpo contrair duas vezes, e ela gemer mais forte, me puxando para outro beijo.

— Eu vou gozar. — Ela sussurrou, quase sem voz, e eu estremeci, tirando meus dedos de dentro dela, desabotoando minha calça, liberando meu membro, e afastei a sua calcinha para o lado, entrando dela devagar. Ela me olhou sem reação, mas foi cedendo ao me sentir, e me puxando e arfando. Eu me forcei mais, deixando nossas bocas bem próximas. Investi só duas vezes, até sentir seu corpo me apertar e ela me arranhar, e não consegui me segurar, gozando forte, dentro dela.

Eu acarinhei seu cabelo, quando ela afundou o rosto em meu pescoço, ficando quieta.

— Eu amo você. — Eu falei, como se só dizer isso fosse apagar a sua mágoa e o seu medo de tentar outra vez. Ela não iria se deixar levar só porque eu queria. Ela não iria deixar mais um cara ir, só porque eu estava com ciúme.

Se ela realmente quisesse algum deles, ela estaria com algum deles.

Eu me afastei para arrumar a minha roupa, quando ouvimos o barulho da porta sendo aberta e a voz eufórica da Luísa ecoar na sala. A Luana respirou fundo, descendo a mesa, arrumando a sua roupa. Eu a olhei, sem saber o que dizer.

Tínhamos uma relação amigável, mas eu sabia que quando eu conseguia algo, as coisas mudavam e levavam tempo para se estabilizar.

— Como foi o filme, amor? — Eu perguntei para a Luísa, que tinha um pirulito enorme nas mãos.

— Eu gostei mais do parque. — Ela falou, rindo. — Eu vou pegar minhas coisas.

— To esperando aqui. — Eu falei, olhando envergonhado para a mãe da Luana, que nos olhava como se nos conhecesse a tempo suficiente.

— Cadê o Carlos? Você ligou avisando que ele já estava aqui e...

— Deve ter ido embora. — A Luana falou desconsertada, indo em direção à sala.

— Esse tipo de coisa não levam vocês a lugar nenhum. — A mulher falou arrogantemente comigo, que suspirei forte.

— Eu a amo.

— Ama tanto, mas tanto, que não pensou nela há anos,

quando a deixava sofrendo em casa para traí-la.

— Eu não vou discutir. — Eu falei, não para ser estúpido, mas por não ter algum argumento. Só dizer que a amava soava fácil demais. E eu já tinha consciência que só amor não levava uma relação saudável. Se sim, a Luana nunca teria me deixado.

Passei a noite vendo filme infantil com a minha filha, observando o quanto ela era parecida com a mãe. Era linda, com os cabelos castanhos claros e aquele sorriso leve, ingênuo.

Luana

— Bem, você também não precisa se deixar levar pelos mil conselhos de todo mundo, e esquecer a sua felicidade. — A Anna falou, acariciando sua barriga inexistente. A verdade é que ela já estava agindo como uma grávida de nove meses, quando nem havia completado três.

— Eu acho que seria mais fácil esquecê-lo, se ele ficasse longe. — Eu disparei, e a Anna deixou escapar um risinho.

— Vocês tem uma filha. Então você pode cogitar a ideia de não manter contato com o meu irmão, depois que a Luísa se casar. — Ela falou zombeteira. — São anos nessa vida, Luana. Eu não sei também, se a melhor opção é voltar. Porque o Rodrigo é uma incógnita pra mim. Ele não está muito diferente do cara que você conheceu. — Ela completou, se referindo a cafajestagem. — Mas talvez ele tenha mudado a maneira de pensar em relação ao relacionamento de vocês. Ele tem muita mulher, se fosse pra esquecer, ele já teria esquecido, e você também. — Bem, vocês já conhecem a Anna, e o quanto ela é confusa e capaz de confundir alguém. Ao conversar com ela eu me via mais encurralada ainda, para tomar uma decisão. Eu sabia que, para voltar a construir uma história com o pai da minha filha, eu só precisaria dizer isso para ele.

— Como o Vitor reagiu à gravidez? — Eu perguntei, e ela deu um sorriso exacerbado. Era uma surpresa e tanto, vê-la tão feliz com a notícia. Ela conversava vez ou outra sobre filhos, mas reforçada que para um futuro não muito próximo. Ela estava com vinte e quatro anos, e mesmo tento escutado

que eles eram imaturos para assumir tamanha responsabilidade, eu não tinha um exemplo melhor para comparar, que o Rodrigo. Ok que nós dois tivemos um fim estragado, mas eu não poderia negar que ele é um pai incrível. Preocupado e turrão, cheio de regras que eu tenho que quebrar para aliviar a barra da Luísa. Ela tem apenas seis anos para viver em meio a mil limites.

— Ele toda hora me pergunta se é sério, mesmo. — Ela revirou os olhos, rindo. — Claro que eu tive aquele ataque de pânico quando vi o positivo no teste da farmácia, mas depois eu fiquei imaginando que teria uma família com o Vitor, e que eu tenho nele tudo que eu preciso... Acho que não tinha um momento melhor pra nós. Se fosse para planejar, eu nunca teria coragem, eu nunca estaria pronta.

— Você é louca. — Eu falei. Ela era mesmo inconstante.

— E os pais do Vitor estão babando, também. A mãe dele, principalmente.

— Já pensou em gêmeos? — Eu perguntei presunçosa, e ela arregalou os olhos.

— Luana, não é hora de me assustar. Eu estou com dez semanas, e o doutor falou que ainda é um período delicado, eu não posso me assustar. — Ela falou, toda mimada e eu sorri. — E eu te falei que o Vitor está com ciúme do meu médico? — Ela arregalou os olhos, e eu bufei um risinho. Era óbvio que o Vitor teria ciúme do ginecologista dela. Era óbvio que o Vitor tinha ciúme do Fernando até hoje. E era óbvio que volta e meia, ainda ouvíamos os dois brigando por causa de uma tal Mayara, que deveria não ser lembrada. — Mas pensa na tua felicidade, por favor. Eu vivo um amo tão seguro com o Vitor, e eu espero que você encontre isso,

também. Se não com o meu irmão, com outra pessoa. Mas pra isso você tem que se permitir.

A Anna foi embora, porque alegou estar tentada a se jogar na bebida comigo, mas não poderia mais. Estava uma fofa preocupada com o seu bebê, e eu sentia uma angústia, ao me lembrar de que eu não curti o início da minha gravidez. Foi tudo a base de muito choro e muita dor.

Eu liguei para alguma amiga, e a encontrei numa boate, mas enquanto ela se divertia e flertava com alguns caras, eu me embriagava, tentando achar alguma maneira de esquecer o Rodrigo. Eu já estava acostumada, era um fato. Desde o aniversário da Luísa, nós não tínhamos uma recaída, e estava tudo bem assim. Até mais cedo eu estava resignada a dar uma chance para o Carlos, reconstruir a minha vida de vez. Ele era o cara perfeito, ou pelo menos aparentava ser. Claro que ele tinha que comprar a minha filha com presentes para ser aceito, mas isso era só detalhe.

— Acorda pra vida! – A Manuela falou, me cutucando e eu a olhei.

— Oi?

— Ficou com o babaca de novo? – Ela perguntou entediada, e eu suspirei forte, me levantando do banco.

— Eu estive pensando em dar outra chance...

— Depois desse tempo todo, Luana? – Ela perguntou incrédula. – Você acha mesmo que ele é outro cara? Que vai fazer diferente? Sabe o que é isso que ele está fazendo? Teatro!

— São anos tentando por um fim e não conseguimos Manu.

— Claro que não! Isso é só a sensação de passado mal resolvido. E você sabe disso tão bem quanto eu! Que ele não vai mudar nunca, por você sabe tão bem quanto eu, que homem feito o Rodrigo, não presta! Ele vai fazer tudo parecer perfeito, vai te afastar de nós outra vez, te isolar do mundo e sabe o que acontece depois? – Ela gritou comigo. – Isso mesmo, outra Camila da vida vai aparecer e você que sofra, que aceite.

— Eu só preciso tentar. – Eu falei, exausta para ponderar os prós e contras.

— A vida não vai esperar você tentar e quebrar a cara outra vez. Sabe quantos caras perfeitos e apaixonados por você, você deixou passar, por esse merda?

— Manu, eu não sou mais a menina cega apaixonada pelo Rodrigo. Ele não tem poder sobre mim, eu quero tentar outra vez, eu vou tentar e ele não vai me manipular, nem me afastar de você. Ok? – Eu perguntei, sorrindo para provar convicção e ela bufou um riso, negando com a cabeça.

— Estão brigando? – O Fernando perguntou, abraçando a Manu de lado. Fonte segura e enciumada me informou que eles estão dormindo juntos, mas eles estão iguais aos famosos, não negam, nem confirmam.

— Essa anta, quer, de repente, tentar de novo com o canalha do pai da filha dela! – A Manu falou carrancuda, e eu sorri.

— Bem, eu não vou opinar nada, mas você acha que vai dar certo? – O Fernando perguntou, e eu bufei um riso. Porque se eu soubesse, não estaria tão confusa.

— Eu acho que eu não vou morrer, se der errado. E eu preciso só tentar, se não for pra ser, eu estarei convicta de que eu tentei.

— Boa sorte. — O Fernando falou, e a Manu ia falar algum desaforo, mas eu não fiquei para ouvir.

Entrei no meu carro, e dirigi devagar até o apartamento do Rodrigo. Quando eu cheguei, me senti uma adolescente inexperiente e nervosa e trêmula, mas liguei para ele. Chamou duas, três vezes até que ele atendesse.

— Oi... — Ele falou, confuso. — Tudo bem?

— A gente pode conversar? — Eu perguntei rápido, olhando para os lados, um pouco assustada com a rua deserta.

— Agora? — O Rodrigo perguntou confuso, e eu suspirei fundo. Não seria ele a controlar a situação agora, eu jurei para mim.

— Eu estou aqui em baixo. — Eu falei, olhando para o seu andar, e a minha respiração falhou ao ver a luz da sala sendo acesa, logo em seguida, o portão destravou.

— Está tudo bem? — Ele perguntou no celular, mas eu finalizei a ligação e subi. Eu devia ser mais sensata e conversar e impor mil regras para se ele quisesse tentar bem, se não, seguiríamos com a certeza de que era o fim, mas eu só o beijei quando ele abriu a porta.

O Rodrigo demorou longos segundos para se tocar de que eu o estava beijando, e sorriu contra minha boca, passando um braço em volta do meu corpo, fechando a porta, me beijando mais uma vez.

— É sério isso? – Ele perguntou num sussurro, descendo os beijos para o meu pescoço. Eu o segurei pela nuca, afundando os dedos em seus cabelos, os puxando forte.

— Não sei. – Eu grunhi, enrolando as pernas em volta do seu corpo, quando ele me colocou contra a parede.

— Não? – Ele sussurrou, sorrindo para mim, que estremei de nervoso, de medo.

— Eu te perdoo. – Eu falei, o encarando, que sorriu docemente, pressionando os lábios nos meus. – Por toda a merda que você fez no passado.

— E eu te amo. – Ele prometeu, entre um beijo e outro.

— E eu pensei que eu precisava de uma chance. – Eu falei, para que ele soubesse que eu estava aqui por mim, e não por ele. Que eu voltei por mim, e se desse tudo errado outra vez, eu iria embora.

— A última, eu prometo. Eu não aguentava mais ficar longe de você. – O Rodrigo sussurrou, nos levando para o quarto.

Eu não estava me importando com o que as pessoas iriam dizer, quando soubessem que eu fui atrás dele, depois de tudo. Depois de tanto tempo. Não estava me importando com o orgulho, que eu deixei em qualquer lugar. E também não estava ligando a minha coragem de voltar, com falta de amor próprio. Eu estava apenas lutando pela minha f-e-l-i-c-i-d-a-d-e. E eu estava incompleta, até então. Porque eu não queria mais esperar por algo que talvez nunca mais viesse.

— Eu não aguentava mais ficar longe de você. – Eu repeti, correndo uma mão em seu rosto, o puxando para mim.

Em busca da perfeição

Anna Maria

Quando a gente tem um filho, a única e maior certeza é que o tempo voa.

Como diz a música: escorre pelas mãos.

A gente amadurece, as prioridades mudam e de repente, você se vê amando e dependente de um serzinho que depende de você.

E então, a vida vira só amor.

Você fica segura, porque, veja só, alguns medos se tornam tão banais, que só de pensar neles, você se sente engraçada.

— Você deveria então, parar com esse medo patético de se casar. — A Luana falou, segurando o meu filho e eu a olhei, como se isso fosse tedioso para ouvir.

— Eu não quero termos sobre a minha relação com o Vitor. Imagina se ele de repente, acorda com outros planos e outra sede de vida e vai embora? Nós vamos estar ligados por papéis.

— Vocês estão ligados pelo Miguel. E isso é pra vida toda.

— Eu não sonho com igreja e vestido branco, então, o Vitor pode parar de pensar nessa bobagem.

— Vocês moram juntos, oras!

— E isso está indo muito bem, não tem o que mudar. – Eu falei, deixando escapar um riso.

— O Vitor deu sorte que foi um menino. Do jeito que ele é ciumento, vocês iam sofrer com uma menina.

— Ele é péssimo pra lidar com ciúme. – Eu revirei os olhos. – Acho que ele tem problemas com posse. Isso é muito ligado a insegurança, não é?

— Ele não parece ser um cara inseguro. – A Luana falou, confusa. – Ao contrário do seu irmão, ele acredita em vida fora de casa, depois de um casamento.

— Nós não somos casados, Luana. – Eu zombei.

— Tudo bem. – Ela resmungou.

À noite, como a mãe do Vitor veio nos visitar, nós aproveitamos para encontrar alguns amigos, uma vez que tínhamos com quem deixar o bebê.

Há um tempo, eu admito, eu era mais babona no meu filho, mas ele simplesmente foi crescendo e ficando menos dependente de mim.

Acho que a maior parte da nossa ligação ficou para trás depois do desmame.

Não que isso fosse culpa dele. Na verdade, sendo bem mesquinha e ciumenta, era culpa do pai dele.

Na vida do meu filho, eu poderia apostar que eu estava em segundo plano.

— Mas a Anna é doida. — O Vitor falou com o Marcelo, que reclamava sobre a vida à dois, então eu o belisquei com a unha e ele grunhiu de dor. — Que isso, amor — Ele reclamou e eu lhe forcei um sorriso.

— Sabe o problema de vocês? — Eu perguntei, porque eu era intrometida, mesmo. — Achar que porque se amam, tem que passar o tempo inteiro juntos. E assim não funciona. Se eu tivesse que passar o tempo inteiro com o Vitor, eu já teria matado ele.

— Isso, porque ela me ama. — O Vitor zombou e o seu amigo riu.

— Mas estar junto demais, sufoca. — Eu reclamei. — O casal tem que ter espaço. É legal ter tempo de sentir falta e perceber como aquela pessoa é uma peça importante ali. Passar um dia inteiro longe, fazendo mil outras coisas e ter novidade pra contar. E fazer tudo junto tira isso.

— Casal tem é que relevar as coisas. — O Vitor reclamou, sendo dramático pelo belisco que eu dei nele.

— E você sair com os seus amigos, não é o fim do mundo. — Eu falei, porque o celular do cara tocava, sobre a mesa.

[...]

— No dia que eu for sair sozinha e você me ligar com insegurança idiota, eu largo você. – Eu falei com o Vitor, quando entramos no carro e ele riu.

— Fofinha. – Ele zombou.

Eu tirei a sandália alta quando entramos em casa e acenei um sorriso para a minha sogra, seguindo o Vitor para o quarto do Miguel.

— Não vai acordá-lo. – Eu falei e ele me olhou, sorrindo fraco.

— Você estava toda segura dando conselhos sobre relacionamentos. – Ele falou baixinho, fazendo um carinho no cabelo do nosso filho. – Vendo assim, ninguém imagina como você tem fobia de coisa séria.

— O que nós dois temos, é sério.

— Eu te amo. – Ele falou e eu sorri, me aproximando e fazendo um carinho fajuto no seu rosto, antes de beijá-lo.

— Que a gente nunca vire esse casal de merda, que não se suporta, mas se ama e não quer se largar.

— A gente não vai virar. – Ele sussurrou, me encostando ao berço, começando outro beijo.

[...]

Eu poderia terminar tudo isso com um enorme clichê “e então viveram felizes para sempre”.

Mas para isso eu teria que mudar e me moldar às suas vontades, ou ele às minhas. E isso, então, nos faria perder a identidade.

O cara por quem eu me apaixonei e quis arriscar passar a vida junto, é esse aqui, ao meu lado, fitando o teto e arfando. É esse cara teimoso, que aceita, mas nunca vai entender os meus bloqueios.

Apesar de tudo, eu tenho um orgulho imensurável da história que construímos.

Posso falar sobre felicidade, mas nas entrelinhas, nós vamos lidar com desafios.

Vai ter um dia ou outro que eu acordarei não suportando-o e ele também. E aí nós aprendemos mais sobre amar e se dar espaço.

Vão ter dias em que ele vai acordar com ciúme de tudo e briguento, porque acontece comigo, também.

Tem um dia ou outro que a gente simplesmente não se entende, mas esse dia felizmente acaba e então fica tudo bem.

O que eu quero dizer, no final das contas, é que ele é o cara certo para mim. O cara que procura me entender, ao invés de me forçar.

E o mais importante disso tudo, eu o amo.

FIM!

SOBRE A AUTORA



Fernanda tem 22 anos, é mineira, mas mora na Bahia.

Facebook: <https://goo.gl/VwVfj6>

Instagram: @veronicannanda

Página no Facebook:
<https://www.facebook.com/veronicanandaa/>

Nosso grupo no Facebook:

<https://goo.gl/VwVfj6>

<https://www.wattpad.com/user/veronicananda>

AMOR VAGABUNDO: <http://amzn.to/2icJSeJ>

VIRADAS DE JOGO: <http://amzn.to/2iWTx8e>

VIRADAS DE JOGO 2: <http://amzn.to/2iaUwjc>

VIRADAS DE JOGO (bônus
separado): <http://amzn.to/2iaRvPV>

DESATANDO: <http://amzn.to/2iWOIfd>

DESTANDO - DEPOIS DO FIM: <http://amzn.to/2iY1fkr>

MUDANÇAS - LIVRO 1: <http://amzn.to/2j1UFd3>

MUDANÇAS – LIVRO 2: <http://amzn.to/2q8y7bm>

O AMOR E OUTROS JEITOS DE SOBREVIVER:

<http://amzn.to/2vxjeT7>

I am Your – Esse é o nosso destino

<http://amzn.to/2xFs7xK>

Não se esquece de avaliar o livro! ♥